

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

SÔNIA INÊS VENDRAME

**A INTERNET NA ALDEIA TEKHOA AÑETETE: COMO O NOVO SUPORTE
DIGITAL INTERAGE NA CULTURA INDÍGENA GUARANI NA TERRA
PROMETIDA.**

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**SÃO PAULO
2014**

SÔNIA INÊS VENDRAME

**A INTERNET NA ALDEIA TEKHA AÑETETE: COMO O NOVO SUPORTE
DIGITAL INTERAGE NA CULTURA INDÍGENA GUARANI NA TERRA
PROMETIDA.**

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para obtenção
do título de Doutora em Comunicação e
Semiótica sob a orientação da Prof^a Dr^a
Jerusa Pires Ferreira.

SÃO PAULO

2014

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof^a. Dra. Jerusa Pires Ferreira – PUC/SP

Membro: Dra. Maria Aparecida Baccega – ESPM/SP

Membro: Dr. Luiz Fernando dos Reis Pereira

Membro: Dr. Amálio Pinheiro PUC/SP

Membro: Conceição Cabrini PUC/SP

Suplente: Dr. Bernardo Issler UNESP

Suplente: Dra. Cecília Salles PUC/SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha irmã, Sirlei Maria Vendrame. Ela ajudou-me e ajuda, também, meus seis irmãos, o pai, a mãe e o jornalista Yassine Ahmad Hijazi. Ao Seu Aleixo Bogado que, aos 105 anos, deixou a Aldeia *Tekoha Añetete* e o menino Juscelino que, aos cinco, também foi para a Terra dos Sem Males.

Assim como a semente traça a forma e o destino da árvore, os teus próprios desejos é que configuram a vida (Emmanuel). A frase estava acompanhada de 17 sementes de girassol. O pacotinho faz parte do projeto de humanização da vida nos postos de saúde de São Paulo.

AGRADECIMENTOS

À *Nhanderu* que protege os índios. Ao mesmo Deus que iluminou esta caminhada por meio dos meus professores durante as aulas, na qualificação e a estes que, neste momento, iniciam a leitura desta Tese. A minha família, que deposita muita esperança em mim por crer que a educação tem o poder de mudar, não apenas quem se dedica a ela, mas a todos os que tiverem acesso ao saber.

A todos os que sonham que esta mesma educação seja fermento não apenas de sustento, mas da plenitude e que um dia o Brasil possa fazer deste campo, semente e crença para plantar e colher o futuro da inclusão plena, principalmente daqueles que foram excluídos por essa mesma educação ou por ela considerados diferentes.

Para a professora Tania Mara que deu vida a este trabalho a partir do momento em que dedicou-se não apenas a revisá-lo, mais a adotá-lo como parte do fazer dela.

Para a minha professora orientadora, Dra. Jerusa Pires Ferreira, saúde e obrigada. Professora! Continue a acreditar em candidatos ao doutorado como o fez por mim.

RESUMO

VENDRAME, S. I. **A internet na aldeia tekoha añetete: como o novo suporte digital interage na cultura indígena na terra prometida.** 2014. 251 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - São Paulo, 2014.

No Brasil, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) estima a existência de 51 mil guaranis vivendo em nove estados: Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santos, Pará e Tocantins. Esta Tese é o resultado do estudo desenvolvido na Aldeia Guarani, *Tekoha Añetete*, no Oeste do Paraná, onde vivem 46 famílias. Elas foram transferidas para a reserva, umas das últimas a serem criadas no Estado, após terem tido as terras cobertas pela água durante a formação do Lago de Itaipu. Junto com a área de mais de 80 mil hectares, o projeto desenvolvido pelos Governos Federal, Estadual e Itaipu Binacional entregou casas de alvenaria com água e luz, na tentativa de tornar o novo endereço em um projeto modelo. Dotou o local com antenas parabólicas para que os moradores pudessem ter acesso à televisão, telefone e rádio e, há menos de dois anos, computadores ligados à Internet. É neste cenário que este estudo buscou verificar em que medida estes suportes midiáticos, aliados ao histórico de constantes transferências do território de origem dos guaranis, influenciaram, sobretudo, na cultura destes primeiros habitantes do Paraná, e que novas combinatórias, tanto de interação como de resistência, resultaram desta trama a que está submetida a Nação Guarani. Para conhecer esses processos comunicacionais adotamos distintos métodos, a saber: observação etnográfica, mapa de consumo e entrevistas em profundidade. Este conjunto de informações foi analisado tendo como base teórica o eixo Comunicação e Cultura. O fascínio pelas novas tecnologias ficou evidente. Porém, foi possível verificar, também, que à medida que a Aldeia obteve ou foi apropriando-se dos aparatos tecnológicos, por último a Internet, surgiram resistências por meio do “modo de ser guarani”. Este modo está presente na rejeição das casas modelos, fazendo surgir, os “puxadinhos”, usados nas manifestações religiosas indígenas que só ocorrem na Opy-Puxadinho e durante os rituais de cura e de morte, e, finalmente na recusa de tornar o novo endereço um celeiro de produção em escala industrial, característica do Estado onde a Aldeia foi inserida como área agrícola.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Resistência. Guarani.

ABSTRACT

In Brazil, the National Indian Foundation estimates that there are 51 thousand Guarani living in nine states: Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pará and Tocantins. This thesis is the result of the study conducted in Guarani Village, Tekoha Añetete in West of Paraná, where 46 families live. They were transferred to the reserve, one of the last to be created in the State, after the lands covered by water during the formation of Itaipu Lake. With the area that has more than 80,000 hectares, the project developed by Federal and state governments, jointly with Itaipu handed granted houses with water and light in an attempt to make the new address in template. Endowed the place with satellite dishes so that residents could have access to television, telephone and radio, less than two years after, computers connected by Internet. And against this background will study sought to ascertain to what extent the media supports the historical allies of constant transfer of the territory of origin of the Guarani, mainly influenced the culture of these first inhabitants of Paraná, and new combinatorial both interaction and resistance, resulted from this plot that is subject to the Guarani Nation. To know these communication processes adopted multimethods, namely ethnographic observation, consumer map and in-depth interviews. This set of data was analyzed and the theoretical ground the Communication and Culture shaft. The fascinate by new technologies became apparent. However, it was also possible that the measure that the Village was obtained or appropriating technological devices, the Internet finally emerged through resistors Mode Being Guarani. This mode is present in rejecting models of houses, giving rise to the puxadinhos, in indigenous religious events that only occur in Opy - Puxadinho and during rituals of healing and death, and finally the refusal to make the new address in the harness industrial scale, characteristic of the state where the Village was inserted as an agricultural area.

Keywords: Communication. Culture. Resistance. Guarani Indians.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>A transferência dos índios para a reserva</i>	14
Figura 2: <i>Cemitério da Tekoha Añetete</i>	25
Figura 3: <i>Índia Dionisia Chamorro prepara todas as refeições</i>	26
Figura 4: <i>O quadro de Nossa Senhora Aparecida</i>	35
Figura 5: <i>Pajé Coronel prepara a Opy-Puxadinho</i>	40
Figura 6: <i>As apikas (peça ritual feita de cedro, com forma de canoa)</i>	52
Figura 7: <i>O Pajé rezador mais antigo entre os índios em atividade</i>	53
Figura 8: <i>O milho é um dos principais alimentos Guarani</i>	63
Figura 9: <i>Casa do índio Aleixo Bogado, 105 anos</i>	66
Figura 10: <i>Portal de entrada da Aldeia Tekoha Añetete</i>	67
Figura 11: <i>A invasão do Parque Nacional em 2006</i>	76
Figura 12: <i>As visitas ao seu Aleixo</i>	78
Figura 13: <i>Mais de 150 anos depois de terem sido vistos na Região das Cataratas o Xamoi Curador, com a esposa Marina Benitez, visitam pela primeira vez as Cataratas do Iguaçu.</i> 88	
Figura 14: <i>Durante viagem até as Cataratas do Iguaçu</i>	91
Figura 15: <i>Professor João recebe o exemplar da Dissertação de Mestrado. “Esse Pajé é o meu pai”</i>	92
Figura 16: <i>Na aldeia Tekoha Añetete são os jovens os mais interessados na Internet.</i>	95
Figura 17: <i>O Pajé benzedor, Lirio Chamorro, assiste à televisão</i>	98
Figura 18: <i>Crianças e jovens assistem filmes exibido via DVD</i>	99
Figura 19: <i>Professor guarani escreve e traduz palavras do idioma em cartolinas.</i>	115
Figura 20: <i>Índio Maurício busca jogos para brincar</i>	125
Figura 21: <i>O índio Felix dança hip-hop enquanto Julinho canta</i>	128
Figura 22: <i>Índios fazem dos jogos eletrônicos passatempo preferido</i>	132
Figura 23: <i>Índio Terena Dionédison administra o Facebook da página Resistência do Povo Guarani.</i>	142
Figura 24: <i>Conteúdo divulgado no Facebook, resultado da “reunião”, citada por Dionédison.</i>	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: <i>A localização dos Povos Guaranis</i>	73
Gráfico 2: Pesquisa realizada sobre audiência de rádio na Aldeia.	93
Gráfico 3: Presença de eletrônicos e eletrodomésticos na Aldeia	96
Gráfico 4: Canais mais assistidos	101
Gráfico 5: Comportamento durante as refeições.....	102
Gráfico 6: Atividades nas horas vagas	103
Gráfico 7: Acesso às propagandas que mais ajudam na hora de escolher o que comprar	104
Gráfico 8: Características consideradas na hora da compra.....	104
Gráfico 9: Elementos que mais chamam atenção em uma propaganda	105
Gráfico 10: Último produto comprado	106
Gráfico 11: Influências na compra do produto.....	106
Gráfico 12: Canais mais assistidos	107
Gráfico 13: Tipos de programas mais assistidos.....	108
Gráfico 14: Comportamento durante as refeições.....	109
Gráfico 15: Atividades nas horas vagas	110
Gráfico 16: Informação de produtos adquiridos anteriormente.....	110
Gráfico 17: Acesso a informações de produtos adquiridos anteriormente	111
Gráfico 18: Características consideradas na hora da compra.....	111
Gráfico 19: Acesso às propagandas que mais ajudam na hora de escolher o que comprar	112
Gráfico 20: Elementos que mais chamam a atenção em uma propaganda	112
Gráfico 21: Próximas compras, influenciado pela TV.....	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Os gostos e as rejeições na aldeia	122
Tabela 2: Comparativo da Entrevista em Profundida sobre a Internet	130

LISTA DE ABREVIATURAS

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONGs - Organizações não Governamentais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. MORTE, “PUXADINHOS” E CEBOLINHAS ASSENTAM RESISTÊNCIA GUARANI	25
1.1 Os Pajés	36
1.2 A Terra dos Sem Males	38
1.3 Vigília pela Cruz	42
1.4 Apyka Ritual das Cruzes	46
1.5 Pajé não teme a prisão da alma, mas o esquiteamento da própria história	52
1.6 Branco Mente muito	60
1.7 Caso das Cebolinhas	61
2. A TERRA PROMETIDA: ENDEREÇO DA QUINTA MUDANÇA EM 150 ANOS DE COLONIZAÇÃO DO OESTE DO PARANÁ	67
2.1 Localização da Aldeia Tekoha Añetete	67
2.2 Presença guarani no mundo	72
2.3 Na Terra da Tekoha Añetete	74
2.4 Seu Aleixo	77
2.5 Antes da Terra dos Búfalos	82
2.6 Registro da presença guarani nas três fronteiras	85
2.7 A lenda Naipi de Tarobá	87
3. A COMUNICAÇÃO NA TEKOKHA AÑETETE ANTES DA CHEGADA DA INTERNET	91
3.1 SOBRE O CONSUMO DE PRODUTOS	97
3.2 Opção e Gosto Feminino	100
3.3 Mídia e Consumo: a Televisão como Mediadora	103
3.4 Opção e Gosto Masculino	106
3.5 Mídia e Consumo: a Televisão como Mediadora	110
3.6 DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES ENTRE ÍNDIOS E ÍNDIAS	114
3.6.1 Escrita	114
3.6.2 Alimentação e Crença	116
3.6.3 Diálogos, Preocupações e a Mulher	118
3.6.4 Consumo	119
3.6.5 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE	120
4. A INTERNET NA TERRA PROMETIDA	124
4.1 Ai se eu te pego	126
4.2 Avanços tecnológicos na Aldeia	134
4.3 Casamento e gravidez dentro e fora da Aldeia	136
4.4 A Internet fora da Tekoha Añetete	141
4.5 A Internet na Aldeia Tekoha Añetete	145
CONCLUSÃO	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150

INTRODUÇÃO



Figura 1: Foto como ilustração A transferência dos índios para a reserva foi em 19 de abril de 1997, aproximadamente um mês após a compra da terra, 32 famílias guaranis, totalizando, aproximadamente 160 pessoas¹. Desde a inauguração da Aldeia o número de habitantes cresceu, atualmente são 71 famílias

Fonte: VENDRAME, 2008

No Brasil, menos de um milhão de habitante é índio. Eles representam 0,47% da população brasileira. Dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010² contabilizaram 896.917 pessoas. Eles representam 230 povos indígenas. O mesmo levantamento mostrou que do total, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais. Eles ocupam 13% do território nacional.

¹ Informações obtidas com o Superintendente do Departamento de Meio Ambiente da Itaipu Binacional, Gilberto Valente Canali, em entrevista feita em 2010 para este trabalho.

² Dados do Site <http://pib.socioambiental.org/pt>. Página oficial Os Povos Indígenas no Brasil.

O cenário desta Tese é a Aldeia *Tekoha Añetete*³, em Diamante do Oeste, no Paraná, onde atualmente moram oficialmente 42 famílias⁴. A reserva fica a 1.600 quilômetros de São Paulo (capital) e 600 da capital paranaense Curitiba. Se observada a classificação feita pelo IBGE, a aldeia fica na área rural, no município de Diamante do Oeste — distante 100 quilômetros de Foz do Iguaçu.

A transferência das primeiras 42 famílias foi no dia 18 de abril de 1997. Todos receberam casas de alvenaria com água encanada e banheiros, escola e posto de saúde. Atualmente, vivem no local 71 famílias, a maioria com mais de 10 pessoas em cada residência. Esse aumento de moradores não é rejeitado, porém esse acréscimo não faz com que recebam nenhum incentivo a mais. A consequência de não constarem da lista oficial, faz com a maioria dependa do espaço da casa dos pioneiros.

Os guaranis da *Tekoha Añetete* — cenário desta Tese — foram desalojados pela última vez durante a formação do Lago de Itaipu. A água cobriu toda a Aldeia Jacutinga (o nome dado à reserva Jacutinga não foi batizado pelos índios, mas por imigrantes alemães e italianos, originários de Santa Catarina, onde a ave é encontrada) local antes habitado por eles, e localizada em Foz do Iguaçu, próxima ao Paraguai e Argentina. A proximidade entre as Três Fronteiras fazia com que o acesso entre as famílias e os clãs fosse facilitado.

Ao serem expulsos, há cerca de 30 anos, por 14 eles vagaram entre os três países. Fizeram das invasões, mote para chamar atenção dos governos. Políticos e candidatos faziam da realidade degradada, palco para discursos e ataques, porém para solucionar o impasse era necessário devolver o grupo à sua terra de origem e essa área não existia mais.

Assim, a questão ficava apenas na promessa. Também Organizações não Governamentais (ONGs) faziam da presença guarani deslocada do território, grupo de pressão.

É no novo território, descoberto por volta de 1850, que novas combinatórias midiáticas, culturais e de resistências entre nações indígenas e não indígenas e entre os próprios índios que esta Tese foi escrita. Para entrar em contato com os moradores,

³ ***Tekoha Añetete***: Significa Terra Prometida e também Terra Definitiva. O nome foi assoprado por Nhanderu (Deus) após o sétimo dia em que o Pajé Rezador havia se embrenhado em meio aos mais de 180 mil hectares de área devastada por uma criação de búfalos para obter dos espíritos superiores aprovação da área, que só então seria de fato comprada pelo Governo Federal por meio da Itaipu Binacional. Fatigado, o Pajé retornou para a aldeia devastada e assim a batizou: *Tekoha Añetete*.

⁴ Página mantida pela Itaipu Binacional sobre o que ela chama de Assentamento <http://www.itaipu.gov.br/en/node/202>

antes é preciso vencer a primeira resistência: o idioma, ou melhor, dois idiomas: guarani e espanhol. Durante a primeira estada na Aldeia, ainda em 2007, apenas o professor do lugar parecia falar português. À medida que o tempo foi passando, o novo idioma, exercido não apenas pelo professor, era o espanhol do colonizador. Somente ao sentirem-se seguros, eles passaram a falar português. Os jovens e as crianças demonstram desenvoltura com a língua oficial dos não indígenas, usam gírias, sabem músicas completas e também as traduzem para o guarani.

Os pais deles, que são os pioneiros desde a transferência a *Tekoha Añetete*, a maioria fala bem o português, mas entre eles e mesmo na presença de ‘estranhos’ falam a língua corrente da tribo, o guarani. Nesse percurso de idiomas, o inglês, por meio dos teclados e comandos do computador, vigora entre eles desde o ano de 2010.

O quarto idioma, o inglês, aportou na Aldeia com a Internet. A tecnologia é o mais novo dispositivo para os moradores, ela soma-se aos demais suportes midiáticos: rádio, televisão à cabo, antena parabólica, telefone fixo, celular e DVD. A instalação da rede de fibra óptica para prover os computadores com sinal ajudou a popularizar, ainda mais, o celular.

Somada à narrativa, resultado da observação, esta tese também vale-se de autores principalmente da Comunicação — área de concentração do doutorado em Comunicação e Semiótica. Foi necessário, também, recorrer a pesquisadores da Antropologia e Sociologia para somar neste desafio de poder identificar como os Povos Indígenas têm sido, não só tratados desde a descoberta, mas como também têm sido reproduzidos por estudiosos e a mídia que tem feito do tema fonte para falar, com pouca presença do índio falando.

Também marca este estudo as manifestações de resistência dos Povos Indígenas como o direito de escolher e manter a própria cultura desde a descoberta. Na Aldeia *Tekoha Añetete* essa tentativa do direito de poder exercer a crença, escolher a casa de acordo com o costume não é interpretado pelo índio como “ser diferente” como é comum observar sobre os Povos Indígenas, para eles esse “ser diferente” é o que nunca foi dito: “O Modo de Ser Guarani”.

Esse “modo” é flagrante para quem chega à Aldeia. Próxima das casas entregues pelo Plano Governamental brotaram novas construções que aqui recebem o nome de “puxadinhos”. Engano pensar que essas construções são elementos materiais visíveis mais fortes da resistência guarani. É necessário alertar que essa resistência, não nasceu a partir da nova área demarcada, mas há 500 anos.

É dentro desse território construído com restos de madeira e capim que o não-índio classifica como lixo, que o sagrado existencial ferve por meio de cerimônias caseiras como o chá contraceptivo, alimentos obtidos por meio de armadilhas, cultivados ou retirados da pouca área verde que ainda brota.

Reuniões familiares, entre moradores, tudo parece acontecer ali, no local restrito para a maioria dos visitantes. Nas casas, que podem ser consideradas vistosas, comparada ao Puxadinho, aquelas construídas para ser uma Aldeia Modelo, na visão de quem as projetou, servem para assistir televisão e cozinhar alimentos que compõem a cesta-básica.

Essa resistência será mostrada ao longo de todos os capítulos, mas com mais intensidade no capítulo um. É na Opy-Puxadinho que os membros da aldeia reúnem-se para rezar, batizar quem nasce e enterrar os mortos que buscam a Terra Sem Males. Também é lá que as cerimônias de cura acontecem. Na Opy (Casa de Reza) construída com madeira de lei, telhas vermelhas e com luz elétrica, entregue no projeto, a porta continua fechada, só é aberta quando ocorrem cerimônias envolvendo a presença de não moradores da Aldeia. O ritual no Modo de Ser Guarani acontece na Opy-Puxadinho.

– E aqui na Tekoha há quanto tempo o senhor está?

– Estou há uns sete anos mais ou menos. Eu fiquei aqui um ano e saí e, depois, voltei aqui de novo.

– O que faz com que o senhor saia e volte aqui?

– É que a gente parece que se acostuma em um lugar e a gente fica por ali e começa a ver que fica ruim para lá e aí volta, de novo, para cá.

– Durante a formação do lago de Itaipu, o senhor morava na Jacutinga?

– Antes disso, sim, eu tinha dois anos.

– Ontem, lá na Itaipu, quando o senhor viu os índios em forma de bonecos na vitrine, o senhor disse ter sentido uma dor muito grande. Por quê?

– É porque a gente adulta vê aqueles índios do tipo de antigamente, então aquilo já parece que vem uma coisa que a gente sente no coração da gente, uma coisa ruim. É o antigamente que não existe mais⁵.

Desejando que esta Tese contribua para a reflexão sobre os Povos Indígenas no Brasil, tendo como referencial os índios da Aldeia *Tekoha Añetete*, um dos métodos adotados para alcançar esta intenção foi a entrevista em profundidade. Com ela foi possível o registro de diálogos mais intrincados, muitas vezes microscópicos, entre culturas que interagem, que conversam, que se recriam.

⁵ Ver íntegra da entrevista em anexo.

“A entrevista em profundidade é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”, reproduziu Jorge Duarte⁶ ao escrever um artigo sobre o método. O autor também recorre ao dito por Salltiz et al, apontado como autor da categorização das entrevistas: “a entrevista em profundidade é exatamente útil para estudos do tipo exploratórios⁷”.

Este estudo revelou-se exploratório devido à pouca existência de material similar em aldeias com as características da *Tekoha Añetete*, apesar de existir uma população de mais de 572.083 índios vivendo em áreas rurais. Eles ocupam 13% do território nacional. Ainda na categorização de universo a serem explorados, os índios desta Tese, para poderem visitar parentes próximos, têm que atravessar a fronteira mais movimentada do país — entre o Brasil e o Paraguai. O acesso, agora, depois da construção da barragem de Itaipu, só é possível de carro ou a pé pelas vias terrestres autorizadas.

A entrevista em profundidade também permite lançar mão da versatilidade que ela mesma oferece. Por exemplo, ao chegar à aldeia e buscar por impressões sobre o fazer dos moradores, a técnica de entrevista em profundidade aberta adequou-se ao desafio: era preciso conhecer, interagir no universo guarani:

A entrevista em profundidade é essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência⁸.

Duarte defende que “desta maneira, a resposta a uma questão origina a pergunta seguinte e uma entrevista ajuda a direcionar a subsequente. A capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas torna este tipo de entrevista muito rico em descobertas⁹”.

⁶ Ver artigo completo <http://br.yhs4.search.yahoo.com/yhs/search?hspart=Babylon&hsimp=yhs-004&type=br101dm1ts304af108291&p=Entrevista%20em%20Profundidade%20Jorge%20Duarte>. O texto foi entregue pela professora Conceição Cabrini, durante a qualificação, com a sugestão de explicar as razões que levaram a adotar este método para esta tese.

⁷ Ibid. p.2.

⁸ Ibid. p.3.

⁹ Ibid. p.3.

O autor alerta que, apesar da técnica ser altamente recomendada, ela também exige rapidez na anotação dos dados, das respostas, das impressões. A demora tanto na escrita como na exibição ostensiva do material de gravação poderia comprometer a espontaneidade sugerida pela técnica¹⁰.

Atendendo ao alerta e para facilitar esse registro foram usados gravadores com lapela. O equipamento mostrou-se mais adequado, evitando o uso de papel e caneta. A agenda era mantida para anotar apenas o horário e algumas referências como, por exemplo: Dia 10 de janeiro de 2010, primeira visita para o doutorado ou, também, Pajé fala sobre o batismo.

Ela era uma espécie de guia para orientar as tarefas e marcar as degravações. Faz-se necessário registrar, também, que a maioria das entrevistas foi realizada fora dos ambientes compostos por cadeiras e mesas. Grande parte foi feita caminhando. Outras embaixo de árvores, sentada em calçadas, em pé, próxima do entrevistado, no meio da plantação de mandioca, em uma cavalgada para transferir o gado de um pasto a outro.

O gravador com lapela permite que o próprio entrevistado escolha onde colocá-lo ou deixá-lo. Na maioria das vezes, era guardado no bolso e a lapela era fixada na camisa, na manga, no colarinho. Houve vezes em que o gravador era esquecido e o índio voltava e entregava. Porém, nada foi mais inusitado como o dia em que o convite foi para visitar uma cachoeira.

Após duas horas andando, sem pressa, por entre a plantação de mandioca, milho, áreas sem nenhuma espécie de cultivo, a índia Graciela, 17 anos, fez o primeiro mergulho na água com gravador e tudo.

— Olha, professora, molhou! Disse a jovem ao mostrar o equipamento inutilizado. Se colocar ao sol ele funciona? Dizia, preocupada, enquanto o restante do grupo ria muito. No aparelho estava gravado o passeio até a cachoeira.

A opção de ir até o rio contribuiu para poder observar a aldeia, além da estrada onde era possível dirigir. Foram quatro horas, entre ir e voltar. A saída foi às 9h. Naquele horário tanto na ida como na volta, havia índios nas plantações. Vê-los manejar a enxada sob o sol de janeiro, ou então arrancar o mato com as mãos,

¹⁰Ibid., p.3.

evitando danificar a plantinha foi revelador, pois nada na atitude deles indicava preguiça, descuido, despreparo, cobiça, selvageria, vadiagem...

Havia, sim, um ritual, mas era afastado das narrativas vistas sobre o primeiro discurso sobre os Povos Indígenas do Brasil.

Nas entrevistas com os mais velhos da Aldeia, optou-se pelo acompanhamento de um tradutor. Também foi usada a entrevista em profundidade semiaberta por estabelecer:

“...um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa. Ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (TRIVINOS, 1190, p. 146)¹¹.

A decisão de ter um tradutor foi para manter a fidelidade do que era dito e proporcionar mais articulação do entrevistado, que estava livre para falar em guarani. A decisão trouxe benefícios, mas aumentou a estada na aldeia em mais três dias, estes dedicados exclusivamente à tradução.

A tarefa de traduzir coube à índia Graciela Alvez, 17 anos, a mesma que mergulhou com o equipamento. Ela queria ser professora. Junto com o apoio, mostrou-se companhia na ajuda para filmar e fotografar. A tarefa na operação dos equipamentos teve a contribuição do índio Inácio, sobrinho de Graciela. Era ele quem colocava as baterias para funcionar e testava se o áudio havia ficado bom. Tornou-se rotina vê-los chegarem e pedir:

— Vamos gravar e fotografar hoje?

Para que estes registros pudessem chegar até o leitor deste estudo, optou-se também em reproduzir em formato de narrativa descritiva com citações diretas. Recursos fundamentados nos Cursos de Comunicação, Jornalismo:

O conceito de jornalismo apresentado por Marques de Melo mostra-se mais abrangente, uma vez que o autor considera o jornalismo como um processo social que não abrange tão somente uma função informativa. Além disso, o autor estabelece que o jornalismo se configura como um processo social autônomo, contínuo e permanente, em virtude da necessidade que os cidadãos têm de recorrer a uma mediação para apreender uma realidade que se tornou muito mais ampla do que aquela captada pelos “mecanismos da sensorialidade individual¹².

¹¹ Ver artigo completo <http://br.yhs4.search.yahoo.com/yhs/search?hspart=Babylon&hsimp=yhs-004&type=br101dm1ts304af108291&p=Entrevista%20em%20Profundidade%20Jorge%20Duarte>. p. 3.

¹² MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista, gênero jornalístico? In: MARQUES DE MELO. Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo. São Paulo: FTD, p. 101-110, 1992.

Esta tese não é um depósito de afirmações conclusivas. Entende-se que, ao dar espaço para que o próprio índio fale, conte a própria história ou que restou dela, ainda é possível de provocar o efeito Murta¹³. Fazer com que o próprio índio conte sua história, talvez seja a grande contribuição deste trabalho. A ausência da voz do índio em produções, especialmente do Estado, já havia sido percebido por Orlandi.

“O silenciamento produzido pelo estado não incide apenas sobre o que o índio, enquanto sujeito, mas sobre a própria existência do sujeito índio. E quando digo Estado, digo o Estado brasileiro do banco, estado que silencia a existência do índio enquanto sua parte e componente da cultura brasileira”¹⁴.

Entende-se que assim haverá mais liberdade de interpretação de quem lê esses registros de fala que ocorrem de dentro para fora da aldeia. “Nesse Estado (de silêncio, segundo Orlandi), o negro chega a ter uma participação. De segunda classe, é verdade, mas tem uma participação à margem. O índio é totalmente excluído. No que se refere à identidade cultural, o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado¹⁵”.

Defende-se, também, que o formato abre espaço para novos diálogos, novos debates, repito, intenção primeira desta pesquisa. Esta tese manterá o uso de aspas na citação dos autores que tanto iluminaram este desafio.

Também será usado o formato pingue-pongue para a reprodução das entrevistas. O modelo reproduz perguntas e respostas. “Entrevistas pingue-pongue consideramos que o efetivo conteúdo temático da entrevista centraliza-se no entrevistado e seu discurso”, defende a Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo como objeto “O Gênero Entrevista Pingue-Pongue¹⁶. A autora apropria-se dos conceitos de Bakhtin para análise”.

¹³ A Mármore e a Murta faz parte do capítulo do livro onde o autor usa o exemplo do mármore e da planta para justamente comparar a capacidade da planta em refazer-se apesar da navalha. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia**. São Paulo: Ed. Cosac Nafity, 5ª ed., 2013. p. 148.

¹⁴ ORLANDI, Eni Pucinnelli. **Terra à Vista!**: discurso de confronto: velho e novo mundo. Campinas, SP: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990. p. 56.

¹⁵ Ibid, p.56.

¹⁶ Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: Meurer, José Luiz; Bonini, Adair; MOTA -ROTH, Désirée. (Orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, p. 152- 183, 2005. <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLL0389-D.pdf>. p. 23 e 24.

Este princípio recorre também à análise do discurso para a formulação de possíveis respostas sobre o constatado e, acima de tudo, por não encontrar muito eco no formato deste objeto. “A análise do discurso ocupa, assim, esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um processo direto de sentidos e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão”, ensina Orlandi¹⁷.

Esta tese reproduz, também, memórias e registros realizados durante o mestrado. Foi na época em que a notícia de que a Internet seria instalada na aldeia, que abriu a expectativa de verificar quais as reações e diálogos que o suporte mediático provocaria sobre os já instalados pela televisão, rádio, telefone, CDs, DVDs, jornais e revistas. Somadas à primeira, desenvolvida em 2007, 2008 e 2009, esta que correspondeu a 2010 a 2013, foram 42 dias entre idas e vindas e de morada na aldeia.

Este arcabouço de informações resultará em quatro capítulos, abrindo com: morte, “puxadinhos” e cebolinhas assentam resistência guarani, apresentando o resultado da resistência do povo guarani após a instalação na Terra Prometida.

No capítulo dois, endereço da quinta mudança em 150 anos de colonização do oeste do Paraná, localização da Aldeia *Tekoha Añetete*. A propriedade onde, por 30 anos, eram criados búfalos, foi desapropriada e demarcada para abrigar remanescentes do Povo Guarani. Eles dividem-se em grandes famílias: Avá, Chiripa e Biá. Os Avá e Biá têm grande apego à agricultura. Os Chiripa lidam melhor com os animais. A tarefa de identificá-los não é fácil, admitiu o gestor do programa Sustentabilidade de Comunidades Indígenas da Itaipu Binacional, João Carlos Bernardes.

O capítulo reúne a história dos Guaranis na fronteira, desde que foram avistados pela primeira vez, até a última transferência das cinco enfrentadas em 157 anos. “Os índios vinham nas festas de gravata”, contou a pioneira Amanda Fritzen Holler. Ela chegou a Foz com doze anos, em 1929.

No terceiro capítulo: A Comunicação na *Tekoha Añetete* antes do Advento da Internet, marca que a presença midiática entre os Guarani exerce grande sedução. Ouvir o ‘mundo’ por meio do rádio e percebê-lo a cores pela televisão fascina o índio com a mesma intensidade com que seduz o não índio. “Os estudos comunicacionais

¹⁷ ORLANDI, Eni. P. **Discurso e Texto**: formulação dos Sentidos – Campinas, SP: 3ª Edição Pontes Editora, 2008, p. 21.

consideram, quase sempre, que ter cultura é estar conectado”, definiu Cancline¹⁸ ao definir Cultura. Ao receberem as casas construídas em alvenaria com água encanada de dois poços artesianos, luz e gás os moradores levaram para os novos endereços equipamentos que possibilitavam ter acesso à informação. Pesquisa realizada durante o mestrado para apurar a Consumo revelou que a maioria tinha tanto rádio como televisão em casa.

O quarto capítulo é denominado: A Internet na sala do índio, pois no dia primeiro em março de 2010, a jornada começou às 7h da manhã. A cena da aldeia onde índios espiavam pelas janelas o conteúdo no interior da sala e a espera da abertura do local lembrava o cotidiano urbano em dias de liquidação. O nascimento de novas combinações por meio de entrevista com quatro índios que passam maior parte do dia conectados.

O índio, o manejo da Internet e os novos diálogos. Nele a reprodução das entrevistas feitos com quatro jovens que já pensam fazer uso do suporte janela para comunicarem-se por meio do Facebook, Twitter e e-mail. A notícia sobre a chegada da Internet provocou alvoroço entre os mais novos, no início da operação do sistema. Comparados ao primeiro encontro, onde as máquinas foram instaladas, o índio visto quatro meses depois parecia outro, dominava o mouse e não parecia assustado com os ruídos do teclado e nem com as cadeiras.

Neste capítulo, com a mesma celeridade com ao aparato providenciado pelo não índio para caracterizar a área como Reserva, cresceu na aldeia, o Modo de ser Guarani. O grupo parece fazer do espaço, local para realizar a própria cultura. O constatado na década de 90 por Orlandi parece perder força na *Tekoha Añetete*.

A ciência, a política social e a religião se apresentam como três modos de domesticar a diferença: a primeira pelo conhecimento, a segunda pela mediação e a terceira pela salvação [catequese]. As três contribuem para que, de algum modo, se apague a identidade do índio enquanto cultura diferente e constitutiva da identidade nacional.¹⁹

O grande temor na Aldeia não está na perda da identidade. Existem sinais claros da resistência. Também os mais velhos parecem não temer pelo

¹⁸ GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Diferentes Desiguais e Desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2005.

¹⁹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à Vista!**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual de Campinas. 1990, p. 56-57.

aprisionamento da, em vida, pela máquina fotográfica. Este capítulo revela que o grande temor da Aldeia é o de continuar a ver a história do Povo Guarani ser esquartejada, colonizada no sentido outro, não do modo deles.

1. MORTE, “PUXADINHOS” E CEBOLINHAS ASSENTAM RESISTÊNCIA GUARANI



Figura 2: Foto como ilustração No cemitério da Tekoha Añetete pelo menos 12 corpos estão enterrados desde a chegada dos moradores. Não existem lápides. Sobre as covas uma espécie de barco que parece conduzir as almas para a Terra Sem Males. Ao invés de coroas de flores, pedaços de tecidos ‘decoram’ as cruzes. Algumas delas assemelham-se a lemes do timão de barcos

— Quem gosta de cruz no cemitério é o branco. A gente coloca cruz porque sabe que o branco respeita cruz. Ele não pisa onde tem cruz, disse no dia do enterro do sobrinho, a índio Lorenza Chamorro

Fonte: HIJAZI, 2009



Figura 3: Foto como ilustração Índia Dionisia Chamorro prepara todas as refeições, servidas dentro do Puxadinho construído ao lado da casa de cimento, tijolos, janelas com vidro e com banheiro e chuveiro elétrico. E neste ambiente que recebe visitas e permanece a maior parte do dia.

Na imagem é possível ver uma espiga de milho perto de onde o cão dorme. Pendurado no teto havia centenas delas. No balde de alumínio mais claro estava sendo preparada a coalhada. Ela cultivava abelhas jatai no fundo da casa. O marido dela, o Pajé Curador Lírio Chamorro cuida do gado. Ele faz a ordenha. Também é ele quem trata das galinhas e patos

Fonte: VENDRAME, 2008

Futebol de várzea no interior e peladas nas grandes cidades frisaram-se como rotina de fim de semana fora das Aldeias. Na *Tekoha Añetete* todos os sábados também era assim antes da chegada da Internet. Era tradição de fim de tarde a aldeia reunir-se para assistir às partidas mistas entre os jovens.

O campo fica na entrada da reserva, à esquerda de quem chega. Depois da Internet o gramado ficou alto, a capoeira abraça o campo. O comportamento da aldeia não parece ser diferente visto fora dela após o advento da tecnologia, especialmente a Internet.

Quando ocorriam os jogos com mais frequência, não havia como não perceber as saias que dançavam no corpo feminino indígena. Elas rodopiavam, tornavam a girar, balançavam, atendendo à coreografia do passe e os pés descalços delas em busca da bola contra o time de chuteiras e uniforme impecável vindo da cidade.

Na linha do gramado o técnico não índio pedia empenho, chegava até a invadir a linha branca como se isso adiantasse diante da leveza de quem não tinha uniforme e nem técnico. Cena rara, para olhos urbanos, ver uma índia correr daquele jeito. Elas

pareciam não fazer esforço, mas rir da própria disparada tanto para manter o domínio do jogo, mas acima de tudo, evitar que ela caísse na água do rio²⁰ que margeia a aldeia.

É onde a ausência de jogadores parece aproximar as duas nações, pós-internet, que este capítulo é escrito, mas para evidenciar a resistência Guarani na Aldeia *Tekoha Añetete*, justamente na constante tentativa de o não índios forçar o índio a ser igual ou excluí-lo.

Tanto os registros de tentativas de aplainar o selvagem²¹, como deste em resistir nasceram muitas vezes de palavras, como quando a índia Lorenza ao revelar em meio a dor pela perda do sobrinho Juscelino o que a comunidade pensava e sentia sobre o símbolo máximo do cristianismo a cruz:

—Usamos as cruzes nos túmulos não porque acreditamos no sentido delas, mas para evitar que branco pise ou profane. Para o branco a cruz é o sagrado representa a morte para eles. Para nós o tecido que o morto gostava faz a ligação dele com a terra após a morte.

A veemência nas palavras de Lorenza ao classificar o motivo de não adotar a cruz como igualdade de crença, representava não só resistência, mas repúdio à necessidade de ter de recorrer a outro simbolismo para poder ver a própria crença respeitada. Em uma das cartas escritas por Padre Anchieta em setembro de 1554, ele escreveu os motivos que faziam com que a missão repudiasse o “quase animal”.

Repúdio ao indígena — à sua animalidade — centraliza-se em três formas de comportamento qualificadas de repugnantes que seriam comuns a todos os “nativos”. São o incesto, o canibalismo e a nudez. Estes três comportamentos são vistos como comportamento de barbárie em que vivia o gentio, como demonstrativo de boçalidade em que viveriam, como índices significativos da sua animalidade²².

A mãe de Juscelino havia desmaiado ao ver o filho morto, mas evitava chorar para não desviar a alma do menino. O mesmo quadro foi mostrado por Manuela Carneiro da Cunha em “Os Mortos e os Outros”. Ela acompanhou a morte de adultos.

²⁰ A descrição do rio está no capítulo um.

²¹ A palavra selvagem foi repetidamente usada pelos Jesuítas ao relatarem as experiências na tentativa de domar o gentio.

²² NEVES, Luiz Felipe Baetê. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1978. p. 56.

Aqui é de um menino que havia sido batizado com o nome de Tupã Gaviju ou o menino que nasceu Pajé.

Também o dia em que o Pajé Rezador pediu para ser fotografado. Gerônimo Alvez, 85, mostrou não temer pelo aprisionamento da alma como visto entre os índios Canelas e que será visto logo adiante, por meio do conceito de *Carom*, por Arlindo Machado em Máquina e Imaginário. Ele temia muito mais em ver que sua imagem poderia ser divulgada de forma esquartejada. Alvez não desejava ser Mármore, era Murta, como escreveu Eduardo Viveiro de Castro em A Inconstância da Alma Selvagem.

— Agora época de milho. Não de cebolinha. Criança índia sabe que é tempo de milho agora. As palavras, apesar de determinativas, eram ditas em tom suave, calmo, sem nenhum esforço pelo cacique Daniel, da Aldeia Ocoy. Ele é irmão de Mário, o cacique que defendeu a instalação da Internet na *Tekoha Añetete* e também traduziu o livro: “Olhares de Guaraní para Guaraní²³”.

Porém, são nas casas o exemplo matérico da resistência mais evidente. Contrariando o projeto oficial das construções entregues em alvenaria, os índios ergueram novos anexos. São os “puxadinhos”. As presenças desses “puxadinhos” são, para os engenheiros, um exemplo de afronta tanto estética como material pois o índio a revelia transferiu o “Modo de Ser Guaraní” para as construções entregues.

Dentro do “puxadinho” fogo é aceso no chão, tendo como aparato tijolos arrancados das construções e uma placa de ferro que a Itaipu teve de providenciar às pressas para evitar o pedido de novas painéis, pois o alumínio em contato com a brasa derreteria. Banquinhos colocados próximos das paredes, onde a família faz as refeições.

É ali que eles se reúnem durante o tempo vago, guardam o que produzem, as armadilhas, o milho, conforme a imagem que abre este capítulo. Assim, começa o primeiro exemplo da resistência por meio de um sussurro em forma de lamento a irromper a aldeia, 500 anos após a sua descoberta.

— Ipytupapotava²⁴!

²³ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Tradução em Guaraní, Mário Tupã Lopes. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.116.

²⁴ CANESE, Natália Krivoshein de; Alcaraz Acosta Feliciano. **Dicionário Guaraní Espanhol e Espanhol Guaraní. Ñe'eryru Avañe'e – karaiñe'e Avañe'e**. Instituto Superior de Lenguas Universidad

O anúncio era feito na língua oficial da tribo — o Guaraní — pelos jogadores mirins que haviam aproveitado a folga da escola, na parte da tarde, para ir ao campinho bater bola. A língua pátria foi o primeiro sinal de fixação e manutenção da cultura durante o ritual do sagrado: a morte. Esse final trágico de uma infância fazia nascer o “entre-lugares²⁵” descritos por Homi K. Bhabha. O entre-lugares acontece na recusa de negociar: “dor, idioma, raça, classe ou gênero”. É na presença deste sentido que nasce a diferença o “entre-lugares”.

Foi nessa diferença que a ancestralidade guarani começava a brotar do solo onde jazia o menino. Ao traduzir para o português o motivo dos gritos, a tia disse que os amigos haviam percebido a ausência de Juscelino e decidiram procurá-lo. Quando o encontraram caído de bruços dentro do rio, o corpo já estava inerte, mas ainda quente, um sinal de que o afogamento era recente.

Ao ser batizado pelo pajé, aos três anos, Juscelino, que morria aos cinco, tinha recebido o nome indígena de *Tupã Guaviju*, significando que seria o futuro pajé da aldeia. O corpinho permaneceu lá, cercado de curiosos e pela mãe que ao ver o filho já sem vida desmaiara bem rente ao cadaverzinho coberto apenas por um calçãozinho marrom.

- **O que acontece com a criança se ela não receber o nome indígena?**
Lorenza ou *Arapoty* [céu florido], trinta e quatro anos – Sem o nome indígena ela não tem saúde.
- **Hoje ainda é mantido esse costume na hora de batizar as crianças?**
– Sim, ainda é mantido.
- **Além do nome, hoje o que é mantido como tradição da tribo na educação, por exemplo?**
– O pajé na casa de reza dá conselhos de como tem que ser.
- **E os pais, eles seguem esse conselho?**
– Sim, eles seguem.
- **E se não seguirem?**
– Seguem sim, a gente grava tudo na cabeça o que o pajé fala.
- **Os seus filhos têm o nome indígena?**
– Sim, são três meninas e dois rapazes. A Michele, 15, Taquarajú, que significa que ela dança com a taquara na casa de reza. A Franciele, 11, Taquarapony, que significa ela está seguindo adiante. O Julinho, 22, Maraka, que significa o chocalho que balança, representando alegria. O Marcelo, 20, Jocupeju, que significa não ao pajé. Quando o pajé foi escolher o nome, a criança se recusou o nome indígena, então ficou como a recusa de pajé. A Gabriele, 06, *Taquarasapã*, ela significa neblina, aquele chuveiro antes da chuva.

Nacional de Asunción. Paraguai. 2000. Pelo dicionário Guaraní, Ipytupapotava é moribundo, morto, em estado de morte. p. 196.

²⁵ BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. ps. 20 à 23.

Entre os guaranis “quando nasce uma criança, *Nhanderu Ete* pergunta para *Tupã Ru ete*, que consulta *Karay ru ete* (e as mães da alma respectivamente), sobre a região de onde será proveniente a alma que deve guiar essa criança. Cada nome é proveniente de uma região”²⁶.

Para eles, os nomes estão relacionados com a posição do seu espírito no céu. Quem recebe o nome *karay*, ao morrer, vai para onde o sol nasce. Os *jekupe* seguem para onde o sol se põe. Também era costume, durante o batismo, o oferecimento de oferendas. Quando o batizado era de menina, os pais levavam bolo feito de milho, se era menino, arco e flecha.

Nós, povo guarani, temos a morada no céu, sempre que morremos nossos espíritos vão para lá, cada espírito tem seu próprio lugar, uns vão lá onde o sol nasce, outros vão lá no por do sol [sic]. O nosso pai está no centro do céu, nós guarani, quando morremos, voltamos como criança na terra, por isso que nosso povo nunca vai se multiplicar como os brancos, nós nunca vamos ser tão populosos²⁷.

Destacada a frase “quando morremos, voltamos como criança na terra”, esta indica uma terceira apropriação, a espírita, que defende a reencarnação após a morte. A influência da religião praticada pelos jesuítas sobre os índios também é citada por Orlandi.

Na mesma esteira, a autora afirma como exemplo equivocado, a frase de que “os portugueses descobriram o Brasil”. Daí se infere que nossos antepassados são os portugueses e o Brasil era apenas uma extensão da terra. “Havia” selvagens arredios que faziam parte da terra e que, “descobertos”, foram o objeto da catequese”²⁸.

Os antepassados guaranis acreditavam que a alma seguia para a “Terra sem Males”. Eles acreditavam que, além do oceano, havia uma terra pura, sem maldades, onde tudo era perfeito e as pessoas viveriam em paz e harmonia com todos. “Durante muitos anos essa crença foi responsável pela migração da tribo para o Leste do Brasil em busca do oceano e, conseqüentemente, da terra sem males”²⁹. O lugar tem o

²⁶ LADEIRA, Maria Inês. **O Caminhar sob a luz: território mbya à beira do oceano**. São Paulo: Ed. Unes, 2007. il. p.117.

²⁷ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.122.

²⁸ Orlandi, Eni, Pulcinelli. **Terra à vista: Discurso do confronto: Velho e novo mundo**. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1990, p.56.

²⁹ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.116.

mesmo sentido do paraíso, atribuído pelo cristão. “A terra sem males é a terra de Deus. Só os puros de coração podiam alcançar esta terra”.

Também há a crença de que “as almas podem realizar movimentos autônomos em ocasiões especiais. Assim, durante a vida de uma pessoa, sua alma pode sair e visitar outras almas de pessoas que estão vivas ou que já morreram”³⁰. De acordo com Ladeira, esse encontro pode acontecer “por meio dos sonhos, as almas dos vivos também se comunicam entre si e com as almas dos que já viveram”³¹.

No relato feito por Manuela Carneiro de Cunha sobre o ritual de morte dos índios Krahó³² ela reproduz como é o fim da vida para índios já adultos. Não há no livro indicações de como ocorre o acolhimento dos que morrem crianças como é o caso de Juscelino que deixava a *Tekoha Añetete*³³ — Terra Prometida, tornando-se definitiva, para seguir para a Terra Sem Males, como buscavam seus ancestrais não necessariamente em vida, mas após a morte.

Na experiência de Cunha sobre “Os Mortos e os Outros”, ela escreve: “Lugar de morte é lugar de origem”.

O Krahó procura assim morrer na casa materna, e nesse intuito poderá se submeter, já agonizante, a penosos transportes. Isto inclui homens casados que, quando adoecem são levados pelos consanguíneos para sua casa de origem. “Não se deixa morrer na casa da esposa não, a não ser que não tenha mais família...”. Se sua mãe estiver viva, um homem já maduro, e até chefe de grupo doméstico em que vive, voltará para junto dela. Voltará para a casa de origem³⁴.

Entre os guaranis, esse lugar de morte parecia não existir, considerando que o local de origem, era onde eles haviam nascido. Na aldeia 100% dos moradores,

³⁰ LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p.151.

³¹ Ibid., p.151.

³² Os Krahô vivem no nordeste do Estado do Tocantins, na Terra Indígena Kraolândia, situada nos municípios de Goiatins e Itacajá. Fica entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do Tocantins. O cerrado predomina, cortado por estreitas florestas que acompanham os cursos d'água. É mais larga a floresta que acompanha o rio Vermelho, que faz o limite nordeste do território indígena. Informações acessar: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kraho/440>.

³³ **Tekoha**: morada, querência, vivenda, paradeiro, residência, bairro. **Añetete**: verdadeiro, obvio. Juntando as duas palavras escreve-se: Morada Verdadeira que para os índios deve ser encontrada após a morte e não necessariamente durante a vida.

³⁴ CUNHA, Manuela Carneiro. **Os Mortos e os Outros**. Uma análise do Sistema Funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. Editora Hucitec. São Paulo, 1978. p. 23.

entre os com mais de 18 anos, já haviam sido removidos da Terra Natal, alguns deles por até cinco vezes, como foi mostrado no primeiro capítulo.

— A gente vai enterrar ele como se enterra um pajé, porque ele já era um pajé — traduzia Dona Lorenza após ouvir o que era dito. A diferenciação vinha do nome de batismo.

Entre os Krahô adultos o ritual pós-morte “será proporcional à importância do morto na vida pública³⁵. Essa importância de acordo com o observado por Cunha acontecia pela presença de homens e mulheres ao longo do ritual fúnebre.

Durante o enterramento de Juscelino, homens e mulheres dividiam etapas no processo de aviso do ocorrido, abrigo dos visitantes nas casas, prover alimentos e até cuidar dos filhos dos pais de Juscelino. Essa tarefa foi delegada à família de Lorenza, por ser irmã de Francisca. Como disse Cunha, pelo parentesco de: “consanguinidade”.

Porém a presença do padrinho estava em evidência nos momentos mais decisivos do processo: recolher o corpo de dentro do rio e depositá-lo na covinha aberta embaixo de um pé de árvore no cemitério dentro da Aldeia *Tekoha Añetete*, ao fim da cerimônia, caso *Nhanderu* não devolvesse a vida do pequeno.

Durante a entrevista em profundidade realizada com o pajé Luiz Carlos Coronel, um mês antes da morte de Juscelino, as informações sobre o processo de escolha dos pajés na aldeia foram abordados. A missão para o cargo maior da aldeia nasceria espontaneamente, sem interferência terrena.

– Como a aldeia escolhe o pajé?

– A aldeia não escolhe o pajé. O pajé é como os portugueses que têm o padre, então ele estuda para padre. A mesma coisa é para ser pajé, ele estuda sobre *Nhanderu-tupã*.

– O que estuda para ser pajé?

– Para pajé é pela sabedoria. Eu nunca fui para a escola, nunca pisei lá. Quando eu fiz 12 anos, era para eu estudar, mas a escola ficava longe 20 quilômetros da aldeia, mesmo assim eu me matriculei para ir e estudar. Na primeira semana de aula a nossa professora faleceu e eu nunca mais voltei. Senti as mesmas coisas que senti quando minha mãe morreu e nunca mais voltei. Ela era portuguesa e morreu na hora. Não sei nem ler e nem escrever³⁶.

A formação para pajé é obtida por meio da família e de todos os habitantes da aldeia, pois o conhecimento é oral e prático, por meio de exemplificação, como se

³⁵ Ibid; p. 24.

³⁶ Para facilitar o processo de identificação e ordenamento das entrevistas em profundidade, serão utilizadas a primeira letra dos nomes dos entrevistados nas citações. Deste modo, Lorenza Chamorro será * L, Aleixo Karai Tupã Guaviju Bogado, * A, o Pajé da Aldeia *Tekoha Añetete*, Luiz Carlos Coronel, * C e Graciela Alvez será * G.

fosse um espelho – que servirá como reflexo que fala e mostra. Enquanto existir pajé, o “modo de ser guarani” será preservado em sua autenticidade.

Dessa forma, a perda do menino Juscelino Kaaviju não era uma perda qualquer, porque esta transcendia aos números de moradores, perdia-se, ali, o pajé não criado por vontades políticas, hierárquicas ou de desejo familiar ou pessoal, mas o pajé assoprado por Nhanderu na cerimônia mais sagrada dos guaranis: o batismo.

Neste ritual batiza-se quem nasce e os elementos sagrados para a sobrevivência – a água respingada sobre a erva-mate, o milho, a melancia... Enfim, o que a terra proveu por meio da natureza e por meio de quem habita este local, as mulheres indígenas – aquecidas pelo fogo e sentadas sobre a terra dentro da *Opy*.

Ao recobrar os sentidos, a mãe de Juscelino, Francisca, 19, pediu que o padrinho de Juscelino fosse encontrado e que fizesse o ritual de remoção do corpo. Após não disse mais nenhuma palavra sobre o assunto, limitava-se em mover-se para onde o féretro era conduzido. Há três anos, ela havia perdido outro filho, mas nunca soube a causa da morte. “Ele ficou com febre de manhã e morreu de noite”, disse a tia.

A caminhonete usada para transportar doentes na aldeia é utilizada em busca do padrinho, o Pajé Rezador Luiz Carlos Coronel. Ele vive como eremita na extremidade da Aldeia. Dispensou o conforto das casas de alvenaria e mora em casa coberta com capim. Enquanto esperam, os índios fazem silêncio absoluto.

Ninguém se move, apenas o Cacique Mário Alvez, 23, retira-se para telefonar para a Funai, avisando da morte e também para pedir a autorização para que um caixão seja liberado na Funerária de Diamante do Oeste. Ele descreve, por telefone, o tamanho e idade do menino, a estimativa do peso para que a urna seja adequada. A fala do cacique, apesar do tom baixo, é ouvida pela mãe que geme, amparada pela irmã.

Essa ausência de choro também foi reproduzida por Cunha ao acompanhar o ritual de morte entre os Krahó. “Chorar antes de certas horas é repreensível, pois é condenar o morto e não mais poder reviver, é mandá-lo embora para a aldeia dos Mekaró, vedar-lhe o caminho de volta, consagrar a ruptura. Pois, nesse período, conta-se, já muitos voltaram à vida quando existiam curadores eficientes...”³⁷.

³⁷ CUNHA, Manuela Carneiro. **Os Mortos e os Outros**. Uma análise do Sistema Funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahô. São Paulo: Editora Hucitec, 1978. p. 26.

O tempo muda da tarde ensolarada para nuvens pesadas. Para Graziela é o céu preparando-se para chorar o menino. O Pajé Coronel chega, esguio, quase curvado, apesar de ter 58 anos. Mesmo sendo o líder espiritual da Aldeia ele contou, em entrevista, não conseguir lidar muito bem com a morte, motivo que o fazia mudar constantemente de aldeias:

— Como era essa coisa que o senhor sentiu quando a sua mãe morreu?

— Era ruim assim. Parece que não ficava bem no lugar e a gente acha falta da mãe assim.

— Quanto tempo após a morte da sua mãe que o senhor começou a não se sentir bem?

— Foi após umas duas semanas da morte dela que começou a me atacar aquela coisa ruim assim. Ficar lá parece que não dava. A gente começava a se lembrar e não dava para ficar. Não sei como explicar bem, mas foi por isso que eu resolvi sair de lá com a família e tudo e vim para cá.

— A sua mãe foi enterrada como a tradição Guarani, que é colocar dentro de uma cerâmica na posição de feto, ou no costume branco?

— Ela foi enterrada quase no costume branco, mas só que os brancos usam caixão de madeira e nós enterramos em um caixão feito de taquara. Nós fizemos uma espécie de cesto e enrolamos o corpo em um pano e colocamos ela dentro. A gente cantou cantigas durante o enterro.

Com ele estava o Pajé Curador, Lírio Chamorro com seu cachimbo e chocalhos carregados de anéis de sementes. Parecem guizos, à medida que ele se move para a margem do rio. Chamorro é o primeiro a evocar exclusivamente o ritual guarani, sem negociação. Visto assim, ele parecia entrar em contradição com o que havia sido visto na casa onde ele mora com a mulher, Dona Dionísia. Além do “puxadinho”, no quarto do casal, estava o altar flagrado pela foto. Nele parecia existir um Santo para cada pedido, ou para cada visita que buscasse, nele, orientação.

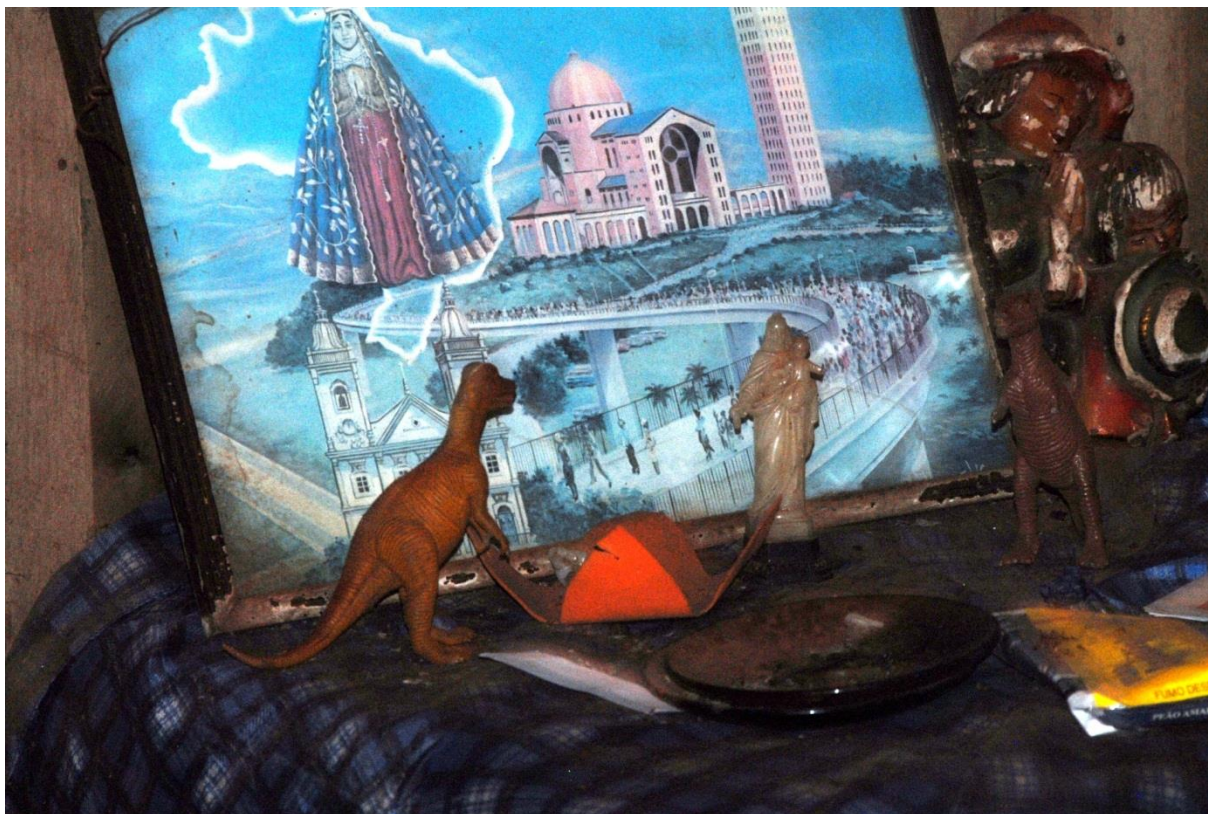


Figura 4: Foto como ilustração É possível identificar pelo menos seis presenças religiosas. O quadro de Nossa Senhora Aparecida, encontrada por escravos no início do século e transformada em Padroeira do Brasil (ao fundo). Do lado direito a imagem de Nossa Senhora e o Menino Jesus com semblante de menino indígena pelo corte de cabelo, a imposição das mãos é signo do Cristianismo. Ao centro, uma espécie de dobradura, lembrando o Origami, um 'prato' que poderia receber as orações como no Candomblé, os dinossauros que na linguagem indígena representavam o poder na terra.

Fonte: VENDRAME, 2013

Após algum tempo na Aldeia, fica evidente o poder de negociação adquirido pelo índio. Um exemplo foi no dia em que o professor da Aldeia, João Alvez, disse:

— Na negociação, muitas vezes você consegue se você conseguir convencer o outro que está acreditando no que ele diz. Se ele diz que vermelho é a crença dele, então se ele te perguntar sobre que cor você prefere, diga vermelho. O Quarto do Pajé parecia evidenciar essa negociação.

Agora é a vez de o Pajé Coronel aproximar a boca do ouvido inerte e lá, por alguns minutos, proferir palavras.

— Ele está dizendo que o Juscelino pode voltar, se for da vontade de *Nhanderu*, informa a intérprete. Em adultos o ritual também é o mesmo, porém por tratar-se de uma criança, a crença invoca para a compaixão do criador.

– Na religião católica diz-se que quando alguém morre, vai para o céu. E os índios, como é?

– A gente, quando morre se não tiver pecado é recebido por *Nhanderu*, senão volta para a terra e não é mais recebido por *Nhanderu*. Às vezes, a gente ouve vozes de noite por aí, são das pessoas que voltaram. São as almas perdidas.

– Para não ser recebida por *Nhanderu* a pessoa tem de ter feito o quê?

– Tem de ter muito pecado, que é fazer mal para o outro, para o parente.

Evito registrar imagens na presença do corpo do menino. Arlindo Machado em “Máquina e Imaginário conta ter ouvido do fotógrafo, cineasta e *videomaker*, Andrea Tonacci a experiência vivida entre os índios do norte do Brasil: “Em linguagem jê, *carom* é o nome que os índios canelas apinacras do Maranhão dão às imagens e às vozes das pessoas e das coisas, sejam ela atuais dos vivos ou virtuais dos mortos que retornam sob forma de fantasmas³⁸”.

“As câmeras - de fotografia, de cinema, de vídeo eram entendidas pelos canelas como aparelho de captar o “carom”, aprisioná-lo dentro da máquina e restituí-lo quando necessário³⁹”. Essa situação limite ocorrida durante contato com nações indígenas também é reproduzida pelo cinema e em produções televisivas. Um exemplo foi mostrado na série Kun fu. O episódio mostrou o índio sendo ‘vítima de uma fotografia’ quando exibia o resultado da pesca de um peixe.

Ele o erguia numa espécie de agradecimento. Foi naquele momento que um fotógrafo naturalista faz flagra da imagem. Sentindo-se aprisionado pela máquina, o índio pede para o protagonista recuperar a foto, do contrário, a maldição que o atingiria, que era a própria morte, não pouparia também o amigo, protagonizado pelo ator David Carradine⁴⁰.

1.1 Os Pajés

³⁸ MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário**: O Desafio das Poéticas Tecnológicas – São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993. p. 235.

³⁹ Ibid., p. 235.

⁴⁰ **Kung Fu** foi uma série de televisão estrelada por David Carradine, apresentada no período de 1972-1975. Conta-se que Bruce Lee queria o papel e, ao ser preterido por Carradine, aceitou trabalhar em Hong Kong, de onde retornaria para a América pouco tempo depois, transformado em astro cinematográfico do Kung Fu. http://pt.wikipedia.org/wiki/Kung_Fu_%28s%C3%A9rie%29#Curiosidades



Figura 5: Foto como ilustração Dentro da Opy-Puxadinho o índio, Galdino, 23anos, é orientado a fumar o cachimbo para tentar aliviar a dor que sentia na região do estômago. Os dedos do Pajé Curador corriam pelo corpo do jovem, na região do peito e barriga. Este exame foi realizado com o doente deitado diretamente na terra da Casa de Reza. Ele mora na Aldeia Tekoha Añetete, reserva demarcada pelo Governo Federal, onde um posto com médico está à serviço da Aldeia. Na camiseta, a resistência indígena.

— Branco tem os médicos, nós temos os Xamoí. O Xamoí sabe se a doença é para ele ou para o médico de branco, lembra Vergínia Katu da Aldeia Ko Eju Porã⁴¹.

Fonte: VENDRAME, 2013

⁴¹ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 100.

Entre os guaranis da *Tekoha Añetete* a liderança política é do cacique. Ele é escolhido por meio do voto dos moradores, após receber apoio dos pajés. Já a figura do pajé não tem a exclusividade de um só, mas depende da capacidade da Aldeia em revelar estes detentores do poder de cura, reza e conselho.

Hierarquicamente, os pajés conselheiros ocupam o topo da pirâmide, pois eles já exerceram os cargos de Rezador, Curador e, ao completarem 80 anos, ganham o posto de pajés conselheiros. Na *Tekoha Añetete*, a função cabia a Aleixo Bogado, 105. Ele tinha a função da fala, do conselho, do discurso. Os exemplos desta presença verbal estão ao longo desta Tese, onde ele faz da memória continuação além da própria vida dele, ou daquela reserva.

Levado ao campo comparativo, o pajé conselheiro dos guaranis, pode ser visto como o monge copista da fala, não da escrita. Com a morte dele a Aldeia preparava-se para ter no posto o pajé rezador mais antigo, Gerônimo Alvez, 85. Alvez, ilustra parte deste capítulo, é ele quem recusou-se a ter as fotos exibidas em detalhes. Alvez estava na categoria do Xamoi (velhos), uma distinção que antecede ao cargo de conselheiro.

Lírio Chamorro é o pajé curador. É ele quem determina se o doente deve ou não buscar ajuda da medicina tradicional, praticada fora da aldeia. Há também o pajé rezador, Luiz Coronel. Ele abandonou todo o conforto das casas entregues pelo projeto e fixou-se em uma extremidade da Aldeia. Dispensou a água e luz também. Cabe a Coronel batizar os nascidos e enterrar os mortos.

1.2 A Terra dos Sem Males

O Pajé deixa o local de morte para preparar a *Opy-Puxadinho* para as cerimônias fúnebres que duraria aquele fim de tarde, toda a noite e terminaria na manhã seguinte com o enterro caso o menino não voltasse à vida, seguiria para a Terra dos Sem Males.

Quando a pessoa morre, é preciso esperar mais ou menos dois dias para ver se a alma volta de novo ao corpo, e a pessoa então ressuscita. É o *nãnde Ru ete* (pai das almas), que decide sobre a hora da morte da pessoa, que pode ser avisada por meio de um sonho ou sentimento. Logo após a morte de alguém, a comunidade deve rezar muito para a alma atingir seu lugar

destinado e não ficar vagando, sofrendo e fazendo sofrer aqueles que foram mais próximos em sua vida⁴².

Ofereço transporte ao Pajé Coronel. Como acontecia tanto na cerimônia de batismo como em eventos considerados importantes, o local para reivindicar a *Hhanderu* (Deus) pela vida do menino no Modo de Ser Guarani era na Opy construída em palha e bambus, exemplo da resistência indígena também na questão da fé.

Coronel entra pela porta da Opy-Puxadinho como quem entre na igreja. Os gestos que já eram comedidos, tornam-se solenes. A primeira tarefa foi de acender o fogo, mas um foguinho que não representasse festa, apenas um ponto de luz a exalar fumaça. Sem janelas, aos poucos o ambiente começa a ser tomado pela fumaça. Os raios de sol que penetram pelas frestas emprestam um cenário fantasmagórico.

O Pajé verifica todos os cachimbos. Todos foram deixados limpos e colocados na ordem. Apesar de não haver marcas que indiquem diferenças, Coronel disse que cada um sabia qual era o dele.

⁴² LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p. 152.



Figura 6: Foto como ilustração Pajé Coronel prepara a Opy-Puxadinho para a cerimônia de acolhimento e despedida de Juscelino. Na mão ele segura o mesmo chocalho usado para batizar o menino. Encostada na parede, no chão, a pequena cruz já escolhida entre as que tradicionalmente são usadas nas cerimônias. Para o índio, nascer e morrer faz parte da busca da Terra Sem Mal.
Fonte: VENDRAME, 2009

Ao terminar, ele vai até as bicas. São bambus e madeiras escavadas onde é colocada água e uma espécie de líquido com mistura. São as oferendas deixadas pelos índios em cada cerimônia. Ao verificar que todas elas ainda estavam cheias, o Pajé parece pouco a vontade:

Porque é deixada essa água?

— É para que os espíritos venham e bebam se eles tiverem sede. Também para se *Hhanderu* mate a sede, mas ninguém veio. Sinal de que eles estão longe e isso pode ter sido a causa da morte do menino.

Nós falamos que toda criança tem um anjinho que as protege então a criança índia também tem um Anjo?

— Não é o mesmo anjo do branco, é o espírito de *Hhanderu* que protege a criança, o adulto e a natureza.

O ruído do lado de fora indica que o corpo havia chegado. Todos entram. Juscelino está como foi tirado do rio. Todos entram, todos parecem saber exatamente o que fazer. Crianças pegam os instrumentos de som, adultos o violão e uma espécie de violino. O som rompe o silêncio. A música começa e o corpo, colocado no chão, no centro da Opy, próximo do fogo, é ungido por óleo, pelas mãos do pajé. Tudo ali é ritualizado, primeiro por todos que moram na aldeia, em seguida por quem chega para juntar-se ao ocorrido.

Cachimbos começam a ser acesos, e as baforadas vão no sentido do corpo. Mais gente chega, são famílias inteiras. Eles levam crianças de colo, recém-nascidos. Quando dormem são colocados sobre cobertores no chão da Opy. Na hora de amamentar as mães o fazem naturalmente. Muitos bebês permanecem assim por horas.

As crianças também são autorizadas a fumar o cachimbo. O ar carregado começa a fazer efeito, deixo o local com fortes dores de cabeça. Retiro-me para respirar melhor e do lado de fora encontro outro cenário.

A lua havia aparecido. A luz noturna bate contra o telhado de capim, prateando-o. Pela porta da Opy, braços de fumaça escapam. Lorenza chega com um espécie de loção e a comprime em minhas têmporas doloridas. Ela faz uma espécie de massagem, aquecendo o local da dor.

— Você já vai ficar bem, diz retirando-se. Percebo, então, que a urna autorizada pela Funai espera do lado de fora. O caixãozinho branco parece ser da ‘ala econômica’. Não há nada que brilhe, nem alças ou tinta. Do interior da Opy inicia o

silêncio. Ninguém dorme, eles esperam por um sinal que pode ser desde a devolução da vida do menino, a algo que possa indicar descontentamento sobre o ritual.

Nada ocorre até o início da manhã, então o Pajé, determina que hora de iniciar a despedida. Parentes mais próximos ajudam a colocar o corpinho no caixão. Todos seguem para o cemitério, uma clareira em meio à mata cerrada, um local longe de todos, entre a Opy, entregue pelo projeto desenvolvido pela Itaipu, que ninguém usava, e a próxima casa. Ali, Coronel inicia a abertura da cova. Todos acompanham quando o corpo é depositado direto na terra, sem tijolos, sem cimento, nenhum aparato, a não ser o caixão, pois de acordo com as leis brasileiras não se pode apenas colocar o corpo na terra.

Aos poucos, agora com a mãe já bastante desconsolada, a terra é colocada sobre a cova. A medida que tudo fica coberto, a cerimônia é encerrada. O último a deixar o local é o padrinho, após colocar a cruzinha de madeira na posição onde ficava a cabeça do menino. Ele estava entregue à Terra Sem Males.

A crença da Terra Sem Males é repassada para os moradores pelos Xamói (pajé mais velho, denominado pajé conselheiro) para a Aldeia. A decisão de delegar somente aos Pajés mais velhos a tarefa de explicar e de manter o rito era para evitar outras interpretações. Antes de morrer o Pajé é quem escolhe que será o seu sucessor na tarefa de pregar sobre a Terra Sem Males.

Terra Sem Males significa: Terra Pura, Terra Sem Maldades. “A crença sobre a existência deste lugar onde todos viveriam em harmonia e em paz fez com que muitos guaranis migrassem para o Leste do Brasil em busca do oceano e, conseqüentemente, da terra sem males⁴³”.

— Nós, Povo Guarani, temos a morada no céu, nossos Espíritos sempre vão para lá, cada espírito tem seu lugar, uns vão lá onde o Sol Nasce, outros vão lá no pôr do sol. Nosso Pai está no centro do céu⁴⁴

1.3 Vigília pela Cruz

⁴³ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Tradução em Guarani, Mário Tupã Lopes. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 116.

⁴⁴ Depoimento da índia Cecília Nhanju Gaspar da aldeia Água Santa de Guarapuava. Ele é um dos vários registros sobre o mesmo tema feitos por HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 92

Tanto o luto pela morte do menino quanto a vigília pela cruz estão liberados. O retorno ao cemitério, após o enterro, é feito na companhia de Graciela, junto com a irmã dela, Rosalina, treze anos. A escuridão da Opy, durante o velório, impedia ver a todos. Graciela revelou que não havia participado do enterro por “sentir” que não teria forças para ver o menino que a chamava de “namorada” ser enterrado. “Ele brincava e ria o tempo todo. Não dá para acreditar que ele está aqui”, disse, entre lágrimas, ao se aproximar do monte de terra e pedras colocadas sobre o caixão. A jovem não fez o sinal da cruz ou nenhum gesto, mas parecia estar em oração, manteve as mãos junto ao próprio corpo. Os soluços quebravam o silêncio da tarde do domingo, dia 26, estava prestes a chover.

A organização social e as atividades desempenhadas em cada aldeia dependem sobretudo da orientação religiosa, que, de um modo geral, quando há famílias de subgrupos diferentes, absorve os modos, representações e experiências diversos, criando um perfil próprio. Há também aldeia onde os indivíduos que pertencem a uma subdivisão distinta da maioria passam a respeitar as regras (sociais e políticas) e a adotar costumes e rituais do grupo local dominante⁴⁵.

Enquanto ela permanecia em silêncio, meus olhos procuravam semelhanças e diferenças entre o cemitério indígena e o cristão. Mais do que isso, buscava evidências do que havia restado do ritual Guarani antes da colonização portuguesa e consequente presença dos jesuítas. O que observei foi que, ao invés de lápide em mármore ou cimento, apenas uma construção em madeira, uma espécie de reprodução semelhante a um barco. O modelo reproduzia não o barco como elemento de transporte de seres ou coisas, mas o elemento que transporta a alma indígena para a Terra dos Sem Males.

Sobre as cruzes, que mais parecem lemes, elas, ali fincadas, parecendo definitivas, guardam um outro ritual: o da cruz, mas não a cruz cristã e, sim, o símbolo guarani – uma cruz envolta em tecidos que dão a impressão de velas – a leveza dos tecidos, quando tocados pelo vento, parece fazer com que o barco singre as águas em direção a Terra dos Sem Males.

⁴⁵ LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p.64.

De acordo com registros históricos feitos pela Itaipu Binacional durante a construção da hidrelétrica, o enterramento dos primeiros habitantes indígenas era realizado de duas maneiras:

Nesta região os enterramentos registrados na tradição Tupi-Guarani podem ser primários ou secundários, sendo o último o mais frequente. O enterramento primeiro caracterizava-se pela disposição do corpo em grandes urnas logo após a morte antes de ser atingida a rigidez cadavérica. Neste caso, o corpo ainda quente é disposto em posição fetal e depositado no interior da urna. Os enterramentos secundários consistem na deposição dos ossos em grandes urnas. O corpo era primeiramente sepultado na terra, após a decomposição da carne os ossos eram desenterrados e limpos, sendo, então, colocados no interior de urnas. Em ambos os casos as urnas eram geralmente tampadas e quase sempre estavam acompanhadas de oferendas⁴⁶.

Aos primeiros mortos eram depositadas flores e pétalas como companhia. Com o passar do tempo, os despojos passaram a ser protegidos por pedras e, em seguida, também com armas, num claro registro histórico dos períodos vividos.

“A sepultura neanderthalesa testemunha não só uma irrupção da vida humana, mas também modificações antropológicas que permitiram e provocaram a irrupção⁴⁷”. Na aldeia, a ausência da urna é provocada pela inexistência da produção de artesanato em cerâmica, principal característica Guarani. A referência ao método e falta da cerâmica foi citada por Lorenza durante entrevista em profundidade⁴⁸, realizada um mês antes da morte de Juscelino. Lorenza teve sete filhos, dois morreram, conforme relato feito por ela:

– Eu tive mais dois, mas um morreu aos dez anos após ser atingido por um pedaço de telha na cabeça. Ele estava brincando com amiguinhos e a telha bateu bem aqui. [Ela mostra a região da nuca]. Ele morreu na hora. Depois uma menina de um ano que ficou doente e também morreu.

– A senhora os enterrou onde? Isso se a senhora quiser falar sobre o assunto.

– A gente enterrou ali no cemitério adiante. O índio Coronel é nosso compadre, porque ele ajudou muito na hora de enterrar, então ele ficou nosso compadre.

– Antigamente eram feitas urnas de cerâmica e o corpo era enterrado lá dentro na posição de feto. Foi assim também com os seus filhos?

– Antigamente era assim, mas agora a gente não faz mais porque não tem mais a cerâmica. Agora usamos como o branco dentro de um caixão.

⁴⁶ A informação sobre o ritual do enterramento faz parte do roteiro de visitas do Ecomuseu da Itaipu Binacional. Para mostrar com detalhes, foi construída uma réplica do cemitério no pátio do museu, o primeiro ponto de parada dos visitantes.

⁴⁷ MORIN, Edgar. **O Paradigma do Perdido: a natureza humana**. Lisboa: Publicações Europa – América, Ltda. 2000. p. 22-155.

⁴⁸ * L.

A alteração da tradição da cerâmica para a taquara e agora para os caixões de madeira foi repetida pelo pajé Luiz Coronel durante a série de entrevistas para este trabalho. Durante o enterro da mãe dele, realizado há trinta e dois anos, o costume ganhava outro recurso que não era a urna feita em cerâmica.

Ela foi enterrada quase no costume branco, mas só que os brancos usam caixão de madeira e nós a enterramos em um caixão feito de taquara. Nós fizemos uma espécie de cesto e enrolamos o corpo em um pano e colocamos ela dentro. A gente cantou cantigas durante o enterro⁴⁹.

A troca da cerâmica pela taquara alerta para a realidade de que há mais de três décadas o Paraná ainda mantinha uma cobertura vegetal nativa, permitindo o uso de taquaras, mesmo material usado para a construção das cabanas indígenas. Atualmente, devido à devastação da flora, invadida pela mecanização, e a perda da tradição ceramista, pela ausência de argila nos assentamentos, Juscelino foi envolto em um caixão de madeira.

A cova atendia à disposição (sentido) do primeiro corpo enterrado há sete anos. “Não devia ser essa posição e, sim, a posição do nascer do sol”, reclamou Graciela. Para os índios, o sol não faz uma circunferência em torno da terra. O trajeto de *Kuaray* (sol) atende pelas seguintes disposições:

Ao meio dia no centro (*arambyte*). No fim do dia, vai para *nhandekupére* (às nossas costas), o poente, e passa por trás do mundo para nascer em *nhanderenondére* (na nossa frente), no nascente. Seu percurso se dá, portanto, em linha reta, pela frente e por trás do mundo. Revezas com *Jaxy* (lua), formando o dia e a noite⁵⁰.

Ladeira também registra a importância que os índios reservam para o sentido das construções.

Os pontos cardeais estão associados, para os Guarani, com as regiões dos *Nhanderu ete* (ou *Nhee Ru ete*). Essas forças que regem o mundo terreno (*yvy vai*) indicam como eles devem se orientar e localizar seus bens (casa, roça, objetos pessoais), de modo a estar em sintonia com o lugar e com os movimentos de seu *nhee Ru ete* (pai de sua alma)⁵¹.

⁴⁹ * C.

⁵⁰ LADEIRA, Maria Inês. **O Caminhar sob a luz: território mbya à beira do oceano**. São Paulo: Ed. Unes, 2007. il. p.110.

⁵¹ LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya: significado, constituição e uso**. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p.166.

Sobre o monte de terra, um cachimbo pequeno. O assessório era usado por Juscelino durante as rezas. Ele já participava dos rituais, em que a fumaça é soprada como forma de “afastar os maus espíritos”.

“A fumaça é para doença na terra que são os vários tipos. Os brancos usam do jeito deles para a cura e os pajés usam a fumaça e o cachimbo como símbolos de Deus”. Temos duas formas de fazer que é com a oração e com o cachimbo⁵².

– A oração do cachimbo, quando o senhor usa?

– O cachimbo eu uso quando estou na casa de reza [*Opy*] e chega a pessoa doente, eu vejo que ela não está bem. Então, eu pego o cachimbo e, através do Deus [*Nhanderu*], então a força de *Nhanderu* faz a pessoa ficar boa, forte de novo.

– Por que o uso da fumaça?

– A fumaça é para doença na terra que são os vários tipos. Os brancos usam do jeito deles para a cura e os pajés usam a fumaça e o cachimbo, é o símbolo do Deus.

– E quando utiliza a reza para curar?

– A reza é por meio do violão, do chocalho, é através do chocalho que reza. Nessa reza a gente pede para a pessoa viver bem. Para a pessoa não maltratar outra pessoa nem a própria família⁵³.

Sobre a Casa de Reza entregue pelo Governo Federal dentro do projeto de alvenaria, com cobertura de telhas vermelhas, rede elétrica, ela sempre permaneceu fechada.

1.4 Apyka Ritual das Cruzes

A cruz usada provisoriamente será substituída por outra, após o “ritual da cruzinha”, como explica Lorenza.

Depois que a pessoa morre é feita uma cruz seguindo as explicações dadas pelo pajé. É ele que ouve o que *Nhanderu* diz e repassa para a gente ir fazendo a cruz. Depois que termina nós vamos na casa de reza durante 15 dias, só então colocamos definitivamente a cruz.

⁵² Trecho da entrevista em profundidade concedida pelo pajé Luiz Carlos Coronel. Material completo, ver apêndice B.

⁵³ * C.

Antes de chegar ao cemitério, Graciela contou que desde a morte do menino o tempo na aldeia permanecia encoberto e com chuvas somente no local do cemitério. “O pajé disse que *Nhanderu* está triste, e o jeito de mostrar é deixando o céu assim”. Há, também, entre os índios o temor de que a morte de uma criança seja o sinal de tempos difíceis e castigos a serem cumpridos.

A morte, para os Mbya, tem seu sentido social na medida em que é o termômetro que indica o grau de sanidade do Tekoha, que pode ser fator indicativo de novos caminhos, agindo como alerta, reafirmando as normas corretas para a conduta social. (...) Desse modo, as mortes também trazem indicações distintas se foram súbitas, trágicas, de crianças pequenas, realizadas por feitiços, por doenças etc⁵⁴.

No local, a jovem mostra as cruzes colocadas. “Se a pessoa enterrada não gostar da cruz, ela joga a cruz no chão. Se isso acontecer o pajé tem de explicar como deve ser a nova cruz”.

A mesma referência sobre a presença das almas por meio de deslocamento de objetos é citada por Ladeira. A observação da autora teve como foco os índios Garani-Mbyás, no litoral de São Paulo e no Sul do Brasil. As alterações provocadas pelas almas foram citadas pela autora como acontecendo principalmente na *Opy* (Casa de Reza). O fato de nenhuma narrativa localizar o cemitério como local de manifestação reforça o propósito deste capítulo onde os registros feitos podem ser considerados inéditos.

As almas deixam marcas de suas visitas, por meio da transfiguração de objetos ou da alteração de seus lugares, sobretudo os de uso ritual, na *opy* (casa de rezas) e no elemento da natureza. Durante os rituais coletivos na *opy*, especialmente por ocasião do ritual de atribuição de nomes-almas, deve acontecer o encontro entre as almas dos vivos, dos que estão próximos ou distantes, e dos mortos⁵⁵.

No cemitério onde o corpo de Juscelino foi enterrado, havia tecidos amarrados às cruzes. A largura era de cerca de quinze centímetros e, nas pontas, três dobras em pregas. O ritual, narrado a seguir por Graciela, parece ser típico da tribo:

⁵⁴ LADEIRA, Maria Inês. **O Caminhar sob a luz: território mbya à beira do oceano**. São Paulo: Ed. Unes, 2007. il. p.120.

⁵⁵ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.151.

É o nosso costume fazer essas faixas. A família do morto é quem escolhe a pessoa que vai costurar. Eu e minha mãe fizemos quase todas. A gente vai na casa da pessoa que morreu e pega o tecido. Naquele caixão ele é vermelho com flores porque não tinha nenhuma roupa branca na casa. Como é uma mulher que foi enterrada ali, e ela é a primeira que morreu na aldeia, decidimos pegar esse tecido colorido.⁵⁶

Ainda no campo visual, garrafas haviam sido colocadas aos pés da cova. O vasilhame continha água.

— Essas garrafas são para que o morto beba água quando ele está com sede. Olha, ali tem o copo cheio de água e veja que está faltando água na garrafa. Após mostrar o Campo Santo ela olha para o céu e diz:

— Viu, está chovendo, é só neste lugar, disse ao recusar-se a correr por entender que deveria respeitar o desejo de *Nhanderu*.

Nos túmulos, um detalhe remonta ao passado das histórias, quando os corpos mais eminentes eram colocados em canoas, ateando-se fogo e lançando a embarcação no rio. No entorno do monte de terra, onde estão enterrados os pequeninos, foram plantadas estacas em formato de arca.

Os *nhee ru ete* enviam as almas aos seus filhos que nasceram na terra, por ocasião do ritual do batismo dos nomes-almas. As almas (*nhee*) também movimentam-se, seguem o percurso até seu pai (*nhee Ru*), aquele que as enviou. É o *apyka* (peça ritual feita de cedro, com forma de canoa) que reúne *Nhanderu Kuéry* (todos os *Nhanderu*, os *nhee ru ete*) na *Opy* (casa de rezas) e os transporta simbolicamente entre os dois mundos⁵⁷.

Observar à distância a imagem remetia a pequenas embarcações, mas no meio da floresta. Se tomarmos a frase “e os transporta simbolicamente entre os dois mundos”, é possível substituir a “vida e a morte”, como indica a autora, para a realidade atual entre o “passado e o presente”. Cravada em meio a uma área em reflorestamento, os moradores estão distantes de rios, já quase sem árvores para cortar e fabricar a *apyka*. Então, sem expectativa de ter esse lugar de origem e sem a Terra sem Mal, na *Tekoha Añetete* eles, além perseverar nessa busca, constroem essa Terra eterna.

O relatado acima, resultado de uma experiência única, até então, ganha mais contorno de registro histórico nato, quando comparado ao que relata Clusters. Ele

⁵⁶ Depoimento completo de Graciela, ver DVD anexo.

⁵⁷ LADEIRA, Maria Inês. **O Caminhar sob a luz: território mbya à beira do oceano**. São Paulo: Ed. Unes, 2007. il. p.151.

assegura que a busca da Terra sem Mal é “uma particularidade rara, somente encontrada na América do Sul desenvolvida exatamente entre os Tupis-guaranis⁵⁸”.

Como visto no capítulo um, sobre a localização e pertencimento dos guaranis da *Tekoha Añetete*, ele fazem parte da mesma filiação linguística dos tupis-guaranis. Clusters também assegura que eles, os “guaranis, ocupavam um território muito vasto: ao Sul, os guaranis estendiam-se do Rio Paraguai, ao oeste, até o Litoral do Atlântico, a leste, quanto aos tupis, eles povoavam esse mesmo litoral até a foz do Amazonas, ao norte, e penetravam no interior do país a uma profundidade imprecisa⁵⁹”.

Apesar destes afastamentos e distância entre eles e suas respectivas regiões, Clusters afirma que eles demonstravam “grande homogeneidade cultural” e que essa semelhança existia porque eles já pregavam sobre a Terra sem Mal, mesmo antes do encontro deles com os europeus e que este primeiro contato tenha acontecido. “De fato, foi com os tupis do litoral que se estabeleceram os primeiros contatos entre europeus e índios no início do século XVI. Viajantes e missionários de diversas nacionalidades deixaram sobre estes povos uma abundante literatura, rica em observações do tipo, particularmente no que se referem às crenças e aos costumes⁶⁰”.

E foi ao analisar este legado que o pesquisador viu-se diante do que pode ser considerado como o nascer do discurso sobre a Terra sem Mal. Antes de adentrar a este território tão revelador se colocado, no lugar onde esta Tese aqui defendida se refere, na *Tekoha Añetete*, durante o enterramento de Juscelino, o Pajé Rezador revelava que a missão de explicar e manter o rito do que era ser pajé cabia ao mais velho e este o fazia por meio, única e exclusivamente da fala.

Aportados ainda no território Añetete, Seu Aleixo Bogado, 105, era o Pajé conselheiro e exercia seu poder por meio da fala, não de outro modo. Claster alerta que este Modo dos guaranis agirem, por meio da pregação da palavra sobre a Terra sem Mal é anterior à presença do branco e que também não deve ser confundida com o Xamanismo. O xamanismo, segundo Clusters, era usado pelos guaranis também, mas no terreno mais material, assegurando “coesão social⁶¹” como em outras nações

⁵⁸ CLASTERS, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. Tradução Theo Santiago. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p.124.

⁵⁹ Ibid, p.125.

⁶⁰ Ibid, p.125.

⁶¹ CLASTERS, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. Tradução Theo Santiago. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 125.

indígenas, que tinham como elementos místicos, heróis culturais, mas essas semelhanças paravam ali.

...As crônicas dos viajantes franceses, portugueses e espanhóis, testemunham uma diferença tão considerável que confere aos Tupis-Guaranis uma posição absolutamente original no horizonte dos selvagens sul-americanos. Com efeito, os recém-chegados depararam-se com um fenômeno religioso de dimensão e natureza tais que eram rigorosamente incompreensíveis pelos Europeus... Que fenômenos eram esses? Além das guerras incessantes, eles eram extremamente religiosos e o estranho fenômeno do profetismo”.⁶²

Clasters demonstra sua surpresa por meio do modo como reproduzir a análise, ele o faz por meio de questões levantadas por ele, seguindo das respostas. Uma espécie de lide jornalístico com: Onde? Como? Por quê? Quando? Esse profetismo, visto por meio dos documentos citados pelo antropólogo, estava no fato de os guaranis terem anunciado, por meio da palavra, que tinha como corpo a existência dessa Terra Sem Mal.

Por ser próprio somente dos guaranis que moravam na selva, Clasters definiu como “fenômeno autóctone que nada deve ao contato com o Ocidente, e que não estava, por isso mesmo, de modo algum orientado contra os brancos; tratava-se claramente de um profetismo selvagem do qual a etnologia não assinalou nenhum equivalente noutros lugares⁶³”.

Para o pesquisador, ao ser avistada essa forma de usar a “fala, e falar era sua única atividade sobre a Terra sem Mal”, não podia ser esperada outra reação de quem os ouvia, se não fosse “a manifestação pagã do demônio e, nos artifícios desse movimento, os sequazes de satanás⁶⁴”.

A definição sobre a Terra sem Mal realizada pelos índios escolhidos para essa missão e que não eram impedidos, em quaisquer territórios que entrassem ou estivessem, seja em guerra ou em rivalidade, ao contrário, eram recebidos como ‘deuses’, carregavam não só o mesmo conceito, mas a mesma convicção ouvida atualmente na *Tekoha Añetete* da índia Lorenza, do Pajé Rezador e dos índios mais

⁶² Ibid., 126.

⁶³ Ibid., 126.

⁶⁴ Ibid., 126.

velhos: A Terra sem Mal se tratava “de um discurso, para além do discurso, da mesma maneira que eles mesmos se achavam para além do social⁶⁵”.

Esse pregar buscava “um mundo bom”, diferente do “mundo mau” em que eles estavam inseridos, ou então já se preparavam para ser enquadrados antevendo a chegada do descobridor. Ou ainda, queriam buscar outra terra, não aquela das guerras já travadas pelos guaranis, ou existente apenas na pena de quem escreveu sobre o “Povo Selvagem que só sabe lutar”.

Esta busca pela Terra sem Mal, segue Clasters, além de tornar o guarani único, também fez dele exemplo desta busca, resultando na perda de muitas vidas. Essa busca pregada pelos *Karaí* era a constatação da morte da sociedade. O pesquisador afirma que, apesar de quase dizimados e das grandes transformações enfrentadas pelos guaranis, tanto o legado como os *Karai* ainda resistem e seguem em busca da Terra sem Mal.

“A tudo isso convém acrescentar que o profetismo não desapareceu com os tupis do litoral”. Com efeito, eles são mantidos entre os guaranis do Paraguai, cuja última migração em busca da Terra sem Mal ocorreu em 1947; ela conduziu algumas dezenas de índios Mbyás, até a região de Santos, no Brasil.

Clasters apenas diz que a essa migração de fluxos cessou no Brasil, não sua mística. A certeza de Clasters foi vista em 2008, final da tarde, na *Tekoha Añetete*, onde os índios recolocados, após cinco despejos, reproduziam o ritual da Terra sem Mal no enterro de Juscelino. Sobre a covinha do menino e de todos os que lá jazem no cemitério, nasce não apenas o genuíno, mas eterniza essa busca por meio das *Apykas*.

Não só a profecia se repete, como também os guaranis aprenderam a resistir por meio do próprio crer e usando o crer do outro:

— A gente coloca a cruz, não porque acredita nesse sentido que o branco acredita, mas é porque branco no estraga onde tem cruz, lembra Lorenza e a imagem mostra tanto o sentido material como imaterial do legado dos *Ikaraí*.

⁶⁵ CLASTERS, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. Tradução Theo Santiago. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 128.



Figura 7: Foto como ilustração As *apikas* (peça ritual feita de cedro, com forma de canoa), junto com a cruz (da crença cristã do descobridor e do colonizador) eternizam para o futuro a continuidade da Terra sem Mal. O Guarani guarda seu legado nos cemitérios, onde a inexistência deles garante a existência.

Fonte: VENDRAME, 2008

1.5 Pajé não teme a prisão da alma, mas o esquartejamento da própria história



Figura 8: Foto como ilustração O Pajé rezador mais antigo entre os índios em atividade pede para que sejam apagadas, pela neta Aline, as fotos dos detalhes. Acima, a direita ele está sendo e só deixou o local quando assegurado que o via havia sido extinto.

Fonte: VENDRAME, 2010

No final da tarde de janeiro de 2010, o Pajé Rezador mais antigo em atividade na Aldeia, Gerônimo Alvez, 85, aproximou-se do local onde os netos e bisnetos dele, entre eles Aline Alvez, 12, usavam uma das máquinas fotográficas para fazerem fotos.

Elas fotografavam tudo. A casa onde moravam, a grama, a antena parabólica, os colegas. Nem mesmo um cão sarnento que cercava o local em busca das migalhas deixadas pelo lanche que já era tradicional após mais um dia de trabalho, escapou do *click*. Também era o momento em que as fotos realizadas durante a jornada eram baixadas no computador portátil para o início da escrita do Diário de Campo.

Não é possível assegurar por quanto tempo o Pajé estava observando, apenas fez-se visível no momento em que Aline chama para que o ‘visitante’ fosse atendido.

— O pajé quer que você faça foto dele, diz a menina ao traduzir o Guarani.
 — Sim, sim, respondo com disposição. Entendi o pedido como mais uma manifestação de um dos métodos da pesquisa em profundidade, onde o observador sem interferir ou então pedir, apenas segue os movimentos e manifestações espontâneas na Aldeia.

“Entrevista em profundidade é um técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar das questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou se esteve envolvido”, lembra Jorge Duarte conforme citado na metodologia adotada para esta tese.

Essa fase de ser procurada para seguir com eles e participar da vida deles só aconteceu após 10 dias de permanência em 2006 quando estive no local pela primeira vez em busca de subsídios para o mestrado. Levanto de onde estou, pego a câmera e sugiro:

— Aline traduz para ele que podemos fazer as fotos agora que o sol está se pondo, assim o fundo fica bonito.

Exercitava, naquele momento a busca do belo, da história, do registro de um patriota da Nação Guarani. Ao sugerir que a foto fosse realizada com o pôr do sol, abria-se ali outro momento genuíno do que tem sido tema: O valor de uma imagem. “Nas primeiras décadas da fotografia, esperava-se que as fotos fossem imagens idealizadas. Ainda é esse o objetivo da maioria dos fotógrafos amadores, para quem uma bela foto é uma foto de algo belo, como por exemplo: uma bela mulher, um pôr do sol⁶⁶”, disse Susan Sontag ao escrever sobre a História da Fotografia.

Arlindo Machado, em *Máquina e o Imaginário*, buscou no exemplo de Sol Worth e de Pierre Bourdieu explicação tanto para o ato de as crianças fotografarem-se como o pedido do Pajé:

A perspectiva de Worth lembra um pouco a de Pierre Boudieu (1978), segundo o qual a fotografia, tal como era praticada a nível popular, é um ritual

⁶⁶ SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 40.

doméstico onde tomam forma os sistemas éticos e estéticos de cada grupo social. Se o ato de fotografar é concebido como promoção do objeto fotografado, o repertório de situações e eventos *fotografáveis* constitui um inventário precioso dos valores do grupo⁶⁷.

Percebo que Aline fala com o avô e ele responde de pronto em guarani. Ela traduz.

— Ele disse que vai vir amanhã cedo, logo cedo porque ele quer estar vestido de Pajé.

A resposta leva-me a olhar pela primeira vez com a atenção que reservaria por meio da lente para o senhor que pede para ser fotografado para apropriar-se do registro da própria imagem. Magrinho, cerca de 1.65 de altura, vestia camisa branca e calça marinho. Nos pés, as sandálias de dedo com uma tira de cada cor.

Machado escreveu que:

A necessidade que alguns deles (índios) começam a manifestar de registrar em fotografia ou vídeo os rituais de sua cultura constitui o melhor sintoma de um sentimento de perda ao que parece irreversível. A “pureza” de sua cultura centenária é hoje apenas uma imagem que eles apresentam exclusivamente para as câmeras da imprensa e da televisão⁶⁸.

A hipótese de Machado não parecia caber no ato de Alvez. Assemelhava-se mais ao cotidiano de todos, onde ao perceber uma oportunidade de ter uma foto, busca-se o melhor ângulo, ajeitar o vestido, retocar a maquiagem. Alvez manifestava a intenção de fazer-se bonito e o belo, neste caso, eram as indumentárias que usava em momentos especiais, fato que ao ser avisada da presença do visitante a menina pronunciou Pajé, mesmo ele estando sem os aparatos indígenas.

Contribui para este pensamento o texto de apresentação de um dos portais mais recomendados na abordagem de temas sobre Os Povos Indígenas no Brasil⁶⁹. Ao interpretar o Estatuto do Índio, o PIB, rejeita o fim do Povo Indígena, ao contrário “defende que se trata de direitos marcados por pelo menos duas inovações conceituais importantes em relação a Constituições anteriores e ao chamado Estatuto

⁶⁷ MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 240.

⁶⁸ Ibid., p. 242.

⁶⁹ <http://pib.socioambiental.org/pt>

do Índio. A primeira inovação é o abandono de uma perspectiva assimilacionista, que entendia os índios como categoria social transitória, fadada ao desaparecimento⁷⁰.

Essa descrença sobre o fim dos Povos Indígenas, é necessário reforçar, não se deve às vastas tentativas de apoderação do não-índio sobre a existência de quem já foi classificado até de incapaz, tendo que ser necessário uma Lei⁷¹ para assegurar que o índio existe, dotado de potencial a garantir a própria existência. Exemplos sobre as investidas de erradicação não faltam, tanto que a própria Igreja demorou 200 anos para reconhecer que o índio é gente. Essa esperança também não é meramente altruísta, mas está fincada na resistência imposta pelos próprios índios.

Percebê-los, pela quinta vez, no caso dos Guaraní da *Tekoha Añetete*, refazerem-se novamente fora do local de origem, não me parece ser tarefa fácil para quem “é incapaz⁷²” e necessita ser amansado. Seu Gerônimo era a prova talvez mais contundente de todo esse fazer: querer ser mostrado e visto como índio que resiste, busca brechas, reage como a “murta”⁷³ que se adapta a novos sentidos, mas não desaparece e não deixa de ser árvore.

Castro, em o Mármore e Murta, foca para a realidade com que as nações indígenas parecem aceitar o novo forçado, mas imediatamente aceleram mecanismos próprios, internos como se fossem o próprio reino natural, como plantas ornamentais, nascidas para serem domadas que, ao serem podadas, não aceitam o destino dado ao mármore que é a definitude, ao contrário, elas tornam a ramificar e essa evidência de novos galhos, evidenciam a mesma força natural indígena, então elas brotam exatamente do local onde a poda foi mais radical.

— Diga que levanto às 7h e que vou esperar por ele aqui.

Do mesmo modo com que chegou, Alvez retirou-se. No dia seguinte, por volta das 8h, apesar da chuva que havia caído durante a noite, Alvez chegou trajando não

⁷⁰ <http://pib.socioambiental.org/pt/c/direitos/constituicoes/introducao>

⁷¹ Para explicar às comunidades indígenas o que significa a expressão "relativamente incapazes", como está no Estatuto, o ISA produziu, em 2000, [um texto dirigido a elas](http://pib.socioambiental.org/pt). As questões apresentadas e discutidas a partir deste texto ainda hoje estão em discussão. <http://pib.socioambiental.org/pt>.

⁷² ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à Vista!**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

⁷³ Capítulo 3 sobre o Mármore e a Murta de Eduardo. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Ed. Cosac Nafity, 5ª ed., 2013. p. 183 a 284.

as vestes que o tornaram índio, isso ele já era, mas com os pingentes próprios de uma autoridade, no caso dele, o de rezador na aldeia.

A performance dele é bastante comum fora da reserva, especialmente em solenidades de posse, onde não basta dar o poder por meio da passagem do cargo, como por exemplo para prefeitos, governadores e presidente. A chamada foto oficial preferida para a publicação não é nem aquela onde o representante assina, mas o momento em que o outorgado impunha a faixa atravessando-a ao corpo, como é o caso dos Presidentes das Repúblicas de quase todo o mundo.

Conforme mostra a imagem de corpo inteiro, publicada acima, ele vestia a mesma roupa, mas trazia os assessórios que flagrantemente lhe impunham autoridade além da aldeia e ele desejava ver-se e ser mostrado com cocar e colares. A sessão para a busca da imagem durou cerca de dez minutos. Ele, quieto, atendia aos pedidos, desta vez sem intérprete, para posicionar-se à medida que considerava necessário para o álbum que seria entregue a ele quando passados todos os estágios que exige uma foto: baixar, escolher, imprimir conforme o pedido do Pajé.

Ao fim do registro Alvez é convidado a escolher a foto que seria reproduzida em retrato. Ele senta-se na cadeira indicada, fica a poucos centímetros de distância, é possível ouvir a respiração dele diante do silêncio do local, ele também tem aroma da fumaça, cheiro característico de quem rejeitou o fogão a gás e prefere cozinhar usando lenha.

À medida que as fotos são mostradas, as de corpo inteiro ele mantém silêncio, porém quando inicia a sessão dos detalhes, onde o corpo dele aparece fragmentado por meio do chamado detalhe fotográfico, ele parece incomodado. Retomo as imagens, busco saber se, de fato, é uma reação existente. Ao mostrar pela segunda vez a sessão dos detalhes ouço um leve tocar no ombro. Deixo a tela e olho para ele, ali sentado bem na posição que eu o havia fotografado, sentado na cadeira.

O dedo dele vai para as fotos em detalhes e retorna em sentido negativo. Estava evidente que ele não as queria. Insistia nas poses de corpo inteiro.

— Só essa? aponto para a de corpo inteiro.

— Sim, só essa, ele repete, levanta-se e vai em direção da casa onde morava a neta Aline. Pouco tempo depois ele retorna com ela e a faz traduzir o que dizia:

— Ele diz que índio é inteiro, todo inteiro e não metade e pede para você apagar as fotos onde não está inteiro.

Mostro para ela onde estão o motivo do descontentamento, e ele manda a neta apagar. Ela senta-se em frente ao computador e ensino como “apagar as fotos”, do computador não da memória. Até a banca de qualificação, ocorrida no dia 5 de dezembro de 2013, tinha como certo que Alvez estava evitando ter a alma capturada como demonstravam os Canelas ou então, Lorenza no contesto de morte.

Porém, ao ouvir a contribuição dos professores: Amálio Pinheiro, presidente da banca, Conceição Cabrini e Luiz Fernando dos Reis Pereiras, sobre experiências já ouvidas por meio de outros trabalhos foi quando Pinheiro reproduziu o que me fez investir em nova perspectiva:

— Quando eu estava no Catamarã, andando pela Amazônia, uma professora que era uma índia contou uma coisa muito interessante. Uma equipe deu uma câmera para os índios filmarem, eles filmaram o dia inteiro e, quando entregaram o material, o editor disse que editaria, eles se recusaram porque consideravam que a vida não tinha cortes.

Ao retornar Para Foz do Iguaçu e analisar o dito na banca e a cena registrada na Tekoha, surgiu um novo sentido, era acordar do torpor histórico até então reproduzido. Alvez havia produzido, naquele momento em que recusara parte das fotos, um novo sentido. Ele não temia ter a alma capturada pela lente como seus antepassados, porque ele demonstrava aceitação plena da imagem de corpo inteiro.

O Pajé Rezador recusava-se, acima de tudo, ver-se exibido em pedaços, desconstruído, podado por meio das imagens em detalhes. Para ele, a história dele, a vida deles não poderia mais ser divulgada a partir do olhar de quem observa, separada do todo e do observado. A imagem poderia até pressionar-lhes a alma como faziam crer quem pela primeira vez escreveu sobre o tema, porém ele insistia em não ver-se esquartejado em nova história que começava a ser construída ali, naquele dia.

Com um pouco de constrangimento, mas com a coragem exigida em campos como esse, foi o de perceber também que as palavras de Pinheiro antecipavam um estágio ainda ignorado durante este trabalho, o visto pela banca permitindo nova abordagem a este capítulo ao conjunto da tese: “Em todas as culturas com mais ou com menos, existem mecanismos. Essas culturas estão preparadas para mudar também. Às vezes a gente acha que essas culturas não estão preparadas”.

Bastava olhar para o corpinho de Juscelino, onde havia mais palha e bambu para a mortalha final. Enquanto aguardavam pelo caixãozinho branco, que mais tarde

chegou na aldeia, trazido pela Funerária que exigiu que um laudo fosse preenchido, oficializando a entrega da encomenda, a Aldeia preparava-se para “cuidar do corpo”.

— Índio fala velório porque fica mais fácil para branco entender do que ser trata, disse Lorenza enquanto pedia, em guarani, se a mãe do menino lembrava qual era o tecido que ele mais gostava no interior da casa.

A fala dela deslizava para o mais diplomático possível da crítica ao sistema de submissão realizado ao serem “civilizados pela palavra dos Jesuítas⁷⁴”. Ao dizer velório, ela atendia ao ensinado, mas trabalhava para o preservado “O Modo de Ser Guarani” que era prover, para a cerimônia, um pedaço do tecido indicado pela mãe para ser amarrado à cruz a ser fincada na terra indicando onde estava a cabeça do menino.

O modo de enterramento era o de resistir. Esse manter-se na origem, quase sempre foi definido fora das aldeias e dentro delas por não índios como afronta e não como direito à própria existência. Um exemplo é o reproduzido por Castro no conteúdo da fala de Padre Vieira em seu repertório de queixas: “A gente desta terra é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas há no mundo⁷⁵”.

A fala de Alvez reclamava o direito de ser índio e poder viver a realidade na prática, fora do papel assegurado pela Constituição Federal do Brasil⁷⁶. Pela lei brasileira promulgada em 1988, o capítulo dedicado aos índios determinou: “Com os novos preceitos constitucionais, assegura-se aos povos indígenas o respeito à sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições”. Pela primeira vez, reconhece-se aos índios no Brasil o direito à diferença; isto é: de serem índios e de permanecerem como tal indefinidamente⁷⁷.

⁷⁴ HANSEN, João Adolfo. **A Civilização pela Palavra**. O capítulo registra o modo usado pelos Jesuítas para catequizar e educar os índios.

⁷⁵ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Ed. Cosac Nafity, 5ª ed., 2013.

⁷⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Constitui%C3%A7%C3%A3o_brasileira_de_1988

⁷⁷ <http://pib.socioambiental.org/pt/c/direitos/constituicoes/direito-a-diferenca>

1.6 Branco Mente muito

— O branco vem aqui e enche a gente de promessas. É como esse monte de argila que você está vendo. Ela é muita para pouca gente fazer artesanato, mas a gente faz de conta que tá certo e, no fim, metade vai virar pedra e assim seguimos — emendou a mulher do professor Lorenza Chamorro, 37, nome de batismo Arapoty – significa Céu Florido.

Lorenza chegou ao local onde havia estabelecido que manteria a carteira escolar e uma das cadeiras para escrever o Diário de Campo. Usava a sombra da casa e a calçada como escritório. Assim, podia ser vista pelos moradores, assim como podia ver parte da aldeia: A casa do Cacique Mário, 25 anos, a casa do professor João, a Escola, o Barracão das Máquinas o espaço para fazer painéis de argila e o Posto de Saúde. Ela pediu para conversar a sós, estava cheia de mistérios e parecia um pouco constrangida para pedir.

Conto o que faço na aldeia, mostro fotos, digo o que vi desde que cheguei. Ela fala sobre “a vida do índio na aldeia” e, finalmente, revela o motivo da visita:

— Queria enviar uma carta para o Gugu, mas não sei escrever português. Ele sempre distribui presentes para pessoas que têm problemas. Eu queria escrever sobre o meu sofrimento de não ter conhecido o meu pai. Acho que ele morreu, ou então foi para outro lugar.

A narrativa durou cerca de uma hora. Contou que o irmão dela havia sido considerado herói ao saltar nas corredeiras das Sete Quedas⁷⁸, durante a queda de umas das passarelas em 1982, matando 32 turistas. Parte da família dela morava na região e teve de deixar a área também alagada, poucos meses antes do local ser encoberto pelas águas na Formação do Lago.

— No passado, o meu avô falava que o colar do índio era o seu CPF, o cocar era a Identidade, a pulseira, a Carteira de Trabalho e a mata era nossa Bandeira. Hoje isso não vale mais nada. Ela aparentava contrariedade com que ela havia acabado de constatar.

⁷⁸ Veja a matéria sobre a queda da passarela. Nela apenas um pescador que não é índio é mostrado como herói. http://www.youtube.com/watch?v=aPU2bEk_kio

Ao fim da fala disse que retornaria para, então sim, escrever uma carta ao apresentador Gugu Liberato para receber presentes como via com frequência nos programas de domingo por meio da televisão.

Também ficou marcado para o dia seguinte seguirmos para a cidade onde Lorenza precisava conferir se o dinheiro do marido havia sido depositado no Banco Itaú por meio de transferência entre agências, porque a cidadezinha não possuía uma Agência da Caixa Econômica Federal. O salário de R\$ 800,00 (oitocentos) era pago pelo Governo Federal pelas aulas na escola *Tekoha Añetete*.

1.7 Caso das Cebolinhas

O “modo de ser guarani” foi observado também fora da aldeia, entre gestores de metas onde as comunidades indígenas são alvos de negociação. Em uma reunião em julho de 2009, na Prefeitura Municipal de São Miguel do Iguaçu, o assunto era: o plantio de cebolinhas na aldeia, o grupo formado por agrônomos e o cacique Daniel Alvez, 32, da Aldeia Ocoy Guarani tentava encontrar uma solução para distribuir 17 mil mudas do tempero doadas pelo Município na época em que a Aldeia preparava-se para a colheita do milho.

— Se não replantar agora as mudas ficam velhas e perde as mudas — insistia o representante da Funai. Ele também chamava a atenção do Cacique para a penalidade que seria imposta à tribo caso fossem abertas novas “brocas”, na área preservada.

— Não pode abrir mais broca. Já cansamos de pedir: chega de broca — repetia. O termo “broca” na linguagem da Funai significa: novas moradias. Os índios não podiam receber nenhuma família, ou casar os filhos e tê-los como vizinhos porque haviam sido remanejados para uma área preservação ambiental, às margens do Lago de Itaipu. A contingência havia sido esgotada.

Ignorando a reprimenda e já sabedor de que seria inútil impor o Modo de Ser Guarani diante do quadro ali apresentado onde maioria havia estabelecido que as mudas tinham que ser distribuídas antes do recesso de fim de ano, o cacique apenas responde:

— Agora é época do nosso milho. Criança sabe que o milho é nossa cultura.

Na manhã seguinte ele pede para ser fotografado junto com a filha Franciele de sete anos. O local escolhido foi a plantação de milho de cerca de três hectares, mantido pela família de Daniel. O quadro vivido em no final do ano de 2009 aproximava, sem mudança, da frase dita por padre Vieira em 1549 e reproduzida por Eduardo Viveiros de Castro no capítulo o Mármore e a Murta: Sobre a Inconstância Selvagem: “O gentio do país era exasperadoramente difícil de convencer⁷⁹”.

Por outro lado, o domador do “gentio” continua a ignorar não apenas o “gentio”, mas o direito de ser índio e viver dentro do Modo de Ser Guarani. Sobre as cebolinhas? Dias mais tarde, elas foram plantadas mas não pela mão indígena. Foi o próprio Bernardes junto com alguns servidores da prefeitura de São Miguel a executar a tarefa na terra do índio.

Parecia apesar de já terem se passado quase cinco séculos do encontro do branco com o índio que a doutrina do poder de escolha criado por Suarez e difundida pelos Jesuítas na Universidade de Coimbra e nos Colégios de Portugal, da África e do Brasil havia morrido junto com a expulsão do autor pelo Marques de Pombal, em 1759.

Suarez acreditava que “Deus certamente concede o poder, mas não diretamente, pois este decorre de um pacto de sujeição. O povo todo, como um único corpo de vontades unificadas, um seja, como um único corpo místico, aliena-se do poder e o transfere para a pessoa mística do rei, que é pessoa sagrada porque representa soberania popular”. No episódio das cebolinhas o Rei era a Funai.

Na doutrina que na época discutia a religião na tentativa de catequisar índios no modelo cristão “o poder implica que a educação deve levar os indivíduos a uma integração harmoniosa como súditos no corpo político do Estado, difundindo-se liberdade”. Ele segue:

A Liberdade Cristã não consiste em estar isento das justas leis humanas nem de estar imunes da justa coação do castigo dos pecados quando se cometem conta a paz e a justiça, mas consciente de uma servidão livre, por amor e caridade que não contradiz o regime humano, mas antes o ajuda, se definitivamente existe, e se não existe o supre com o coração⁸⁰

⁷⁹ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia**. São Paulo: Ed. Cosac Nafity, 5ª ed., 2013. p. 148.

⁸⁰ Todas as citações foram retiradas do capítulo do livro de JA Hansen. **A Civilização pela Palavra**. EMT Lopes, Faria Filho, LM de & Veiga, CG (orgs), 2000



Figura 9: Foto como ilustração O milho é um dos principais alimentos Guarani. A importância do grão ganha um contexto desde o plantio até o preparo. Todo o processo de socar a semente até transformá-la em farinha ou canjica acontece na Casa de Reza (Opy). “Tinha um lugar só para preparara a comida para todos da aldeia, era assada e cozida na água quente sem sal⁸¹”. Da fermentação também resulta a bebida usada durante rituais de cura. Na aldeia os casos de alcoolismo ocorrem por meio de ingestão de bebida comprada em bares próximos da reserva
 Fonte: VENDRAME, 2008.

O Guarani planta milho ao longo do ano. Para ele não existe safra ou entressafra. Semear com frequência é o ‘segredo’ para manter o alimento sempre em estado de grãos próprio para o consumo ainda na forma de espigas. O milho é mais do que alimento, é um ritual entre eles.

Contribuí para o exemplo acima o observado na casa do avô de Daniel, seu Aleixo Bogado. Na época dos encontros, três deles, ele tinha 105 anos. Era o mais idoso da tribo e do estado. O bisneto de Aleixo, Inácio, 13, sempre esteve presente. Ele gostava de filmar, fazer fotos e muitas vezes ajudava a identificar quem era e a que família pertencia a casa. Na casa do ancião, havia três áreas plantadas em diferentes períodos.

⁸¹ Depoimento de do pajé Gerônimo Vogado da Aldeia Tekoha Añetete. Ele e pai do Cacique Daniel. O relato está no livro de HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.92.

— Quando este pedaço está pronto para colher, aquelas as espigas estão molinhas e a outra já começa a florescer — apontava como mão seguras o homem que já havia vivido mais de um século.

Também na casa do ancião, mudas de erva-mate cresciam com vigor. A planta demora cinco anos para produzir folhas para serem colhidas sem atingir a vida da espécie. Imersa em água quente ou por meio do *tererê*, ela é consumida em larga escala. O produto faz parte da cesta básica distribuída pela Itaipu Binacional.

As folhas apreciadas como bebida também ganha destaque no sagrado: É o ritual do batismo. A cerimônia acontece sempre na virada do ano. É o momento em que as crianças nascidas ao longo do ano que termina recebem a proteção espiritual assim como o alimento que está na roça.

A solenidade acompanhada na virada do ano de 2008 para 2009 ainda durante a pesquisa para o mestrado onde o tem foi: Comunicação, Recepção e Consumo Entre os Guarani: o Índio na Mídia e a Mídia na Vida do Índio⁸² começa fora da Casa de Reza com a ‘benção’ de tudo que esteja sendo produzido. Em seguida é a vez de as crianças serem ungidas.

As meninas recebem uma pequena quantidade de erva mate. O composto é totalmente triturado. “Para elas saberem que a vida não é fácil”, sussurra dona Santa, 55. Ela é a mãe do Cacique Mário, 23. Na época ele já anunciava que em breve a aldeia teria Internet. Os meninos receberam pequenos ramos. “Eles serão como a árvore quando crescerem, bonitos e com presença”, acrescentava Santa que era casada com um paraguaio de jeito bem dominador.

A erva-mate é símbolo de saúde e fé na Aldeia. No ritual do Ano Novo – quando acontecem os batizados (*ikaraí*) das crianças e dos alimentos –, a planta é um dos elementos principais consagrados. Os índios homens se apresentam na Casa de Reza (*Opy*) carregando os galhos. As índias participam do ritual também carregando o chá, mas a erva tem de estar triturada, como relata o índio Nilson Florentino, da aldeia Guarani Palmeirinha.

O batismo é realizado na época de outubro a janeiro porque neste mês é época mais quente e época de colheita. (...) No primeiro dia são os homens que batizam a erva-mate. Cada família prepara um feixinho desta erva para cada filho e também para os presentes de outras aldeias que comparecem à cerimônia. No segundo dia são as mulheres que batizam a erva. Elas levam as folhas secas para socar no pilão, depois de moída é colocada em um

⁸² Link da publicação: <http://ppgcom.espm.br/blog/index.php/equipe/>

potinho feito de *cabaça* (*porunga*) e a cerimônia então é feita pelas mulheres sob o comando do *xamói* (pajé)⁸³.

O mesmo relato sobre a importância da erva-mate na cultura Guarani foi registrado por Ladeira ao estudar os hábitos dos Guarani que habitam o Paraguai, a Argentina e o Brasil, na região do Estuário do Prata, conhecida também como Bacia do Prata, envolvendo os rios Paraná, Paraguai e Uruguai.

No final do inverno (*ara yma*), sempre vem uma ventania (*yvytu vaekue*), anunciando os tempos novos. Nesse momento de passagem de um tempo/estação a outro, costumam realizar o *kaa nhemoingüe*, o batismo das folhas do mate. Ritual realizado na Opy, se intensificará e, com isso, o uso da erva-mate, o que pede o ritual de *nhemoingüe*. Se nessa época houver, no Tekoha, crianças ou adultos que precisam receber nomes, estes podem ser revelados, realizando-se conjuntamente o ritual da benção (*nheemongarai*)⁸⁴.

Na casa de seu Aleixo, cada muda da planta estava coberta com ramos de ervas daninhas que o centenário havia capinado. O modo natural de proteger a plantinha do sol. No entorno da casa, como registrado detalhadamente no Diário de Campo⁸⁵, o plantio de milho cerca o local. As batatas, melancia e quiabo haviam sido devastados pela geada do final de agosto. Motivo também que fazia com que seu Aleixo reforçasse a cobertura da erva-mate.

⁸³ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.122.

⁸⁴ LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani**: significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p.173.

⁸⁵ Diário de Campo – realizado entre os dias 31 de dezembro de 2007 e 7 de janeiro de 2008, como primeira etapa do projeto de pesquisa para o mestrado (ver apêndice A).



Figura 10: Foto como ilustração Casa do índio Aleixo Bogado, 105 anos. Ao fundo o milho e a erva-mate. Pendurados ossos, resultado da caça. No “*Modo de Ser Guarani*”, deixar em exposição carcaças de animais significa: sorte e também serve de amuleto contra ‘pragas humanas’
Fonte: VENDRAME, 2008

2. A TERRA PROMETIDA: ENDEREÇO DA QUINTA MUDANÇA EM 150 ANOS DE COLONIZAÇÃO DO OESTE DO PARANÁ



Figura 11: Foto como ilustração Portal de entrada da Aldeia Tekoha Añetete - O acesso à aldeia depende da autorização da Fundação Nacional do Índio (Funai). O escritório responsável pela reserva tem sede em Guarapuava, distante 400 quilômetros de Foz e 340 da área demarcada em Diamante do Oeste, Paraná. Também é necessária autorização da Itaipu Binacional, por meio do Departamento de Meio Ambiente e Sustentabilidade. Quando obtidas as duas autorizações, deve-se apresentar-se ao Cacique⁸⁶ da Aldeia para ter o consentimento para circular e morar. O acesso desta pesquisadora foi submetido e aceito pelo Cacique Mário Alvez, 23 que teve como principal mediadora mãe dele, Dona Santa

Fonte: HIJAZI, 2008.

2.1 Localização da Aldeia Tekoha Añetete

Do alto do morro, cravada entre três montanhas, ressurg⁸⁷ o cenário desta pesquisa: A Terra Prometida⁸⁸. A reserva indígena fica cerca de 15 quilômetros do

⁸⁶ A figura do cacique da Aldeia é política. Ele é uma espécie de porta-voz do local, mas está submetido ao Pajé e à vontade dos moradores.

⁸⁷ A primeira vez que avistei a aldeia do mesmo local foi em 2007, durante pesquisa para o mestrado.

⁸⁸ Terra Prometida ou Terra Definitiva que em Guaraní significa *Tekoha Añetete*. O nome foi proferido pelo Pajé da Aldeia. O significado será largamente apresentado ao longo deste trabalho.

centro da cidade, em um vale. Todo o acesso é pavimentado com paralelepípedos, pedras fixas no solo. O recurso permite o trânsito de veículos, em dias de chuva, até o portal de entrada.

Ao longo do trajeto existem dois vilarejos. No primeiro uma igreja, um salão de festas e uma mercearia. O último, antes da aldeia, fica cerca de 10 quilômetros de distância. O conjunto é composto por uma escola, um orelhão e três bares. Todas vendem bebidas e oferecem jogos de azar, mesas para jogar cartas e bilhar.

Apesar da ausência de moradores próximos, o local está sempre movimentado com a presença de mulheres que parecem à vontade, apesar da pouca roupa que usam e de homens. Muitos deles aparentam serem peões, lidam com os animais de corte da raça Nelore, aliás, percorrer o acesso no final da tarde é ter como companhia milhares de cabeças de gado. Eles se aproximam da cerca a espera da noite, próximos dos currais.

A área batizada de *Tekoha Añetete* foi desapropriada pela Itaipu Binacional. Na propriedade, transformada em pasto, eram criados gado para corte e búfalos. O Povo Guarani divide-se em: Avá, Chiripa e Biá. Os Avá e Biá têm grande apego à agricultura. Os Chiripa lidam melhor com os animais. A tarefa de identificá-los não é fácil, admite logo adiante o gestor do programa Sustentabilidade de Comunidades Indígenas da Itaipu Binacional, João Carlos Bernardes.

Os três grandes grupos habitam em aldeias criadas após a construção da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional. No idioma guarani “Itaipu” significa: “A Pedra que Canta”. O Ocoy – nome de um rio – fica em São Miguel do Iguaçu com 800 moradores, dentro de uma área de preservação ambiental permanente. A *Tekoha Añetete* - território deste estudo - com 600 moradores. E a *Tekoha Itamaran* – vizinha da *Añetete*, com 110 habitantes, num total de 960.

Reflorestar a *Tekoha Añetete*, que antes era apenas mais um pedaço de terra com animais domésticos, exigiu muita habilidade, rapidez e alta tecnologia como o emprego de avião e de insumos para eliminar a erva daninha, dando lugar ao planejado.

— Ficávamos dia e noite cuidando, fazendo o manejo. Os índios queriam mato e nós tínhamos como área uma fazenda que por 30 anos tinha visto só búfalos – contou em entrevista durante a visita de acerto para ficar na Aldeia,

o gestor do programa Sustentabilidade de Comunidades Indígenas da Itaipu Binacional, João Carlos Bernardes⁸⁹.

Entre os episódios que ele assegura terem sido dos mais dramáticos está um incêndio:

— Enfrentamos de tudo. Resistência dos moradores que não queriam uma aldeia perto, de Prefeitos que reclamavam dos índios nas ruas pedindo esmolas, enfeando tudo. Ninguém queria o índio como vizinho. Era um problema. Tínhamos de assumir e resolver o problema dos índios.

Porém, um incêndio logo após a primeira leva de mudinhas ter nascido foi enumerado como o mais dramático. Fazia um ano que o Pajé havia considerado a área como local próprio para estabelecer o novo endereço da tribo.

— Estávamos tentando entregar o lugar com as casas e um pouco de vegetação. Como o capim era alto e o tempo era de seca uma noite fomos chamados pelos próprios índios que estavam acampados em lonas para apagar o fogo.

Foram três dias de luta para debelar as chamas, evitar que as labaredas sopradas pelo vento atingissem as casas⁹⁰ em construção, consumindo o pouco de mato em formação, avançando para as terras vizinhas.

O silêncio de Bernardes enquanto ele tenta buscar visualmente o caminho por onde teriam passado as chamas permite pensar sobre as definições: “pedindo esmolas, enfeando tudo”, apesar de parecerem naturais na fala dele, clamavam bem mais do que nomenclaturas negativas. Imperava, ali, a resistência do Discurso Fundador⁹¹ sobre os índios, desde a descoberta deles em seus territórios de origem.

A fala desdenhadora sobre o povo indígena no Brasil é inaugurada pelo navegador Pero Vaz de Caminha em carta ao rei de Portugal. Em grande parte do

⁸⁹ A entrevista foi realizada durante o processo de agendamento de estada na Aldeia. Bernardes é responsável pelo contato com as Aldeias. É quem leva e entrega as cestas básicas, negocia com o comércio e Prefeituras da região as ações envolvendo as três aldeias mantidas pela Itaipu: A mais antiga de todas é a Aldeia Ocoy em São Miguel do Iguaçu, distante 70 quilômetros de Foz. A reserva fica dentro de uma área de preservação ambiental. Nela a cultura do peixe-rede é o principal meio de sobrevivência indígena. A Aldeia *Tekoha Añetete* - objeto desta pesquisa - é mais equipada tecnologicamente. Vizinha a ela, está Tekoha Itamarã. Nela os índios mais velhos preferem morar por sentirem-se menos vigiados pelo mundo moderno.

⁹⁰ As casas entregues para os índios são de alvenaria. Resistentes, eles construíram puxadinhos e residências noturnas. O tema será visto no capítulo 3.

⁹¹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à Vista!**: Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

texto sobre o que via, classificou o habitante de “selvagem”: “Mal fazem para cobrir as próprias vergonhas⁹²”. O julgamento pelo viés da incompetência ganha o termo moderno: “pedindo esmolas”. Se julgado o dizer pela raiz do sentido, pouco mudou o ocidental em reconhecer o “Modo de Ser Guarani”, a Nação Indígena no Brasil.

“O europeu nos constrói como seu “outro” mas, ao mesmo tempo, nos apaga. Somos o “outro”, mas o outro “excluído”, sem semelhança interna. Por sua vez, eles nunca se colocam na posição de serem nosso “outro”. Eles são sempre o “centro”, dado o discurso das descobertas que é um discurso sem reversibilidade⁹³”, descreve Orlandi em *Terra à Vista*.

Nunca é demais enfatizar essa ideia. O Orientalismo é postulado sobre a exterioridade, isto é, sobre o fato de que o Orientalista, poeta ou erudito, faz o Oriente falar, descreve o Oriente, esclarece os seus mistérios por e para o Ocidente. Ele nunca está ocupado com o Oriente exceto como causa primeira do que diz. Ou o que ele diz e escreve, em virtude do fato de ser dito ou escrito, pretende indicar que o orientalista está fora do oriente, não só como um fato existencial, mas também moral⁹⁴.

Bernardes contava⁹⁵ sobre o cotidiano visto por ele enquanto dirigia pela estrada, buscava atalhos entre imensas áreas de terra mecanizada⁹⁶ para chegar até a aldeia. Mostrava familiaridade com o entorno. Cada curva, rio, área produzida por imigrantes italianos e alemães, a maioria vinda da Europa, são descritas como parte do destino a ser visto pela primeira vez. Esse “silêncio do nomear faz intervir o “interdiscurso” do outro (o europeu), fazendo-nos significar (quer queiramos quer não) na história dos seus sentidos⁹⁷”.

Bernardes parou no alto do morro e disse:

— Chegamos!

⁹² CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

⁹³ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à Vista!**: Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990. P. 47.

⁹⁴ SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 51.

⁹⁵ O método adotado para este trabalho é o de Entrevistas em Profundidade. De acordo com Jorge Duarte, a modalidade “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

⁹⁶ O Paraná é considerado celeiro na produção de grãos, tendo como destaque o soja, milho e trigo.

⁹⁷ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à Vista!**: Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990, p. 51.

Ainda fora da área demarcada, vista do alto do morro, as telhas vermelhas das casas destacam-se. A cobertura parece ter sido fabricada com a terra da própria estrada, serpenteando o caminho morro abaixo. Ao serem analisadas de perto o estilo é colonial, muito usado em casas urbanas. É ali que vivem desde que foram transferidos há 16 anos, os remanescentes da Tribo Guarani do extremo Oeste do Paraná.

Mais imponente que o portal onde se lê *Tekoha Añetete* é a placa fincada na entrada, poucos metros antes da Reserva. Nela, a advertência: “Governo Federal, Ministério da Justiça, Fundação Nacional do Índio: Área proibida. Artigo, 18, parágrafo 01 da Lei de 6001/ 73. Código penal. Apoio Prefeitura de Diamante do Oeste e Itaipu Binacional”.

Entre a placa e entrada, uma ponte de madeira. A construção permite transpor um dos braços do Rio São Francisco Verdadeiro. O rio circunda quase toda a aldeia, servindo como uma espécie de anteparo para quem deseja chegar ou sair da demarcação. Foi nesse córrego que o indiozinho Juscelino morreu afogado.

O ritual pós-morte e enterramento reproduziram não apenas o sagrado, mas o modo indígena, desconectado da trama civilizatória imposta pelos Jesuítas e que sobrevive intacto mesmo com todas as interferências de fora para dentro⁹⁸ desde que foram vistos pela primeira vez, na fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, na região das Cataratas e na fronteira entre os três países.

O leito do riozinho parece nada se comparado ao Lago de Itaipu⁹⁹, formado para girar as 20 turbinas, responsável por 17% de toda a energia consumida no Brasil e 85% no Paraguai. Foi durante a formação do reservatório¹⁰⁰, que parte da população Guarani foi removida pela última vez.

⁹⁸ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003. 5ª edição.

⁹⁹ **O Lago de Itaipu**, cuja extensão é de 170 km e a superfície é de 135 mil km², de Foz do Iguaçu a Guaíra, Site consultado no dia 10 de janeiro de 2012. https://www.itaipu.gov.br/userfiles/file/Encarte_Piscicultura_web.pdf

¹⁰⁰ **Formação do Lago de Itaipu:** O lago da Itaipu começou a ser formado em 13 de outubro de 1982. Em 14 dias, estava cheio. O reservatório da Itaipu é apenas o sétimo maior do Brasil, o que mostra o melhor índice de aproveitamento das águas para produzir energia. Na Itaipu, o índice de produção é de 9,3 MW por quilômetro quadrado (ou seja, cada 0,11 km² de área alagada gera 1 MW). Site acessado no dia 10 de janeiro de 2012: <http://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/perguntas-frequentes>.

2.2 Presença guarani no mundo

Levantamento realizado pela Fundação Nacional do Índio, até 2008, mostra que o Povo Guarani¹⁰¹ era de 178.095 habitantes. A nação guarani é formada (conforme gráfico abaixo), por Kaiowa, Mya, Ñandeva. Juntas elas compõe a família linguística Tupi-Guarani. O país que mais acolhe o Guarani é a Bolívia com 78.359 moradores. No Brasil os 51 mil Guaranis vivem em nove estados: Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santos, Pará e Tocantins.

No Paraguai, o idioma oficial nas escolas públicas é o guarani. O país também adota a nomenclatura de ser a “Terra Guarani”, porém, segundo o censo publicado pelo Instituto Socioambiental, até 2008 a população era de apenas 41.800 índios.

O levantamento também mostra o tronco Tupi formado por Tupí Guarani, Arikém, Awetí, Jurúna, Mawé, Mondé, Mundurukú, Puroborá, Ramaráma e Tuparí. As famílias linguísticas Jê, Maxakalí, Krenák, Yathê, Karajá, Ofayé, Guató, Rikbaktsá e Boróro fazem parte do Tronco Macro-Jê.

Os povos Guarani, Kayapó, Maku, Nambikwara, Tiriyo, Waiwai e Yanomami foram contabilizados em "bloco", apesar da diversidade interna de cada um. A própria PIB¹⁰² reconhece ser difícil fazer um enquadramento definitivo sobre grupos ou troncos. Por exemplo, a grafia “Chiripa” aparece também como “Xiripá” Na *Tekoha Añetete* há uma definição sobre os moradores, porém, não há dados que sacramentem, ou erradiquem as evidências.

¹⁰¹ A denominação Povo Guarani é usada pelos pesquisadores do Site socioambiental ao responder a pergunta mais frequente: Os Guaranis, são um povo? São um povo sim. “Povo é um conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e interesses comuns”. Endereço: http://piib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/caderno_guarani_%20portugues.pdf

¹⁰² <http://piib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-nandeva/1296>

56	Guarani	Kaiowá, Mbya, Nandeva	Tupi-Guarani	UF / País	População	Fonte/Ano
				Argentina	6500	CTI/Grünberg 2008
				Bolívia	78359	INE/Bolívia 2001
				MS, PR, RS, SC, SP, RJ, ES, PA, TO	51000	Funasa/Funai 2008
				Paraguai	41200	CTI/Grünberg 2008

Gráfico 1: *A localização dos Povos Guaranis*

Essa complexidade foi considerada por Bernardes como o segundo maior desafio após a demarcação da reserva e ela surgiu logo que as casas foram registradas. Pelo projeto, cada família recebia a escritura da área onde iria morar, mas não foi bem o que a prática mostrou:

— Colocávamos uma família em uma casa e quando víamos ela estava em outra. A troca ocorria entre eles sem que soubéssemos a causa.

Outro evento significativo observado por Bernardes foi no primeiro agendamento de expectativa de produção do grupo pelo chamado “Plano de Sustentabilidade Guarani”, versão Itaipu, onde eram distribuídas metas. Muito apenas demonstravam que deveriam plantar milho na entressafra do trigo e soja, porém o resultado não era o esperado.

— Até descobrirmos que os Guaranis dividem-se em subgrupos ou grandes famílias: Avá, Chiripa e Biá, foi difícil, a plantação morria no campo, o gado morria de sede. Só quando começamos a entender que os Avá e Biá têm grande apego à agricultura e os Chiripa lidam melhor com os animais chegamos a pensar que eles não queriam trabalhar.

Resignado, Bernardes admitiu, porém, que o melhor termo aconteceu quando começaram a realizar reuniões com os Caciques para ouvir a “voz” dos moradores. Ele parecia não querer passar de novo pelo “Caso das Cebolinhas” como será mostrado adiante no capítulo 4: Morte, puxadinho e cebolinhas assentam resistência guarani.

A fala do coordenador parecia espiar Pierre Clusters em “A Sociedade Contra o Estado”. Bernardes também havia-se encontrado com “articulação inesperada, de natureza a fazer tremer até a vertigem a mais longínqua aurora do pensamento ocidental¹⁰³”: o Povo Guarani¹⁰⁴, apoderado pelos colonizadores.

Imaginando ter mostrado o que era necessário ver daquele ponto, o ex-capataz de fazendas em Minas que havia sido nomeado para a função de ser o “homem branco de fora da aldeia para tratar com os índios”, liga o carro e retorna:

— Agora que você sabe o caminho amanhã, você está autorizada a entrar na Aldeia. Fale com o Cacique que é o responsável por este território Guarani.
— O João tem habilidade e espírito leve. Ele é quase “Guarani”, descreveu a Gerente de Sustentabilidade de Comunidades Indígenas da Itaipu Binacional, Marlene Curtis, ao autorizar que João fosse para mostrar onde era a área demarcada.

2.3 Na Terra da *Tekoha Añetete*

Entre os índios o novo endereço também reserva relatos dramáticos. Os registros resultaram dos encontros com o professor, o índio João Alvez, 42, com o Pajé Conselheiro, seu Aleixo Bogado, 105. A longevidade de seu Aleixo poderia ter feito dele o índio a viver mais tempo no Paraná, mas por não possuir a certidão de nascimento original, que ele assegurou não existir na época em que ele nasceu, teve de agarrar-se à certidão confeccionada pela Funai, onde dizia: idade não presumida, 88.

— Logo no começo, quando viemos morar aqui, o João Bernardes chegou, estava agitado. Disse que a gente precisava manter a terra limpa, sem mato para poder colher mais. Ele, muito preocupado, mostrou como se carpe o mato! Como estava muito escuro, não tinha lua naquela noite, ele acabou cortando também o pé de árvore que havia plantado poucos dias antes.

¹⁰³ CLASTERS, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. Tradução Theo Santiago. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 186.

¹⁰⁴ A denominação de Povo Guarani é usada pelos pesquisadores do Site socioambiental ao responder a pergunta mais frequente: Os Guarani, são um povo? São um povo sim. “Povo é um conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e interesses comuns”. Endereço: http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/caderno_guarani_%20portugues.pdf

A narrativa acompanhada de gestos corporais que teriam sido feitos por Bernardes, foi reproduzida por Alvez, que é professor de guarani na Aldeia, parecia quebrar a trégua de que até então a “civilização indígena persiste, e resiste de uma forma silenciosa, quase muda¹⁰⁵”. João falava do episódio em português.

Ao mesmo tempo, revelava desaprovação do ato, formando uma ruga na fronte. O sinal abria um vinco sobre a memória histórica do encontro entre as duas nações: índios e não-índios. O fato havia ocorrido há mais de 10 anos, época em que Alvez era o Cacique da tribo.

O diálogo aconteceu em 2010, quando foi necessário morar na aldeia, em uma das tantas e longas conversas que eram realizadas no final da tarde, em frente à casa que servia de sede para visitantes. O retorno era para acompanhar o uso da Internet. A sala com 12 computadores conectados à Internet seria entregue à comunidade pela manhã, como está descrito no capítulo 3.

Foi em um desses encontros¹⁰⁶ que a frase: — O modo de ser guarani — estabeleceu-se como indicativo de resistência do Povo Guarani.

— Índio tem um jeito só dele. Às vezes o branco não entende esse modo de ser guarani¹⁰⁷ que não depende nem de mim ou de você. Ele é o jeito que já foi feito antes e que o povo segue. Vocês chamam isso de “jeito deles” como se a gente fosse diferente ou fizesse diferente. Ele também usava a palavra Povo, no sentido de nação, conforme será apresentado no Capítulo 4.

O professor João Alvez fazia resistência contra a construção da Itaipu e a formação do lago que cobriu toda a Terra Jacutinga. Mesmo já instalado na Añetete, Alvez foi protagonista de uma das mais inusitadas invasões no Parque Nacional do Iguaçu, em 2006. O manifesto foi considerado uma “afronta ao Patrimônio Natural da Humanidade”, onde os índios haviam sido vistos pela primeira vez, 150 anos antes.

Recusava-se a ser denominado como invasor: “Essa terra é nossa. Sempre foi nossa”, dizia-me na época da invasão enquanto a mulher dele fritava bolinhos feitos com farinha de trigo para alimentar o grupo. Não havia água e luz. Era uma clareira

¹⁰⁵ CAMARGO, Francisco Carlos. **Erotismo e Mídia**. Francisco Carlos Camargo e Tânia Márcia Hoff. São Paulo: Expressão e Arte, 2002.

¹⁰⁶ Ver íntegra dos encontros em anexo.

¹⁰⁷ É o que reza o caput do artigo 231 da Constituição Federativa do Brasil. Texto completo sobre o assegurado aos índios neste link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

no meio da floresta como mostra a foto de Roger Meirelles do Jornal A gazeta do Iguaçu.

Questionado, na época, a respeito do motivo de “deixar o conforto da aldeia para embrenhar-se na mata”, ele foi simples:

— Não sou só eu índio. Têm meus irmãos, meus primos que continuam sem terra.

Tanto a invasão como a desocupação, quase dois meses depois, repercutiram nacionalmente, principalmente quando um policial federal, fortemente armado, foi atingido por uma flecha disparada por um índio. O servidor federal abriu inquérito acusando o autor de “tentativa de homicídio”.

O inquérito só não seguiu adiante por falta de uma identificação conclusiva de quem havia disparado. A flecha havia atingido a região das nádegas do policial. O autor da flechada estava dentro de um ônibus fretado para arrancar da mata os mais 40 índios, entre eles muitas crianças.



Figura 12: Foto como ilustração A invasão do Parque Nacional em 2006 foi decisiva para o Governo Federal demarcar mais uma área onde hoje é a Aldeia Itamarã, que significa Diamante.
Fonte: MEIRELES, 2006

No ano passado (2013), novo grupo tornou a invadir o Parque Nacional do Iguaçu. Na reportagem o diretor do Parque disse: “Não admitimos que os índios permaneçam no local. O Parque Nacional é patrimônio natural público e temos a missão de preservar o local”. Jorge Pegoraro acrescentou: “Estamos conversando pacificamente com os índios, tentando negociar uma saída de forma harmoniosa¹⁰⁸”.

A fala de Pegoraro reabria a mesma cartilha usada em 2006 e que havia sido criada pela Companhia de Jesus no século XVI. Ao dizer que “Estamos conversando pacificamente como os índios”, ele esperava que estes fossem capazes de deixar o Parque antes de serem adotadas medidas “mais civilizatórias” como a realizada 13 anos antes. Ou ainda anterior a ela, em 2005 quando a BR-277 foi fechada, o que ocorria todos os anos no Dia do Índio como o bloqueio das rodovias no Paraná.

No livro “O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios” no capítulo “Plano das Aldeias¹⁰⁹”, os jesuítas, estabeleceram um “plano de relacionamento com os selvagens”, para “cumprir a missão” como escreve o autor Luiz Felipe Baête Neves: “Primeiramente o gentio se deve sujeitar a fazê-lo viver como criaturas que são racionais, fazendo-lhe guardar a lei natural, como mais largamente já aponte a Dom Leão o ano passado”. Sobre a sagacidade do autor em usar: “Terra dos Papagaios”, pode-se afirmar que existem duas verdades ali: o Brasil tinha, sim, a ave em grande quantidade, mas o mais flagrante é que o país em nada parece ter avançado quando é exigido a tratar com o índio na prática, apesar da infinidade de cartilhas e leis.

2.4 Seu Aleixo

¹⁰⁸ <http://ricmais.com.br/pr/dia-a-dia/noticias/indios-invadem-parque-nacional-do-iguacu-e-instalam-aldeia-na-mata/>

¹⁰⁹ Plano das Aldeias é o capítulo I do livro de Luiz Felipe Baetê Neves: **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios**: colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978. p. 25 a 43.



Figura 13: Foto como ilustração As visitas ao seu Aleixo eram sempre acompanhadas dos jovens índios, Inácio e Graciela, para as traduções. Na terceira foto ele segura a certidão fornecida pela Funai. Apesar de todos garantirem que ele tinha 105 anos, a entidade máxima sobre questões indígenas disse não. As imagens reúnem as visitas de 2008, 2009 e 2010.

Deitado na rede armada no Puxadinho, seu Aleixo Bogado¹¹⁰, 105, dormia numa manhã de domingo do ano de 2008. Ele foi o primeiro a rebelar-se contra as casas entregues pelo Governo Federal por meio da Itaipu Binacional. Ele recusou-se a entrar na residência. Foi assim que um novo projeto foi executado, desta vez tendo como elementos de apoio, os próprios índios.

A casa onde seu Aleixo morava, ao invés de ser quadrada, tinha o formato oval, não tinha vidro e nem assoalho ou piso. As paredes eram alternadas com tábuas e com pinos de eucalipto. Sem o processo de industrialização, pois a madeira é colocada “in natura” após o processo de secagem.

No quarto tinha uma cama, mas ele preferia a rede. Na cozinha uma geladeira desligada, pois ele não conseguia ter renda suficiente para pagar a conta da luz. No aviso da Copel o valor devido era de R\$ 4,00 reais. Havia sempre um foguinho aceso no meio da cozinha. Em nenhuma das casas foram vistas labaredas ou grande quantidade de madeira queimando ao mesmo tempo, nem quando a comida estava sendo preparada.

Ali o tempo é outro. É o “tempo em camadas¹¹¹” no sentido bakhtiniano citado por Ferreira na releitura “o tempo de empilhando como se empilham pedras em lugar”. Nada ali lembrava as manobras do mouse amarrado às mãos indígenas jovens. Fora da sala de informática “o tempo era algo que se podia, inclusive, ver¹¹²”.

¹¹⁰ Seu Aleixo Bogado morreu em 2010, após um queda e fratura da bacia e de ter ficado acamado por três meses. Com dificuldade de alimentar-se por meio de sonda, que rejeitava a todo custo, ele não resistiu. Deixou uma vasta família, dos 16 filhos que teve com quatro esposas. Disse sentir saudade da época em que era possível caçar a pescar.

¹¹¹ FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da Memória e Outros Ensaios**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003, p. 17.

¹¹² Ibid; P.17.

Ao contar sobre os guaranis, Seu Aleixo é Antonio Brasileiro “situado no sertão e em nenhuma parte, tem em sua construção uma espécie de caminho através da lembrança¹¹³. Ele era a memória da tribo. Lúcido e gentil, sempre mostrava-se disposto a longas conversas. No trecho a seguir, ele conta como era a vida dele antes da Terra Prometida.

— Onde o senhor morava antes da Aldeia Tekoha?

— Eu morei na aldeia Jacutinga, por 14 anos. Eu sempre luto pela terra. Eu sou puro índio guarani.

— Por que o senhor luta por essa terra?

— Porque eu sou puro índio. Porque, antigamente, tinha só três ou quatro casas, mas agora nós estamos todos espalhados por todos os lugares. Antigamente, os caciques da aldeia, sem as comunidades saberem, vendiam as terras para os brancos de volta.

— Antes de o senhor morar aqui, onde havia morado?

— Não é como vocês brancos, que é a nossa religião. Toda a quarta-feira, a gente se reúne entre as famílias dos pajés para rezar e dançar, que é costume dos indígenas. Se isso acabar, como que a gente vai viver, e o que aconteceria se os pajés desistissem? Depois que saí da Jacutinga, eu morei em São Miguel do Iguaçu, na Ocoy.

— Quando começou a formação do Lago de Itaipu, o senhor estava na Jacutinga?

— A Itaipu comprou essa área para nós, após a gente morar na Jacutinga e no Ocoy.

— O senhor já morou no meio do mato?

— Sim.

— Como era?

— Eu saía para caçar.

— O que o senhor caçava?

— Tatu, cateto, mas os bichos são do mato.

— O senhor chegou a ver uma onça?

— Tinha bastante onça.

— O senhor chegou a pegar alguma?

— Sim.

A referência sobre felinos na região e de enfrentamentos, principalmente com onças, entre os colonizadores, foi relatada também por pioneiros. A presença do animal representava que havia muita fauna no Parque Nacional. Os felinos de grande porte representam o topo da cadeia alimentar.

— Feras? Perigo? Era tão perigoso como hoje, porque ainda há tigres no Parque. Claro que naquele tempo havia mais. Nós morávamos perto do Canal Adutor da Usina São João¹¹⁴. A casa era bem cercada. Altas horas da noite,

¹¹³ FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadiilhas da Memória e Outros Ensaio**s. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003. p. 17.

¹¹⁴ A Usina São João foi a primeira hidrelétrica de Foz. Ela foi construída para alimentar as serrarias que ficam dentro do que hoje é o Parque Nacional do Iguaçu. Como havia excedente de energia, a rede foi levada também para as casas da cidade. Há mais de 20 anos a São João foi desativada.

frequentemente, ouvia-se o barulho das onças, que rondavam a casa. Às vezes eu levantava e ia à janela ver os animais ferozes.

O relato é da Pioneira Conceição Ferreira Araújo. Ela conheceu o marido em 1940, quando ele veio a Foz para construir o Aeroporto Internacional da cidade¹¹⁵.

— O meu irmão, junto com o índio Julião, matou uma onça ali na Jacutinga. Ela vinha comer o gado. Eles atacaram ela a faca e mataram.

Contou por telefone o presidente do Sindicato dos Rodoviários de Foz, vereador Dilto Vitorassi¹¹⁶ ao saber que este estudo tinha como universo a presença guarani na Fronteira. O pai dele foi um dos primeiros da Vila Jacutinga. A família deixou o local antes da formação do lago.

— Eu estudei com dois índios. Um dia um boi caiu e quebrou o pescoço. O meu irmão disse que se os índios quisessem aproveitar o animal poderiam mas desde que eles ajudassem depois na roça. Os índios pegaram o boi, mas não apareceram para trabalhar. Eles eram assim, enquanto tinha comida, eles não trabalhavam.

Vitorassi disse que o nome Jacutinga deve-se à grande presença de aves da espécie.

— Meu pai caçava muito. Eu era pequeno, mas naquela época tudo era muito difícil, então a gente buscava alimento onde tinha e a caça era uma delas — completou.

— Caçava com espingarda, com armadilha, com foice, com machado, com faca e facão. Eu, numa caçada de anta, quebrei dois dedos da mão, mas matamos o bicho. E comemos. Para não estragar fazíamos charque. Carne de anta é igual à carne de gado. De dia se trabalhava na roça. De noite caçava e pescava, de manhã cedo caçava, e todo mundo trazia as caças e pescas para o rancho, como índio.

Esta última narrativa da Pioneira Rafaela Correia¹¹⁷ contribui para reproduzir o cenário da época em que seu Aleixo disse também ter caçado onça. Em duas falas os pioneiros fazem do índio lombo para descarregar o que consideravam pouco humano ou então não próprio para um trabalhador: “Os índios pegaram o boi, mas não apareceram para trabalhar. Eles eram assim, enquanto tinha comida, eles não trabalhavam”. “De noite caçava e pescava, de manhã cedo caçava, e todo mundo trazia as caças e pescas para o rancho, como índio”.

¹¹⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Fundação Cultural. **Retratos**. Foz do Iguaçu: Gráfica Editora Paraná, 1997. p.74.

¹¹⁶ Dilto Vitorassi, 58. Ele havia ligado para dizer que a categoria ameaçava paralisar o transporte no dia 14 de janeiro de 2014. A ligação foi no dia 12 de janeiro de 2014.

¹¹⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Fundação Cultural. **Retratos**. Foz do Iguaçu: Gráfica Editora Paraná, 1997. p.103.

Esse modo de fazer do outro espelho, segundo Orlandi: “O que se constrói, finalmente, é a imagem do branco para o branco, através do índio. O índio é mero pretexto para o branco mostrar-se a si mesmo **para** os seus¹¹⁸”.

Seu Aleixo Bogado foi o entrevistado mais visitado durante as fases da pesquisa. porém em todas as vezes que o assunto “branco” era tocado, ele nunca teceu comparativos de inferioridade. Quando falou sobre vendas de terras disse que quem vendia era o índio. Não que quem comprava era o branco, como segue a entrevista.

— **Qual a diferença de morar no mato e, hoje, aqui na aldeia Tekoha?**

— Aqui, morando aqui, quando saio para caçar, às vezes não acho muitos bichos.

— **O senhor gosta de morar nessa casa?**

Antes de responder, ele pensa muito.

— Sim.

— **O senhor gostava mais daquela coberta com capim e palha?**

Ele ri e diz:

— Só tem essa mesma. Eu só tenho essa mesma, porque eu moro sozinho e não tenho mulher. Eu não quero mais mulher, eu quero morar sozinho.

— **Por quê?**

— Porque elas não querem vir.

— **E por que elas não querem mais morar com o senhor?**

— Se quiser vir, eu trago, mas, se não quiser, eu não trago.

— **Quantas mulheres o senhor já teve?**

Primeiro ele conta o número de filhos para saber quantas mulheres.

— Eu tive três mulheres.

— **O senhor casou com que idade?**

— Eu tinha 18 anos.

— **O senhor morava no meio do mato quando casou?**

— Eu morava no Paraguai. Depois eu vim para o Brasil, porque gosto mais daqui.

— **O senhor, quando era pequeno, já andava com roupas?**

— Sim.

— **O senhor lembra-se dos seus avós?**

— Eu lembro deles quando eu morava lá em Jacutinga. Alguém veio e os matou. A partir disso, não sei mais nada.

— **E dos seus pais: mãe e pai?**

— O nome do meu pai era Severo, não lembro o nome da mãe. Sempre lembro deles, assim tenho força de viver tantos anos, até agora.

— **Com quantos anos os seus pais morreram?**

— Com 40 anos.

— **A que o senhor atribui o fato de estar com 105 anos?**

Ele ri muito, parecia esperar pela pergunta.

— Eu não coloco na minha cabeça o fato de ter essa idade. Eu penso em viver apenas porque ainda tenho filhos e filhas.

— **Onde estão os seus filhos?**

— O meu filho mora aqui perto.

— **O neto do senhor é o marido dessa moça que se chama Graciela. O senhor sabe disso?**

Ele olha para a moça tradutora, e parece surpreso e feliz.

¹¹⁸ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à Vista!:** discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990. p. 69.

— Eu vou falar uma coisa: casar é uma coisa, a gente tem de casar só uma vez. Se a gente casar, tem de respeitar. Não sair assim, para ver uma pessoa mais bonita e já briga. É por isso mesmo que a gente tem de pensar antes de casar. Se a gente se casar e separar o tempo todo, a gente encontra uma última flor que tem lá no fundo, e a gente se separa de nova, aí não tem mais outra flor.

Todos aplaudem a fala do seu Aleixo: Graciela, Inácio, Rosalina e eu. Ele ri, está à vontade e, nesse momento, percebo que ele volta a sentir-se com a real importância que detinham os velhos (xamói) na tribo.

— Os índios já chegaram a ter terras?

— Sim, mas o índio vendia. Pajé muitas vezes fazia negócio com a terra.

Segundo encontro julho de 2010. Naquele momento, utilizava um balde de cor azul para colocar água em uma das cinco mudas de erva-mate. A planta demora cinco anos para produzir folhas.

— Estou vendo pés de laranja, batatas e melancia. Por que o senhor ainda planta esses alimentos ao invés de comprar?

— Às vezes tenho dificuldade de achar um dinheiro e eu sou um senhor de idade. Então se eu planto, eu tenho o que comer.

— O senhor estava molhando umas plantas quando chegamos. O que era?

— É erva-mate.

— Por que planta erva-mate?

— Porque precisa, e às vezes eu não tenho como comprar.

— O senhor cobre as mudas com outros galhos das ervas daninhas que carpiu. Por que faz isso?

— É para fazer sombra, sombra.

— A geada matou algum alimento?

— Sim, batata e melancia.

— O senhor já participou de alguma guerra?

— Não¹¹⁹.

2.5 Antes da Terra dos Búfalos

Os primeiros índios avistados na região Oeste do Paraná é anterior a 1887¹²⁰. O relato é feito pelo navegador Alvar Nuñez Cabeça de Vaca, considerado

¹¹⁹ Entrevista completa, ver apêndice B e pendrive anexo.

¹²⁰ Em 1881, Foz do Iguaçu recebeu seus dois primeiros habitantes: o brasileiro Pedro Martins da Silva e o espanhol Manuel González. Pouco depois, chegaram os irmãos Goycochéa, que iniciaram a exploração da erva-mate. Oito anos após, foi fundada a colônia Militar na fronteira - marco do início da ocupação efetiva do lugar por brasileiros e do que viria a ser o município de Foz do Iguaçu.

historicamente como o descobridor das Cataratas do Iguaçu, que conta ter tido ajuda dos índios para a travessia dos Rios Paraná e Iguaçu.

A passagem do colonizador foi em 1852 e, ao completar 400 anos da descoberta, o Google utilizou como ilustração o cenário das Cataratas, tendo os guaranis como habitantes¹²¹. Também a ata escrita pelo então capitão de Fragata, Lindolfo Siqueira Bastos, em 1897, diz ter encontrado a cidade abandonada, ou mais “precisamente entregue à exploração predatória de estrangeiros¹²²”. Na época, havia treze casas cobertas com tabuinhas e alguns ranchos de palha. Os “ranchos de palha” presumem a presença indígena.

Um livro, escrito em 1997, tendo como personagens os primeiro imigrantes residentes na fronteira revela a presença guarani. No relato feito sobre a etnia: “Eles [índios] vinham aos bailes de gravata¹²³”. Sobre o vestuário, a pioneira Amanda Fritzen Holler, que chegou a Foz com doze anos, em 1929 e classificada como exímia costureira, contou ter costurado muito para a “família e vizinhos, fazia vestido de noiva, bombacha e os artigos que não se encontravam aqui tinha que mandar vir do Rio Grande do Sul”¹²⁴. A viagem feita de carroça ou a cavalo levava em média trinta dias, tornando a aquisição de uma “gravata” um artigo de luxo. “Só duro mesmo era conseguir roupa¹²⁵”, soma Florentino Correia, que chegou a Foz em 1905, aos dez anos de idade.

Mesmo estando em terra indígena, pouco é dito sobre o primeiro morador da fronteira¹²⁶. Os entrevistados contam em trezentas páginas elementos do cotidiano do início do século, como o primeiro acidente, ocorrido em 1939, entre um dos três carros que existiam na cidade com uma bicicleta guiada por um cabo do exército. E a chegada da Coluna Prestes (1924), quando, temendo serem mortos pelos chamados “revolucionários”, os poucos moradores fugiram para a Argentina e o Paraguai, permanecendo lá até a debandada, quase um ano depois, dos temidos visitantes.

Ao falar do lugar, sem citar o índio, fica a sensação de que parte da história deixou de ser contada. Há pistas por todos os lados sobre a presença indígena, porém

¹²¹ Imagem e narrativa sobre Cabeça de Vaca pode ser acessada pelo

<http://www.h2foz.com.br/noticia/google-homenageia-cabeza-de-vaca-o-descobridor-das-cataratas>

¹²² PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Fundação Cultural. **Retratos**. Foz do Iguaçu: Gráfica Editora Paraná, 1997. p.25.

¹²³ Ibid., p.49.

¹²⁴ Ibid., p.49.

¹²⁵ Ibid., p.103.

¹²⁶ Definição de “primeiro morador” é adotada também em estudos realizados fora deste trabalho. Decorre do reconhecimento do fato histórico de que os índios foram os primeiros ocupantes do Brasil.

elas não emergem na língua do colonizador, deixando um vazio. “Fica sempre como se só tivéssemos um “outro”. O nosso outro é o português, o italiano e francês etc. Como nos constróem uma história em que somos apagados como alteridade”¹²⁷.

Há também a descrição da dança da jovem Marieta Schinke com o já famoso Santos Dumont. “Houve uma grande festa, baile e tudo mais. Eu dancei uma valsa com Santos Dumont. Ele era uma pessoa ótima”¹²⁸.

Santos Dumont esteve na cidade pela primeira vez em 1915, quando conheceu as Cataratas. Encantado com o que viu, Dumont foi ao Rio de Janeiro e defendeu a desapropriação da área, permitindo a visitação pública. Esses detalhes denunciam a existência de memória para tudo, menos sobre os índios.

Ao serem descobertos, registros mostram que, a exemplo do negro, o índio foi submetido à mão de obra escrava e que sua frequência junto à nobreza era apenas na condição de servil. Não há registros de onde eles compravam as roupas, porém o dinheiro era proveniente do trabalho, uma vez que a própria dona Maria, ao sinalizar “que eles também pediam emprego”, empresta uma pista sobre a origem da moeda.

Engano pensar que na região da fronteira havia uma quebra de paradigma quando o enfoque é igualdade. Pesquisa feita pelo antropólogo paranaense, professor aposentado da Universidade Federal do Paraná, Igor Schimitz, reproduzida no trabalho de Ladeira, mostra que o índio era mão de obra escrava usada em larga escala. “Material humano de grande valia para o trabalho escravo da imensa colônia que se formava”¹²⁹.

Ao comparar-se o que foi dito por Maria Inês sobre os índios – “eles eram mansos” – e a fala de Marieta sobre Santos Dumont – “ele era uma pessoa ótima” –, é possível perceber que, em seus discursos, ambas referem-se a pessoas fora dos laços de sangue. Santos Dumont era um estranho, ao contrário dos índios, que eram vizinhos e, mais que isso, eram os donos das terras aonde Maria Inês chegou. Mesmo assim, Marieta desvela que havia estado com “selvagens”, ao adjetivar os índios como “mansos”, para os índios, lembra animal, enquanto “pessoa ótima”, para Dumont, reforça o humano.

¹²⁷ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à Vista!:** discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990. p.49.

¹²⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Fundação Cultural. **Retratos**. Foz do Iguaçu: Gráfica Editora Paraná, 1997. p.153.

LADEIRA, Maria Inês. **Os Índios Guaranis e as Ilhas do Paraná**. Centro de Trabalho Indigenista, nov. 1990. p. 16.

Ainda sob a narrativa dos primeiros moradores não-índios, foi criada, em 1897, a primeira Agência Fiscal pelo capitão Lindolfo Siqueira Bastos, que teria encontrado a cidade abandonada ou, mais precisamente, entregue à exploração predatória por estrangeiros.

Na ocasião, havia treze casas cobertas com tabuinhas e alguns ranchos de palha. Não há registro se essas casas eram habitadas por índios. No dia 14 de março de 1914, pela lei 1383, foi criada a Vila Iguaçu que, com o desenvolvimento, passou à condição de Município de Foz do Iguaçu. Atualmente, a cidade abriga 309 mil habitantes, segundo o último censo realizado em 2007.

O colono vai chegando devagarinho e depois aumentando, e ele faz o que ele quer. Veio a polícia, queima casa tudo. Era fumaça que sai e tiroteio (...) ta louco (...) assusta tudo. Morreu índio também. Meu pai morre (...) morreu de bala, acertou na cabeça. Daí que eu saí um pouco, fiquei uns oito anos no Paraguai, daí voltei de novo, voltei ali na área que chama Guarani, é uma área grande perto de Foz do Iguaçu, só que o branco tá cheio demais, quando chega lá em 60, 70 tá cheio de branco lá¹³⁰.

2.6 Registro da presença guarani nas três fronteiras

Pesquisa realizada pela Universidade Federal do Paraná, antecipando a construção da Itaipu Binacional, mostrou que há seis mil anos antes de Cristo (a.C) existia presença humana na região da fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Vários grupos humanos sucederam-se ao longo dos séculos. Antes da chegada dos europeus, foram os índios.

“Na simplificação que divide a história da América em antes e depois do “descobrimento” pela civilização “branca”, o depois começa por Foz do Iguaçu em 1542, ano da descoberta das Cataratas pelo espanhol Álvar Nuñez”¹³¹, diz o documento transcrito em Retratos. “Ao chegar ao rio Iguaçu, por ele seguiu viagem

¹³⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Fundação Cultural. **Retratos**. Foz do Iguaçu: Gráfica Editora Paraná, 1997. p. 177.

¹³¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Fundação Cultural. **Retratos**. Foz do Iguaçu: Gráfica Editora Paraná, 1997. p. 9.

guiado por índios. Ao avistar as Cataratas deu-lhe o nome de cachoeira de Santa Maria, seguindo para o Paraguai”¹³².

Após este registro, há um novo vazio histórico na região, sem datas, mas novamente escrito com o mesmo ‘tom’ de descaso evidenciado quando o assunto são os primeiros moradores: “Depois dele [Cabeça de Vaca], sucederam-se fatos ligados aos índios, missões jesuíticas e disputas entre espanhóis e portugueses pela posse do território, numa saga que se arrastaria até os fins do século XIX, quando, enfim, teria início o processo de colonização”¹³³.

O relato é retomado em 1619, quando chegou à fronteira o colonizador paulista Manoel Preto. A ele foi atribuído o primeiro ato genocida contra os guaranis. Os moradores que não se integraram à tropa acabaram mortos ou fugiram. O tema é retratado no filme “A Missão”¹³⁴. A passagem de Preto foi definida como “operação limpeza”.

Chefiando a bandeira paulista, Manuel Preto fez uma “operação limpeza”, de caça aos índios cristianizados e desmantelamento das missões jesuíticas na região. A operação foi completada pelo bandeirante Antônio Raposo Tavares, entre 1629 e 1632, com um exército de 69 paulistas, 900 mamelucos e 2.000 indígenas, anulando as pretensões espanholas (...). Só em 1750, com o Tratado de Madri, ficou definitivamente estabelecido que o território seria português e integrado ao mapa do Brasil¹³⁵.

Em 1765, houve uma nova tentativa de instalar um posto militar, mas o projeto acabou adiado. Em 1876, o capitão Nestor Borga faz nova investida, mas também

¹³² Ibid., p. 10.

¹³³ PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Fundação Cultural. **Retratos**. Foz do Iguaçu: Gráfica Editora Paraná, 1997. p. 10.

¹³⁴ O cinema retratou a temática “missioneira”. Para se conhecer mais sobre a saga dos Guarani e dos padres jesuítas na instalação das missões em territórios do Mercosul, há quatro filmes que abordam a temática. O mais conhecido deles é “A Missão”, de Rolland Joffé, vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes em 1986, como melhor filme. “A Missão” conta a saga dos jesuítas na fronteira entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai. As Cataratas do Iguaçu formam o cenário principal. O filme tem no elenco Robert De Niro, Jeremy Irons, Aidan Quinn e Liam Neeson. Sua produção e direção são esmeradas, os figurinos reproduzem fidedignamente o período, uma belíssima fotografia e um roteiro qualificado produzido por Robert Bolt. O saudoso médico paraguaio, Luiz Rolon, ambientalista e criador do museu Mborore, foi consultor de produção do filme. A história nos mostra um caçador de índios, capitão Mendonza (Robert De Niro), que, por martírio, supera seus pecados, redimindo-se com uma pena exemplar: trabalhar em favor daqueles que haviam sido suas presas preferenciais, os indígenas. Jeremy Irons interpreta o padre Gabriel, que converte os índios tocando uma flauta doce. “A Missão” discute a disputa que se travava na região pela posse das terras envolvendo Portugal, Espanha e a Igreja Católica (ameaçada de despejo de suas Missões Jesuíticas). Esse acontecimento histórico, que se desenrolou por aproximadamente cem anos e foi discutido em diversos acordos entre portugueses e espanhóis, acabou fazendo parte do filme.

¹³⁵ Ibid., p.10.

recua. Não há detalhes sobre os motivos dos fracassos. Em 1881, chegam os “primeiro habitantes”, o brasileiro Pedro Martins da Silva e o espanhol Manoel Gonzáles. Em seguida, os irmãos Goycochéa. A primeira atividade foi a exploração da erva-mate.

Não há registro de quem teria plantado as mudas do chá, permitindo a dedução de que os índios ainda permaneciam no território, que, após descoberto por Cabeça de Vaca (1542), ficou sem a presença do colonizador por quase trezentos anos. Somente com a chegada dos “primeiro habitantes”, o Ministério da Guerra do Rio de Janeiro instala, em 1888, a “Comissão Estratégica do Paraná com a missão de desbravar e ocupar o Oeste do Paraná, particularmente a fronteira”¹³⁶.

Em 22 de novembro de 1889, chega a Foz, sessenta e nove dias após ter deixado Guarapuava, a então Comissão Estratégica com o sargento José Maria de Brito. Já no dia seguinte é escrita a Ordem Nº 1: “aqui em Foz tem autoridade”. Em 1892, o Ministério da Guerra chega à cidade. Em 1893, renegados da Revolução Federalista do Rio Grande do Sul chegam à fronteira com todo o aparato provocado por uma guerra. Os cerca de trezentos moradores buscam abrigo nos países vizinhos.

Dez anos se passam e o vilarejo conta seus dois mil habitantes, tendo como fonte de renda a exploração da madeira e erva-mate. O movimento é grande, permitindo a instalação da primeira Agência Fiscal em 1897, e posteriormente a Mesa de Rendas em 1905. A fundação de Foz do Iguaçu ocorre em 1914.

2.7 A lenda Naipi de Tarobá

¹³⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Fundação Cultural. **Retratos**. Foz do Iguaçu: Gráfica Editora Paraná, 1997. p. 10.



Figura 14: Foto como ilustração Mais de 150 anos depois de terem sido vistos na Região das Cataratas o Xamoi Curador, com a esposa Marina Benitez, visitam pela primeira vez as Cataratas do Iguaçu. A viagem foi programada pela escola da Aldeia.
Fonte: VENDRAME, 2009

- A gente achou que ia ver índio aqui, disse Marina bastante contrariada com o que via.
- Muita gente, muita gente e nada de índio

Fonte: VENDRAME, 2008

A constatação da índia lembrava a experiência relatada por Stuart Hall. Ao desembarcar na Europa ele esperava ver patriotas no comando. Desde pequeno ouvia que a mão de obra e a força do africano eram altamente procuradas. Ao desembarcar na Grã-Bretanha para seguir com os estudos, percebeu que poder não era dos negros.

O autor de *Identidade e Diferença* e *Da Diáspora* escreveu: “As identidades podem funcionar; ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em objeto”¹³⁷.

A data 1914 encerra um ciclo em que lendas e lembranças ficaram tanto na memória indígena como na dos colonizadores. Primeiro a lenda sobre a origem da terra onde viveram os guaranis. A história está multiplicada por meio de *folders* e material publicitário, serve de combustível para atrair turistas do mundo todo, está nas escolas, nas casas, na cidade e fora dela. Como um conto de fadas, porém com fim pouco visto em clássicos elaborados por não-índios, a lenda começa assim:

“Há milhares de anos, duas tribos disputavam o território das águas do rio Iguaçu. Para manter as águas sempre serenas, todos os anos era sacrificada uma índia. A morte da jovem, imaculada, servia para aplacar a ira do M Boi, a serpente adormecida nas profundezas. A bela Naipi é escolhida para alimentar a serpente, mas ao ver a jovem, o valente Tarobá se apaixona e decide fugir. Os dois empreendem fuga com um barco e eis que M Boi surge com toda a voracidade, rompendo as profundezas. A cada tentativa de se mover em direção ao casal, rochas são quebradas e armadilhas em forma de quedas de mais de 70 metros de altura impedem a fuga. O casal morre. Naipi se transforma em rocha e Tarobá, como última tentativa, se transforma em uma árvore cujas raízes estão fixadas na rocha, onde, em noites de Lua cheia, a água parece buscar refúgio na lenda”¹³⁸.

¹³⁷ HALL, Stuart. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 110.

¹³⁸ Existem dezenas de versões e páginas na internet divulgando a lenda. O site em que está registrada a lenda citada é <<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/release05.doc>>. Ele é mantido pela concessionária do parque – Cataratas S.A.

Influência da lenda ou não, o fato é que o formato das Cataratas tem a silhueta de uma serpente em movimento, e até hoje é possível ver uma única árvore com seus galhos retorcidos em direção às quedas.

Da lenda para a realidade, os índios foram despejados da região pelos exploradores da erva-mate e pelas madeiras que dizimaram parte da reserva nas décadas de trinta a sessenta. A indústria da madeira foi responsável pela primeira hidrelétrica de Foz. A empresa ficava dentro do Parque e era abastecida pelo rio São João. A construção persiste até hoje. A visitação é proibida ao público.

Na década de setenta, foram despejados novamente da região chamada de Jacutinga. Desta vez, a fuga foi por conta da inundação do Lago de Itaipu. Ao contrário de colonos e agricultores, as tribos foram levadas em caminhões para o Paraguai e a Argentina, onde viviam descendentes. Na década de oitenta, orquestrados por políticos, os índios passam a ser notícia quase diária. As manchetes têm como foco as invasões¹³⁹. Itaipu é apontada como responsável, tendo que enfrentar um período de quase dez anos de desgastes.

Na década de noventa, parte é assentada em São Miguel do Iguaçu. O espaço, considerado como reserva técnica, limitando qualquer ação que não seja controlada. Novo conflito e os chamados, aqui, de “políticos de penacho” surgem para mais uma eleição. O ex-diretor da Itaipu, Euclides Scalco, nomeado pelo regime militar, deixa o cargo, e, no lugar, assume Jorge Samek (PT), com uma política mais indigenista.

Entre seus atos está o de recuperar o entorno do Lago e, com isso, solucionar a questão indígena, ou pelo menos afastar os índios do foco urbano. Surgiu, então, há 17 anos, a *Tekoha Añetete*, em guarani “Terra Prometida ou Terra Definitiva”.

¹³⁹ Jornal diário de Foz – A Gazeta do Iguaçu – disponível em: <<http://www.gazeta.inf.br>>.

3. A COMUNICAÇÃO NA TEKOKHA AÑETETE ANTES DA CHEGADA DA INTERNET



Figura 15: Foto como ilustração Durante viagem até as Cataratas do Iguaçu o índio Guilherme de oito anos pede a câmera usada para registrar a pesquisa para fazer imagens de um avião que estava passando veneno em uma lavoura de soja. Ele queria mostrar os amigos “olhando o avião”. A viagem foi promovida pela escola da aldeia para “apresentar aos descendentes onde o índio havia morado antes de ser expulso do território do Parque Nacional do Iguaçu por madeiras).
Fonte: VENDRAME, 2008.

“Os estudos comunicacionais consideram, quase sempre, que ter cultura é estar conectado¹⁴⁰”. A frase utilizada por Canclini ao definir “O que é Cultura” está sendo reproduzida propositalmente na abertura deste capítulo para tratar dos meios de comunicação utilizados pelos índios na Aldeia Tekoha Añetete.

Este capítulo vai reproduzir a única pesquisa qualitativa realizada desde a criação da aldeia. Duas cópias do material, resultado da dissertação do mestrado foram entregues: uma ao diretor de Meio Ambiente, Nilton Friedrich, e a segunda para a escola da Aldeia Tekoha Añetete no dia 18 de abril de 2009. Também foi pedida a autorização para acompanhar a instalação da Internet da aldeia, objeto que circunda

¹⁴⁰ GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Diferentes Desiguais e Desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2005. p. 17.

o conteúdo desta Tese como um fluxo para novas combinações dentro e entre as comunidades e além da Aldeia.



Figura 16: Foto como ilustração Professor João recebe o exemplar da Dissertação de Mestrado. “Esse Pajé é o meu pai”
Fonte: HIJAZI, 2009

Ao receberem as casas construídas em alvenaria com água encanada de dois poços artesianos, luz e gás os moradores proveram, junto com panelas, sofás, fogão elétrico, também eletrodomésticos possibilitando ter acesso à informação. Pesquisa realizada durante o mestrado para apurar a Comunicação, o Consumo e a recepção entre os moradores da *Tekoha Añetete* revelou que das 46 famílias ouvidas no levantamento para o Mapa de Consumo Cultural¹⁴¹, entre a faixa etária de 18 anos a 74 anos, a maioria disse ouvir rádio quase todos os dias.

¹⁴¹ Respostas com gráficos e perguntas estão em anexo neste trabalho e foram realizadas durante a pesquisa para o Mestrado em Comunicação pela ESPM/SP.

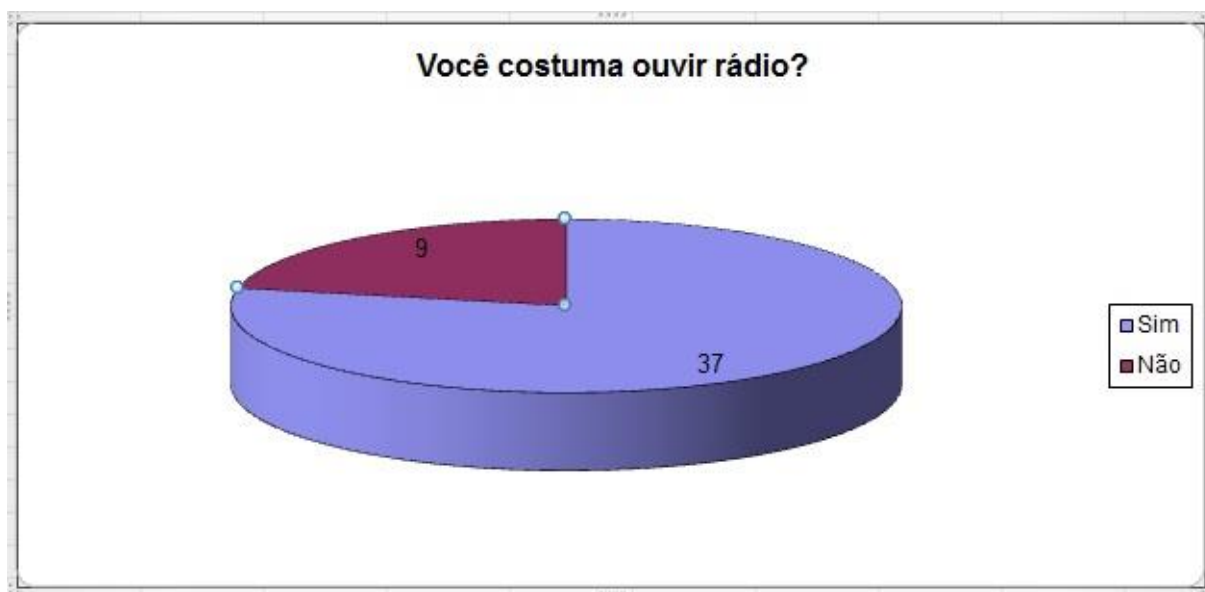


Gráfico 2: Pesquisa realizada sobre audiência de rádio na Aldeia.

Entre os homens, 18 disseram sim à pergunta: “Você costuma ouvir Rádio?”. Apenas 5 disseram não ter o hábito conforme mostra o gráfico. Entre as mulheres o número aproxima-se também. Das 22 índias que responderam ao questionário, 19 disseram ouvir rádio e apenas quatro não. A preferência pelo veículo de comunicação estava com mais frequência entre os moradores com menos de 40 anos.

A instalação da Internet na Aldeia *Tekoha Añetete*, capítulo posterior a este, acrescenta mais um fio para a interação midiática também dentro das reservas indígenas. Antecipando o que será visto a seguir, a presença de computadores nas reservas tem-se tornado cada vez mais notícia nos meios de comunicação. Porém como esse aparato é usado no dia a dia, pouco se sabe, além do noticiado.

Na matéria publicada em dezembro, os índios denunciavam o assassinato de um patriota em Tocantins durante desocupação da área pela Polícia Federal. Considerando não dispor da cobertura esperada pelos veículos oficiais, os índios buscaram por meio das Mídias Sociais, principalmente o Facebook, espaço para chamar a atenção não apenas de autoridade como o Ministro da Justiça do Brasil, mas dos brasileiros para questões poucos exploradas, como explicitado no Capítulo 3.

Na pesquisa realizada na Aldeia, antes da Internet, maioria dos índios queixou-se sobre o modo como as novelas do Brasil apropriavam-se da existência do índio no Brasil. Graciela Alvez, casada havia um ano, tem no corpo três tatuagens: uma do

grupo KLB, a outra com o nome de um homem, que não é o marido, e na coxa esquerda a tatuagem com o nome da irmã que ela mais gosta.

A família de Graciela chegou à aldeia quando ela tinha seis anos. Hoje, na época da entrevista, ela tem dezessete, ela representava a primeira geração de adolescentes do lugar, queria ser escritora de romances tendo como cenário a própria aldeia.

O encontro dela com o sogro, o seu Aleixo, cento e cinco anos, foi simbólico. Havia uma diferença de quase cem anos entre as duas gerações.

Pergunta – Hoje quando você assiste à televisão e percebe que ela traz um universo que não é indígena, o que você pensa?

Graciela – Como assim?

– Tanto a novela como os programas não focam o índio diretamente e nem têm o índio como elemento principal, apesar da grande população indígena.

– Eu não me incomodo de assistir à TV e não ver os índios.

– Mas você gostaria de ver o índio mais presente e com maior autoridade?

– Eu gostaria de ver, mas...

– Foi você que respondeu o questionário e escreveu que quando o índio aparece na TV ele é representado como sendo “burro”?

– Não é como burro, mas às vezes eu acho isso, nas novelas eles protagonizam os índios e às vezes eles fazem uma coisa que os índios não fazem.

– Por que você acha que eles colocam o índio assim?

– É por falta de conhecimento. Porque que eles não vão conhecer mais antes de fazer essas coisas, porque a gente assiste e gosta da novela, mas ofende os índios.



Figura 17: Foto como ilustração Na aldeia Tekoha Añetete são os jovens os mais interessados na Internet. Antes de terem o suporte na reserva, a maioria ‘fugia’ para acessar na cidade, tendo que pagar para poder “usar o computador”
 Fonte: VENDRAME, 2008.

A banda larga sucede, também, à televisão na Aldeia. Das 42 casas entregues pela Itaipu, apenas duas não possuíam televisão. A casa de Seu Aleixo, 105 anos, que classificou o eletrodoméstico de “muito zunido, impede sono tranquilo¹⁴²” e na residência usada apenas pelo coordenador de Projetos Ambientais e de Sustentabilidade Indígena, João Bernardes quando permanece na reserva.

Não foi apenas a televisão a frequentar a casa dos índios, antes do advento da Internet. Se observado o gráfico abaixo, a lista é resultado dos 46 questionários aplicados na Tekoha Añetete. Dos 46 entrevistados, a maioria disse ter mais de um tipo de eletrodoméstico dentro de casa.

¹⁴² Ver anexo com as entrevistas com Seu Aleixo

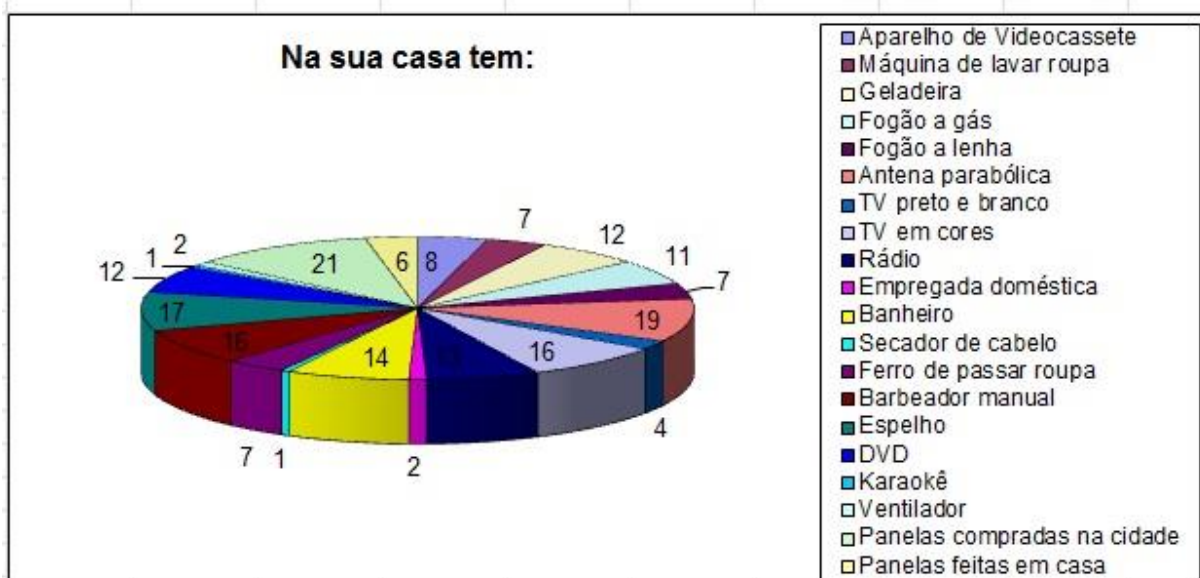


Gráfico 3: Presença de eletrônicos e eletrodomésticos na Aldeia

Durante a pesquisa sobre o Mapa de Consumo Cultural, Lorenza, que não sabe ler, respondeu às perguntas lidas pela pesquisadora, sempre com respostas imediatas ao final de cada questão. Por diversas vezes, apontava com o dedo a resposta cuja leitura era indicativa a cada item, para que se sentisse segura de que era assinalada corretamente a resposta.

A pesquisa sobre Mapa de Consumo Cultural, realizada de 8 a 14 de setembro de 2008¹⁴³, ouviu quarenta e cinco moradores da Aldeia *Tekoha Añetete*, com uma faixa etária que varia de dez a setenta e quatro anos. Do total, trinta e nove disseram ter televisão em casa e sete, não possuir o aparelho.

Destes, trinta e um têm o aparelho colorido e oito, preto e branco. Quarenta e um afirmam assistir à televisão e quatro não assistem. Trinta e um assiste todos os dias; três, de uma a três vezes por semana; três, de três a cinco vezes por semana e três quase nunca assistem à TV. Na hora de assistir, um está sozinho; trinta e um, com familiares e onze, com amigos.

Se computado o tempo em frente à televisão, sete assistem por menos de uma hora; o mesmo número, entre uma e duas horas; cinco, entre duas e três horas e dezesseis assistem por mais de três horas. Verificado o horário, dois assistem pela manhã; oito, à tarde; dezenove, à noite e um assiste televisão de madrugada. Do total, doze disseram ter o aparelho ligado em todos os horários.

¹⁴³ Gráficos do Mapa de Consumo Cultural seguem na sequência do trabalho.

Os canais mais assistidos são: Record, citado trinta e cinco vezes; Globo, trinta e três; SBT, vinte e sete; Bandeirantes, cinco vezes e Cultura, citado três vezes. Entre os programas, sete preferem os jornalísticos; sete, os esportivos; vinte e quatro assistem a novelas; vinte e oito, a filmes; cinco têm preferência por programas de auditório; cinco, por programas educativos e um, por clipes. Ainda trinta e um gostam de desenhos animados e três, de seriados, respostas adquiridas após análise de mais de uma resposta as questões.

Ainda sobre o comportamento, oito disseram que, enquanto fazem as refeições, se dividem entre conversar entre si; vinte e um disseram que a família assiste à TV enquanto almoça; onze têm o costume de comer em silêncio, mas com a televisão desligada, e, para cinco, é costume comer em silêncio, mas com a televisão ligada.

Entre os assuntos discutidos durante a refeição, nove apontaram questões ou problemas de trabalho; onze, questões das escolas; dez, notícias que passam na televisão e duas, problemas de dinheiro. Dos que responderam as questões, nenhum dos entrevistados respondeu ter como assunto os problemas da família, política e os problemas sobre a aldeia.

Entre os que estudam, trinta e cinco pessoas, a pesquisa buscou saber qual era a principal atividade após as aulas. Dos que responderam, tendo a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa, dezesseis fazem visitas a amigos ou parentes; dois, leitura; dezesseis, jogar bola; três, andar pela mata; nove, pescar; quatro, caçar; cinco apontaram a resposta gostaria de ir a cidade passear; onze, assistir TV; oito, ouvir rádio; dois, ficar na internet e um, cantar no karaokê.

3.1 SOBRE O CONSUMO DE PRODUTOS

Entre as constatações, a mais surpreendente durante os quinze dias na aldeia – a primeira como observadora participativa, de 31 de dezembro de 2007 a 7 de janeiro de 2008, novamente de 8 a 14 de setembro de 2008, para as pesquisas, e no dia 26 de outubro de 2008, para nova série de entrevistas – foi perceber que, ao referirem-se à televisão, os índios o fazem sem estranhamento.

Entre os aspectos para esta observação, pode ser citada a experiência de acompanhar a passagem do ano na aldeia e de ouvir a contagem regressiva para o fim de 2007 e chegada de 2008. O tradicional “10! 9! 8! (...) 3! 2! 1! Feliz 2008!” veio do som da televisão do seu Alcides, o genro do então cacique da Aldeia *Tekoha Añetete*. Ele e a família, como quase todo o Brasil, esperaram a chegada de mais um ano por meio de uma tela.

Ao observá-los imóveis diante do aparelho, foi possível deduzir que a máquina trazida para o Brasil na década de quarenta não causa mais espanto entre eles, mas fascínio. Como nas casas da cidade, também na aldeia, a TV ganhou um lugar de destaque na sala.



Figura 18: Foto como ilustração *O Pajé benzedor, Lirio Chamorro, assiste à televisão. Ao perceber que é fotografado, pede para vestir os aparatos do cargo*
 Fonte: VENDRAME, 2008

No Brasil não existe loja especializada para índio. O modo de vestir também não foge ao comprado jeans, boné e camiseta viraram o estilo “uniforme”. Tanto na aldeia, como fora dela, as crianças dividem-se entre brincar e assistir à televisão, porém com uma diferença, na Tekoha eles escolhem uma casa a cada dia, tanto para brincar, como para assistir à televisão.



Figura 19: Foto como ilustração Crianças e jovens assistem filmes exibido via DVD. O CD havia sido comprado em uma banquinha na entrada da aldeia por R\$ 2.50. O mesmo preço que é vendido nas ruas de Foz

Fonte: VENDRAME, 2008

Quando pesquisado sobre o perfil do consumo, as respostas sobre os temas dividem-se. Do total, trinta e cinco disseram ter visto o produto antes de comprar e apenas dez negaram. Para o grupo, a televisão foi citada vinte e cinco vezes como tendo sido a mediadora para a nova compra, substituindo também o costume da tribo que era o de primeiro ouvir o conselho dos mais velhos, que também eram os pajés (o curador, o rezador e o conselheiro).

Se observadas as demais respostas, seis disseram ter feito a escolha após conversa com outras pessoas da cidade; seis, passeando, vendo as vitrines das lojas, e cinco, pelo rádio. Neste caso, é possível dizer que o reflexo do comportamento dos moradores advém não apenas de terem a televisão dentro de casa, mas é anterior – começou no momento em que o índio viu o branco pela primeira vez.

Na hora de comprar, trinta e duas pessoas revelaram se guiar primeiro pelo preço; dezesseis, pela marca e quatorze, pela qualidade. Mas na aldeia também impera o senso comum encontrado em pesquisas realizadas em outras regiões. Ainda referente à questão acima, entre os itens assinalados, a moda da TV foi apontada por

doze pessoas; a indicação de um conhecido, por sete; a novidade do produto, por sete; o costume da aldeia, por sete e a promoção, igualmente por sete pessoas.

A televisão foi apontada, também, como o veículo no qual os produtos mais aparecem, ajudando na hora da escolha. A resposta reforça a presença do aparelho em todas as casas. Mais que isso, o índio revela ser um assíduo telespectador, resposta quase sempre negada quando as perguntas eram feitas pessoalmente. Também derruba a resposta que a maioria assinalou que assistia à TV menos de três horas por dia, como pode ser visto nos itens sobre Mídia e Consumo: a Televisão Como Mediadora, que virão a seguir.

Para os entrevistados, a música, por doze vezes, acompanhada da história, com onze citações, são os dois fatos que mais chamam a atenção em um comercial. As cores, os desenhos e o texto ficaram empatados com oito respostas cada um. A roupa usada pelos atores dos comerciais foi citada por três como sendo o diferencial nas propagandas.

O que chama a atenção nesta pergunta é o fato de que apenas três disseram ter o interesse despertado para a roupa dos atores, apesar de na aldeia a maioria vestir a “modinha mediática”. Porém, é possível dizer que, ao ser obrigado a vestir-se, o índio passa a ver o novo modo de vida como uma obrigação e não como prazer, como acontece quando ele aproxima os sentidos da música e da história proposta pelos comerciais.

Peças para vestuário, como roupas, calçados, perfumes e acessórios, principalmente brincos, compõem a lista de preferência da tribo. Somam a isto os eletroeletrônicos e os alimentos entre os últimos produtos comprados pelos moradores. A aquisição de uma bicicleta também está na lista. A justificativa sobre a opção se dividiu em oito respostas por necessidade e seis respostas porque gostou.

3.2 Opção e Gosto Feminino

Ao término dos questionários, os números ficaram divididos entre vinte e duas pessoas do sexo feminino e vinte e três do sexo masculino. Das mulheres ouvidas, dezenove disseram ter televisão em casa e três não possuem o aparelho. Quinze

possuem aparelho colorido e sete, preto e branco. Vinte mulheres afirmam assistir e duas não assistem TV. Treze assistem todos os dias; quatro, de uma a três vezes por semana; duas, de três a cinco vezes por semana e três quase nunca assistem à TV. Na hora de assistir, apenas uma o faz sozinha; quinze assistem com familiares e seis, com amigos.

Se computado o tempo em frente à televisão, duas ficam por menos de uma hora; seis, entre uma e duas horas; três entre duas e três horas e nenhuma por mais de três horas. Se verificado o horário, uma pessoa assiste pela manhã; seis assistem à tarde; cinco, à noite e nenhuma de madrugada. A frequência em frente ao aparelho mostra que a TV permanece ligada o dia todo. Durante a pesquisa de campo, foi verificado que os públicos se alternam de acordo com os períodos das aulas e, à noite, todos se reúnem.

Tendo a opção de escolher por mais de um canal, os mais assistidos pelas mulheres são: Record, citado por dezessete vezes; Globo, por quinze vezes; SBT, por duas vezes e Bandeirantes, citado somente uma vez.

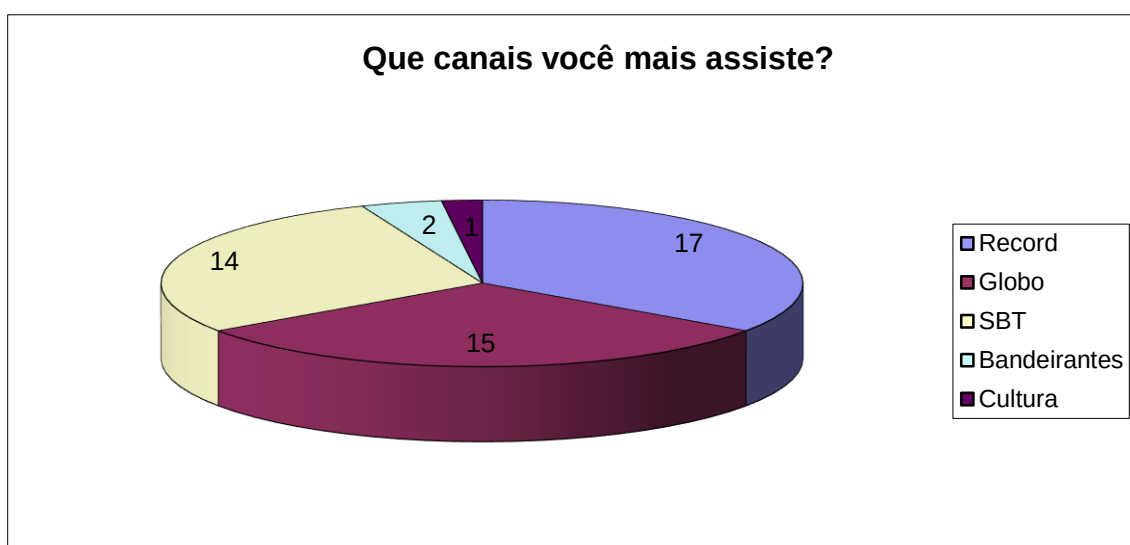


Gráfico 4: Canais mais assistidos (FEM.)

Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Novamente com a opção de mais de uma escolha, entre os programas mais assistidos, dezesseis mulheres preferem novelas; dezesseis, desenho animado; quinze, filmes; duas, programas jornalísticos; duas, os educativos; e duas preferem os seriados. Os demais (programas educativos, clipes e programas especializados) não são assinalados.

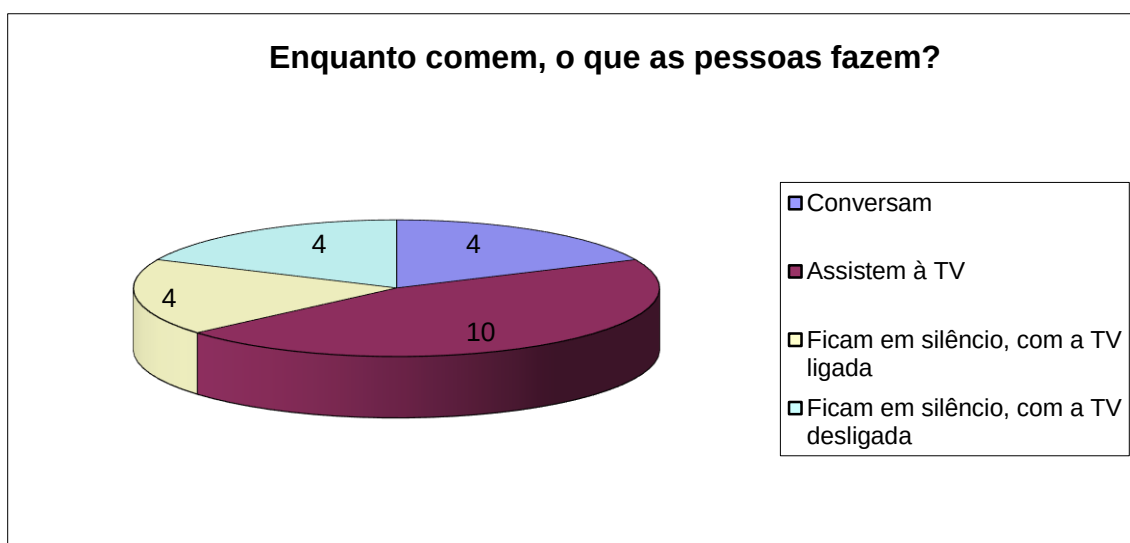


Gráfico 5: Comportamento durante as refeições (FEM.)
 Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Ainda sobre o comportamento, a grande maioria das mulheres, dez delas, disse que, enquanto faz as refeições, a família assiste TV. Já quatro mulheres disseram que a família se divide entre conversas entre si; quatro também disseram que é costume comer em silêncio, mas com a televisão ligada, e quatro, que é costume comer em silêncio, mas com a televisão desligada.

Das mulheres que responderam que a família conversa entre si durante as refeições, cinco disseram que têm como assunto questões das escolas; quatro, notícias que passam na televisão; três, questões ou problemas do trabalho e duas, problemas de dinheiro. Nenhuma delas citou os itens problemas da família, política ou problemas sobre a aldeia.

Das mulheres que estudam, dezoito, a pesquisa buscou saber qual era a principal atividade após as aulas. Das que responderam, onze citaram visitas a amigos ou parentes; onze, jogar bola; seis, ouvir, rádio; cinco, pescar; cinco, assistir à TV; quatro, gostariam de ir à cidade passear; duas, andar pela mata; duas, caçar; duas, ficar na internet e uma, citou a resposta cantar no karaokê. Ninguém assinalou o item leitura. Questionadas sobre outras atividades, as respostas livres também ficaram dentro do quadro assinalado: brincar, jogar bola, ouvir jogo e ficar na internet.

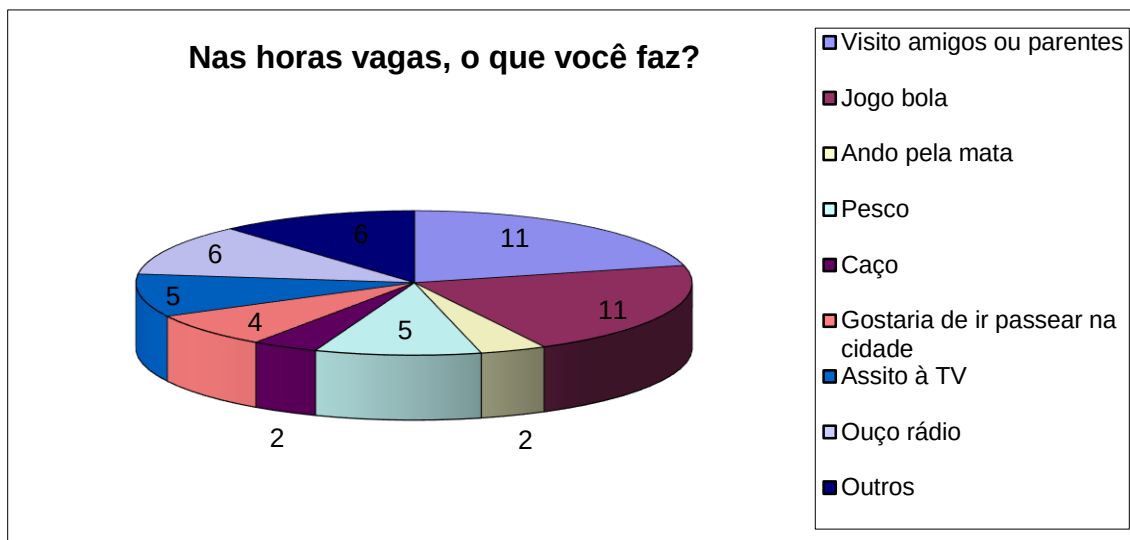


Gráfico 6: Atividades nas horas vagas (FEM.)

Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

As almas femininas vêm para ajudar, “tirar do perigo” a família, conduzindo-a para algum lugar verdadeiro. Em cada família é preciso ter alguma mulher, uma alma feminina. Quando *Nhanderu Ete* (Deus Maior) “tem dó” de alguma família, envia uma de suas almas para ser sua guia (...) As mulheres não devem se afastar por muito tempo da sua Tekoha, para que possam cuidar dela. Têm boa voz para o canto e se destacavam ao dirigir as rezas coletivas. Têm condição de organizar o grupo, de liderar e de organizar¹⁴⁴.

3.3 Mídia e Consumo: a Televisão como Mediadora

Quando pesquisado sobre o perfil do consumo, as respostas sobre os temas se dividem. Das consumidoras, vinte e uma afirmam ter visto o produto antes de comprar. Destas, quinze tiveram a televisão como mediadora; cinco conheceram o produto conversando com pessoas da aldeia; quatro, pelo rádio e três, conversando com pessoas da cidade e passeando. Os itens jornal, revista e internet não foram assinalados.

¹⁴⁴ LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya:** significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p.122.



Gráfico 7: Acesso às propagandas que mais ajudam na hora de escolher o que comprar (FEM.)

Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Na hora de comprar, as mulheres, que poderiam assinalar mais de um item, deram as seguintes respostas: quinze disseram se guiar pelo preço; onze, pela qualidade, dez, pela moda da TV; sete, pela marca; cinco, pelo costume da aldeia; quatro, pela novidade do produto e três, pela indicação de um conhecido.

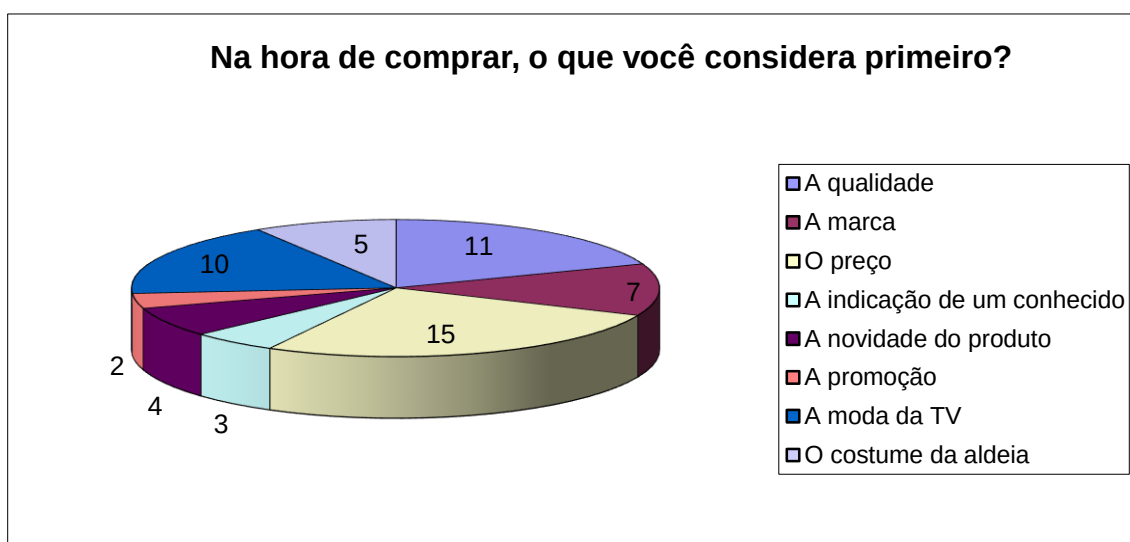


Gráfico 8. Características consideradas na hora da compra (FEM.)

Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Referente à opinião quanto às propagandas (publicidades) que ajudam na hora de escolher o que comprar, as mulheres responderam que, para quinze, são as propagandas que aparecem na TV, e, para seis, são os costume da aldeia. Os demais itens, *outdoor* (cartaz de rua), nas revistas, nos jornais, folhetos de rua e rádio, não foram assinalados.

A música foi apontada por oito mulheres como o elemento de maior sedução nos anúncios. Em seguida apareceram o texto, citado cinco vezes; a história, quatro; as cores, três, e os desenhos, duas vezes.

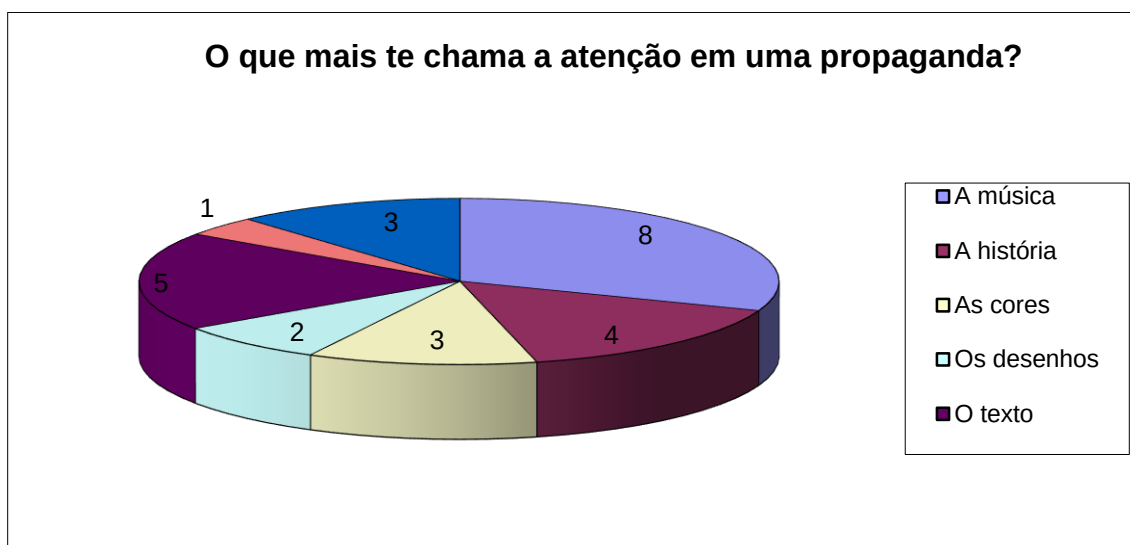


Gráfico 9: Elementos que mais chamam atenção em uma propaganda (FEM.)
Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Entre os produtos comprados por último na casa das índias, os calçados foram os preferidos, seguidos por alimentos e eletroeletrônicos. Sobre os motivos que as levaram a comprar estão: necessidade, gosto e fato de toda a aldeia já possuir um similar.

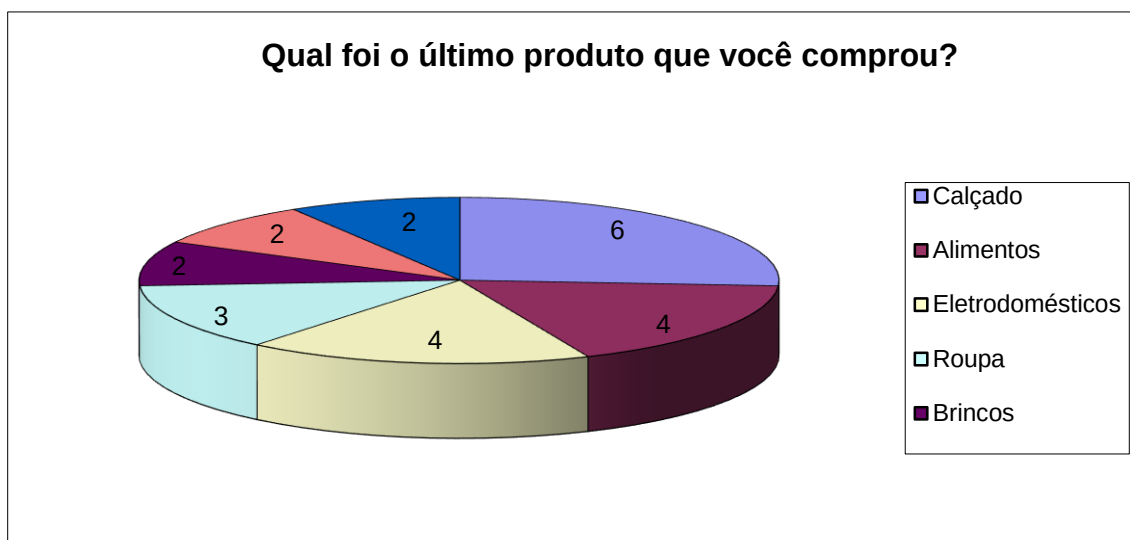


Gráfico 10: Último produto comprado (FEM.)
 Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

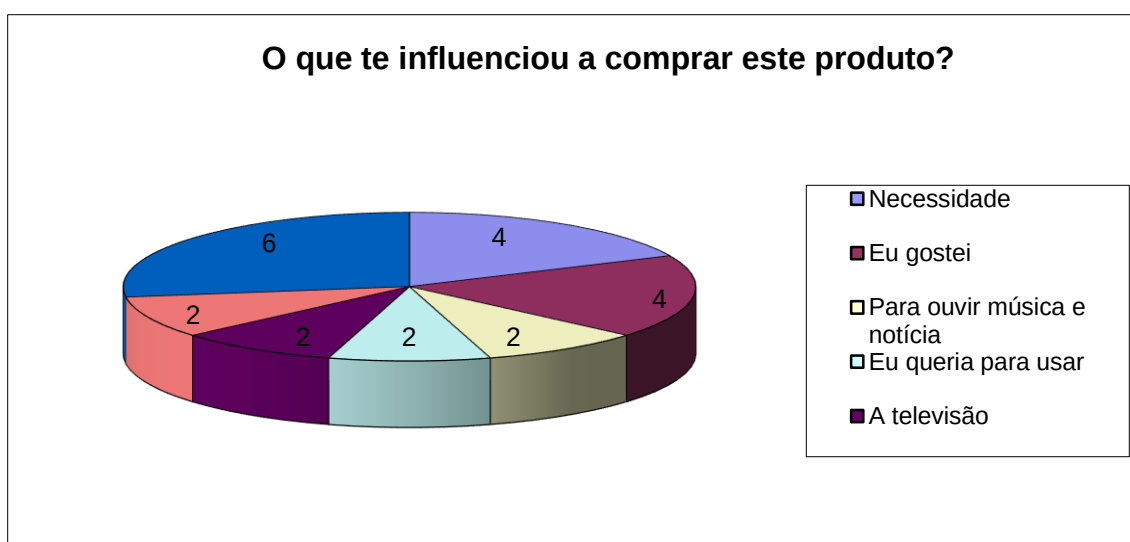


Gráfico 11: Influências na compra do produto (FEM.)
 Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

3.4 Opção e Gosto Masculino

A posição dos índios na aldeia também revelou-se. A eles cabia o sustento da família e proteção. “As almas masculinas, em sua maioria, quando chegam a *yva paã*

(céu), retornam para sua região, no zênite (*ara mbyte*) em *Kuaray retã*, ou no poente, em *tupã reta*¹⁴⁵.

Dos vinte e três homens entrevistados, vinte disseram ter televisão em casa e três, não possuir o aparelho. Dezesseis responderam que o aparelho é colorido e quatro, que o aparelho é preto e branco. Vinte e um afirmam que assistem à televisão e dois disseram que não. Dezoito assistem todos os dias; dois, de uma a três vezes por semana e um, de três a cinco vezes por semana. Na hora de assistir, dezesseis assistem junto aos familiares; cinco, com amigos e nenhum deles, sozinho. Duas pessoas não responderam a ambas as perguntas.

Se computado o tempo em frente à televisão, cinco assistem por menos de uma hora; seis, entre uma e duas horas; dois, entre duas e três horas e nenhum assiste por mais de três horas. Se verificado o horário, um assiste pela manhã; dois, à tarde, quatorze à noite e somente um, de madrugada.

Entre os homens, os canais mais assistidos são a Globo e a Record, empatados com dezoito citações. Na sequência aparece o SBT, com treze; a Bandeirantes, com três; a Cultura, com duas e a MTV, com uma. As demais – RedeTV, Gazeta, Canal 21 e TV a cabo – não foram assinaladas.

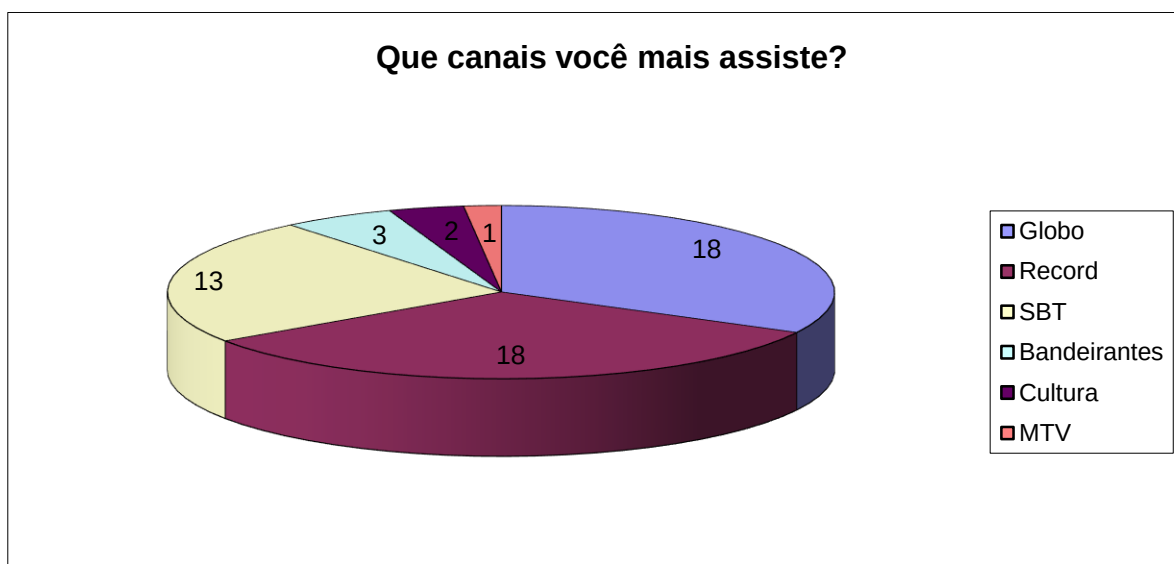


Gráfico 12: Canais mais assistidos (MASC.)

Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

¹⁴⁵ LADEIRA, Maria Inês. **O Caminhar sob a luz:** território mbya à beira do oceano. São Paulo: Ed. Unes, 2007. il. p.122.

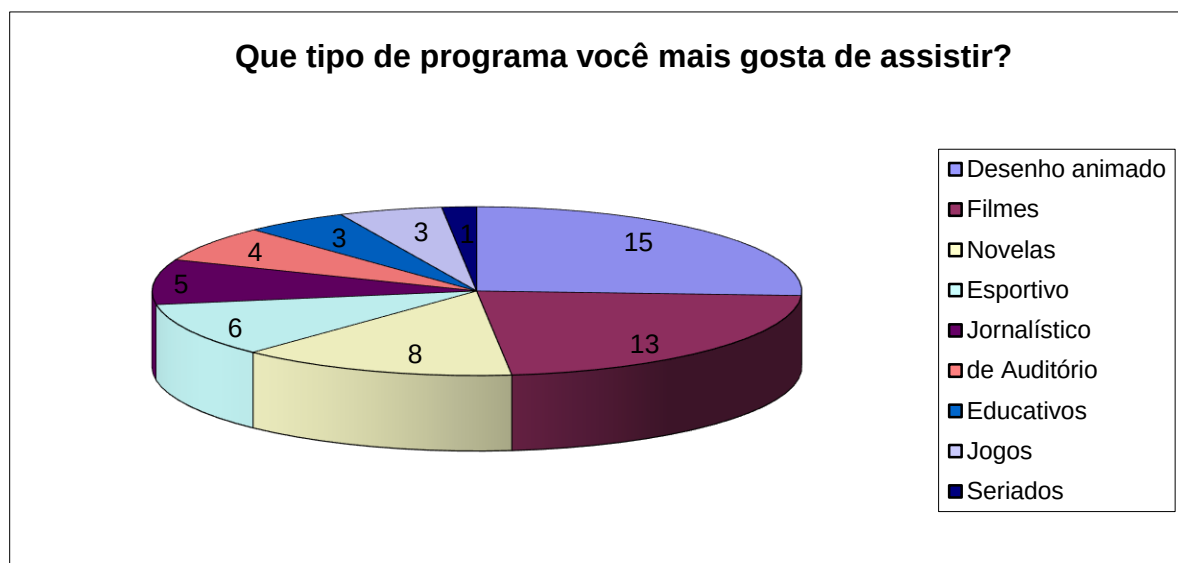


Gráfico 13: Tipos de programas mais assistidos (MASC.)
 Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Entre os programas favoritos, quinze homens optaram por desenhos animados; treze, por filmes; oito, novelas; seis, esporte; cinco preferem os jornalístico; quatro, os programas de auditório; três, os programas educativo e um tem por opção o seriado. A resposta programas especializados não obteve nenhuma citação.

Ainda sobre o comportamento, quatro homens disseram que, enquanto fazem as refeições, se dividem entre conversar entre eles; onze responderam que a família assiste à TV enquanto almoça; para sete é costume comer em silêncio, mas com a televisão ligada, e um tem o costume de comer em silêncio, mas com a televisão desligada.

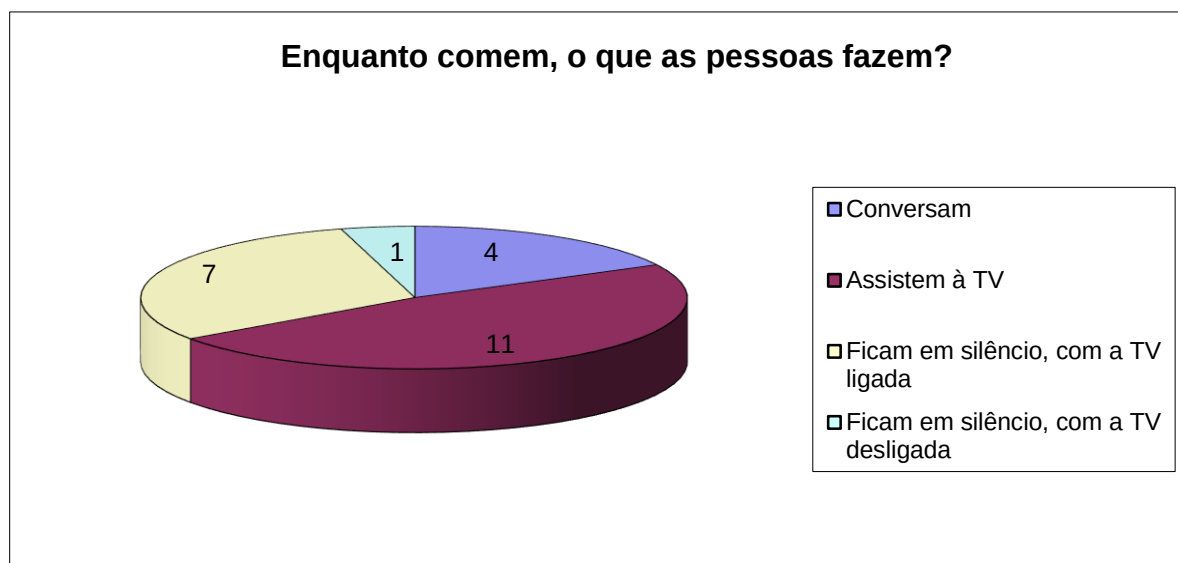


Gráfico 14: Comportamento durante as refeições (MASC.)
 Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Entre os assuntos discutidos durante a refeição aparecem: questões ou problemas do trabalho – seis; questões das escolas – seis; notícias que passam na televisão – seis; problemas da família, problemas de dinheiro, política e problemas sobre a aldeia não foram citados.

Para os que estudam, dezessete dos entrevistados, a pesquisa buscou saber qual era a principal atividade após as aulas, tendo opção de apontar mais de uma resposta, conforme segue: seis – assistir TV; cinco – visitas a amigos ou parentes; cinco – jogar bola; quatro – pescar; dois – leitura; dois – caçar; dois – ouvir rádio; um – gostaria de ir à cidade passear; dois – andar pela mata. Ninguém optou por responder: ficar na internet ou cantar no karaokê.

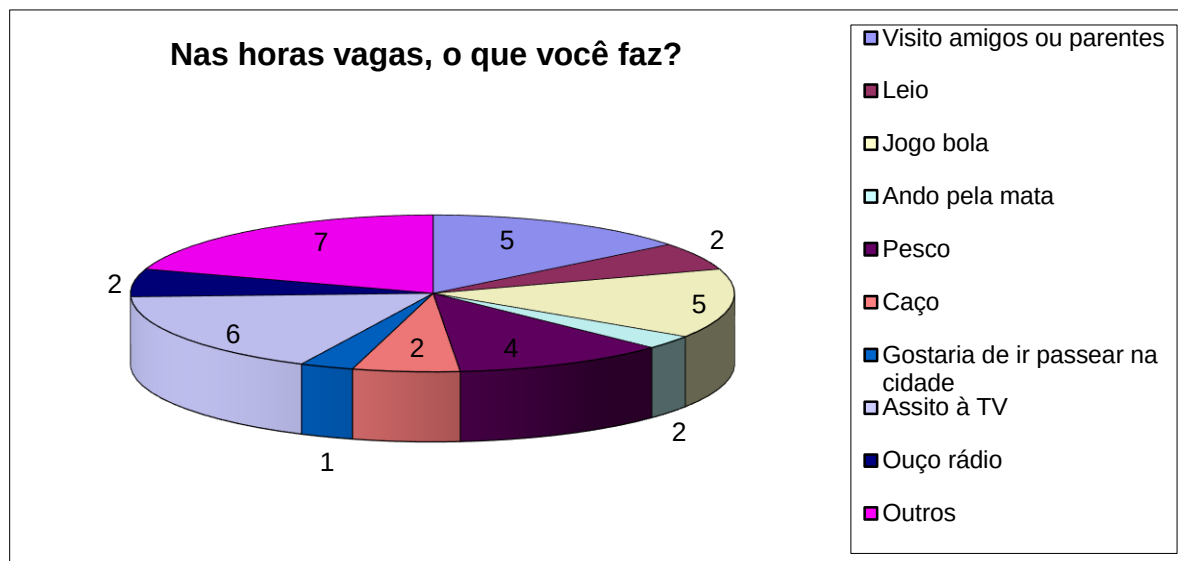


Gráfico 15: Atividades nas horas vagas (MASC.)
 Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

3.5 Mídia e Consumo: a Televisão como Mediadora

Quando pesquisado o perfil dos consumidores masculinos, as respostas sobre os temas entre os homens se dividem. Dos vinte e três, quatorze dizem ter visto o produto antes de comprar e nove, não ter visto.

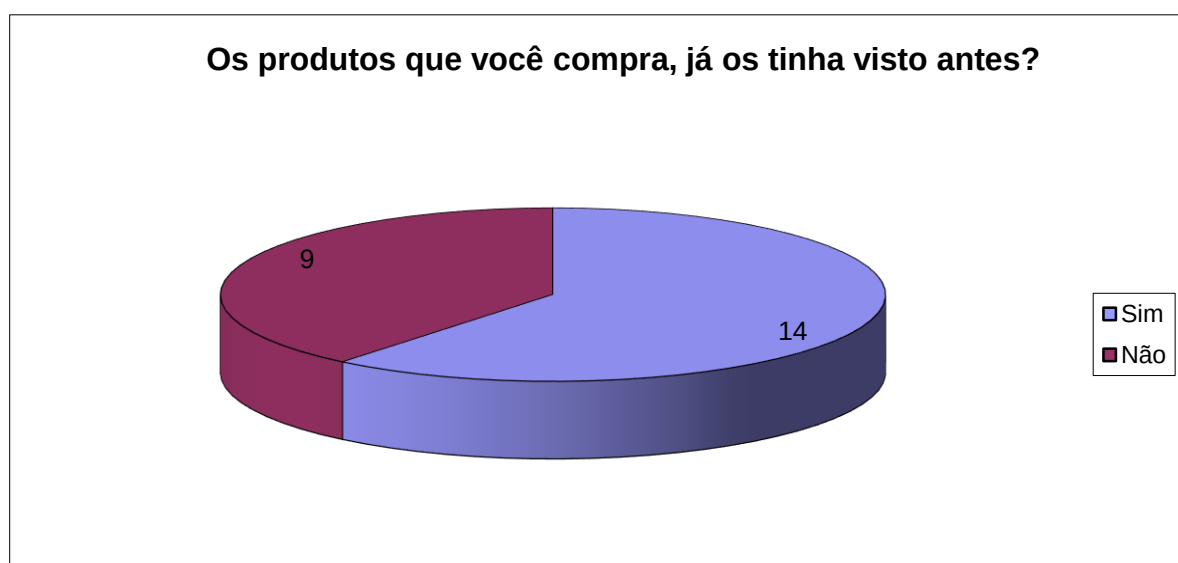


Gráfico 16 Informação de produtos adquiridos anteriormente (MASC.)
 Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Desses, dez apontaram a televisão como vitrine; seis dizem ter conhecido o produto conversando com as pessoas da aldeia; três, passeando, vendo as vitrines das lojas; um, pelo rádio; um, pelo jornal impresso e um por meio de revistas. Ninguém assinalou o item internet.

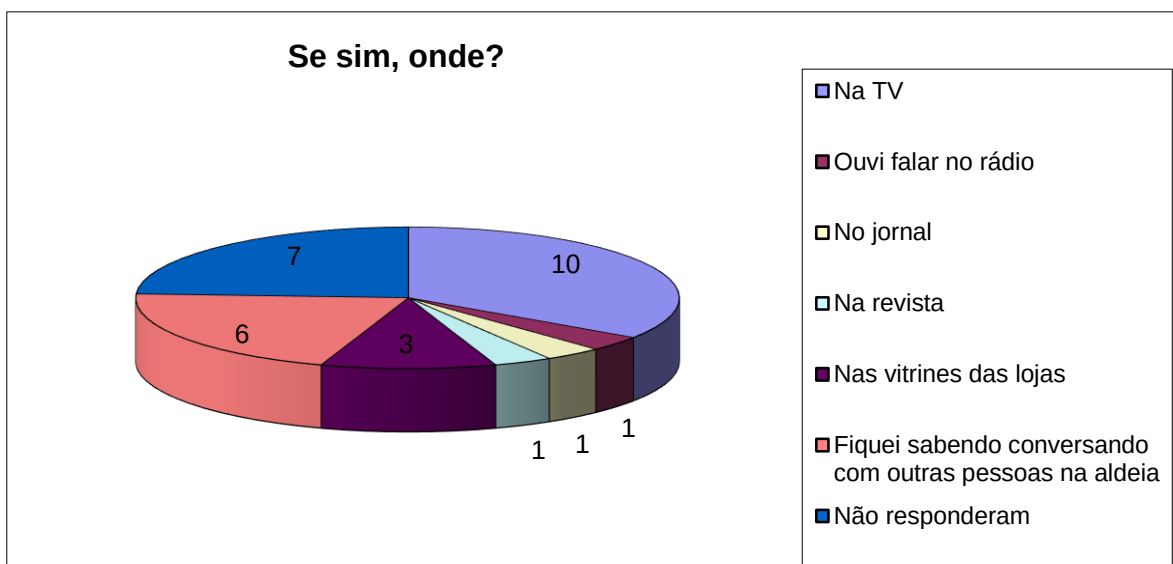


Gráfico 17: Acesso a informações de produtos adquiridos anteriormente (MASC.)
Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

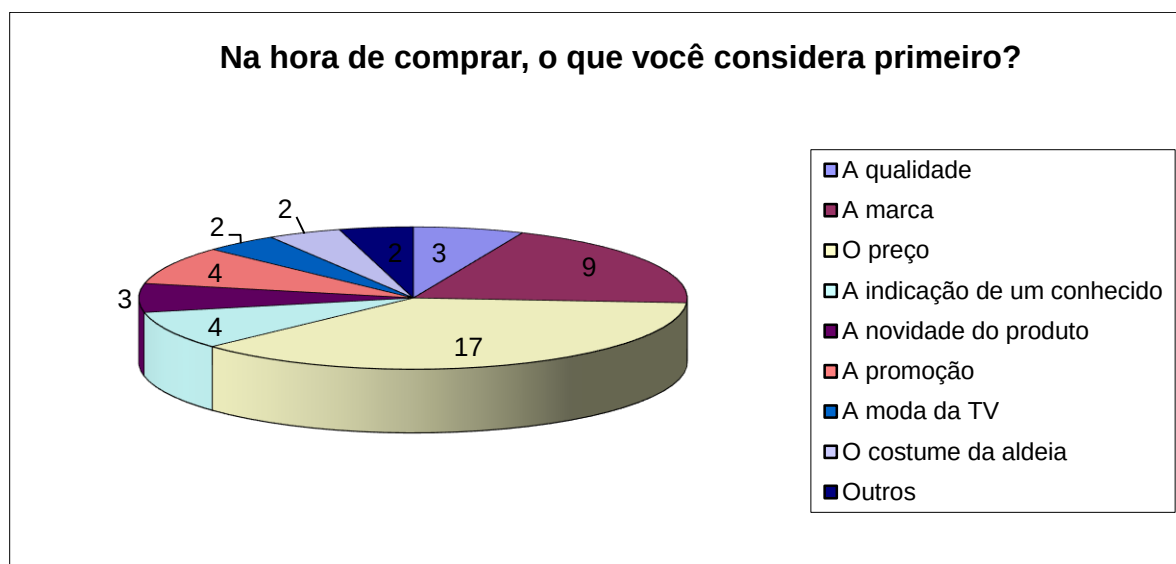


Gráfico 18: Características consideradas na hora da compra (MASC.).
Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia.

Na hora de comprar, o que os homens olham mais, numerando por ordem de prioridade: dezessete – o preço; nove – a marca; quatro – a indicação de um conhecido; quatro – a promoção; três – a qualidade; três – a novidade do produto; dois

– a moda da TV; dois – o costume da aldeia. Entre as respostas livres, a justificativa “viver igual aos outros” foi citada.

Na opinião deles, as propagandas (publicidades) que ajudam na hora de escolher o que comprar aparecem para: doze, na TV; cinco, na rádio; três, no costume da aldeia; um nas revistas; um nos jornais; um em folhetos de rua e nenhum em *outdoor* (cartaz de rua).

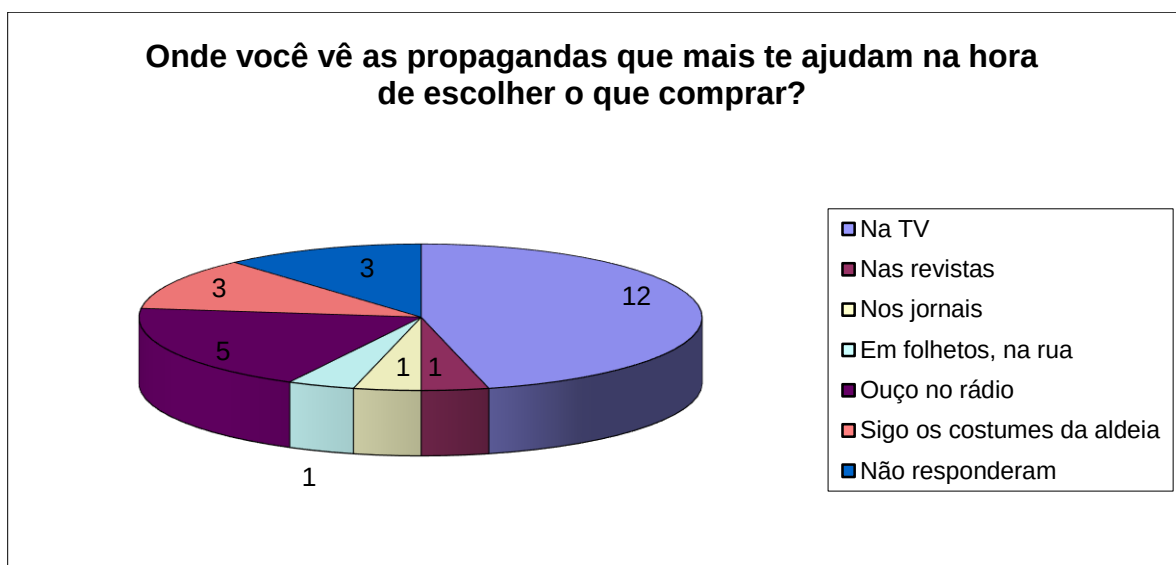


Gráfico 19: Acesso às propagandas que mais ajudam na hora de escolher o que comprar (MASC.)

Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

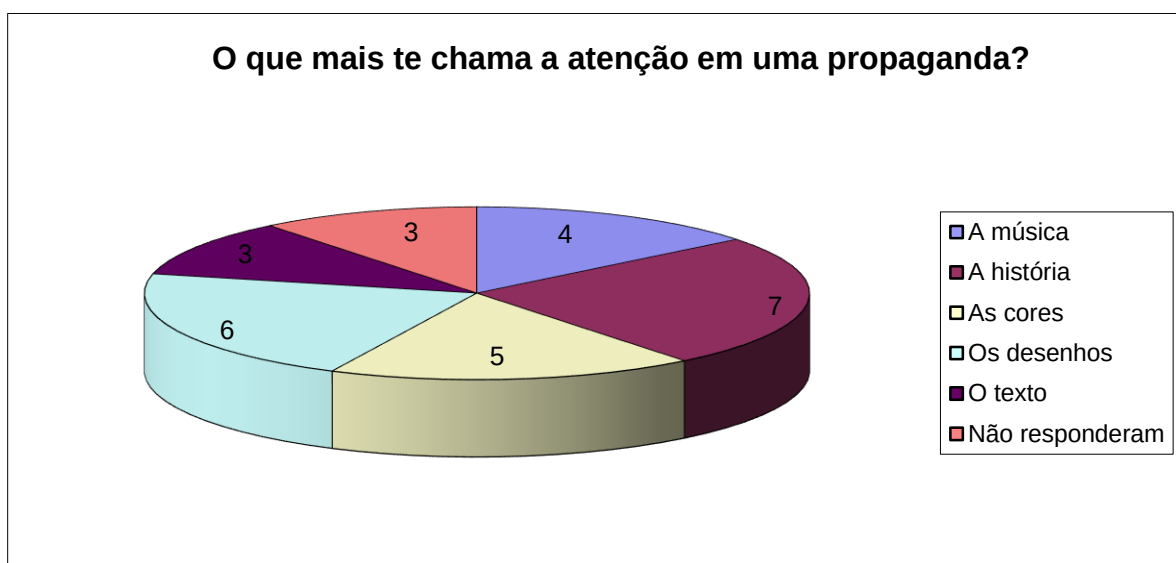


Gráfico 20: Elementos que mais chamam a atenção em uma propaganda (MASC.)

Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Quanto à questão “[quando você vê / ouve / lê], o que mais te chama a atenção em uma propaganda?”, sete responderam a história; seis, os desenhos; cinco, as cores, quatro, a música e três, o texto, excetuando os que não responderam.

Entre os produtos comprados por último na casa dos entrevistados, o vestuário lidera a preferência, seguido por eletroeletrônicos e alimentos. O que os levou a comprar foi a “necessidade”. Entre os produtos na lista das próximas compras, os índios indicaram os eletrodomésticos, citado oito vezes, as roupas, quatro vezes.

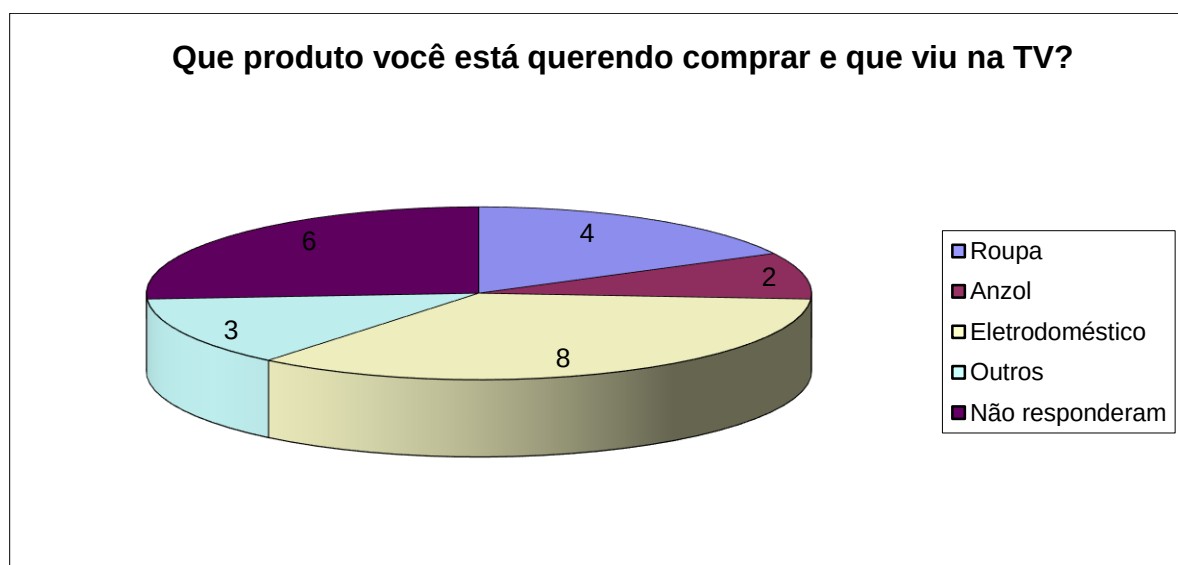


Gráfico 21: Próximas compras, influenciado pela TV (MASC.)
Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Se comparado o motivo que levou tanto índios como índias a comprarem o produto, todos apontaram a “necessidade” como causa. A classificação foi usada inclusive para justificar a busca pelos eletrodomésticos. Se buscado no passado, eles também saíam para caçar, pescar, colher frutas, mel, chás. Só uma fogueira não bastava para abarcar todas as necessidades da tribo, atualmente o poder do consumo se instalou definitivamente na aldeia. Esse modo de “desejar” além do tradicional pode ser definido como: o índio passou a perceber o mundo que o cerca, o mundo oferecido pelo poder dominante.

Reforça esta conclusão o dizer de Barros Filho: “o mundo que nos afeta é só o mundo percebido”¹⁴⁶. E essa percepção revelada pelo indígena aconteceu em

¹⁴⁶ BARROS FILHOS, Clóvis de. **Comunicação do eu: ética e solidão**. Clóvis Barros Filhos, Felipe Lopes, Bernardo Issler. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 25.

contato direto com o branco e da produção veiculada por meio da mídia, também tendo como executora a mesma etnia.

3.6 DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES ENTRE ÍNDIOS E ÍNDIAS

3.6.1 Escrita

A pouca formação escolar fica evidenciada nos dois grupos quando as respostas foram espontâneas. Apesar de todos revelarem tropeços no idioma português, os homens foram os que mais estiveram distantes da grafia correta. Muitos acabaram copiando respostas dos quadros de assinalar para preencher o espaço. Foram eles, também, que deixaram mais respostas em branco. Pesquisas fora da aldeia mostraram que a mulher também é que estuda mais.

Os homens também se mostraram mais econômicos nas respostas livres. O professor da aldeia e novo cacique, João Alvez, apresentou poucos acertos no português e também não respondeu à questão sobre “como você gostaria que fosse a sua Tekoha?”. Mas, sobre o que falta na aldeia, foi o mais ousado: “carros e motos”. Na lavoura do professor o uso de veneno é constante, apesar da proibição.

Na parede da escola onde o professor ensinava há cartolinas onde ele escreveu nos dois idiomas, como pode ser visto na imagem a seguir:

AYVU GUARANI 'ha'e	Portugues
Mbaicha reiko I Porãto	BOM dia como vai
Mba'eicha Pa nde rera	Como'e Ceo NOME
Mitã'i Porã	As Criança Linda
Charvi MARIA	As Senhora
Tuia	Os Velho
KARAPE'i	Bachinho
Chépy NEVAI	Os Pes

Figura 20: Foto como ilustração Professor guarani escreve e traduz palavras do idioma em cartolinas. Havia várias delas penduradas na parede. Quando a nova escola foi inaugurada, foi impedido o uso de cartolinas para evitar marcar a parede

Fonte: VENDRAME, 2008

João demorou cerca de três horas para responder à pesquisa. Ele estava com mais cinco pessoas, sendo que os demais preencheram o questionário em menos tempo e com maior número de respostas.

Dos dois grupos de estudantes, dezoito são mulheres e dezessete são homens. São eles os que menos frequentaram a escola: seis índios. Entre as mulheres, quatro não tiveram acesso à escola e disseram: “porque não tinha jeito e não tinha escola”. Entre os homens, apenas um respondeu: “porque morava no Paraguai”.

Na preferência pela diversidade dos idiomas, tanto os homens, dezoito, como as mulheres, dezesseis, desejam que seja ensinado o português e o guarani. Na justificativa, treze índios disseram “ser importante saber os dois” e oito mulheres disseram “para aprender a falar e escrever as duas línguas”. Entre elas, o

entendimento passa pela fala e pela escrita. Apenas uma resposta masculina teve essa preocupação. Os demais não justificaram suas respostas.

Entre os homens, nove escolheram o inglês como outra opção de idioma; três, o espanhol; três, o português e dois não responderam. As mulheres se dividiram em: nove –espanhol; quatro – inglês; cinco – português.

3.6.2 Alimentação e Crença

São os homens que lideram o número de refeições feitas ao dia. Dos vinte e três entrevistados, dezessete disseram fazer as três refeições; quatro, somente o café; um, somente o almoço e um, somente o jantar. Das vinte e duas mulheres, quatorze fazem as três refeições; seis, somente o café; duas somente o jantar e nenhuma somente o almoço.

Já em relação às mulheres, seis delas, reúnem-se mais com a família na hora de fazer as três refeições, enquanto apenas quatro homens responderam o mesmo. Esse é um número infinitamente menor, se comparado aos antepassados.

A nova geração, independente do sexo, prefere o estilo americano e tem a televisão como companhia. Entre as mulheres, oito disseram fazer a refeição na frente da TV e nove, com o prato na mão em qualquer lugar da casa. Já os homens, quatro responderam na frente da TV e doze, em qualquer lugar da casa.

Do total, três homens e duas mulheres assinalaram “Não é costume indígena fazer as refeições reunidos”. Os antecessores viviam da caça de antas (maior animal da floresta) para poder reunir não somente família e parentes, mas toda a tribo para as refeições. O ensinamento da caça para as crianças era praticado com o animal. Somente era considerado bom caçador aquele que conseguia matar a anta com o uso do arco e da flecha, em um claro incentivo ao propósito de manter a tribo unida.

Na Aldeia *Tekoha Añetete* não apenas a ausência de animais desfez o hábito, mas as construções e o aparato tecnológico podem ter contribuído para o fim das reuniões sociais como acontecem entre os não-índios que mantêm a tradição nas principais festas: Natal, Ano Novo, casamento, batizados e aniversários.

Ainda sob o referencial histórico, o ato de se alimentar em horários pré-determinados aliado ao rigor de respostas apresentado na pesquisa revelam a influência de novos hábitos. Antes, totalmente dependentes da caça, as refeições eram feitas somente no início da manhã e no final da tarde. As exceções ocorriam quando a tribo aguardava, com expectativa, a captura de um animal por todos esperado.

Nesse caso, a refeição acontecia assim que os caçadores chegassem, não importando o horário. Hoje, com o consumo de alimentos prontos, poderia ter sido fixado horário e a certeza de tê-los no final da tarde, no entanto, a maioria prefere as três refeições. Outro elemento histórico estava na condição da caça e no preparo dos alimentos. Esse relacionado à crença e à fé, “a comida era assada ou cozida na água quente sem sal e distribuída para todos”¹⁴⁷. Ainda sobre o preparo:

O alimento guarani era preparado pelas mulheres da aldeia que providenciavam a *mistura* e pelos homens que providenciavam as carnes, seja caça ou pesca. (...) o alimento era preparado na casa de reza, principalmente a torragem e a soca do milho, e posteriormente distribuído para o restante da comunidade. As refeições eram feitas uma pela manhã e outra pela tarde, quando começava a escurecer.¹⁴⁸

Sobre a caça, alguns animais eram poupados, outros, somente em extrema necessidade eram mortos. Entre os sagrados estão a lontra – considerada “o soldado das águas”. Era preciso pedir licença aos espíritos para serem caçados”¹⁴⁹ – e o queixada (*Koxi*). A espécie, semelhante a um suíno, está sempre em bandos e cada grupo tem um líder. Para os índios, é o líder que reflete a luz e o calor do Deus todo poderoso (*Nhanderu retã*) e sua carne só pode ser cozida para os “eleitos”, mas somente após o corpo do animal esfriar.

Este calor é igual ao calor que os *Mbya etei* adquirem durante as rezas. Por isso quando o *koxi* é morto o caçador deve esperar um tempo até o corpo esfriar se ele não quiser ser contagiado pelo calor de *Koxi*. (...) essa energia é tão forte que preparar sua carne ainda quente, para comer, pode ser fatal¹⁵⁰.

¹⁴⁷ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 92.

¹⁴⁸ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 92.

¹⁴⁹ Ibid., p. 60.

¹⁵⁰ LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p. 190.

Outra restrição na alimentação estava em não servir carne de jacutinga, jacu e nhambu para os mais jovens, sendo que somente os mais velhos poderiam se alimentar desse tipo de caça. O motivo era que as três espécies abandonam o filhote no ninho, e os jovens, ao comerem, poderiam “contrair tal comportamento”. Para as crianças eram servidas pequenas aves como a *urui* (galinha silvestre) e o *maino* (colibri) “para que essas aprendessem a controlar a fome desde pequenas, comer pouco¹⁵¹”.

3.6.3 Diálogos, Preocupações e a Mulher

A maioria, tanto homens como mulheres, faz as refeições enquanto assiste à televisão. Os homens são os que mais preferem ficar em silêncio, sete, enquanto as mulheres apenas quatro. Entre eles, os assuntos quando não estão direcionados a comentar as notícias da televisão, estão pautados nos problemas envolvendo a escola, o trabalho e dinheiro.

Enquanto os homens se mostram mais concentrados em alguns afazeres, as mulheres são mais dinâmicas. E, em algumas atividades antes essencialmente masculinas, também nas aldeias a figura da mulher aparece como líder – em algumas já ocupam o cargo de cacique, como é o caso de Guarapuava. Outro exemplo está no esporte. Enquanto onze mulheres preferem a atividade após o término das aulas, entre os homens apenas cinco optam por uma atividade esportiva.

Elas, em maior quantidade preferem a visita aos amigos, ou ficar em casa em outros afazeres. São os homens que preferem a televisão a sair de casa, e são elas que assistem mais e permanecem mais tempo na frente do aparelho. É possível afirmar que a extinção da caça e o pouco cultivo da terra tornou o homem com maior tempo e este está sendo direcionado para a mídia. Já as mulheres permanecem com as atribuições da casa e dos filhos.

Mas a maioria preferiu não responder sobre os motivos que os fazem ir até a cidade. Quem o fez, enumerou as compras como opção. É comum, na aldeia, o uso do transporte escolar para ir e retornar da cidade. Nos finais de semana, a maioria fica

¹⁵¹ Ibid., p. 188.

na aldeia, e parece ser neste dia – o domingo – quando grande parte das atividades acontece. Entre os afazeres eles enumeraram: lavar roupa, ajudar em casa, jogar bola, fazer comida, receber visitas, andar pela mata, pescar, caçar, ler (dois homens) e assistir à televisão. Neste último, os números ficaram assim: seis homens e duas mulheres.

3.6.4 Consumo

Apesar de estarem menos tempo em contato com a mídia, são as mulheres que afirmam em maior número já terem visto o produto antes de decidirem comprar. Das vinte e duas, apenas uma responde que não. O meio foi a televisão para quinze delas. Já entre os homens, quatorze responderam que sim e dez tiveram também a televisão como referência. Enquanto as mulheres se deixam influenciar pelo preço, quinze delas; pela qualidade, onze, e pela marca, sete, os homens decidem pela compra levando em consideração primeiro o preço, dezessete deles; pela marca, nove, e pela qualidade, três.

No entanto, são as mulheres, dez delas, as mais movidas “pela mídia da TV”, enquanto entre os homens são apenas dois. Quando a escolha passou pelo critério do consumo enquanto costume na aldeia, apenas dois homens e cinco mulheres responderam afirmativamente à questão.

É necessário ressaltar que a palavra “costume” foi empregada aqui como tendo referencial étnico, mas sem ter sido explicado. Isso pode fazer com que os entrevistados, diante da invasão dos produtos, acabem considerando como “costume” um fogão a gás de quatro bocas, a geladeira, a máquina de lavar roupas.

Os homens foram os menos criativos e os que responderam em menor número a questão “Se você fosse fazer uma propaganda, qual produto escolheria para divulgar?”. Apenas dez responderam, conforme segue: objeto de pesca – dois; geladeira – dois; bola, calça, comida, perfume, produtos indígenas e a escola da aldeia – um para cada item. Já entre as mulheres, quinze delas responderam. Com duas preferências foram citados: eletrodomésticos, comida, maquiagem, brincos, calçados e perfumaria. Com uma: pica-pau, roupas e brinquedos.

Na preferência pelos canais de televisão, os homens dividem-se empatados entre Globo e Record, com dezoito citações cada. Treze deles indicaram o SBT como canal preferido. Já entre os programas, quinze preferem desenhos animados; treze, filmes e oito, novelas. O esporte aparece em quarto lugar com cinco citações.

As mulheres preferem a Record, com dezessete; a Globo, com quinze, e o SBT, com quatorze. Entre os programas: desenho animado e novelas, empatados com dezesseis, e filmes em terceiro, com quinze. O item “Programas de esporte” teve apenas uma indicação.

3.6.5 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Além do Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia, a pesquisa envolveu uma entrevista em profundidade tendo como foco a televisão, da qual participaram o índio mais velho da aldeia, Aleixo Bogado, cento e quinze anos; o pajé benzedor, Lírio Chamorro, oitenta e um anos; Dionísia Chamorro, setenta e um anos; o pajé rezador, Luiz Carlos Coronel, cinquenta e nove anos; a mulher do atual cacique, Lorenza Chamorro Alvez, trinta e quatro anos, e Graciela Alvez, dezessete anos. O encontro na casa de Lírio e Dionísia Chamorro foi no dia 10 de setembro, às onze horas.

Naquele momento a caminhonete da Fundação Nacional do Índio (Funai) levava mais um morador para o hospital. Em janeiro, o surto de varicela havia atingido os netos que moravam com o casal, e uma das netas, também levada ao hospital, havia sido vítima de picadas de abelha, também levada para o hospital.

O cargo de pajé curador da aldeia não tem evitado que a família de seu Lírio Chamorro fique doente e também escape do atendimento do Posto de Saúde da Aldeia e dos hospitais da região. No dia 13, às dez horas, a caminhonete da Funasa levava mais um neto para o hospital. Ele havia passado a noite com febre e tosse.

A presença dos agentes parecia incomodar Chamorro, que queria saber antecipadamente o que fariam com a criança. A nora de Chamorro parecia também irritada, mas era com a insistência do pajé curador em reter o veículo por mais tempo. Ao final de uma conversa em guarani intermediada pelo agente, o índio Julinho, o

carro deixa a casa com a criança e a mãe no interior do automóvel e desaparece na estrada.

Questionado se estava disposto a conversar, ele respondeu que seria indiferente e que sua mulher responderia a maioria das perguntas. Antes de morar na aldeia, Chamorro e a mulher Dionísia viveram no Mato Grosso, em uma fazenda de gado leiteiro, motivo que fazia com que o casal entendesse e falasse fluentemente o português. Mesmo assim, o pajé pouco falou. Mostrou-se irônico, preferindo falar em guarani com a mulher. Ela, quando questionada sobre a resposta, evitava ser fiel à fala do marido.

– Hoje, para saber o que acontece na cidade, vocês assistem pela TV. Se não tivesse a TV, seria como?

Chamorro – Não sei.

– E dona Dionísia, se não tivesse a TV como se informavam?

Dionísia – Com visita.

– Hoje o que a senhora gosta de fazer?

Dionísia – Comida, lavar roupa, tudo, queijo...

– E o senhor gosta de fazer o quê?

Chamorro – Ficar sentado, tomando tererê.

– Esse é esperto, sentar, tomar tererê e assistir à TV, não é?

Chamorro – Sim e dormir também.

[Digo “se pudesse faria o mesmo” e eles riem aprovando o modo de vida].

“Quando eu tinha doze anos minha mãe me deu um remédio caseiro que era para não ter filhos, mas se eu quisesse ter eu tinha de tomar outro para ter filhos, mas eu ainda não quero ter filhos”, diz a jovem Graciela Alvez, dezessete anos, casada há um. Ela tem, no corpo, três tatuagens: uma do grupo KLB, a outra com o nome de um homem que não é o marido e na coxa esquerda a tatuagem com o nome da irmã que ela mais gosta.

A família de Graciela chegou à aldeia quando ela tinha seis anos. Hoje, aos dezessete, ela representa a primeira geração de adolescentes do lugar. Carrega a responsabilidade de suceder o legado indígena cada vez mais desconfigurado. Casada, mora com os pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos. Um deles, Inácio, doze anos, refere-se a ela como “gorda”, devido ao excesso de peso.

Quando questionada sobre qualquer assunto, inicia as frases com “olha, eu não me incomodo”. Ela fala fluentemente o guarani, o português e o espanhol. Destaca-se entre o grupo de meninas da mesma idade pelas ideias. Ao contrário da maioria, não quer filhos. “Eu quero criar os meus filhos, e agora estudando não poderia

criar eles”. Usa tatuagens no corpo e diz “amar” o grupo KLB e suas canções melosas sobre garotas maravilhosas e apaixonadas.

Quer ser professora de história, e a ideia de escrever romances tendo como cenário a aldeia faz com que ela se esforce em ir à aula na escola de Diamante do Oeste, onde cursa a sexta série. Ela se ofereceu para acompanhar a pesquisa, mas tornou-se extremamente atenciosa com as entrevistas, principalmente nas traduções. Seu encontro com o sogro, o seu Aleixo, cento e quinze anos, foi simbólico. Ali havia uma diferença de quase cem anos entre as duas gerações.

- Hoje quando você assiste à televisão e percebe que ela traz um universo que não é indígena, o que você pensa?
- Como assim?
- Tanto a novela como os programas não focam o índio diretamente e nem têm o índio como elemento principal, apesar da grande população indígena.
- Eu não me incomodo de assistir TV e não ver os índios.
- Mas você gostaria de ver o índio mais presente e com maior autoridade?
- Eu gostaria de ver, mas...
- Foi você que respondeu o questionário e escreveu que quando o índio aparece na TV ele é representado como sendo “burro”?
- Não é como burro, mas às vezes eu acho isso, nas novelas eles protagonizam os índios e às vezes eles fazem uma coisa que os índios não fazem.
- Por que você acha que eles colocam o índio assim?
- É por falta de conhecimento. Porque que eles não vão conhecer mais antes de fazer essas coisas, porque a gente assiste e gosta da novela, mas ofende os índios.

Se computadas apenas as respostas sobre as perguntas “O que vocês gostam de assistir na televisão?” E “O que você não gosta de assistir na televisão”, temos o seguinte quadro:

GOSTO	NÃO GOSTO
Notícias	Filme de ação
Notícia, filme e novela	Não tem do que eu não goste
Muita coisa: a novela, o filme...	Não tem do que eu não goste
Mostrou sobre o indígena na Amazônia	Quando falam mal do indígena
Reportagem hoje sobre a água, mostrando que nos Estados Unidos cada agricultor tinha obrigação de cuidar da água.	Sobre a política atual do Brasil
Notícias	Notícias sobre crimes

Tabela 1: Os gostos e as rejeições na aldeia

Fonte: Pesquisa – Mapa sobre o Consumo Cultural da Aldeia

Verificadas as respostas, os seis disseram gostar de notícias. Mesmo quem não utilizou a palavra “notícias”, deu pistas seguras de que o conteúdo que mais agrada está nos telejornais. Neste aspecto, é possível dizer que, diante da cobertura feita atualmente pelos veículos de comunicação, a aldeia é contemplada por toda sorte de informações – saúde, política, policial, geral e cidade –, e com elas todos os atores sociais que fazem com que os fatos ganhem repercussão.

Também há o gosto pelos filmes, sendo que, ao se considerar o conteúdo dos exibidos pela tela pequena, um repertório bastante plural também invade a casa do índio. Mesmo considerando a notícia como elemento preferido, esses telespectadores fazem distinção, isto é, as notícias podem acontecer desde que “não falem mal do próprio índio”, não tenham abordagem política. Nesses dois casos específicos, a opinião deles se aproxima à do branco.

Desligue a televisão quem afirma gostar de ver-se execrado em praça pública, ou de ouvir as prolongadas promessas no campo político. Neste aspecto, o índio parece também ter adquirido o gosto do colonizador no consumo do conteúdo noticioso.

4. A INTERNET NA TERRA PROMETIDA

“Estudar as diferenças e preocupar-se com o que nos homogeneíza tem sido uma tendência distintiva dos antropólogos. Os sociólogos costumam deter-se na observação dos movimentos que nos igualam e dos que aumentam a disparidade¹⁵²”, compara Canclini ao apresentar seu livro: “Diferentes, Desiguais e Desconectados”.

No mesmo parágrafo, após dizer o fazer de antropólogos e sociólogos, ele descreve a função da comunicação, junto com as das ciências citadas. Assim ele segue: “Os especialistas em comunicação, costumam pensar diferenças e igualdades em termos de inclusão e exclusão¹⁵³”.

Canclini encerra o parágrafo dizendo: “De acordo com a ênfase de cada disciplina, os processos culturais são lidos em chaves distintas¹⁵⁴”. Esta tese reside no campo da Comunicação, mas alimenta-se da antropologia e da sociologia. Assim sendo, o esperado, ao reproduzir este capítulo, que tem como nascedouro a instalação da Internet na Aldeia **Tekoha Añetete**, é que ele inspire reflexões tanto na observação de novos movimentos, na fixação de outros e na reflexão sobre a diferença que inclui e exclui ao mesmo tempo.

O suporte mediático, novo para a maioria dos jovens da Aldeia, passou a funcionar no dia 28 de maio de 2009, às 9h40m.

¹⁵² GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Diferentes Desiguais e Desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2005. p.15.

¹⁵³ Ibid; p.15.

¹⁵⁴ Ibid, p.15.



Figura 21: Foto como ilustração *Índio Maurício busca jogos para brincar*

Fonte: VENDRAME, 2009

A operação para ligar os 12 computadores conectados à internet, na Escola Estadual Indígena Kuaa mbo'e não foi isolada, ao contrário, das janelas fora da sala, olhos e narizes colavam no vidro para ver os movimentos internos. Assim que as máquinas ganharam vida, por meio do ruído tão próprio do computador; e os monitores brilharam, a porta abriu-se.

Por ela entraram os índios, em número bem maior que o de equipamentos. Em uma das extremidades do ambiente, pendurada no teto, há mais tempo do que os novos “colegas eletrônicos, uma televisão tela plana 40 por 60 chamava a atenção.

O quadro verde era o único ali que lembrava um ambiente escolar, mas ele parecia pouco usado, mantinha duas frases. Uma delas falava das “baleias em alto mar”. Parecia uma poesia de protesto, mas algumas palavras já haviam sido vencidas pelo tempo, impossibilitando a compreensão.

Às 10h, finalmente, as máquinas eram tocadas, pela primeira vez, por muitos índios da geração nascida na *Tekoha Añetete*. Para outros, que fugiam da Aldeia em busca do computador na cidade, ver as máquinas era quase poder dizer: “Temos Internet em casa”. A distância entre a Aldeia e o centro Urbano de Diamante era de cerca de 20 km. Junto com a distância era preciso vencer o morro.

O local mantido fechado havia um mês, enquanto tudo era montado, transformara-se, para os moradores, em uma espécie de Parque esperando ser inaugurado. E o novo nasceu por meio do velho idioma:

- Oexa! Oexa! Uhhh oexa! (viu!)
- Jeexa! Jeexa (veja!). Era o idioma guarani a socorrer o desconhecido.
- Mira! Mira! (olhe!), acrescentava na língua do colonizador.
- Meu! Que é isso! Eles agitavam as mãos, mas ninguém se atrevia a tocar na tela.

Olhavam uns para os outros, levavam a mão à boca, mexiam os cabelos, se remexiam na cadeia. Junto com um suspiro revelando o torpor interno, sincero do momento, Avelino Tupã Rerueta (indicação de que será pajé) Ortis, 19, aperta a primeira tecla. O “*tleck*” em resposta ao toque é como um aviso para eles de que o computador falou e o riso, junto com o espanto, é geral.

Eles aproximam o ouvido do teclado que parecia dormir, ao novo toque, a resposta é tudo de novo. Estava inaugurado o encontro do som, não do resto. O primeiro deles, as letras do teclado, os espaços, os assentos, os hifens, nada ali facilitava, porém o susto nasceu, mesmo, quando da tela brotou a letra digitada a esmo por Avelino. Todos queriam saber onde ela estava e como parou ali. Procuravam, ver como ela aparecia, quanto demorava para aparecer após o toque. As cabeças juntavam-se tão próximas da tela que era impossível saber quem era o hipnotizado: índios ou tela.

O ex-cacique e professor da aldeia, índio João Alvez, 40, que já havia treinado em cursos fora da aldeia para ajudar no ofício parecia ter esquecido das noções básicas do teclado e ria diante do riso dos iniciantes, a maioria meninos. No outro extremo, as únicas duas meninas-alunas índias estavam em silêncio. Foram elas, as descendentes do primeiro habitante encontrado no Brasil há mais de 500 anos, que digitaram a primeira palavra escrita em uma das últimas invenções do homem no mundo moderno: “Xi’yma” (quati¹⁵⁵).

4.1 Ai se eu te pego

¹⁵⁵ O Quati foi escolhido para ser o símbolo das Cataratas do Iguaçu. A existência do mamífero foi apontada como tão antiga como a presença do Guarani na região.

Às 11h30m, o aviso que é hora de todos irem para casa soos. A chave fica com o filho do professor, Júlio Alvez, 23. O Julinho passava a ser o encarregado de abrir e fechar a porta para quem quisesse usar os computadores. Após o primeiro relato, nova estada, desta vez em janeiro de 2012, entre os dias 7 a 12. Aquele cenário, visto na estreia, havia se tornado o lugar de frequência diária dos moradores, especialmente os jovens.

Eles faziam, agora, do computador, o que foi registrado na pesquisa sobre a audiência e uso da televisão, um dos meios de comunicação existente na aldeia. “As televisões a cabo e as redes e Internet falam língua múltiplas dentro da nossa casa¹⁵⁶”, disse Canclini.

Vaerâ! Vaerâ!
Nde iporâ oî porâ irû rasýgui!
Ai!, Ai! Hêe parî, ojupe ojupe Hêe parî
Angapyhy angapyhy
Nde iporâ oî porâ irû rasýgui
Hêe parî, ojupe ojupe Hêe parî¹⁵⁷.

É a música do Michel Teló, em Guarani, disse Júlio Alvez, 24, ao concluir a estrofe da canção. Peço que ele repita para poder ser gravado e ele alegremente disse que faria, mas sob a condição de que o conteúdo fosse “lançado na Internet¹⁵⁸”. Esse foi um dos exemplos, seguido do desafio de quem dançava melhor o hip-hop, conforme mostra a foto.

Tanto a dança como a música estavam na Aldeia, assim como estavam fora dela. O “Ai se eu te pego”, foi reproduzida em vários idiomas, nem mesmo o hebraico escapou, nos campos de batalha os soldados também protagonizaram a melodia. Na aldeia, não foi diferente.

Ao conseguir baixar na Internet a música e repetir o número de vezes necessário para aprender tanto a coreografia como a letra, Alvez a reproduziu no idioma dele.

¹⁵⁶ GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Diferentes Desiguais e Desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2005. p. 17.

¹⁵⁷ **A estrofe da música de Michel Teló**: Nossa, nossa! Assim você me mata Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego! Delícia, delícia, Assim você me mata. Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego!

¹⁵⁸ Ver íntegra do conteúdo a seguir em anexo.



Figura 22: Foto como ilustração O índio Felix dança hip-hop enquanto Julinho canta a música “Ai Se Eu Te pego”. “É um fenômeno internacional”, diz o índio que assegura fazer da Internet fonte de pesquisa para estudar para o Curso de Medicina.

Fonte: VENDRAME, 2008

Durante cinco dias, os quatro mais assíduos foram contando sobre a tecnologia. Fora da sala, a Aldeia segue o ritmo registrado ao longo das outras estadas, por meio do Diário de Campo. Julinho contou que fazia dos recursos, que ele disse encontrar nos links, caminho para passar no curso de Medicina.

— Tou estudando muito! Contou ter sido atraído para o campo mais concorridos da graduação, após servir de intérprete para os índios quando estes eram levados para São Miguel e Medianeira para consultas ou tratamentos médicos. Pelo menos uma vez por semana as viagens eram feitas com moradores da Aldeia para hospitais conveniados na região.

Alvez contou que os mais velhos eram os mais resistentes durante as consultas. Dominavam pouco o idioma do médico e estes ao ver que se tratava de índios, parecia mais cauteloso no atendimento.

– Esse jeito do médico era por quê?

– Acho que eles, no início, não sabiam quem era a gente. E a gente também não sabia muito como era um hospital.

Após os primeiros dois dias de observação, já era possível ver que todos da sala tinham um único endereço, jogos e links com músicas. Tornou-se comum ver o processo de *downloads* para pen-drives para, possivelmente, ouvi-las em casa. Naquele ambiente criou-se uma espécie de novo mundo para os frequentadores, podendo ser comparado aos ambientes dos centros urbanos onde computadores são alugados para quem não dispõe do aparato em casa.

Entre eles, havia uma espécie de diálogo interno, buscando o mundo lá fora, como disse Bauman.

“Num mundo em que coisas deliberadamente instáveis são a matéria-prima das identidades, que são necessariamente instáveis é preciso estar constantemente alerta; mas, acima de tudo, manter a própria flexibilidade e a velocidade de reajustes em relação à própria flexibilidade e a velocidade de reajuste em relação aos padrões cambiantes do mundo “lá fora”¹⁵⁹”.

As entrevistas foram acontecendo à medida em que os presentes iam se manifestando, seja por respostas a perguntas feitas para outro entrevistado ou por meio da curiosidade, característica da etnia: Júlio Alvez, 24, Vilson Centurion, 17, Felix Benitez, 18, e Bernardino Rocha, 18. A tabela abaixo antecipa um pouco desse perfil dos quatro.

Nome	Idade	Escolaridade	O que gosta de buscar na Internet	O que não gosta de dizer na Internet	Tempo Conectado	Amizades
Júlio Alvez	24	Fundamental completo	Pesquisar sobre cursos de medicina	Falar que é casado	Disse 12 horas	Índios de outras comunidades e com brancos de 4 estados e fora do Brasil

¹⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001. p.100.

Vilson Centurion	17	estudante	Ver tudo: fotos, vídeos e musicas	Não há restrições	16h	Nenhuma ainda
Felix Benitez	18	Capina lotes	Música, filmes, e sites de jogos	Não há restrições	16h	Dentro de fora da aldeia
Bernardino Rocha	18	Estudante	Tudo	Não há restrições	16h	Dentro e fora da Aldeia.

Tabela 2: Comparativo da Entrevista em Profundidade sobre a Internet

— Eu tenho dois e-mails. Um é para assuntos da escola e o outro é particular, - diz o índio Júlio Alvez durante entrevista. Ele se oferece para cantar “o sucesso internacional”. Revelou ter encontrado a música do cantor universitário durante buscas sobre cursos de medicina no Brasil. As matérias, que afirmou ter mais dedicação, por terem mais peso no Vestibular são: química e biologia.

— **O que você, procura na internet?**

— Na verdade eu uso mais assim, é, no meu e-mail assim...

— **O que você escreve nesse particular?**

— Ah... Dar recado pros meus amigos. Porque eu tenho bastante amigo fora.

— **Onde moram os seus amigos?**

— Tem um de Cascavel, de Curitiba, só que eu conheço assim pessoalmente né?

— **E eles são índios ou não índios?**

— Não índio.

— **E o que vocês conversam?**

— A conversa a vida do dia a dia, de como é que tá na cidade, como é que tá a cidade.

— **E eles também perguntam como é a aldeia no dia a dia?**

— Sim.

— **E eles são o quê? Eles são jovens?**

— É, alguns jovens e algum que já trabalha em cima dos problemas indígenas assim. Na questão indígena, vamos dizer assim.

— **E o que você já contou da aldeia pra eles?**

— Eu já contei assim, muitas vezes, assim, que é sobre a educação que a gente troca mais sobre a educação, como é que tá, tá indo bem se falta mais alguma coisa pra nós...

— **E quantos amigos você já tem no teu e-mail?**

— Eu tenho agora, tenho uns trinta e cinco amigos.

Alvez disse ficar pelo menos 12 horas conectado, “mas para estudar”. Nos quatro dias de observação, ele sempre foi o primeiro a chegar. Convidado a ir até a Vila para comprar lanche para o grupo, ele recusou: “Melhor você trazer para nós”. A recusa também impediu que os outros aceitassem o convite, após as primeiras cinco horas ininterruptas diante da tela.

Vilson Centurion, 17, o mais jovem do grupo, pouco disse durante as entrevistas. Quando os outros falavam, ele tinha de ser alertado pelos colegas para baixar o som. Usando cabelo do estilo Neymar, ele disse que estava “imitando o jogador”. Desconhecia que era Neymar, quem imitava o modo Moicano.

Sobre como consegue ter o cabelo em duas tonalidades ele é simples: “descolorindo”. Disse, na entrevista em profundidade não usar nenhuma rede social: Facebook, Orkut, Twitter, MSN, apenas para navegar nos Sites em busca de “fotos sobre índios” e músicas. Disse gostar de Luan Santana, apesar de não lembrar de nenhuma música, mas citou o “Forró Boys”, como estilo preferido. Incentivado, ele dança hip-hop.

- **Por que você não casou ainda?**
- Muito jovem.
- **O que você mais gosta na internet?**
- Música.
- **Que música?**
- Forró Boys.

Ao investigar o gosto musical do jovem, as músicas no estilo Forró Boys, estão postadas apenas na Internet. A maioria delas tem, nas letras, cenários que falam sobre a própria Internet. Em Forró Boys, o cantor aparece dentro de um carro de luxo, com celular, cabelo todo espetado, casaco branco, camisa vermelha e calça escura. A letra é uma espécie de despedida da namorada. O motivo seria a solidão de ter sido trocado pelo Facebook, como diz um trecho da letra:

Não vai dizer que eu não avisei.
 Pisou na bola comigo, mas não fui eu que falhei.
 Queria um pouco de atenção, mas você me ignorava.
 Queria um pouco de carinho, mas você só me esnobava.
 Viciada em Facebook pesquisando sobre mim.
 E como era de previsto o nosso amor chegou ao fim¹⁶⁰.

Cenas mostram os momentos felizes do casal, ela loira, corpo escultural, a desfilando pela mente do cantor em momentos íntimos, festas e, principalmente, ligada na Internet. Ao clicar sobre o endereço das músicas do “Forró Boya” a

¹⁶⁰ <http://www.ouvirmusica.com.br/forro-boys/#mais-acessadas/2570528>.

execução das 36 músicas mais bem colocadas na Internet são executadas automaticamente.



Figura 23: Foto como ilustração Índios fazem dos jogos eletrônicos passatempo preferido. Por meio das redes Facebook e Orkut eles fazem amizades com quem aceita o convite
Fonte: VENDRAME, 2010

Felix Benitez, 18. Controvertido, ele parece fazer da Internet fonte de pesquisa do que assiste pela televisão ou de já ter visto em DVD.

- **Esse boné, aonde você aprendeu a usar assim?**
- (risos)
- **Hã? Na internet?**
- Não. Eu aprendi no estilo hip-hop.
- **Estilo de hip-hop?**
- Sim.
- **Nossa! E onde você viu isso?**
- Na TV.
- **É? E na internet não?**
- Não.
- **O que você vê na Internet?**
- Algumas notícias, às vezes é música.
- **E na internet, além de você ouvir música, quando você vai assistir o que você gosta de assistir, vê o quê? Novela? Filme?**
- É filme.
- **Que tipo de filme?**
- É Ong Bak.
- **O quê?**
- Ong Bak.
- **O que é Ong Bak?**
- É um filme do guerreiro sagrado.
- **E o que faz esse guerreiro?**
- É... Ele luta como...

- **E que armas ele tem?**
- É só o punho mesmo.
- **E ele vive em que século?**
- Eu não sei.
- **Ele é normal, que nem a gente ou ele é diferente?**
- Bem, ele é diferente.
- **Em quê?**
- Com força.
- **E ele é índio ou não?**
- Não.
- **É branco?**
- (sinal afirmativo com a cabeça)
- **É? Não é japonês?**
- Não. Tailandês.
- **E ele luta contra quem?**
- Contra os inimigos dele.
- **E como você descobriu esse filme?**
- Eu assisti uma vez no DVD.
- **Em DVD? E daí depois você procurou na internet?**
- Sim.
- **A série é muito longa?**
- Não.
- **E fora desse tem outro?**
- Tem o do exterminador.
- **É com o Schwarzenegger?**
- É.

Bernardino Rocha, 18, quer ser professor, assim como Júlio e o pai de Júlio. Também usa o e-mail para comunicar-se fora da aldeia.

- **Quantos e-mails você tem?**
- Só tem o meu e-mail aqui.
- **Quantas pessoas você tem no e-mail?**
- Acho que seis, sete, por aí.
- **São índios?**
- Só tem um, só tem um índio.
- **E como você os conheceu?**
- São os meus professores, né?
- **E Orkut, você tem?**
- Tenho, mas acho que tá alterado.
- **Como?**
- Tá alterado.
- **Alterado? E o que é alterado?**
- Porque aqui não funciona, né?
- **Ah! E quantos amigos tu tem no Orkut?**
- Só dois.
- **De onde eles são?**
- Santa Catarina.
- **E são índios ou não?**
- Índios.
- **Índios? Da aldeia de lá? E o que vocês conversam?**
- Sobre o trabalho que a gente faz nos projeto lá que vem de Guarapuava. Eles, às vezes, passam foto.
- **E você gosta do que na internet?**
- Ah eu gosto de ouvir música, né?
- **Música?**
- E vídeo.
- **Que tipo de música?**
- Banda.
- **Música sertaneja?**

- Não.
- **Não? Por quê?**
- Ah! Não é meu estilo.
- **Todo mundo ouve música sertaneja menos você?**
- (risos) É.
- **Se você pudesse ter computador em casa, teria?**
- Sim.

4.2 Avanços tecnológicos na Aldeia

Considerando que a Internet está na Aldeia há menos de três anos e que o processo iniciou com maioria sem ter nenhum conhecimento sobre o suporte e afastados, também, de monitoramento, seja familiar, educacional e de troca mais direta sobre o assunto com outros internautas, os quatro entrevistados demonstraram ter avançado em uma escala proporcional, se comparado o interesse de cada um.

Considerando, ainda, que o idioma falado na Aldeia é o guarani e ao frequentaram a escola são ensinados por meio da língua portuguesa, na maioria das disciplinas, com exceção das aulas em guarani, que acontecem uma vez por semana, há pouca habilidade com a língua oficial do Brasil, e isso pode ser apontado como barreira, tanto na hora de acessar a Internet, como no momento de relacionar-se externamente com outros idiomas.

Em conversas fora das entrevistas, o índio jovem da *Tekoha Añetete* apresenta um grau razoável de articulação das palavras, porém é flagrante a dificuldade quando lhes são exigidos a escrituração e a leitura em português, como foi mostrado no capítulo sobre a pesquisa de consumo. Júlio Alvez é o que demonstra mais apropriação sobre temas fora e dentro da Aldeia. Evita dizer que é casado. Afirma fazê-lo temendo a reação de quem está trocando informações com ele por considerar-se jovem e já ter filho com cinco e sete anos:

- **E elas sabem que você é casado?**
- Não.
- **Não? Por que você não conta?**
- (risos) A gente fica com um pouco de vergonha.
- **Por que você acha que é vergonha dizer que você é casado?**
- Sim. Porque eu sou novo e tenho dois filhos que tem sete e cinco anos.
- **Mas, na hora que você vai contar sobre você, você não diz que faz parte da sua cultura? Casar cedo, ter filhos?**
- Eu já falei assim, mas é, meus amigos mais próximo de mim eu falo que a nossa cultura é assim. Só que antes também eu depois que eu um pouco amadureci depois eu pensei assim. Só que na verdade a nossa cultura permite.

- **É. Você acha que se você contar isso pro seu amigo de São Paulo ele vai achar isso muito estranho?**

- Sim. Ele vai se assustar. Porque uma vez que eu trabalhei na saúde, eu acompanhei a minha irmã de doze anos quando tava grávida lá em Cascavel, no H.U. e o pessoal – “Ai meu Deus, com doze ano tá grávida.” – o pessoal se assusta, é raro vê...

- **É. Mas você sabe que a não-índia também está tendo filhos nessa idade?**

- Sim eu já me atualizei também sobre essa aí. Quem vive abaixo da...da...vou dizer financeira que...

- **Da linha da pobreza?**

- Da pobreza.

- **Tem filhos mais cedo?**

- Sim.

- **Mas então, se o branco está tendo filhos nessa idade, não tem como estranhar o índio já que é a cultura dele.**

- Sim. Eu às vezes fico meio sentido por causa desse daí.

- **Porque acham que é defeito no índio?.**

- Sim.

O jovem demonstrava constrangimento em ter de classificar os não-índios que também tinham filhos ainda com pouca idade. Ao revelar que tinha filhos, temia ser julgado mais uma vez fora do contexto em que estava inserido como já havia sido feito pelos Jesuítas, comparando os antepassados de Alvez a animais, dizendo que a essência dos tais “bugres” era, segundo Padre Anchieta, “de tal forma bárbaros e indômitos, que parecem aproximar-se mais à natureza das feras do que a dos homens¹⁶¹”.

Essa escassa humanidade, de acordo com a carta escrita por Anchieta, entre o quadrimestre de maio a setembro de 1554 referia-se ao modo de vida do índio. E era ao referir-se ao campo afetivo do gentio que Anchieta parecia devorar a própria condição de ter de cumprir o celibato: “Caem já aos índios brutais os brutos braços e pernas”. O próprio frade contava como fazia para domar tais feras em seus corpos nus e devassos.

“Nós outros lhes mostramos as disciplinas com se domava a carne, falando-lhes também dos jejuns, abstinências e outros remédios que tínhamos, e que tudo isto fazíamos por não ofender a Deus¹⁶²”. Ao escrever sobre as palavras de Anchieta o autor do livro “O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios”, considerou que: “Jejuns, abstinências, flagelação são formas estranhas e paradoxais de se reprimir a bestialidade do corpo...¹⁶³”.

¹⁶¹ NEVES, Luiz Felipe Baetê. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1978. p. 53 a 54.

¹⁶² Ibid., p.54.

¹⁶³ Ibid., p.54.

“Ter filhos cedo é da nossa cultura”, fazia com que Alvez buscasse certo alento, porém ele mesmo parecia ignorar a proporção da palavra cultura, apesar de haver a presença dela nas próprias palavras. Viveiros de Castro diz:

Nossa ideia corrente de cultura projeta uma paisagem antropológica povoadas de estátuas de mármore, não de murta. Entendemos que toda sociedade tende a preservar, no seu próprio ser, e que a cultura é a forma reflexiva deste ser; pensamos que é necessária uma pressão violenta, maciça, para que ela se deforme, transforme. Mas, sobretudo, que o ser de uma sociedade é seu perseverar: a memória e a tradição são o mármore identitário de que é feita a cultura. Estimamos por fim, que, uma vez convertida em outras que si mesmas, as sociedades que perderam sua tradição não tem volta¹⁶⁴.

Alvez dava mostras de que não havia perdido a própria cultura. Ele evitava dizer que havia tido filhos ainda jovem, não para esconder o fato, mas para evitar que fosse julgado pelo viés que mais desejava preservar, a própria cultura. É necessário lembrar que o diálogo que nos leva a este capítulo foi obtido ao conversar sobre presença da última tecnologia de relações sociais inventada pelo homem: a Internet na Aldeia Guaraní *Tekoha Añetete*.

4.3 Casamento e gravidez dentro e fora da Aldeia

O tema “bigamia” é recorrente nos documentos deixados por historiadores sobre os Povos Indígenas do Brasil. Os jesuítas classificaram o modo do índio de ter mais de uma companheira entre os “maus costumes” como escreve Viveiros de Castro:

“Sabemos que os jesuítas escolheram os costumes como inimigo principal: bárbaros de terceira classe, os tupinambás não tinham propriamente uma religião, apenas superstições. Mas nós, os modernos, não aceitamos tal distinção etnocêntrica, e diríamos: os missionários não viram que os “maus costumes”, dos tupinambás eram sua verdadeira religião¹⁶⁵.

¹⁶⁴ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Ed. Cosac Nafity, 5ª ed., 2013. p. 195.

¹⁶⁵ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Ed. Cosac Nafity, 5ª ed., 2013. p. 192

Castro também reproduz parte da carta primeira enviada por Padre Manuel da Nóbrega onde ele diz ter feito progresso nas pregações e que a aceitação da presença jesuítica inspirava os selvagens que pareciam querer abdicar da própria cultura para, então, seguir o rito cristão, principalmente no que mais incomodava os pregadores: a bigamia.

Diz que quer ser cristão e nom comer carne humana nem ter mais de uma mulher e outras cosas; somente a de ir a guerra e os que cativar vende-los e servir-se delles, porque estes desta terra sempre tem guerra com outros e asi andão todos em discórdia. Comem-se huns a outros, digo hos contrários. Hé gente que nenhum conhecimento tem de Deus, nem ídolos fazem tudo quanto lhe dizem (1549: 1, 111)¹⁶⁶.

Esse repúdio ao indígena também é vasto no relato feito por Neves. As cartas escritas não poupavam o uso de sinônimos. Ao compará-los aos animais, faziam mais do que relevar o índio ao campo do inumano, colocava-o no sagrado da reprodução, só comparada ou visto entre animais, que tem como regra acasalarem-se a cada verão com uma companheira em busca da manutenção da espécie.

Para os observadores da época, o fato de os índios terem mais de uma mulher ao mesmo tempo, os tornava inclassificáveis e ‘produtos’ certos para o purgatório. “Essa raça selvagem, sem a menor lei, perpetrava crimes horrendos contra os mandados divinos¹⁶⁷”.

“[...] sua animalidade centraliza-se em três formas de comportamento classificadas de repugnantes e que seriam comuns a todos os “nativos”. São o incesto, o canibalismo e a nudez. Esses três comportamentos são vistos como demonstrativos da barbárie em que viveria o gentio, como demonstrativos da boçalidade em que viveriam, como índices significativos da sua animalidade¹⁶⁸”.

Na tentativa de perceber a realidade na Aldeia **Tekoha Añetete** foram ouvidas da jovem Graciela ,17, casada há três anos, mas sem filhos e dona Lorenza, 35, mãe de cinco filhos, três meninas.

¹⁶⁶ Ibid., p.111.

¹⁶⁷ NEVES, Luiz Felipe Baetê. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1978. p. 57.

¹⁶⁸ NEVES, Luiz Felipe Baetê. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1978. p. 56.

– Vou perguntar, mas se você se sentir incomodada não precisa responder. Para não termos filhos tomamos anticoncepcional, usamos camisinha. Você faz isso?

– Não.

– Como você faz para evitar filhos?

– Quando eu tinha 12 anos minha mãe me deu um remédio caseiro que era para não ter filhos, mas se eu quisesse ter eu tinha de tomar outro para ter filhos, mas eu ainda não quero ter filhos.

– Você lembra como era esse remédio?

– Não.

– Hoje você tem 17 anos e ontem você disse que não pensa em ter filhos. Por que tomou essa decisão?

– É assim, eu estudo e penso em trabalhar também, mas ter filhos não, não agora. Se eu estudar e o pai trabalhar quem vai cuidar do meu filho, assim não vai dar.

– E o que o seu marido acha de você não querer filhos, já que o costume indígena é ter filhos logo após o casamento?

– Ele não fala nada assim. Ele acha estranho, mas essa é minha vontade então vai fazer o quê?

– E a sua mãe?

– Ela só pergunta por que eu não quero ter filhos logo, só isso.

– Como você teve essa ideia de não querer filhos agora e a percepção de que você quer criá-los?

– Vou dizer uma coisa: eu gosto muito de criança, eu quero ter filhos, mas eu não quero ter para outro criar.

– Você mora com a sua mãe. Você gostaria de ter uma casa só sua e com seu marido?

– Eu tenho uma casa, mas emprestei para a minha irmã que tem um filho e o marido dela. Eu irei para lá quando ela for para outra casa.

A família de Graciela chegou à aldeia quando ela tinha seis anos. Ela representa a primeira geração de adolescentes do lugar. Casada, mora com os pais, com os irmãos, cunhadas e sobrinhos.

– Uma das suas filhas já está com 15 anos, a senhora gostaria que ela se casasse com essa idade?

– Não, eu já falei para ela. Já disse que casar não é fácil e nem criar filhos é fácil. A noite não dorme bem se tiver criança, se a criança fica doente a gente tem de levar no pajé, nem que é chuva ou escuro tem que levar para o pajé benzer a criança. Esse é o costume da aldeia.

– A dona Santa está dando chá para as filhas para evitar que elas engravidem. A senhora também faz isso?

– Sim.

– Como é esse chá?

– É o mais velho da tribo que dá o chá, para as minhas filhas é a minha mãe. Ela dá todo o mês.

– Nos tomamos anticoncepcional receitado pelo médico, mas esse chá dá certo mesmo?

– Dá certo, elas nunca tomaram o remédio dos brancos, nunca.

– Elas já estão namorando?

– Só a mais nova, a Franciele, de 11 anos. A Michele disse que quer estudar.

– Ela namora um índio?

– Sim.

– E se elas viessem a namorar um branco?

– Eu já falei e dou conselho, porque a gente não pode se misturar com o branco, porque cada um com sua cultura. Eles não vão mais falar nossa língua e até os filhos não vão mais falar nossa língua, além de dar problemas.

– **Do que a senhora tem mais medo quando o assunto são os filhos?**

– Meu maior medo é que eles casem com branco, porque vai tirar o nosso sistema.

O nascimento de filhos e casamento só foi mencionado, partindo dos moradores, pelo ex-cacique, Luciano, 56, para contar um caso que a Aldeia fazia questão de não esquecer: O primeiro de uma índia a ter filho do relacionamento com um morador branco, apesar de o fato ter ocorrido há mais de sete anos.

– Ela mora aqui. O problema é que o pai não assume o filho, e a Funai não reconhece o menino como índio. Fica esse problema. Ela só dará um nome ao menino se alguém casar com ela. Essa pessoa terá de aceitar o menino como filho e dar o sobrenome

Sem ter a quem buscar ajuda, tanto a criança como a mãe passaram a ser responsabilidade do Cacique em prover casa e alimentos para os dois. O menino em questão tinha olhos azuis e cabelo claro. Era o único entre os demais de cabelos negros e olhos negros.

Sobre os casamentos, o Cacique contou que, antes de morar na aldeia, uma menina podia ser comprometida pelo pai ao futuro marido aos oito anos. Este se tornava responsável em cuidar da criança até os doze anos, quando, então, esta poderia casar-se. O “cuidar” incluía arcar com tudo o que a menina precisava, mas esta continuava a morar com os pais até o casamento.

Atualmente, elas recebem o consentimento aos dezesseis anos. O rapaz, desde que saiba trabalhar, sustentar a família, poderá casar. Para as jovens que têm filhos antes do casamento, é dada uma possibilidade de permanecer na família, mas, caso tenham mais filhos, são obrigadas a cuidar do próprio filho, fora da casa paterna.

– Cabe a nós, cacique e vice, providenciarmos alimentos caso as mães solteiras tenham dificuldade. Por isso, todas são alertadas do risco de ter filhos antes do casamento. Mesmo com o alerta, cinco estão grávidas.

Sobre a bigamia, o ex-vice-cacique é contundente: entre as primeiras leis que fizeram para morarmos nesta Aldeia era de que não poderíamos ter mais de uma mulher. Não precisava, porque ninguém tem mais de uma. Agora o branco faz a lei e

a gente nem deixa os filhos verem novelas porque lá branco tem sempre mais de uma mulher.

Entre os jovens que usam a Internet o assunto foi abordado com Felix, 18. Ele namora uma índia da aldeia vizinha.

- **E me fala, essa aliança aí no teu dedo é noivado?**
- (sinal afirmativo com a cabeça)
- **Tá noivo de quem? Da Hilda?**
- Da Hilda?
- **E quanto o índio casa, a índia assume o sobrenome do marido?**
- Não.
- **Eu vou te fazer uma pergunta, responde se quiser. Você já dorme com a Hilda?**
- Já.
- **E você não tem medo de engravidá-la?**
- (sinal negativo com a cabeça)
- **Ela toma anticoncepcional?**
- (sinal afirmativo com a cabeça)
- **Toma?**
- (sinal afirmativo com a cabeça)
- **Aonde ela consegue?**
- No posto de saúde.
- **Por que vocês decidiram não ter filhos logo?**
- É porque ainda é novo.
- **E o pai e a mãe dela quando souberam que vocês já dormiram juntos disseram o que?**
- Eu não sei.
- **Não sabe? E depois de quanto tempo que vocês começaram a namorar, vocês começaram a ficar juntos?**

Se comparadas às respostas acima há uma espécie de ordenamento sobre o comportamento dos guaranis da *Tekoha Añetete*. Eles parecem distantes da realidade vista pelos jesuítas, principalmente no que se refere à bigamia ou à desventura de terem filhos apenas para repovoar a manutenção da espécie.

As respostas sobre a importância dos nascimentos e de como estes vigoram além do visto por historiadores é da índia guarani, Cecília Nhanju Gaspar, da Aldeia Água Santa, próxima a Guarapuava: “O nosso pai está no centro do Céu, nós, guaranis, quando morremos, voltamos como criança de novo para a terra, por isso que nosso povo nunca vai se multiplicar como os brancos, nós nunca vamos ser tão populosos¹⁶⁹. Também reafirma que, para o guarani, os nascimentos são para substituir quem partiu. A índia Virgínia Katu Apontes Ortíz afirma: “quando uma pessoa

¹⁶⁹ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 116.

morre ela pode voltar como criança na mesma família¹⁷⁰". Porém, para dona Virgínia a reencarnação não é para todos, somente para quem não cumprir com suas obrigações durante a vida terrena.

Antes de finalizar este capítulo onde comumente a Internet tem sido usada por pessoas que preferem não revelar o nome, ou então adotam pseudônimos, entre os índios, quem os obrigou a modificar a cultura de terem o nome de batismo somente em guarani, foram os jesuítas. Resistentes, eles adotaram a mudança, mas o ritual de batismo só ocorre quando é dado o nome em Guarani.

Este é usado entre os nomes em português como visto durante as apresentações dos nomes. "Com a chegada dos jesuítas, eles colocavam um nome em português, mas a gente não sabia por que.... Hoje em dia é mais necessário para ser reconhecido dentro da sociedade", disse o índio da Aldeia Sambaqui¹⁷¹.

4.4 A Internet fora da *Tekoha Añetete*

Matéria publicada no dia seis de junho de 2013, pelo portal de Notícias G1, da Globo, informa que a presença de meios mediáticos em tribos indígenas, principalmente a Internet deixa de ser espanto ou novidade. A publicação apresenta como manchete: "Índios usam mídias sociais para fortalecer voz própria¹⁷²".

O texto, reproduzido da rede BBC, descreve como os índios utilizam principalmente o Facebook para comunicarem-se entre eles e fora das aldeias. A reportagem cita, como exemplo, a morte do índio Terena Gabriel Oziel, no dia 30 de dezembro de 2012, pela Polícia Federal de Mato Grosso do Sul. O confronto ocorreu durante uma ação de reintegração de posse em Sidrolândia (MS), poucos minutos bastaram para que outra batalha se organizasse em outro front: na Internet.

O texto assegura que a força do uso das mídias sociais pelos indígenas por meio da Fanpage: "Resistência do Povo Terena¹⁷³" obrigou o Ministro da Justiça, José

¹⁷⁰ Ibid., p.118.

¹⁷¹ Ibid., p.128.

¹⁷² Link acessado pela última vez no dia 3 de janeiro de 2014.

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/indios-usam-midias-sociais-para-fortalecer-voz-propria.html>

¹⁷³ <https://pt-br.facebook.com/ResistenciaDoPovoTerena>.

Eduardo Cardozo, ir a público para assegurar que a corregedoria da PF investigaria o caso.



Figura 24: Foto como ilustração Índio Terena Dionédison administra o Facebook da página *Resistência do Povo Guarani*.
Fonte: VENDRAME, 2013

O advogado terena Luiz Henrique Eloy, de 24 anos, diz que jornais e TVs que cobrem conflitos agrários em Mato Grosso do Sul costumam se posicionar contra os índios.

"Quando nos ouvem, colocam apenas a parte que (lhes) interessa", afirma à BBC Brasil. Eloy aponta, ainda, que muitos jornalistas, em vez de divulgarem as opiniões dos índios sobre temas que lhes dizem respeito, costumam tratar a Fundação Nacional do Índio (Funai) – órgão subordinado ao Ministério da Justiça – organizações não governamentais (ONGs) e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) – ligado à Igreja Católica – como representantes legítimos dos indígenas¹⁷⁴.

O dito pelo índio Eloy, é visto por Charaudeau como: "Assim constituem-se exclusões, e, portanto, os territórios e fronteiras de um espaço ao redor do qual é percebido como o mesmo ou o outro, num jogo permanente entre movimentos de "normatização segundo Habermas, de publicitação segundo Arendt, e,

¹⁷⁴ Trecho da reportagem: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/indios-usam-midias-sociais-para-fortalecer-voz-propria.html>

acrescentaríamos, para compreender o papel desempenhado pelas mídias, de “presentificação¹⁷⁵”.

Na tentativa de obter mais informações sobre o suporte mediático usado pela tribo, no dia 17 de janeiro de 2014, mensagem¹⁷⁶ foi enviada ao administrador do Facebook mantido pela Resistência do Povo Terena: “— Você pode passar seu telefone para eu conversar? Na minha tese eu estou escrevendo sobre a chegada da Internet na aldeia guarani *Tekoha Añetete* aqui no Paraná, em Diamante do Oeste, perto de Foz do Iguaçu”.

Em menos de 15 minutos, Dionédison respondeu: “— Olá Sonia, meu tel é 67/9932-8740 (Vivo). Meu nome é Dionédison. Sou da etnia terena de MS. É um tema interessante a questão do meio de comunicação nas aldeias. Sabe que somos vítimas da televisão, jornais e outros... Temos um desafio grande pela frente como lidar ou seja, saber usá-la e não nos usando. Adiantando um pouco, na minha aldeia, a Internet tem mudado comportamentos, principalmente dos adolescentes, muitos deles preferem conhecer mais a internet e esquecer nossa cultura”.

Na primeira tentativa de falar via telefone, Dionédison atendeu, porém disse que estava em uma reunião. “Você pode ligar, novamente, às 13h, horário daqui do MS e 14h de vocês do Paraná”, pediu. Ao tentar no horário solicitado, apenas informava a caixa postal. Apesar de a tentativa não seguir adiante, o diálogo revelava um novo discurso do interlocutor.

“Meu celular é Vivo”. Ao indicar a operadora, o índio já adianta de onde falava. Ao dizer: “Estou em uma reunião”, indicava que a aldeia estava reunida, ele estava ocupado com o mundo moderno, falava como o mundo moderno fala. Dionédison usava os signos para comunicar-se fora da aldeia.

Ao responder a mensagem sobre o motivo do contato que era a Internet, que o fazia ‘moderno’, ele não rejeitava o suporte, ao contrário, dizia fazer uso dele para combater outra leitura, a de apagamento ou de interpretação outra da propagada pela “TV, jornais e outros”.

Ao mesmo tempo em que usava a Internet como arma para fazer frente aos veículos mais tradicionais, ele acusava a própria Internet de estar apagando a própria

¹⁷⁵ CHARAUDEAU, Patrick. **Discursos da Mídia**. Tradução Ângela S. M. Correa. São Paulo, Contexto, 2006. p. 117.

¹⁷⁶ Ver mensagem na íntegra em anexo.

existência. “A Internet tem mudado comportamento, principalmente dos adolescentes, muitos deles preferem conhecer mais Internet e esquecer nossa cultura”.

Dionédison vivia a contradição e, ao fazê-lo, instalava a diferença, e nesta diferença declarava a resistência ao dizer: “Temos um desafio grande pela frente como lidar, ou seja, saber usá-la e não nos usando”. “As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”¹⁷⁷.

O motivo da “reunião” citada por Dionédison foi estampada na página, cerca de 40 minutos após o fim da ligação. Chamava líderes e moradores para assembleia. Em 47 minutos a postagem foi compartilhada por 14 pessoas. Ao observar quem era a comunidade que havia partilhado, estavam outras aldeias e também simpatizantes do movimento em diversas cidades do Brasil.

¹⁷⁷ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. (orgs). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.110.



Figura 25: Foto como ilustração Conteúdo divulgado no Facebook, resultado da “reunião”, citada por Dionédison.

Fonte: VENDRAME, 2013

4.5 A Internet na Aldeia Tekoha Añetete

A mesma preocupação foi demonstrada pelo então cacique da Aldeia Tekoha Añetete, Mário Tupã Lopes, 23, em 2009. O jovem era uma espécie de “novo líder” entre os mais jovens. Dizia ter sido o responsável pela construção da casa onde deveria funcionar o Centro de Artesanato da aldeia. O primeiro e o único computador

na aldeia era o dele. Nele, Mário depositava um acervo grande de fotos dos eventos realizados fora da aldeia.

Ele havia feito um curso para aprender a finalizar a cerâmica. Mesmo tendo investido na obra — um prédio azul, com duas salas grandes, espaço para escritório e banheiro, em entrevista disse não acreditar que a herança do artesanato tivesse futuro. Parecia querer fazer daquela construção, símbolo para indicar o esvaziamento de parte do que é considerada cultura guarani, o artesanato.

Casado e pai de duas filhas, voltou a morar com os pais e a dividir uma casa onde viviam dezesseis pessoas. Como descrito anteriormente, as residências possuem dois quartos, um espaço para sala e cozinha, varanda e um banheiro.

— Todas as noites têm reza e canto na Casa de Reza. Você acha que isso ajuda a manter a cultura de vocês?

— É melhor do que ficar na frente da televisão onde os piazinhos começar a brincar com espadas [Ele não usa o que seria esperado, a flecha, em uma referência clara aos desenhos animados, onde a espada é frequente], um começa cutucar o outro e começam a brigar. Muitas vezes os pais deixam criança vendo coisa que não pode na televisão ao invés de levar as crianças na casa de reza para dançar e se cansar lá.

— Essa autoridade ainda existe?

— Eu diria que apenas 30%.

— Mário! Quando você fala para as pessoas que você é índio, o que elas dizem?

— Elas sempre falam que eu não pareço índio e que eu estou mentindo. Elas dizem que eu tinha de ter um vestuário diferente, tipo pena e tal...

— Morando aqui na aldeia, vi que o artesanato é feito pelas mães e avós de vocês e o jovem pouco aparece. Por quê?

— Preguiça. Eu acho que as crianças, hoje, não têm mais interesse de aprender artesanato. Eu aprendi quando era criança, mas agora, se for pensar a gente vai pensar que é importante fazer o artesanato para quando tiver um filho poder passar para ele e as crianças. Se você não incentivar eles, eles não vão querer aprender. Se você não explicar para eles para que é importante aprender, eles não se interessam.

Lopes desejava ver a Aldeia informatizada, queria criar uma espécie de Agência de Comunicação dentro da Reserva.

— Você disse que é jornalista. Podia vir dar um curso para a aprendermos a fazer matérias e a divulgar a aldeia, disse certo dia.

Ao ser alertado de que essa produção necessitava de um meio para publicação, ele, então, disse que o projeto da Internet não demoraria a vigorar na Aldeia.

Ao referir-se à ausência de jovens na produção de artesanato, Lopes apropriava-se do adjetivo usado pelo descobridor para definir um patriota. “Preguiça”. Ele parecia expressar as condições em que ele vivia se visto de fora para dentro da Aldeia. Agora, se analisado sob o ponto de vista do próprio fazer dele, ele não só havia projetado um prédio grande para estocar a produção, como havia arranjado recursos para executar a obra. Havia rompido o silêncio provocado pelo silenciamento de marcas desbonificadores sobre a cultura dele.

Havia tomado a palavra para si, como cita Orlandi: “O silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um corpo fértil a ser observado: na relação entre índios e brancos, na fala sobre a reforma agrária, nos discursos sobre a mulher¹⁷⁸”.

Também buscava modos de instalar na aldeia uma nova arena tecnológica, a Internet, apesar de fazer duras críticas aos veículos de comunicação instalados tanto na casa onde ele morava, como em quase todas as moradias, conforme visto ao longo desta tese. Lopes desejava falar da Aldeia e não se ver falado. O projeto sobre um espaço para produção de materiais pelos índios, dentro da Aldeia foi apresentado à Itaipu Binacional antes mesmo da entrada da Internet, mas em vão, assim como todos os demais.

Intermináveis reuniões eram marcadas, porém ao término havia sempre: “Temos de ver recursos e como fazer funcionar para não se chocar com os informativos já mantidos pela Itaipu”, repetida educadamente pela Gerente de Sustentabilidade de Comunidades Indígenas da Itaipu Binacional, Marlene Curtis, o diretor de projetos, Jair Kotz e o superintendente de projetos Cultivando Água Boa, Nelson Friederich.

¹⁷⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio**: os movimentos dos sentidos. 6ª ed. – Campinas São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p. 29.

CONCLUSÃO

Ao escrever o livro “Terra à Vista¹⁷⁹”, Orlandi fazia da obra compromisso de “não estacionar no discurso que define”. Referia-se ao modo como o colonizar era falado tendo como cenário o contato deste com o índio, tendo como lente a visão europeia. “O europeu nos constrói como seu “outro”, mas, ao mesmo tempo, nos apaga. Somos o outro, mas o outro “excluído”, sem semelhança interna”.

Este estudo viu, no exemplo de Orlandi, sentido para, após quase três décadas da publicação da obra, suprir a necessidade de voltar para o campo onde o índio agora está colocado, não apenas pelo brasileiro, mas visto pelo Brasil. Não se trata, aqui, de estudar ou contradizer, nem a autora e muito menos sua obra, mas inspirar-se nela para deixar o índio falar, verbalizar, expressar, mostrar-se após mais de cinco séculos da descoberta.

O sentido deste fazer teve como norte o que disse Viveiros ao definir Cultura¹⁸⁰ pelo modo de lutar, de resistir. “Mas cremos que, acima de tudo, o ser de uma sociedade é o seu preservar: memória e a tradição são o mármore identitário de que é feita a cultura”. Assim, esta Tese buscou entre os índios da Aldeia guarani **Tekoha Añetete**, espelho para a trama sugerida pelos autores acima.

Fincada no Oeste do Paraná, a Reserva recebeu os índios remanescentes da formação do Lago de Itaipu. Eram também descendentes de mais quatro despejos nos últimos 150 anos, desde o encontro do Povo Guarani com os colonizadores. No novo endereço receberam estrutura para morar, plantar, estudar e informarem-se. Este estudo demonstra que à medida que a Aldeia recebia infraestrutura de toda ordem, nascia a resistência: O Modo de Ser Guarani.

Nestor Canclini define cultura como: camisa e pele. “Ao conceituar a cultura deste modo, estamos dizendo que a cultura não é apenas o conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e

¹⁷⁹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista**: discursos do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990. (Biblioteca da educação. Série 5. Estudos de Linguagem; v.5). p. 47

¹⁸⁰ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia. São Paulo: Ed. Cosac Nafity, 5ª ed., 2013. P.195.

símbolos. A cultura apresenta-se como processos sociais que deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social” ¹⁸¹.

A nova reserva foi criada para apagar a nova presença cultural dos índios. Após terem sido considerados selvagens, passaram a ser apontados como indicadores de pobreza e miséria na terra da maior hidrelétrica do mundo, da maior reserva natural da humanidade. Eram famílias inteiras esmolando nas ruas e portas das casas das cidades. Alimentavam a mídia por meio de manifestos e invasões, reivindicando um lugar para morar.

Após instalados na “Terra Prometida ou Definitiva”, este estudo mostra que os moradores criaram espaços entre o entregue pelo projeto e a cultura guarani. Estes puxadinhos estão nos anexos, na Casa de Reza e no cemitério. Ali, nestes dois territórios onde a vida começa e termina, eles praticam a própria cultura, sem interferência ou ruptura.

Nestes espaços, desprovidos do olhar do mundo moderno, seja ele por meio de construções e meios de comunicação, é que o índio começa, e que termina o colonizador. Ao deixar o índio falar e não ser falado, foi possível vê-lo e ouvi-lo mover-se para a Terra sem Mal.

Este estudo exerceu não apenas o mapeamento de um Povo, mas promoveu um estudo e o desejo desta tese é que este texto sirva para a construção de novas teorias, não quaisquer teorias, mas conceitos que façam com que os índios emergjam do obscurantismo a que foram relegados durante 514 anos de história feitas por apenas um lado da questão histórica nacional.

Não se trata de apenas uma voz imbuída da onisciência do campo das letras, mas a presença de um ser que esteve na aldeia para, realmente, obter uma visão não de um conhecimento acabado e marmorizado como faz o escultor ao término de sua obra, mas, sim, um escultor em busca do fazer desta obra, deste material vivo, quando visto e tocado pelo nosso olhar que, reafirmo, tem estado apagado por técnicas, por pincéis, por interesses que nem sempre reproduziam o novo, mas apenas uma mesma obra, vista apenas de fora para dentro ou já esculpida e não o de dentro para fora que sempre existiu.

¹⁸¹ GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Diferentes Desiguais e Desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2005. p.4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGMABEN, Giorgio. **O Reino e a Glória**. Uma Genealogia Teológica da Economia do Governo: Homo Sacer, II. Tradução Selvino J. Assmann, São Paulo, Boitempo, 2011.
- AGAMBEN, Giorgio. **O Que é Contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC, Agros, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que restou de Auschwitz: o arquivo e a testemunha Homo Sacer**, III Tradução. Selvino J. Assmann. São Paulo, Editora Boitempo, 2008.
- AGMABEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Tradução de Iraci de Poletti. Boitempo. São Paulo. 2004.
- APPADURAI, Arjun. **O Medo ao Pequeno Número** – Ensaios sobre a Geografia da Raiva. Tradução Ana Goldberger – São Paulo – Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Editora Moderna, 1998, 127p.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Recepção: nova perspectiva nos estudos da comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (12): 7-16, mai./ago. 1998.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BARBERO, Jesus Martín. **La Educación desde la Comunicación**. Bogotá. Grupo Editorial Norma, 2003.
- BARTHES, Roland. Fragmentos de um Discurso Amoroso. 14ª Edição. São Paulo, Ed. Francisco Alvez, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1993.
- _____. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin**. In: Meurer, José Luiz; Bonini, Adair; MOTA -ROTH, Désirée. (Orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, p. 152-183, 2005.
- BARROS FILHO, Clóvis; LOPES, Felipe; CARRASCOZA, João. Identidade e consumo na pós-modernidade: crise e revolução no marketing. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.º 31, p. 102-116, dez. 2006.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal** – Ensaio Sobre os Fenômenos Extremos. 10ª Ed. Tradução Estela dos Santos Abreu. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. Uma primeira nota sobre a cultura de massas: a infra-estrutura. In **O papel da cultura nas ciências sociais**. Porto Alegre, RS: Editorial Villa Martha, 1980. (Coleção Rosa dos Ventos, v.3).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida de consumo**. 1ª ed. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Econômica, 2008.

BRINATE, Geraldo Luiz. **O Bicho**. Rio de Janeiro. Almadena, 2009.

CLASTERS, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. Tradução Theo Santiago. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p.186.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CANESE, Natália Krivoshein de e Alcaraz Acosta Feliciano. **Dicionário Guarani Espanhol e Espanhol Guarani. Ñe'eryru Avañe'e – karaiñe'e Avañe'e**. Instituto Superior de Lenguas Universidad Nacional de Asunción. Paraguai. 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 - artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CERTEAU, Michel de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Annablume Editora, 2005, 146 p.

CHAUÍ, Marilena. **Conformidade e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1987.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura do Povo e autoritarismo das elites**. In: VALE, Edênio; QUEIROZ, José J. (orgs.) **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez, 1988.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Ângela Correa. São Paulo, Contexto, 2006.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente**. Linguagem e Mente. Tradução, Roberto Leal Ferreira. São Paulo, editora Unesp, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**; tradução, Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina de. Estudos culturais: uma introdução. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da Memória e Outros Ensaios**. Cotia SP: Ateliê Editorial, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. **O Livro de São Cipriano: Uma Lenda de Massas**. São Paulo Editora Perspectiva S.A. 1992.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Fausto no Horizonte**. São Paulo. Hucitec.Educ. 1995.

FERREIRA, Jerusa Pires, ARÊAS, Vilma (Org). **Marlyse Meyer nos Caminhos do Imaginário**. SP, Edusp, 2009.

FEATHERSONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Tradução de Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FÍGARO, Roseli. Comunicação na perspectiva dos estudos da recepção. **Ética & Comunicação** – FIAM, São Paulo, 1: 29-38, jan./jul.2000

FILHO, João Freire. **Comunicação, cultura e consumo**: a desconstrução do espetáculo contemporâneo. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005, 1ª ed.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Diferentes Desiguais e Desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2005.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijaldo, 1990.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIOIELLI, Rafael Luís Pompéia. **A identidade líquida**: a experiência indenitária na contemporaneidade dinâmica. 1995, 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e estética do visual), Escola de Comunicações e Artes / USP, São Paulo, 2005.

GREIMAS, A.J. **Da Imperfeição**. Pref. e Trad. Ana Cláudia de Oliveira; apres. de Paulo Fabbri; Eric Landowski – São Paulo – Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, A.J. CURTIES, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo. Ed. Contexto, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria. In

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 2.^a Ed. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. p.11-26, **Comunicação, mídia e Consumo**, São Paulo, v.4, n.11, nov.2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 2.^a Ed. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro). 10^a edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Codificação e decodificação. In: SOVIK, Liv. (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.122.

JOHNSON, Steven. **De onde vêm as Boas Ideias**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LANDOWSKI, Eric. **Presença do Outro**. São Paulo. Editora Perspectiva S/A, 2002

LANDOWSKI, Eric. **Sociedade Refletida: Ensaio da Sociossemiótica**. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

McCRACKEN, Grant. **Cultura & consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. La recepción: el retorno al sujeto. **Revista de la Federación Latinoamericana de Asociaciones de Facultades de Comunicación Social – FELACS**.

MANCEBO, Deise; OLIVEIRA, Dayse Marie; FONSECA, Jorge Guilherme Teixeira da; VANZAN DA SILVA, Luciana. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. **Estudos de Psicologia** (Natal), v.7, n.2. Natal, jul.dez. 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

MAZIÈRI, Francine. **A Análise do Discurso**: história e práticas; tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista, gênero jornalístico? In: MARQUES DE MELO. Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo. São Paulo: FTD, p. 101-110, 1992

MELO, C. **Cartas à redação**: uma abordagem discursiva. Tese de doutorado em lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/ Universidade de Campinas – SP, 1999.

MELO, José Marques. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MENDONÇA, Maria Luísa. Comunicação e cultura: um novo olhar. **Novos Olhares**. São Paulo: ECA/USP. Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos., n.º 1, p.30-38, 1º semestre de 1998.

NEVES, Luiz Felipe Baetê. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios**: colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1978.

OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei Alvez. **Imagens Técnicas**. São Paulo. Hacker Editores, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas São Paulo. 3ª Edição Pontes Editores, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 8ª Ed. São Paulo, Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As Formas do Silêncio**. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003. 5ª edição.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso Fundador**: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional. Campinas SP: Pontes, 3ª Ed, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso São Paulo: Campinas SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004. 4ª ed.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista**: discursos do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990. (Biblioteca da educação. Série 5. Estudos de Linguagem; v.5).

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Notas metodológicas para abordar las mediaciones en el proceso de recepción televisiva. **Cuadernos Diálogos de la Comunicación**, Cuaderno n.º 2, jun. 1990, 8 p.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. O telespectador em frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva. Revista *Communicare*, v.5, n.º 1, 2005, São Paulo: Faculdade Cásper Líbero.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo (org.) *Televidencia*. Perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva. **Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales**. Mexico: Universidad Iberoamericana, n.6, 1994.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Televisión, audiencias y educación. In OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Televisión, Audiencias y Educación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2001. p.39-62.

PIEDRAS, Elisa Reinhardt. **A articulação da publicidade com o mundo social: a constituição do fluxo publicitário nas práticas de produção e recepção**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

RÜDIGER, Francisco. A trajetória da comunicação como campo do conhecimento científico. **Ética & Comunicação** – FIAM, São Paulo, 1, p.17-27, jan./jul.2000.

SAID, Eduardo W. **Cultura e Política**. Organização Emir Sader. Tradução Luiz Bernardo Pericás. Bom Tempo Editorial. SP. 2007

SAID, Eduard W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares**. São Paulo: Grupos de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos, ECA / USP, n.º 2, 2º semestre de 1998, p.37-49.

SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. Tradução Ruben Figueiredo. SP, Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Mauro Wilton de. Práticas de recepção midiática como práticas de pertencimento público. **Novos olhares**, n.º 3, 1.º semestre de 1999, p.12-30.

SOUZA, Mauro Wilton de. Sujeito: o lado oculto do receptor. In SOUZA, Mauro Wilton de (org.). **Recepção e comunicação: a busca do sujeito**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

THOMPSON, John B. O conceito de cultura (p.165-215). In: **Ideologia e** ARENDT, João Cláudio; PAVANI, Cínara Ferreira. *Imaginário social e representação literária*:

apontamentos sobre a poesia de Augusto Meyer. In CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa. **Cultura Regional 2**: língua, história, literatura. Caxias do Sul: EducS, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaaios de Antropologia. São Paulo: Ed. Cosac Nafity, 5ª ed., 2013.

ANEXO 1 – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM 4 ÍNDIOS QUE USAM A INTERNET

Nas gravações foram reproduzidos todos os diálogos

Sônia: Tá falando, tá falando em guarani? O que tu falou em guarani pra eles?

Alves: Pra abaixar um pouco o som.

Sônia: Ah. Hoje é que dia?

Alves: Vinte sete.

Sônia: Que horas são ali no computador? Ele mostra a hora?

Alves: Mostra:

Sônia: Dez e cinquenta e quatro? Quase hora de eu ir pegar o lanche. Júlio como é o seu nome completo?

Alves: Julinho “Sagrado” Alves.

Sônia: Julinho...

Alves: “Sagrado”

Sônia: Escreve isso aí.

Alves: É em guarani.

Sônia: Sim. E o que significa?

Alves: Hum?

Sônia: O que significa?

Alves: ... acho que é... é... nome em guarani que significa assim “Sagrado” né?

Sônia: Sagrado? Tá.

Alves: “Sagrado”. Aqui é Y depois.

Sônia: Sim. E o que mais?

Alves: Alves.

Sônia: Alves. Que idade você tem?

Alves: Vinte e quatro.

Sônia: Você é casado?

Alves: Sim.

Sônia: Quantos filhos?

Alves: Dois.

Sônia: Dois filhos. Que idade eles tem?

Alves: Um tem cinco e o outro sete.

Sônia: Cinco e sete. Você usa a internet?

Alves: Sim.

Sônia: O que que você, hã, procura na internet?

Alves: Na verdade eu uso mais assim, é, no meu e-mail assim...

Sônia: Hã?

Alves: Que eu tenho dois e-mail assim, abre um da sede...

Sônia: Sim...

Alves: Da escola, é...

Sônia: E o outro?

Alves: O outro é meu particular, né?

Sônia: Hum.

Alves: Pessoal.

Sônia: O que que tu escreve nesse particular?

Alves: Ah... dar recado pros meus amigo, né...

Sônia: É?

Alves: Porque eu tenho bastante amigo fora.

Sônia: Hum.

Alves: Daí a gente troca mensagem né?

Sônia: Sim. Aonde mora os teus amigos?

Alves: Tem um de Cascavel, de Curitiba, só que eu conheço assim pessoalmente né?

Sônia: Sim. E eles são índios ou não índios?

Alves: Não índio.

Sônia: Não índios?

Alves: Hum-hum.

Sônia: E o que vocês conversam?

Alves: A conversa a...a vida do dia a dia, de como é que tá na cidade, como é que tá a cidade.

Sônia: Hum.

Alves: E eles também pergunta como é que é a aldeia no dia a dia, né?

Sônia: Sim.

Alves: Como é que a gente vive dentro da aldeia no dia a dia, me perguntam, né?

Sônia: É? E eles são o que? Eles são jovens...?

Alves: É, algumas jovens e algum que, é...já trabalha...é...com em cima da...dos problema indígena assim.

Sônia: É?

Alves: Hã-hã, na questão indígena, vamo dizer assim.

Sônia: E o que você já contou da aldeia pra eles?

Alves: A, eu já contei assim, muitas vezes assim que é sobre a educação que a gente troca mais sobre a educação, como é que tá, tá indo bem se falta mais alguma coisa pra nós...

Sônia: É?

Alves:...fazê.

Sônia: E quantos amigos você já tem no teu e-mail?

Alves: Eu tenho agora, tenho...acho que eu...trinta e cinco amigo.

Sônia: Trinta e cinco?

Alves: Hum.

Sônia: E tu fala com eles todos os dias?

Alves: Não. É só cada semana. Uma vez por semana.

Sônia: Hã. Se você pudesse falar todos os dias você falaria?

Alves: Sim.

Sônia: E por que agora você fala uma vez por semana?

Alves : É porque é...é porque computador é só da escola, né?

Sônia: Hã-hã.

Alves: A gente não pode tá dia a dia aqui...

Sônia: Sim, mas...

Alves: Se fosse nossa a gente poderia conversar, né?

Sônia: E tu pensa em ter um computador em casa?

Alves: Sim. Quem sabe daqui a três ou quatro meses.

Sônia: Em casa, mas daí como é que vai fazer com o sinal?

Alves: Sinal acho que a gente vai lá no central, a gente é.... o pessoal instala, né?

Sônia: Sim.

Alves:... onde pega o sinal, na verdade lá em casa pega o sinal, né? Eu tenho o celular lá em casa, né?

Sônia: Hum.

Alves: Lá pega...deve ser...faz assinatura com aquele, igual aquele pen drive que é adaptado...

Sônia: Isso.

Alves: Não sei como que é o nome.

Sônia: É. É o... é uma...é uma interne externa, né?

Alves: Acho que é bem isso mesmo.

Sônia: Então faz por meio do teu celular?

Alves: Sim.

Sônia: E assim...a...quando você tem assim alguma notícia, alguma informação, tu tem vontade de passar pros seus amigos?

Alves: A... a maioria das vezes sim, mas o que é... hoje quando é pra gente vive aqui na aldeia é bem fechado, bem fechado vamo dizer assim que a...as vezes as comunidade não tá assim é...se inteirando é...como é que é? ... Não se atualiza.

Sônia: Hum-Hum.

Alves: Porque na verdade eu e o, a gente que trabalha aqui na escola que a gente tem mais contato, né? Como é que tá o mundo fora do dia a dia, notícia, tudo que tá acontecendo no mundo. Só que na verdade a comunidade mesmo não tá assim... não tá se... se atualizando, não sabe o que que acontece no mundo, né?

Sônia: Hum-Hum. E aí você lê a notícia e aí você conta pra eles?

Alves: Não, na verdade a gente é, a gente lê só pra nós mesmo. Na verdade não temo como é...contar pra todo mundo só se for fazer um...um palestra memo, contar sobre os mundo, o que que tá acontecendo agora, né?

Sônia: Hã – hã.

Alves: Essa questão de é... aquecimento global também e poluição, sobre isso também. As comunidades totalmente é...é... como é que é...desatualizado.

Sônia: Qual...você tem MSN?

Alves: Não.

Sônia: Não? Por que?

Alves: Não tenho, quer dizer, não tive oportunidade abrir ainda a conta.

Sônia: Hã – hã. E aqui tá bloqueado o MSN.

Alves: Tá bloqueado. Aqui bloqueia MSN, Orkut, twitter, facebook.

Sônia: É? Mas o dia que abrir você também...?

Alves: Sim.

Sônia: Qual é a diferença da internet pra televisão?

Alves: Eu acho que é mais informação. A internet traz mais informação quando a gente clica e já... você clica naquilo que você tá procurando. A televisão não é aquele que tá acontecendo e... a... a...quer dizer... acontece agora que ele tá trazendo atual, vamo supor, a internet se eu quiser pesquisar alguma coisa que aconteceu eu vou pesquisar e o computador vai me dar e a televisão só traz aquele atualizado.

Sônia: E assim, na internet você entra na hora que você quer?

Alves: Sim:

Sônia: E na TV você tem que esperar a notícia?

Alves: Tem que esperar a notícia.

Sônia: E aqui na internet, além da... das notícias das outras aldeias assim, no youtube o que que você procura?

Alves: No youtube eu procuro mais assim é... outras cultura indígena da etnia, como é que é...é... as cultura de outra etnia.

Sônia: Hum-Hum.

Alves: Eu procuro mais essa aí.

Sônia: E novela tu assiste por aqui?

Alves: Não...novela...

Sônia: Não? Que notícia você viu ontem? Anteontem, a última vez que você entrou?

Alves: Ultimo?

Sônia: É.

Alves: Ontem eu tava acessando, depois que você saiu, aquele sobre acontecimento lá no Rio de Janeiro que desabou o prédio de vinte andar.

Sônia: É?

Alves: Sim.

Sônia: Nossa! E o que que aconteceu lá?

Alves: É... vítima o pessoal tá dizendo que agora vinte e sete pessoa tá desaparecido, né?

Sônia: Hã.

Alves: Só que acharam sete corpo já.

Sônia: E o edifício caiu por quê?

Alves: Ninguém sabe ainda por enquanto...

Sônia: Nossa! Vinte andares é bastante, né?

Alves: Vinte andar lá no Rio de Janeiro. Até na TV passa.

Sônia: Sim. Júlio você acha que a...a internet, ela vai ajudar vocês a ficarem na aldeia ou vai mostrar mais o mundo e vocês vão acabar saindo da aldeia atrás desse mundo?

Alves: Eu acho que é... acho que os dois...os dois vai...é... um vai querer ficar e o outro vai querer sair, né? Só que a gente quer saber onde vai eles, né? A gente tá aqui, a internet, a tecnologia tá aqui na aldeia. E a gente tá sempre procurando aprender também. Aprender se a gente vai ficar...é... aqui na aldeia ou se a gente vai sair fora. Que nem eu memo particularmente, queria sair assim, mundo fora, conhecer como é que é a vida, né? Morar na cidade memo. Esse aí é o meu sonho, to estudando pra isso, né?

Sônia: Sim.

Alves: Se especializar assim, na área de medicina.

Sônia: E...E você... você pretende ser o que? Ser médico, enfermeiro?

Alves: Por enquanto não sei, ainda vou ter que concluir meu estudo, né?

Sônia: Hã. E em que série você tá?

Alves: Eu to cursando agora ensino médio, a... segundo ano.

Sônia: Do ensino médio?

Alves: Sim.

Sônia: E aqui na aldeia você é professor de guarani, né?

Alves: Eu na, na verdade eu sou professor de educação infantil.

Sônia: Mas a...

Alves: Guarani.

Sônia: Guarani, né?

Alves: Guarani.

Sônia: Guarani. Você acha que você tem possibilidade de concorrer a um vestibular e concorrer com um não-índio?

Alves: Sim.

Sônia: Por quê?

Alves: É porque é... guarani hoje em dia não tem nenhum aí que é...fez vestibular.

Sônia: Hum-hum.

Alves: A gente não tem nenhum, que eu saiba, não tem nenhum guarani até agora daqui da Costa Oeste, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Fez algum vestibular não passou, né? Por isso meu sonho é fazer esse vestibular. Quem sabe este ano.

Sônia: Sim. E há quanto tempo você tá na internet? Você lida com a internet?

Alves: Mais de cinco ano porque eu fiz curso lá em Guarapuava.

Sônia: hã?

Alves: Porque a gente teve um monte que ajudou nós também, “Outro Olhar” é assim que se chama, de Guarapuava.

Sônia: Sim.

Alves: É...eles tinha um projeto assim...de... é...sempre é... tá sempre trabalhando com a comunidade, né? Daí eles teve aqueles projeto que é... era pra levar dois a três a, membro da comunidade leva lá em Curitiba...

Sônia: Hum.

Alves: Dá o curso, dá câmera de fotográfica pra tirar foto do teu dia a dia.

Sônia: Hum.

Alves: Faze vídeo. E desse aí que eu fui aprendendo, mas de...é cinco ano que já tem que eu to mexendo.

Sônia: É? E quando tu acessou pela primeira vez a internet você lembra o que você sentiu?

Alves: Lembro.

Sônia: Hã...

Alves: A gente fica meio assim, né, vou mexer, não mexer, a gente fica meio assim, meio é...com medo de mexer, estragar computador.

Sônia: Hã – hã.

Alves: Fica aquela sensação, né?

Sônia: E depois?

Alves: Depois já...fica normal assim, vai indo, né? Cada vez que a gente quer acessar já vem sem o frio na barriga.

Sônia: Frio na barriga? E me diz uma coisa Julinho...a... desde então você fica mais na internet ou na TV?

Alves: Eu fico mais na internet. Lá em casa, se eu tive oportunidade, a minha esposa sabe bem sobre isso aí, se a minha mulher tá assistindo TV eu venho direto aqui, por isso que eu peguei uma chave particular pra mim vir direto.

Sônia: Pra você vir aqui e ficar na...

Alves: Sim. Eu acesso o meu e-mail, mando recado, daí fico esperando resposta, né? Daí já fica vendo as notícia também...

Sônia: Hum-Hum.

Alves: É...já acesso sobre esporte também.

Sônia: Hum. Qual que é o teu time?

Alves: São Paulo.

Sônia: São Paulo? Não podia ser o Grêmio não?

Alves: (risos)

Sônia: Por quê? Por que você escolheu São Paulo?

Alves: Acho que, por causa que tem meus parente que morava lá também, só que agora eles voltaram pra cá.

Sônia: Hã.

Alves: Tá morando lá no Pedro e...

Sônia: Sim.

Alves: Daí eles tudo...é... meus parente tudo são são paulino, né? Daí escolhi eles nasceram lá.

Sônia: Hum-Hum.

Alves: Daí ele era de São Paulo memo e daí preferiram torcer pelo São Paulo, daí eu preferi também. Aqui na aldeia tem bastante com a camisa do São Paulo, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Porque o índio sempre foi assim, é muito pelo outro, né? Se vê o outro usando aquela camisa eu também vou querer usar da cor, né?

Sônia: Hum-hum. E tu comprou tua camisa pela internet ou não?

Alves: Não. Comprei na loja memo.

Sônia: Na loja? Você sabe que dá pra fazer compras?

Alves: Sim, eu já sei, só que aqui não aceita.

Sônia: Por quê?

Alves: Por....

Sônia: Ah... é bloqueado?

Alves: Sim, porque aqui não aceita a... a...vídeo sobre a... sobre o que você falou agora pouco, não aceita, não autoriza.

Sônia: Sim. Tipo você não pode entrar na Playboy...

Alves: Sim. Não pode.

Sônia: Você não pode entrar no MSN...

Alves: Sim.

Sônia: No twitter...E qual mais ainda? Vídeos pornográficos você...

Alves: Não... ele é tudo totalmente...

Sônia: Bloqueado.

Alves: Bloqueado.

Sônia: Hum-hum. Mas se você tivesse a internet desbloqueada você entraria pra ver como é que é?

Alves: Eu acho que sim pra...

Sônia: Pra matar a curiosidade?

Alves: Pra matar a curiosidade.

Sônia: É?

Alves: Hum.

Sônia: Escuta, quando você vem pra cá, pra internet, a sua mulher reclama ou não?

Alves: Não. Ela não reclama. Ela sabe que eu... eu vim aqui pra... é... é... assim pra me atualizar, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Porque uma vez meu professor disse, assim também, quando a gente vai fazer vestibular, ele me ensinou muito, você tem que tá atualizado porque na pergunta cai muito assim se você não souber, não tá atualizado, você não vai passar, não vai nem tirar a nota que você precisa, né?

Sônia: Então você...e aqui você já tentou baixar livros? Coisas assim mais relacionadas ao vestibular?

Alves: Não.

Sônia: Não?

Alves: Aqui também não autoriza. Aqui é só pra pesquisa mesmo que quando a gente vai imprimir aqui também...

Sônia: E você...

Alves: Aqui também imprime.

Sônia: E você já tentou pedir pra que eles abram pra você? Mais, que te dêem mais hã... acessos? Mais possibilidades de acessos, tipo baixar livro, entrar no Jornal... o Jornal Nacional pega aqui?

Alves: Pega.

Sônia: Ah. Então as tv's abertas dá pra assistir?

Alves: Dá. Ah...na verdade isso não depende de mim. Depende muito da comunidade, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Pra pedir pro estado, né? Isso aí não depende de mim. Se eu for pedir sozinho, eu também não tenho força pra...pra eles colocar pra mim, abrir. Isso aí depende muito da comunidade.

Sônia: É?

Alves: Fazer reunião, fazer ata, né? Ver o que precisa. Se vai ser bom ou não.

Sônia: E Julinho, se você conseguir passar no vestibular, se você conseguir se formar, você não pensa em voltar aqui pra aldeia e ser o primeiro enfermeiro, o primeiro médico índio cuidando de índio?

Alves: Eu já pensei se possibilidade de quem sabe um dia eu... na aldeia é muito difícil hoje em dia demora, né? É... não é por... é... que nem eu mesmo, eu não tenho vergonha de ser índio, né? É... na verdade eu, a gente quer sentir orgulho de ser índio, né? Que hoje em dia a gente tem muito apoio na questão indígena.

Sônia: Hum.

Alves: E eu se um dia passar assim se for fazer quatro a cinco ano ficar no vestibular assim eu, quem sabe eu... eu queria voltar só que depois de ser formado. Antes de me formar acho que eu não penso em voltar.

Sônia: É. Você conhece algum índio que mora aqui que não queira ser índio?

Alves: Não.

Sônia: Não?

Alves: Não.

Sônia: Eu fiz uma pesquisa aqui dentro da aldeia pro meu mestrado e dos quarenta e dois que eu ouvi, pelo menos a metade disse que não gostaria de ser índio aqui na aldeia.

Alves: É?

Sônia: É. Você acha que é por que que eles pensam assim?

Alves: Eu acho porque hoje em dia a gente sofre muito é... desde preconceito, discriminação, né? Quando a gente sai na cidade. Acho que por causa, uma vez eu senti receio de mim mesmo, né? Quando eu vou, quer dizer, quando eu vou na cidade, né?

Sônia: Hum.

Alves: Eu não fico... é... num bando de meus amigos, não fica em bando, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Porque quando o índio sai ele fica em bando, três, quatro, né? Eu não, eu já fico separado.

Sônia: Por quê?

Alves: Porque quando a gente vai na cidade por causa desse daí o que é comentado.

Sônia: Se vocês estão juntos as... as pessoas chamam o que pra vocês?

Alves: Eles não chama, só que a gente fica chamando a atenção, né? Que todo mundo olha.

Sônia: Hã-Hã.

Alves: Se já é índio. Quando trabalho na saúde também acontecia muito, quando eu ia pra Toledo e Cascavel acompanhar os passeio, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Na verdade eu me vestia como branco, né? Só que na verdade eu sou índio, né? E quando a gente falava na nossa língua a gente chamava a atenção.

Sônia: Sim.

Alves: Daí já fica todo mundo olhando, virando olhar pra nós, quer saber e pergunta se é índio, se a gente é indígena.

Sônia: Hum – hum.

Alves: Isso aí também a gente fica tem receio de nós memo às vezes, né?

Sônia: Sim. E me diz a... o guarani falado hoje não é o guarani, por exemplo, do “seu Aleixo” falado de cem anos atrás, né?

Alves: Sim. É totalmente diferente, né? É por causa que a gente tá na fronteira, Paraguai e Argentina, né? Daí a gente se influencia um pouco pelo guarani espanhol.

Sônia: Hum-hum.

Alves: A gente algumas palavras já troca. Porque na verdade a língua guarani memo é aquele que é falado no... é... pelos guarani _____(palavra em guarani que não entendi), que eles estão mais pelo sul, Laranjeiras do Sul, é Pinhal.

Sônia: Assim, você acha que esse contato também com o não-índio ajuda a... a... transformar o idioma?

Alves: Eu acho que sim. Transforma muito pelas palavra que a gente troca às vezes.

Sônia: E quando a internet estiver na sua casa, você vai deixar seus filhos aprenderem junto com você?

Alves: Sim. Meus dois filho o meu sonho é que eles aprendam também. Quem sabe daqui a dois anos já. Que já tem sete, nove, dez anos já pode, só que a gente quer sempre cuidar pra é... pra é... pra ser bom pra eles, pra ser bom pra eles também.

Sônia: É. Por que lá vai tá toda liberada, né?

Alves: Sim, todas. Porque a gente nessa questão a gente quer cuidar muito também. Às vezes a internet é bom, às vezes não é.

Sônia: Quando a internet não é boa?

Alves: É quando a gente acessa aquilo que não é autorizado, né? Que a gente acessa, porque é a gente vê muito (...não entendi...) hoje em dia, internet não é bom fazer amigo também, né? Esse questão também tem, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Às vezes é bom fazer amigo, às vezes não é bom. Às vezes a gente, o outro que tá no outro lado tem mal intencionado.

Sônia: Sim.

Alves: Tem esse questão também.

Sônia: Hã-hã. E essas pessoas que você tem na sua lista? Todas elas você conhece?

Alves: Sim. Eu conheço. Às vezes quando a gente vai pro curso, né? A gente conhece, que trabalha na aldeia, tem outro que trabalha na questão indígena.

Sônia: Hum-hum.

Alves: A gente memo pede os...

Sônia: Os e-mails?

Alves: Os e-mails pra trocar as idéias.

Sônia: E você nunca recebeu um convite pra a aceitar um endereço?

Alves: Já recebi.

Sônia: E...?

Alves: Só que esse aí não é no e-mail é já no, sabe aquele...

Sônia: MSN.

Alves: Rede social que nem Orkut que o pessoal fala.

Sônia: Hã?

Alves: Já é outro já.

Sônia: E ali?

Alves: E ali eu aceito porque aparece foto, tem um...tem um lá de São Paulo, Rio de Janeiro, só que eu conheço pelos foto, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Só que a gente sempre troca idéia também pelo Orkut.

Sônia: Hum-hum. E quantos amigos tu tem no Orkut?

Alves: No Orkut eu tenho mais de noventa.

Sônia: Mais de noventa?

Alves: Mais de noventa.

Sônia: Além de São Paulo, Rio, quais os outros estados?

Alves: É Cuiabá, Mato Grosso.

Sônia: É?

Alves: É. Foz, Cascavel aqui perto, tem Santa... a maioria é de Santa Helena aqui pertinho.

Sônia: Sim.

Alves: Diamante também na cidade.

Sônia: Hã-hã.

Alves: Só que a maioria ali Diamante eu conheço, que nem a, uma professora que trabalha aqui a Néia, a Kátia, a Lu, só que essa não trabalha aqui.

Sônia: Sim.

Alves: A Marlene que tá sempre aqui na aldeia.

Sônia: Tu tem algum amigo, por exemplo, no exterior?

Alves: No, no exterior tem o... só da Espanha e Portugal.

Sônia: É?

Alves: Hum.

Sônia: E o que que eles fazem lá?

Alves: Até o ... tem, diz que é estudante, né? Eles também tão fazendo intercambio, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: É, em Portugal e Espanha. Tem o...

Sônia: Sim.

Alves: Esqueci o nome de dois que eu tenho, a gente sempre troca idéia.

Sônia: Hã?

Alves: Na verdade aquele outro olhar que me possibilito de a gente fazer intercambio aqui da aldeia, só que como a gente não teve... é... como ir, a gente não foi, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Era pra fazer intercambio lá na Itália.

Sônia: Hum-hum.

Alves: Eu fiz inscrição e passei, só que eu não tem, eu não tive como ir, né?

Sônia: Não teve patrocínio, ajuda financeira.

Alves: Sim, ajuda financeira.

Sônia: Hã-hã.

Alves: Porque eu...eu sou professor, daí o diretor falou pra mim - "O Julinho você tem que pensar bem" - porque lá era tudo pago em espécie, só que eu não tinha patrocínio, como você diz, apoio financeiro.

Sônia: Hum-hum.

Alves: Daí eu preferi ficar de novo aqui na aldeia trabalhando com as crianças, né?

Sônia: Hum-hum.

Alves: Hum.

Sônia: E com esse amigos do Rio, São Paulo o que você conversa?

Alves: É do dia a dia da cidade que eles comentam.

Sônia: É. O que que eles te contam de lá?

Alves: Eles falam bem da praia, assim, como é que é assim bonito, né?

Sônia: E você, você já conhece o mar?

Alves: Não.

Sônia: Não?

Alves: Não.

Sônia: Pretende?

Alves: Pretendo conhecer o mar.

Sônia: É?

Alves: Hum.

Sônia: Você acha que por meio desse amigos você tem mais facilidade?

Alves: Não. Acho que isso aí depende de cada um, se esforçar pra conhecer...

Sônia: Hã-hã.

Alves: Acho que não depende de ninguém, depende principalmente de nós mesmo.

Sônia: E de... e desses amigos no Orkut, quantos são meninas?

Alves: Ah... cinquenta cinquenta acho que é.

Sônia: Cinquenta cinquenta?

Alves: Hum.

Sônia: E tu tá paquerando alguma delas?

Alves: (risos) Não.

Sônia: Por quê?

Alves: (risos) A gente fica conversando assim da...

Sônia: É?

Alves: Mais sobre a paisagem memo.

Sônia: E elas sabem que você é casado?

Alves: Não.

Sônia: Não? E por que tu não conta?

Alves: (risos) A gente fica um pouco de vergonha.

Sônia: É?

Alves: Hum.

Sônia: Por que, por que você acha que é vergonha dizer que você é casado?

Alves: (risos)

Sônia: Por que você é novo?

Alves: Sim. Porque eu sou novo e tenho dois filhos que tem sete a cinco.

Sônia: É. Geralmente o não-índio não tem isso? Mas na hora que você vai contar sobre você, você não diz que faz parte da sua cultura? Casar cedo, ter filhos?

Alves: Eu já falei assim, mas é meus amigo mais próximo de mim eu falo que a nossa cultura é assim.

Sônia: Hã?

Alves: Só que antes também eu, eu, antes, depois que eu um pouco amadureci depois eu pensei assim. Só que na verdade a nossa cultura não permite, né? Que nem eu tenho duas irmã, né? Um de catorze ano já tem filho.

Sônia: Hum-hum.

Alves: A Michele de dezesseis ano.

Sônia: Já tem também?

Alves: Já.

Sônia: Quantos a Michele tem? Filhos?

Alves: Um.

Sônia: Um? E a de catorze?

Alves: Um também.

Sônia: Um também?

Alves: Hum-hum.

Sônia: E aí você acha que é muito cedo ter filhos?

Alves: Muito cedo acho que é, porque é que nem a fase de ele, tá na fase de, vamo supor, de adolescente, né? Só que como a cultura permite.

Sônia: Sim. E elas são casadas ou não?

Alves: Sim, casadas.

Sônia: Com que idade elas casaram?

Alves: A mais novinha casou de doze ano.

Sônia: É. Você acha que se você contar isso pro seu amigo de São Paulo ele vai achar isso muito estranho?

Alves: Sim. Ele vai se assustar.

Sônia: É?

Alves: Hum. Porque uma vez que eu trabalhei na saúde, eu acompanhei a minha irmã de doze ano quando tava grávida, né?

Sônia: Sim.

Alves: Lá em Cascavel, no H.U. e o pessoal – “Ai meu Deus, com doze ano tá...” – a pessoal se assusta, é raro vê...

Sônia: É. Mas você sabe que a não-índia também tá tendo filhos nessa idade?

Alves: Sim eu já me atualizei também sobre essa aí. Quem vive abaixo da...da...vou dizer financeira que...

Sônia: Hum, da linha da pobreza?

Alves: Da pobreza.

Sônia: Tem mais facilidade, tem mais filhos?

Alves: Sim.

Sônia: Mas então, se o branco está tendo filhos nessa idade, não tem como estranhar o índio já que é a cultura dele.

Alves: Sim. Eu às vezes fico meio sentido por causa desse daí.

Sônia: É.

Alves: Hum.

Sônia: Porque acham defeito no índio.

Alves: Sim.

Sônia: E ao mesmo tempo não olham que a cultura do branco, necessariamente há dez, vinte anos, o...a mulher que tivesse filhos ah....que não tivesse dezoito, dezenove anos não era muito bom.

Alves: Hum.

Sônia: E agora o não-índio tá tendo filhos com onze, doze anos também do mesmo jeito. Só que não é cultura branca. Cultura não-índia não fala disso, sabe?

Alves: Sim.

Sônia: Não é cultural. Além do Orkut, tem o...o facebook tu tá...?

Alves: Ainda não abro porque aqui não pega.

Sônia: E que foto tu botou no teu Orkut.

Alves: É foto de viagem, da aldeia.

Sônia: Hum-hum.

Alves: É de reza.

Sônia: É?

Alves: Como sou são paulino ano passado fui visitar o Morumbí, né? Eu tenho todas as foto no Orkut.

Sônia: É?

Alves: É. (risos).

Sônia: E como é que foi chegar em São Paulo?

Alves: Só em ponto mais, conhecer a cidade que não dorme (risos).

Sônia: É?

Alves: O pessoal fala.

Sônia: Sim. Escuta...você sentiu medo quando chegou lá?

Alves: Não. Não senti medo nenhum.

Sônia: Não? Tu foi com outros amigos?

Alves: Sim. Foi um amigo de lá memo.

Sônia: É?

Alves: Eu fui andar de metrô, eu fui fazer compra.

Sônia: Hum-hum.

Alves: E não senti medo nenhum. Eu senti...só que eu achei assim, lá é tudo corrido, né?

Muita gente se cruzando.

Sônia: Sim.

Alves: Como dizem tem que desvia de uma pessoa.

Sônia: E ninguém se conhece, né?

Alves: Ninguém se conhece.

Sônia: E os teus amigos no Orkut, que tipo de fotos eles tem?

Alves: Tem um do Rio de Janeiro tem foto da praia, a paisagem do Cristo Redentor, que muito pessoal tira e coloca.

Sônia: É? Ele é tatuado ou não?

Alves: Não.

Sônia: Não?

Alves: No meu Orkut não tem nenhum tatuado.

Sônia: Não?

Alves: Não.

Sônia: É?

Alves: Sim.

Sônia: Por que a tatuagem é da cultura indígena. Então não é vergonha vê ou mostrar ou dizer?

Alves: Eu conheci uma moça branca que tinha tatuagem assim nas costa.

Sônia: Hã-hã.

Alves: Essa aí...acho que é a... acho que é tatuagem eu soube (...não entendi 31:19;20) não sei se ela é de Foz ou de Cascavel, veio fazer pesquisa lá no Pedro. Maíra e Maísa, duas pessoa era da Unila.

Sônia: Hum...e eram tatuadas?

Alves: Sim.

Sônia: E você assiste o Big Brother Brasil?

Alves: Sim, lá em casa sim.

Sônia: O que que tu acha?

Alves: Na verdade a gente acha divertido, né? Só que tem muita coisa em jogo, né? Naquele dinheiro, um milhão.

Sônia: Hã-hã.

Alves: Brinca e aquele que aconteceu que o pessoal falou que aconteceu isso, estupro lá dentro, né?

Sônia: Hã.

Alves: Na verdade não foi porque aquele piação sofreu mais é preconceito por causa que ele é negro.

Sônia: Você acha?

Alves: Aquele Daniel. Eu acho que é por causa disso porque já vinha acontecendo no programa esse tipo de coisa, mas faz tempo já.

Sônia: É?

Alves: Desde que o Big Brother foi...eu acho que mais preconceito que sofreu, né? Foi expulso, né?

Sônia: Sim.

Alves: Da casa. Porque os dois teve consciência do que tava fazendo.

Sônia: Hum-hum.

Alves: A mulher permitiu e depois falou que tava ciente que que tava acontecendo.

Sônia: Sim.

Alves: Acho que o Big Brother agora que aconteceu esse episódio aí eu me desliguei um pouco porque acho que é, como que é, desnecessário.

DEGRAVAÇÃO VILSON

Sônia: Como que é seu nome?

Vilson: Vilson.

Sônia: Como?

Vilson: Vilson.

Sônia: Vilson?

Vilson: Hum.

Sônia: Com W ou com V?

Vilson: Com V.

Sônia: Vilson...?

Vilson: Vilson Centurion.

Sônia: Centurion? Tu não tem o, tu não tem o nome do pajé? Que o pajé te dá de batismo?

Vilson: Tenho.

Sônia: Qual que é?

Vilson: (sol em guarani)

Sônia: (sol em guarani) que significa sol?

Vilson: Sim.

Sônia: Que idade tu tem?

Vilson: Dezesete.

Sônia: Dezesete. Tu é estudante?

Vilson: Sim.

Sônia: Casado?

Vilson: Não.

Sônia: Filhos?

Vilson: Não.

Sônia: Por que tu não casou ainda?

Vilson: Muito jovem.

Sônia: Muito jovem ou não achou ainda a índia dos seus sonhos?

Vilson: (risos)

Sônia: Hã.

Vilson: Não.

Sônia: Não? E esse cabelo aí? O cabelo? É igual o Neymar?

Vilson: Sim.

Sônia: Você sabia que o Neymar adotou os cabelos de um índio moicano?

Vilson: Não.

Sônia: Que o cabelo que o Neymar tem é de um índio e não de um branco? Tu não sabia?

Vilson: (sinal de negativo com a cabeça)

Sônia: Então...não? Vocês não sabiam?

Índios: Não.

Sônia: Então o estilo do...do Neymar é moicano que é indígena. Então o Neymar não tá adotando um estilo próprio, ele tá copiando um índio e aí vocês usam assim achando que tão copiando o Neymar. Vocês não tão copiando o Neymar, é de vocês isso aí, vocês deveriam sempre usar isso. E me fala, você usa a internet?

Vilson: (sinal de negativo com a cabeça)

Sônia: Não?

Vilson: Eu uso.

Sônia: Faz dois dias que tu tá ali na internet, o que que tu tava fazendo ali?

Vilson: (risos)

Sônia: Hã...tu usa internet?

Vilson: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: O que que tu olha na internet?

Vilson: Vejo foto.

Sônia: Foto? Foto de que?

Vilson: Índio.

Sônia: De índio?

Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)
Sônia: Só foto de índio?
Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)
Sônia: Escuta, e o axé? As músicas de axé, pagode também?
Vilson: Sim.
Sônia: Qual cantor que você mais gosta?
Vilson: Luan Santana.
Sônia: Quem?
Vilson: Luan Santana.
Sônia: Luan Santana? E sertanejo?
Vilson: ...
Sônia: Não lembra?
Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)
Sônia: E pagode tu ouve?
Vilson: Sim.
Sônia: Sim?
Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)
Sônia: O que que tu ouve de pagode?
Vilson: ...
Sônia: Lembra algum nome?
Vilson: (sinal de negativo com a cabeça)
Sônia: Não? Você tem facebook?
Vilson: (sinal de negativo com a cabeça)
Sônia: Orkut?
Vilson: (sinal de negativo com a cabeça)
Sônia: Msn?
Vilson: (sinal de negativo com a cabeça)
Sônia: Julinho, ele não tem nada disso?
Julio Alves: Não.
Sônia: Não? Por quê?
Julio Alves: Eu acho que ele não teve a oportunidade de abrir.
Sônia: É?
Julio Alves: Sim.
Sônia: O que você vê na internet? No youtube, o que você assiste?
Vilson: ...
Sônia: Assiste filme pornográfico?
Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)
Sônia: Sim?
Vilson: Não.
Sônia: Ele disse que sim Julinho?
Julio Alves: Aqui não abre.
Vilson: (risos)
Sônia: (risos) E você estuda?
Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)
Sônia: Qual série?
Vilson: Quinta.
Sônia: Quinta?
Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)
Sônia: Você sabe ler?
Vilson: Sim.

Sônia: Português ou guarani?

Vilson: Português.

Sônia: E guarani?

Vilson: Sim.

Sônia: Os dois?

Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)

Sônia: Qual que você gosta mais?

Vilson: Dos dois.

Sônia: Dos dois? Quando você tá na cidade você fala o que? Guarani ou Português?

Vilson: Falo português.

Sônia: Por quê? Se fala guarani ninguém entende?

Vilson: Sim.

Sônia: É? Tem namorada?

Vilson: Não (risos).

Sônia: Dá risada aí que daqui a pouquinho é a tua vez. Te diverte bastante. E tu pintou teu cabelo com que tintas?

Vilson: ...

Sônia: Com que?

Vilson: Descoloração

Sônia: É tinta ou descoloração? Esse vermelho não dá pra descolorir. Não dá pra descolorir, se eu tocar sai na minha mão?

Vilson: Não.

Sônia: Não? Quanto tempo você, você pintou ele? O teu cabelo?

Vilson: Seis dia por aí.

Sônia: Seis dias?

Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)

Sônia: É?

Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)

Sônia: Você joga bola?

Vilson: Sim.

Sônia: Qual tua posição?

Vilson: De frente.

Sônia: Hã?

Vilson: De frente.

Sônia: Que? Zagueiro? Julinho qual é a posição dele?

Julio Alves: Lateral.

Sônia: Lateral? O que você mais gosta na internet?

Vilson: Música.

Sônia: Hã?

Vilson: Música.

Sônia: Música? Que música?

Vilson: ...

Sônia: Que música tu mais gosta?

Vilson: ...

Sônia: Como é seu nome, você ali atrás?

Felix: Felix.

Sônia: Felix? Pra lá. Senão ele não fala nada, ele fica com vergonha. Hein, qual é a música que tu mais gosta?

Vilson: Forró Boy.

Sônia: Forró?

Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)

Sônia: Jesus, e tu sabe dançar?

Vilson: (risos)

Sônia: Sabe, né? O Felix sabe, né? Com aquela cara de sem vergonha. Você sabe, né Felix?

Felix: (sinal de afirmativo com a cabeça)

Sônia: Como é que dança?

Felix e Vilson: (risos)

Sônia: Quantos irmãos você tem?

Vilson: Seis.

Sônia: É? Todos casados?

Vilson: Não. Um casou.

Sônia: Só um?

Vilson: (sinal de afirmativo com a cabeça)

Sônia: E ele mora aqui na aldeia?

Vilson: Mora ali.

Sônia: É? E você quer ficar na aldeia quando crescer mais?

Vilson: Sim.

Sônia: Por quê?

Vilson: ...

Sônia: Gosta daqui?

Vilson: Sim.

Sônia: Então tá. Obrigada.

Vilson: De nada.

Sônia: Tchau.

Vilson: Tchau.

Feliz Benitez

Sônia: Vem você.

Felix: Eu?

Sônia: Sim. Vem aqui, a gente só vai conversar um pouquinho. Você só fala o que você quiser. Vem mais pra frente um pouco pra eu te fazer bonito aqui no vídeo. Como que é seu nome?

Felix: Felix.

Sônia: Felix do que?

Felix: Benitez.

Sônia: Felix Be-ni-tez. Que idade tu tem Felix?

Felix: Dezoito?

Sônia: Dezoito? Você não estuda, né?

Felix: Estuda.

Sônia: Mas o professor disse que você trancou a matrícula.

Felix: Por que? Quem?

Sônia: Hã? Agora quando ele chegou aqui ele perguntou se você ia voltar a estudar e você disse que não.

Felix: Se eu falei brincando.

Sônia: Brincando?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Vai estudar?

Felix: Sim.

Sônia: E o teu cabelo tu descoloriu também?

Felix: Sim.

Sônia: Esse boné, aonde você aprendeu usar assim?

Felix: (risos)

Sônia: Hã? Na internet?

Felix: Não. Eu aprendi no estilo hip-hop.

Sônia: Estilo de hip-hop?

Felix: Sim.

Sônia: Nossa! E aonde você viu isso?

Felix: Na TV.

Sônia: Na TV?

Felix: Sim.

Sônia: É? E na internet não?

Felix: Não.

Sônia: Não?

Felix: Não.

Sônia: O que que você vê na internet?

Felix: Alguma notícia, às vezes...é... música.

Sônia: Agora você sai daqui. Música, que tipo de música?

Felix: Banda.

Sônia: Banda? Banda de que, de rock?

Felix: Não.

Sônia: (não entendi 10:30;09)?

Felix: Acho que de rock.

Sônia: De rock? Tu acha ou vê? Você pode me dizer que banda você assiste.

Felix: eu assiste banda (não entendi 10:45;09).

Sônia: É? A meteoro?

Felix: (sinal de afirmativo com a cabeça)

Sônia: E essas tatuagens aí nos dedos? O que tá escrito aí na mão?

Felix: (risos) Hilda.

Sônia: Hilda? E quem é Hilda?

Felix: É a minha namorada.

Sônia: Olha! E onde ela mora?

Felix: Na Itamarã.

Sônia: Itamarã?

Felix: É.

Sônia: E você vai sempre pra lá pra vê-la?

Felix: Sim.

Sônia: Vira a mão assim pra aparecer no vídeo. A Hilda...mais um pouquinho pra cá. Isso. Lá a Hilda e ali nos dedos é o que?

Felix: É nome dela também.

Sônia: Também? Por tu... e tem mais em algum lugar?

Felix: Não.

Sônia: Escrito o nome dela?

Felix: (sinal negativo com a cabeça).

Sônia: Não? Não tem perto do coração?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Nada? E essa outra ali o que que é?

Felix: (risos) Não sei.

Sônia: Não sabe?

Felix: Não.

Sônia: E essa ali da perna?

Felix: É da bruxinha.

Sônia: Da bruxinha?

Felix: É.

Sônia: E por que que tu tá com a bruxinha na perna?

Felix: Porque eu acho que é legal.

Sônia: Achou legal?

Felix: É.

Sônia: E você faz a tatuagem aqui dentro da aldeia ou fora da aldeia?

Felix: Aqui.

Sônia: Aqui?

Felix: É.

Sônia: Quem é que tatua?

Felix: Eu mesmo.

Sônia: Tu mesmo? E você tatua com o que com hena, com hena ou com tinta definitiva?

Felix: Com hena.

Sônia: Com hena? Mas ela vai sair essa tatuagem ou não?

Felix: Não.

Sônia: Não? Então não é hena. Hena é quando é definitiva. Não, perdão. Hena é quando sai com o tempo e a outra é quando fica pra sempre. E você tem a maquininha?

Felix: Tem.

Sônia: E você cobra tanto por tatuagem?

Felix: Eu não fiz ainda pro outro.

Sônia: É?

Felix: Eu só fiz pra mim.

Sônia: Pra você?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E esses colares que você usa no pescoço?

Felix: (risos)

Sônia: É pra se enfeitar?

Felix: É.

Sônia: Ainda gosta?

Felix: Sim. É dela mesmo.

Sônia: É dela?

Felix: Isso.

Sônia: Tem um formato de coração, né?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E a Hilda estuda?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Que idade ela tem?

Felix: Dezesseis.

Sônia: Dezesseis. Você pretende casar com ela?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: É? E morar aonde aqui na (não entendi 13:01;09) ou em Itamarã?

Felix: Lá a Itamarã.

Sônia: Lá em Itamarã? Por que você quer ir pra lá?

Felix: Num sei.

Sônia: Não sabe? Lá você já tem uma casa ou não?

Felix: Não.

Sônia: Não? Que série você tá?

Felix: Sétima.

Sônia: Sétima?

Felix: Terminei sexta.

Sônia: Sexta e foi pra sétima?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E na internet, além de você ouvir música, quando você vai assistir o que você gosta de assistir o que? Novela? Filme?

Felix: É filme.

Sônia: Filme?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Que tipo de filme?

Felix: É Ong Bak.

Sônia: O que?

Felix: Ong Bak.

Sônia: O que que é Ong Bak?

Felix: É um filme do guerreiro sagrado.

Sônia: De um guerreiro sagrado?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E o que que faz esse guerreiro?

Felix: É... ele luta como...

Sônia: Hum. E que armas ele tem?

Felix: É só o punho mesmo.

Sônia: Só no punho?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Com as mãos então ele luta?

Felix: É.

Sônia: É?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E ele vive em que século?

Felix: Eu não sei.

Sônia: Ele é, ele é normal que nem a gente ou ele é diferente?

Felix: Bem ele é diferente.

Sônia: Hum. Em que?

Felix: Com força.

Sônia: É?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E ele é índio ou não?

Felix: Não.

Sônia: Não? É branco?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: É? Não é japonês?

Felix: Não. Tailandês.

Sônia: É o que?

Felix: Tailandês.

Sônia: Ele é tailandês?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E ele luta contra quem?

Felix: Contra os inimigo dele.

Sônia: Hã-hã. E como que tu descobriu esse filme?

Felix: Eu assisti uma vez no DVD.

Sônia: Em DVD? E daí depois você procurou na internet?

Felix: Hum-hum.

Sônia: E achou a série?

Felix: Sim.

Sônia: A série é muito longa?

Felix: Não.

Sônia: Não? Quantos, quanta a...quantos capítulos tem?

Felix: Tem três.

Sônia: É?

Felix: Tem um também.

Sônia: E você assistiu mais de uma vez?

Felix: Não.

Sônia: Uma vez cada um?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E fora desse tem outro?

Felix: Tem o do extermina...exterminador.

Sônia: O exterminador?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: É com o Schwarzenegger?

Felix: É.

Sônia: É?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E ele tá inteiro na internet?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Hum. E qual outro?

Felix: Só esses mesmo.

Sônia: Só esses? Mas quando você encontra filmes na internet que dá pra baixar você assiste?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: É? Você gostaria de ter um computador em casa?

Felix: Sim.

Sônia: Por quê?

Felix: É pra acessar alguns vídeo pra baixar.

Sônia: É?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E essa, esse brinquinho aí na tua orelha? Tem uma cruz. Você sabe o que significa essa cruz?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Não?

Felix: Não.

Sônia: É uma cruz católica. Qual é a religião do índio?

Felix: Oi?

Sônia: O índio tem religião?

Felix: Tem.

Sônia: Qual que é?

Felix: Na reza.

Sônia: Como?

Felix: (risos)

Sônia: Vocês rezam?

Felix: Sim.

Sônia: Mas tu reza pra quem?

Felix: Pra Deus.

Sônia: Pra Deus?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: É? Então você usa esse brinco então pra enfeite, né?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Pra enfeite. E me fala, essa aliança aí no teu dedo é noivado?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Tá noivo de quem? Da Hilda?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Ou da Maria?

Felix: Não.

Sônia: Da Hilda?

Felix: É.

Sônia: E como é o sobrenome dela?

Felix: (risos)

Sônia: Tu não sabe?

Felix: Sei. É Centurion.

Sônia: É Centurion?

Felix: É.

Sônia: Hum. E quanto o índio casa, a índia assume o sobrenome do marido?

Felix: Não.

Sônia: Por quê?

Felix: Num sei.

Sônia: Julinho, assume ou não?

Julio Alves: Nome?

Sônia: É, do marido?

Julio Alves: Não.

Sônia: Não?

Julio Alves: Não. Acho por causa do (não entendi 17:09;21), né? Não tem como levar o sobrenome.

Sônia: Ah, sim. Ah, então o casamento de vocês não acontece no cartório?

Julio Alves: Não. Se junta. Só vive junto.

Sônia: Hum. E o Brasil aceita isso?

Julio Alves: Sim, aceita. Só que a gente lá fora é conhecido como solteiro, né? Civil. Daí não é registrado.

Sônia: Hum. Você tem facebook?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Não?

Felix: Não.

Sônia: Orkut?

Felix: Tsc-tsc (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: MSN?

Felix: Não.

Sônia: Hotmail?

Felix: Nada.

Sônia: Por quê?

Felix: Porque não fiz.

Sônia: Não tem?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Mas se tivesse a oportunidade, teria?

Felix: Tem.

Sônia: É?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Você, assim, gostaria de conhecer outras pessoas por meio desse de comunicação? Desse meio?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: É? Vamos lá. Que notícia que tu ouviu pela última vez?

Felix: SBT Repórter.

Sônia: O SBT Repórter?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E falava sobre o que?

Felix: Sobre...é...mulher grávida que passou de quatro filhos. Quadrigêmeos.

Sônia: Ah! E você viu isso na internet ou na TV?

Felix: Na internet. Internet.

Sônia: Na internet?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: É? E você sabe que passou pela TV antes?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Você hoje assiste mais TV ou acessa mais a internet?

Felix: Acesso mais a internet.

Sônia: É? Por quê?

Felix: Porque eu gosto.

Sônia: Gosta?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: O que mais tem na internet que você gosta?

Felix: Só filme mesmo.

Sônia: Só filme? E música?

Felix: Gosto.

Sônia: É? Deixa eu ver os teus cabelo?

Felix: ...

Sônia: Nossa! E tu consegue essa cor descolorindo?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Com acetona?

Felix: Não.

Sônia: Com o que?

Felix: Comprei lá da farmácia.

Sônia: É? E chama descolorante?

Felix: Sim.

Sônia: E você já sabia que isso existia?

Felix: Não. Uma vez eu vi só.

Sônia: É? Onde tu viu?

Felix: Num cara que... uma amigo também pinta o cabelo.

Sônia: É? Pintou e aí você achou bacana?

Felix: Sim.

Sônia: E quando você chegou lá na Hilda com o cabelo todo assim, o que que ela disse?

Felix: (risos) Não sei.

Sônia: Hã?

Felix: Não falou nada.

Sônia: Não falou nada? Mas ela não te achou mais gato?

Felix: Num sei.

Sônia: É? Eu vou te fazer uma pergunta, tu me responde se quiser. Você já dorme com a Hilda?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Já?

Felix: Já.

Sônia: E você não tem medo de engravidar?

Felix: Num sei (risos)

Sônia: Não?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Ela toma anticoncepcional?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Toma?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Aonde ela consegue?

Felix: No posto de saúde.

Sônia: No posto de saúde? Por que que vocês decidiram não ter filhos logo?

Felix: É porque ainda é novo.

Sônia: Ainda é novo? É? E você não tem um trabalho ainda, né?

Felix: Não.

Sônia: E o pai e a mãe dela quando souberam que vocês já dormiram juntos disseram o que?

Felix: Eu não sei.

Sônia: Não sabe?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: É? E depois de quanto tempo que você começaram a namorar que vocês começaram a ficar juntos?

Felix: Depois de três meses, quatro, seis meses.

Sônia: Seis meses?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E desde do início?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E o que que você sentiu quando viu a Hilda?

Felix: (risos)

Sônia: Assim, deu um frio na barriga?

Felix: (risos) num sei.

Sônia: Não sabe?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Mas você sabe que é ela...que é dela que você gosta, né?

Felix: Sim.

Sônia: E você vai quantas vezes por semana vê-la?

Felix: Cada, toda fim de semana fui.

Sônia: Como?

Felix: Todo fim de semana.

Sônia: Todo fim de semana?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E você vai como?

Felix: (risos)

Sônia: Vai de ônibus, vai a pé, de modo?

Felix: Eu fui de moto.

Sônia: É? Você vem moto?

Felix: Não. Paguei

Sônia: Ah...você pagou um mototaxi?

Felix: É.

Sônia: E são quantos quilômetros daqui?

Felix: Dez, quatro acho, seis.

Sônia: Seis quilômetros?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: E escuta...se a...a... se você tivesse internet, MSN, e a Hilda também, vocês iam se falar por MSN?

Felix: Sim.

Sônia: Lá na aldeia dela tem internet?

Felix: Num sei. Acho que tem, tem na escola.

Sônia: Tem na escola?

Julio Alves: Na (não entendi 22:24;25) não tem.

Sônia: Não?

Julio Alves: Agora que tá sendo construído, construindo a escola, né?

Sônia: Agora? Antes não?

Julio Alves: (22:30;06)

Sônia: Vem cá que eu te mostro.

Julio Alves: Lá só tem o (24:40;14)

Sônia: Abre, fecha. (ensinando a usar a máquina fotográfica)
(25:20;16)

Sônia: Tá. Vamos continuar aqui. Você pensa em ter uma profissão?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: O que que você quer ser?

Felix: Professor.

Sônia: Professor também?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Por quê? Você acha, gosta do que o Julinho faz?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Ou você acha que ser professor é bom?

Felix: Professor é bom mesmo.

Sônia: É.

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: A gente tava falando da Hilda. E a Hilda, ela quer ser o que?

Felix: Não sei.

Sônia: Nunca conversaram?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: O que que vocês conversam quando vocês estão namorando?

Felix: (risos)

Sônia: Hein, sobre o que que vocês conversam?

Felix: ...

Sônia: Sobre o que?

Felix: Casamento.

Sônia: Sobre casamento? Sempre o tempo inteiro?

Felix: Não.

Sônia: Hã? O que vocês conversam?

Felix: (risos)

Sônia: Tu conta pra ela que tu entra na internet?

Felix: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Não?

Felix: Não.

Sônia: Por quê?

Felix:...

Sônia: Hã? Tem vergonha?

Felix: (sinal afirmativo com a cabeça) não.

Sônia: Sim ou não?

Felix: Não.

Sônia: Ou voe acha que ela não vai entender?

Felix: Não.

Sônia: É? Então tá, obrigada.

Felix: De nada.

Sônia: Próximo.

Felix: É o Bernardino.

Sônia: Bernardino vem aqui. Por que tá me olhando assim Bernardino?

Felix: Porque ele já tem filho.

Sônia: Ele já tem um filho?

Felix: Sim.

Sônia: Que idade ele tem Bernardino? Felix, deixa ele sentar aqui.

Felix: Senta aqui.

Bernardino Rocha

Sônia: Como que é o seu nome?

Bernardino: Bernardino.

Sônia: Bernardino de que?

Bernardino: Bernardino Rocha.

Sônia: Rocha. Que idade tu tem?

Bernardino: Dezoito.

Sônia: Dezoito? Casado?

Bernardino: Sim.

Sônia: Quantos filhos?

Bernardino: Um.

Sônia: Um? É menino ou menina?

Bernardino: Menino.

Sônia: Menino? Um menino. Com que idade tu casou?

Bernardino: Dezoito.

Sônia: Com Dezoito? Faz quanto tempo então que tu casou?

Bernardino: Um mês e pouco.

Sônia: Um mês e pouco?

Bernardino: Quer dizer, um ano e pouco.

Sônia: Um ano e pouco? E já tinha o bebê quando casou?

Bernardino: Não.

Sônia: Não? Só...

Bernardino: Só depois do casamento.

Sônia: É? E, e o que que você faz? Qual a tua profissão?

Bernardino: Estudante ainda.

Sônia: Estudante? E quem...?

Bernardino: Esse ano acho que vou terminar como professor.

Sônia: É? E quem sustenta vocês?

Bernardino: É o sogro e eu também...

Sônia: O sogro...

Bernardino: E eu trabalho por dia.

Sônia: É? Tu trabalha por dia?

Bernardino: Às vezes.

Sônia: Fazendo o que?

Bernardino: Carpindo.

Sônia: Carpindo?

Bernardino: Hum.

Sônia: E a tua mulher trabalha?

Bernardino: Não.

Sônia: Não?

Bernardino: (sinal negativo com a cabeça)

Sônia: Então a, o bebê e a comida de vocês é o sogro?

Bernardino: Hum.

Sônia: E ele gosta de sustentar vocês?

Bernardino: Sim.

Sônia: Por quê?

Bernardino: Acho que ele gosta de eu também.

Sônia: É?

Bernardino: É.

Sônia: Escuta, que idade tem a tua mulher?

Bernardino: Dezesseis.

Sônia: Dezesseis? Então ela teve o bebê com quinze?

Bernardino: Sim.

Sônia: Como que é o nome dela?

Bernardino: Viviane Centurion. É irmã do Vilson.

Sônia: Hum. É a irmã do Vilson?

Bernardino: Sim.

Sônia: Olha! Escuta, quando vocês disseram que iam casar, o que que o teu pai e o teu sogro falaram?

Bernardino: Ah, ele aceitou.

Sônia: Aceitaram.

Bernardino: Hum.

Sônia: E vocês moram com eles também?

Bernardino: Com o meu sogro?

Sônia: É.

Bernardino: Sim.

Sônia: Quantos na casa?

Bernardino: Acho que oito, por aí.

Sônia: Oito na casa? Tem quantos quartos?

Bernardino: Só três.

Sônia: Três? E como vocês dormem?

Bernardino: Junto.

Sônia: Junto?

Bernardino: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: Tu dorme junto da tua mulher...

Bernardino: Sim.

Sônia: ...o bebê e mais quem?

Bernardino: Só.

Sônia: Só vocês três?

Bernardino: É.

Sônia: E tem outro quarto?

Bernardino: Tem do meu sogro e daí dos filho dele.

Sônia: Dele?

Bernardino: O Vilson mora com a vó dele.
Sônia: Hã-hã. Tu dorme com alguém? Nem com a Hilda? E me fala, você tem internet?
Bernardino: Não.
Sônia: Aqui na escola?
Bernardino: Só tem o meu e-mail aqui.
Sônia: Você tem e-mail?
Bernardino: Sim.
Sônia: Quantas pessoas você tem no e-mail?
Bernardino: Acho que seis, sete, por aí.
Sônia: Seis ou sete? E são índios?
Bernardino: Não.
Sônia: Ou não índios?
Bernardino: Só tem um, só tem um índio.
Sônia: É?
Bernardino: O Cipriano.
Sônia: O Cipriano? E os outros moram aonde?
Bernardino: Na cidade.
Sônia: Na cidade? E como você conheceu eles?
Bernardino: Ah...eles são os meus professores, né?
Sônia: Hum. E Orkut tu tem?
Bernardino: Tenho, mas acho que tá alterado.
Sônia: Hã?
Bernardino: Tá alterado.
Sônia: Alterado? E o que que é alterado?
Bernardino: Porque aqui não funciona, né?
Sônia: Ah! E quantos amigos tu tem no Orkut?
Bernardino: Só dois.
Sônia: Só dois? De onde eles são?
Bernardino: Santa Catarina.
Sônia: Santa Catarina? E são índios ou não?
Bernardino: Índios.
Sônia: Índios? Da aldeia de lá?
Bernardino: Hã-hã.
Sônia: Como é o nome da aldeia de lá?
Bernardino: Limeira.
Sônia: Limeira? E o que que vocês conversam?
Bernardino: Sobre os trabalho que a gente faz nos projeto lá que vem de Guarapuava.
Sônia: Hã-hã.
Bernardino: Eles às vezes passam foto.
Sônia: Sim. E que tipo de fotos vocês trocam?
Bernardino: Ah... tipo de dança e canto também.
Sônia: Dança e canto?
Bernardino: Hum.
Sônia: E...a... você gosta do que na internet?
Bernardino: Ah eu gosto de ouvir música, né?
Sônia: Música?
Bernardino: E vídeo.
Sônia: Que tipo de música?
Bernardino: Hã... banda.
Sônia: Banda? É?

Bernardino: (sinal afirmativo com a cabeça)
Sônia: Você gosta de Forró?
Bernardino: Às vezes.
Sônia: Às vezes?
Bernardino: Sim.
Sônia: Música sertaneja?
Bernardino: Não.
Sônia: Não? Por quê?
Bernardino: Ah...não é meu estilo.
Sônia: Todo mundo ouve música sertaneja menos você?
Bernardino: (risos) É.
Sônia: É? E você fala com a sua mulher sobre o que você vê na internet?
Bernardino: É.
Sônia: E ela?
Bernardino: Ela não vem.
Sônia: Não?
Bernardino: Não.
Sônia: Ela não gosta?
Bernardino: (sinal negativo com a cabeça)
Sônia: Ou tá cuidando do filho?
Bernardino: É.
Sônia: Ela gosta mais de conversar com as amigas do que assistir TV?
Bernardino: É.
Sônia: E você assiste ainda TV?
Bernardino: Sim.
Sônia: Mais TV ou mais internet?
Bernardino: TV.
Sônia: Por quê?
Bernardino: Porque lá em casa não tem internet.
Sônia: Sim. Então você só tem internet aqui.
Bernardino: Só.
Sônia: É?
Bernardino: Só vem aqui quando abriu.
Sônia: É? Se você, se você pudesse ter computador em casa, teria?
Bernardino: Sim.
Sônia: É? E aí você ia ter MSN e tudo?
Bernardino: Sim.
Sônia: Tudo que pode?
Bernardino: Tudo.
Sônia: É? E que filmes você assiste na internet?
Bernardino: Hum...Batman.
Sônia: O Batman?
Bernardino: (sinal afirmativo com a cabeça)
Sônia: Opa! E tem muito filme do Batman?
Bernardino: Sim.
Sônia: Tem? Muitos quantos?
Bernardino: Três?
Sônia: Três? E o que mais? Qual outro filme?
Bernardino: Avatar.
Sônia: Avatar? Aquele filme grande das...?

Bernardino: É.

Sônia: Você acha que existe um mundo como Avatar?

Bernardino: Eu não sei, acho que não.

Sônia: Não? E sobre o que fala o Avatar?

Bernardino: Sobre origem, eu acho.

Sônia: A origem?

Bernardino: (sinal afirmativo com a cabeça)

Sônia: É? A preservação da natureza?

Bernardino: Hum. Isso aí.

Sônia: Você acha que aquele filme é criado como? Em laboratório? Como que eles filmam aquelas coisas?

Bernardino: Acho que foi de laboratório.

Sônia: É? E fora do Avatar o que mais?

Bernardino: E só.

Sônia: E só?

Bernardino: Às vezes um desenho.

Sônia: Qual o desenho?

Bernardino: A liga da justiça.

Sônia: Liga da justiça? E como é que é?

Bernardino: É um que luta com, que quer ganhar assim, é como defender a terra.

Sônia: Hum-hum.

Bernardino: Pra não destruir.

Sônia: Sim. E me fala, quando você tá assistindo filme em que você pensa?

Bernardino: Hum...nada.

Sônia: Nada? É? Nem nesses amigos ali atrás?

Bernardino: Hum-hum.

Sônia: Não? Só fica concentrado no filme?

Bernardino: Sim.

Sônia: E quando você acessou pela primeira vez a internet, o que você sentiu?

Bernardino: Acho muito legal.

Sônia: Legal?

Bernardino: Hum.

Sônia: Por quê?

Bernardino: Porque tem muitas coisas, né?

Sônia: É? Tem mais do que na TV?

Bernardino: Tem.

Sônia: E na TV, quantos canais pega aqui na aldeia?

Bernardino: Acho que trinta.

Sônia: Trinta? E mesmo assim as internet é mais...?

Bernardino: É.

Sônia: Obrigada.

Bernardino: De nada.

DIÁRIO DE CAMPO DA ALDEIA TEKOA AÑETETE

Impressões sobre os Puxadinhos

Paro o carro no alto da colina, de onde é possível ver o centro da aldeia, uma espécie de avenida principal. Os telhados vermelhos contrastam com o verde da floresta pendurada nas montanhas. Lá está concentrada a cacicagem. As antenas parabólicas enfeitam a frente das casas.

O projeto das construções foi desenvolvido por dois poderes: Federal e Estadual. As residências construídas pelo Estado são de alvenaria, têm dois quartos e uma sala conjugada com a cozinha. Uma área grande, onde é possível ficar até vinte pessoas sentadas. Anexo está o banheiro.

Quem nos recebe é o vice-cacique, João Alves, quarenta anos.

– Bom dia, sou a professora Sônia e estou aqui para conhecer um pouco a aldeia.

Desejo vir morar para realizar meu estudo de mestrado.

– O João da Itaipu disse que a senhora viria este mês.

– Que bom! E o cacique Luciano Alvez está?

– Não, mas posso mostrar tudo para a senhora.

– Eu posso ver a casa do senhor, para ter uma ideia da casa onde devo ficar?

– Sim, venha.

A casa do vice-cacique é muito suja, os filhos estão assistindo a um filme de terror em um canal a cabo.

– Eles gostam de filme de terror e Coca-Cola.

Com exceção da casa do professor, as demais possuem uma outra construção próxima da casa oficial. O “puxadinho” é feito em madeira e coberto com palhas e lonas. É ali onde funciona a cozinha principal, com o fogão feito com tijolos e uma chapa de ferro com dois buracos, onde são colocadas as panelas em contato direto com as chamas. O fogo é à lenha com galhos grossos e longos, que na maioria das vezes ocupa parte do espaço e também evita a reposição constante da madeira. Sem chaminé, a fumaça inunda o ambiente e serve como repelente para insetos.

Não há assoalho e nem qualquer revestimento, a terra nua impacta o visitante. Para varrer a sujeira, deixando o ambiente surpreendentemente limpo, são usadas vassouras da espécie de árvore conhecida como “Farinha Seca

É ali onde se reúnem os mais velhos para conversar. Ali também acontecem as reuniões de família e discussões dos assuntos comuns aos caciques e lideranças da tribo. Eles permanecem agachados sobre os calcanhares ou sentados em pequenos bancos quadrados de madeira. Também próximo à parede há bancos de madeira para serem usados quando o encontro é maior.

Nesses puxadinhos fica a comida que eles produzem, como, por exemplo, espigas de milho e abóboras, além das peles dos animais caçados. No puxadinho da casa do cacique existem três painéis feitos com cerâmica. Uma espécie de relíquias para a dona Santa, mulher do cacique. Ela contou ter produzido as peças durante o curso de cerâmica promovido pela Itaipu.

Se na cozinha do puxadinho tudo é muito limpo, na cozinha da casa de alvenaria, a sujeira está presente em tudo. Na casa do professor, restos de comida cozidos ao longo do tempo revelam o cardápio da família. É possível ver macarrão pendurado na parede, arroz, feijão, riscos de óleo e pedaços de fritura, que não é possível identificar do que eram compostos.

No posto de saúde, atendendo às normas do Ministério da Saúde, tem psicólogo, médico, enfermeira, atendente e dentista, bem como uma antena para celular. A escola com computador, televisão, videocassete e DVD. O período é de férias e no quadro palavras escritas em guarani com tradução em português registram o que deveria ter sido a última aula.

Para as casas construídas pelo Governo Federal, por meio da Itaipu, o modelo foi buscado nos livros, na opinião de indigenistas e dos próprios índios. Elas são feitas com ripas de madeiras retas, em formato de cabana, apesar de o telhado ser com telhas vermelhas, igual às do primeiro projeto. Elas não possuem assoalho no conjugado cozinha e sala, apenas nos quartos.

Estas casas foram consideradas muito frias, no inverno, pelas mulheres jovens. Nelas moram os índios mais velhos. Cinco delas foram abandonadas pelos moradores, apesar de vinte e oito famílias esperarem na fila por uma casa do estilo do Estado. Em uma delas vive seu Aleixo Bogado, com cento e quinze anos. Eu já reservei uma visita especial. Segundo o vice-cacique, ele ainda trabalha, ouve bem, fala guarani e espanhol. Também vou me encontrar com o rezador da aldeia, Vicente Alves, quarenta e cinco anos, e com o pajé, Lírio Chamorro, oitenta e oito. Essas visitas anoto como compromisso, uma vez que minha estada na aldeia será regida pelos acontecimentos. Minha missão é observar, sem interferir no dia-a-dia da tribo.

A reserva tem mil setecentos e quarenta e sete hectares ou oitocentos alqueires. Vivem no local quarenta e oito famílias, com um total de duzentas e dezesseis pessoas, sendo que a maioria é criança e jovem. Feitas as contas, cada índio possui o equivalente a dez alqueires de terra. Os índios são descendentes de Guaraní. Habitaram a região do Parque Nacional do Iguaçu (PNI), onde estão as Cataratas do Iguaçu.

Uma pesquisa feita pelo professor da Universidade Federal do Paraná, arqueólogo Igor Chmyz, revelou a existência de trinta e duas reduções – sinais da presença do índio – no interior do PNI. Nas escavações feitas foram encontradas cerâmicas, datando a passagem de tribos pela região.

Televisão, CD DVD.

Aline fala bem o português. Peço se posso fotografá-los. Sou convidada para ir até a casa. Lá, todos, sem exceção, assistem à televisão. Mais oito crianças estão sentadas na frente do aparelho. Deitados no sofá, dois meninos. Um tem mechas no cabelo. Ele levanta-se, coloca no DVD um CD e liga o aparelho.

As letras começam a aparecer e ele inicia a música. Só então percebo que a casa tem até karaokê, aquele aparelho que é locado em Foz por setenta reais para animar festas.

– É karaokê. A gente canta muito balaço e funk e batidão.

– Certo, certo...

Continuo a fotografar. Ele senta na janela para fazer do lugar uma espécie de palco. CDs pendurados em linhas de anzol decoram a sala. É como se fosse uma discoteca. Conforme o vento entra, eles balançam lançando focos de luz pelo ambiente. Os donos da casa riem. Estão acostumados com os sons.

No canto da sala, uma máquina de lavar roupas do tipo tanquinho. Percebo que não tem fogão. Olho para uma construção, que mais tarde fico sabendo ser o paiol, e o fogão a gás, quatro bocas, está lá. Uma pia acompanha o conjunto. Em um cantinho, o fogão típico indígena está com o fogo apagado. Nenhum cheiro de comida, nada.

Retorno para meu trabalho e ouço o desfile de músicas sendo executadas e me convenço de que o repertório é grande. Seu Alcides deixa a casa e, com a camisa nas costas, entra em uma plantação de melancia. Pouco tempo depois retorna com uma melancia. Em casa ele parte a fruta com as mãos e serve pedaços para as crianças. As cascas são lançadas no pátio e disputadas por galinhas.

Pelo resto da tarde, os adultos concentram-se na frente da televisão e terminam o primeiro dia do ano de 2008 como começaram, na frente da televisão. Ninguém se mexe, todos quietos e atentos ao aparelho.

Visita dos caciques e dona Santa

O vice-cacique é o primeiro a chegar. Falamos de assuntos que não lembrem o “Caso Luciano”. Percebo, pela primeira vez, que ele tem a missão de apurar com detalhes sobre minha estada na aldeia. Conto com detalhes qual minha intenção e peço se posso prosseguir.

– Olha, professora, o que a senhora vir aqui é o que somos. Não tem como esconder a televisão, o rádio e tudo mais. Mas uma coisa esteja certa, a gente só aproveita o que é de bom do banco.

A frase: “Só trazemos do branco o que é bom” é uma espécie de lema na aldeia. Não sei definir ainda o que eles consideram bom. Ou se sabem o que é bom!

A chegada do cacique Luciano e da mulher dona Santa muda o rumo. Eles descaradamente falam em guarani. Percebo pelas palavras em português que não têm tradução indígena e pelo pouco que sei do idioma que João reporta em detalhes minha presença.

O cacique faz pose de pensador, dona Santa fica calada. Ela estava sentada na cadeira, seus pés não alcançam o piso, e ela balançava as perninhas cruzadas. Outro ritual entre a tribo é de não entrar calçado nas casas, nem pisar nas calçadas. Todos tiram os calçados, mesmo que o piso esteja imundo pela ação dos cães que infestam a aldeia. Eles conversam entre si por cerca de quarenta minutos. Ao se concentrarem na minha presença, o cacique é amistoso:

– Sabe que eu gostava muito de caçar antes de ser cacique? Agora não tenho mais tempo.

– O que o senhor caçava?

– De tudo, há uma superpopulação de veadinhos, não é o mateiro, mas um menor. Eles são da cor caramelo. Eu pegava com laço.

– Como assim?

– É um laço próprio para pegar animais grandes. Eu tinha uma espingarda, mas vendi para o meu genro, que depois acabou vendendo. Hoje só com armadilhas.

– E aves, passarinhos tem muitos?

– Tem. Tá na temporada de caçar inhambu.

– É uma ave grande, que tem carne branca. Eu já comi essa ave. Sou filha de agricultores e, quando era pequena, meu pai caçava.

– Aqui quem faz armadilhas para pegar os inhambus é a minha esposa Santa.

A referência do cacique faz com que a mulher, pela primeira vez, participe de conversa.

– Depois que pega o primeiro é mais fácil. Às vezes não tem carne e o jeito é ir caçar com a arapuca.

Elas são feitas de vime, são armadas com uma escora pequena, uma espécie de disparador, que é coberto com milho ou alimento da preferência da espécie. No momento em que ela pisa sobre o gatilho, ele derruba a escora, fazendo com que a arapuca caia.

– Como a senhora prepara essas aves?

– Fazemos sopa, fritamos, de todo jeito.

– Eu sei fazer passarinho recheado e o inhambu é o melhor para isso. Será que a gente pode ir fazer essas armadilhas amanhã?

– A gente tem pouco tempo, está chovendo...

A resposta me faz pensar que eles não estão dispostos a deixar os bancos de casa, onde ficam a maior parte do tempo sentados, olhando para a televisão.

– Dá também para fazer galinha recheada. É um recheio italiano que aprendi com a minha mãe. Já que não tem inhambu, posso fazer um jantar com frangos, mas não tem condições aqui. Poderia ser na casa da senhora? A senhora tem fogão a gás.

– Sim! Ganhei um novinho de quatro bocas. Eles têm um botão que impede que as crianças acendam o forno e as bocas.

– Nossa, que moderno!

– Sim! O mais moderno, mas como é esse recheio que a senhora faz?

– É assim: precisa de farinha de rosca, mas pode ser pão torrado e amassado, ovos, queijo, carne moída, óleo ou banha, tempero verde e cebola. Pega os ingredientes e amassa, então coloca dentro do frango já temperado e bota para assar por umas três horas. O molho dele dá para temperar o macarrão ou usar para comer com mandioca.

Observo que os três se mantêm em silêncio. Parecem animados com a ideia. E o vice-cacique é quem se interessa mais pela ideia de ter um jantar.

– Como se chama mesmo a comida?

– É frango com recheio italiano. Na verdade não tem um nome definido, mas é muito bom.

– Percebo que sim!

– Dona Santa, a senhora vai fazer compras? Posso ir junto? Ou levar a senhora? Aí compro o que preciso para a noite.

– Posso sim, tenho mesmo que ir ao supermercado.

Animada com a expectativa de observar o que eles comprem na aldeia, eu sigo com a conversa sobre caça. Pergunto sobre a existência de pacas e capivaras. A resposta é do cacique.

– Agora é ruim para pegar paca. Elas não vêm com milho porque têm muitas frutas no mato. Elas comem muitas frutas. Para você saber quais as árvores que dão frutas doces é só olhar embaixo. Se tiver tudo limpo, pode comer a fruta que não é amarga e nem venenosa. Nas árvores onde tem muito fruto caído no chão, nem vai que é ruim.

– É uma boa dica!

– Nas árvores onde os animais se alimentam, a gente tem de ir de dia e fazer uma espera em cima da árvore, e no cair da noite voltar e ficar esperando, mas onde tem animais tem muito pernilongo.

– Não tem perigo de pegar dengue?

– Não! Para não ser picado tem de ir de calça jeans. Essa como tô hoje de tergal não serve, é muito fina. Botas, meias, camisa e jaqueta. Também não dá para matar os mosquitos a tapa, porque senão faz barulho e os bichinhos não vêm.

– Mas caça mesmo?

– Sim! Amanhã eu mostro umas peles que tem lá em casa. São do veadozinho.

– Como a senhora preparou os veados? Fez tipo churrasco?

Todos riem, mas a resposta é de João.

– Faz de tudo, menos recheado.

São mais de vinte e três horas, eles deixam a casa e eu me certifico na despedida que o dia será de compras.

– Sim, vamos às compras.

Apesar do horário, todas as crianças da casa em frente (do seu Alcides), estão acordadas. Elas correm de um lado para outro. Olham-me como se eu tivesse esquecido alguma coisa.

– Podemos ver as fotos?

Atendendo ao pedido de Aline, entro e pego o computador. Vou até a casa e mostro uma por uma. É uma festa. Ninguém estranha nada, todos parecem ter como hábito o fato de ver fotos em um *notebook*. Eu peço se eles estão vendo, explico que a tela é de cristal líquido e se não for bem posicionado as pessoas aparecem com sombra. Após a sessão das crianças, me despeço. Vou dormir.

O leite na aldeia

Sigo os meninos e, na frente da casa do chefe da aldeia, um taro com capacidade para cem litros de leite está sendo distribuído. Uma das filhas do cacique enche as garrafas. Cada menino, apesar de terem entre quatro a sete anos, carrega uma de volta. Um deles chega com a mamadeira na mão.

– Esse leite é tirado ali em cima por um homem branco e trazido aqui para ser distribuído para todas as famílias.

A explicação é do cacique, que me observa fazendo as fotos. Ele parece irritado com algo. Fala em guarani, e vejo que a filha passa a mão em uma garrafa muito suja. São manchas que ficam mais escuras à medida que o leite ainda quente enche a garrafa.

Meu olhar se fixa na garrafa pet e a embalagem mostra a marca Vinho Sete Colinas. A dona da garrafa é dona Maria, setenta e oito anos, sogra do cacique. Eu apenas conhecia marca do vinho em embalagens longa vida. Ele é muito apreciado no inverno pelos alunos da União Dinâmica de Faculdades Cataratas, onde dou aula. O produto é barato e tem alto poder de, digamos assim, “entorpecer”.

– Tá só suja por fora. Se tivesse por dentro não iria prestar. Qualquer coisa já estraga o leite.

Eu olho o leite que escorre fora da garrafa suja e cai de volta no taro. Não me atrevo a dizer nada, mas imagino quem será o próximo a pegar aquele alimento que acabou lavando a garrafa da dona Maria. Ela leva dois litros para casa, enquanto as outras duas filhas do cacique lavam a área da casa. Elas capricham no sabão em pó da marca Omo.

Na outra extremidade, a máquina de bater roupa da marca tanquinho é motivo de reclamação do cacique. A chegada do primeiro eletrodoméstico em 2005 foi festejada pelas donas da casa da aldeia. A conta de luz teve de ser paga por ter ultrapassado a cota de quarenta reais do programa do Estado “Luz para Todos”. Aqui, a marca ‘Requião’ do governador enfeita muitas portas.

– Todo mundo começou a vir lavar a roupa aqui em casa. Era um tal de bater roupa que não terminava mais.

O tormento do cacique terminou com a chegada de mais máquinas para o resto dos moradores.

A mulher do cacique, Dona Santa, tem o mesmo perfil do irmão, o vice-cacique João. Com temperamento calmo, é capaz de passar horas ouvindo o marido falar. Ela casou-se com o Luciano, que é mestiço paraguaio. O acontecido permitiu que ele pudesse concorrer ao cargo de cacique, cargo que ocupa há cerca de três meses. O antigo líder foi afastado por não ter “desempenhado a contento”.

De pavio curto, o cacique tem sempre uma resposta. Atribui a doença que enfrenta em um dos pés e que lhe rende todos os dias duas injeções em Diamante do Oeste às agruras da vida. Diz que a doença o impede de carpir e arar o mato, e já o cargo de prefeito, governador e

presidente da aldeia o impede de caçar, hábito que cultivava com gosto e tempo antes da nova missão.

Enquanto a família se rendia aos afazeres da casa, onde, sobre a mesa, descansava a farinha da marca Dona Benta, banha Cocamar, óleo Cocamar, feijão Paquinho e o sabão em pó Omo, ele concentrava-se no reparo de uma tábua do chiqueiro, onde duas porcas devem criar até o final de junho.

- Eu disse que se elas não pegassem cria, ia matar elas para o Natal. Disse isso em outubro. Acho que pegaram medo e estão esperando filhotes.

A ameaça foi feita pela dona Santa. Ela ri meio sem jeito quando conta. Percebo que ela usa dentadura. Os dentes são usados quando sai de casa, pois na residência parece mais à vontade. Em um cercadinho, um galo está amarrado por uma perna. Ele divide espaço com uma galinha e vários pintinhos. Dona Santa comprou o galo da sogra por quinze reais. Ele será responsável para melhorar a genética das aves.

- Eu vendo os frangos por dez reais, mas tem tido poucos porque os gatos do mato têm matado muitos.

Do cercadinho do frango vamos para o paiol. O lugar é escuro. Tem muitas coisas jogadas pelos cantos, mas próximo do fogo é limpo. Lá estava a cuia do chimarrão ainda com a erva da marca “verdíssima”.

- Olha que te falei que tinha as peles dos veados!

- Posso fazer fotos?

- Sim pode!

- Tenho medo de fazer as fotos e depois se alguém vir e dar problemas para vocês, porque é proibido matar esse bichos.

- O índio pode matar. Se alguém achar que não é verdade, você manda aqui que eu mostro essas peles.

Faço várias fotos, inclusive da armadilha para pegar os veados. Dona Santa me mostra o artesanato que ela fez como resultado das aulas de cerâmica. São duas tigelas grandes. Também faço fotos.

- Dona Santa, eu tenho uma dúvida. Por que que a senhora não aprendeu com a sua mãe e avó a fazer a cerâmica? A informação que tenho que é ela é típica dos índios.

- Não aprendi porque minha mãe não fazia. Ninguém mais fazia isso.

- Vejo que na cozinha da senhora não tem nenhuma panela de cerâmica. Acho isso estranho. Não seria mais barato fazer do que comprar todas as panelas na cidade?

– Sim, mas as que estou fazendo agora é para vender. O meu filho precisa vir para a aldeia para a gente queimar a cerâmica. Durante o curso, ele aprendeu a queimar. Sem queimar não dá para vender.

Ao sair do paiol, vejo que a mulher que mora na casa do cacique, uma amiga da família, se exhibe com um cocar de penas na janela. Eu fotografo. Meu destino e o de dona Santa será o barracão do artesanato, aquele onde fica o escritório.

São quase dez horas e trinta minutos. No barracão, está a mulher do vice-cacique, Lorença, trinta e quatro anos. Ela e a nora já retiraram do escritório seis das cerâmicas que estão sendo feitas. A argila é levada para elas pela Itaipu em sacas e deve ser mantida úmida. O pó para colorir as peças é artificial.

Dona Santa e dona Lorença iniciam uma conversa em guarani. Elas falam do caso Leandro. O dialeto é uma espécie de lamento. Falam, falam, falam... Eu aproveito para escrever. Durante todo o tempo em que permanecemos no barracão, que tem uma carreta para trator, uma semeadeira com doze furos e uma grade com quatorze discos para arar a terra, o vice-cacique permanece na área da casa conversando. As crianças assistem à televisão.

Quando ele percebe que as mulheres se preparam para deixar o local para fazer o almoço, ele chega com o irmão, que mora na Aldeia Itamaran e se prepara para concorrer a vereador em Diamante do Oeste.

– Onde fica a Aldeia Itamaran?

– Aqui encostado.

– Quantas famílias?

– Somos em vinte e três, mas até o final de julho vão ser vinte e cinco. Vão construir duas casas.

– O que significa Itamaran?

– Ita é “pedra” e maran, “que brilha”. É a pedra que brilha.

– É a primeira vez que o senhor concorre a vereador?

– Não, já concorri a deputado estadual, mas não venci.

– Os índios votam para os índios? Entre os brancos, as mulheres não costumam votar para mulheres.

– Votam sim, aqui a gente só traz o que é bom do branco!

A resposta lembra-me a frase já ouvida antes. Olho para a mesa onde o artesanato é feito e um litro de Fanta Laranja já foi consumido entre as mulheres. Para desenhar as rosas nas cerâmicas, a nora da dona Lorença usa uma faquinha de cabo azul da marca Tramontina. Elas usam colares de miçangas de plástico.

– Foram vocês que fizeram esses colares que estão usando?

– Não, a gente ganhou no Natal. Foi comprado na cidade.

Como já passa do meio dia, todos se dirigem para casa. Às quatorze é hora de ir às compras. Almoço e vou escrever. Olho para a casa da frente e todos estão na frente da televisão. Não há cheiro de comida, nada. Às quatorze horas quem chega é o vice-cacique, João.

– A Santa não vai ao mercado, porque não recebeu um dinheiro, mas eu vou com a senhora. Tenho de fazer compras e ir ao correio.

– Então vamos!

A viagem de cerca de vinte quilômetros é tranquila. João conta que na maioria das vezes a Itaipu, com o município de Vera Cruz do Oeste, é quem prepara a terra. Tudo é feito pelo tratorista Toninho, mas que nem todos os índios plantam.

– Muitos não querem nem saber. Agora que estou doente eu pago quatro pessoas para cuidar da minha área.

– O que o senhor plantou?

– O milho que já está embonecando.

– Porque a maioria não quer plantar?

– Eles preferem ficar em casa.

– O que eles comem?

– A prefeitura de Vera Cruz está mandando cestas básicas.

– O que tem nas cestas?

– De tudo: arroz, feijão, farinha de milho, de trigo, mandioca...

– Nem farinha de mandioca vocês fazem mais!?

– Não, a gente não faz mais!

Vejo que meu tom de voz não agrada muito e nem minha observação. Então mudo de assunto.

– Que tipo de correspondência o senhor recebe?

– São contas do banco, estrato. Venho sempre buscar a correspondência da aldeia.

João me conta que um dia foi ao banco e o gerente o identificou pelo corte de cabelos e o colar de contas que usava.

– O gerente me pediu se era índio. Eu disse “sim, sou índio” e então ele me disse que tinha imaginado que era pelo corte de cabelo.

Ele me mostra o correio e ao mesmo tempo onde está localizada a *lan house*. Memorizo o caminho para retornar para enviar minhas anotações. João vai ao correio, mas a única carta é da empresa Vivo, do celular usado por Julinho no posto de saúde da aldeia.

– Onde os índios costumam comprar?

– No mercado do Paulo.

– Esse Paulista?

– Não! Fica na saída, é o mercado do Paulo. A gente compra lá porque eles levam a gente para casa e se precisar eles vão na aldeia buscar.

– Então aquela caminhonete prata que estive na aldeia hoje e estava cheia de índios até na carroceria é do supermercado?

– Sim, eles pegam a gente em casa.

– É aquele carro verde e velho faz o que na aldeia? Ele hoje passou na frente da casa do senhor?

– Aquele é o seu Antônio. Ele segura os cartões dos aposentados da aldeia e leva eles para fazer as compras.

– Como assim?

– Ele pega os índios aposentados e que não sabem ler muito e faz as contas para eles e compra as coisas.

A revelação me faz pensar que aquilo é fraude. Não digo nada, mas guardo a informação para perguntar ao João Bernardes, que, ao saber que não pude entrar na casa, virá à aldeia, mesmo de férias, para ver como estou.

Ao chegar ao supermercado do Paulo, na frente do estabelecimento está cheio de índios. João faz questão de mostrar que é popular e cumprimenta a todos. Dois índios estão chupando picolé de morango, aqueles vendidos nas carrocinhas comuns em cidades pequenas.

Índias e crianças sentadas à sombra de uma única árvore esperam pela saída da caminhonete. Todas com camisetas e saias de prega. As cores são azul, vermelha ou da cor amarelo ouro usada por Dona Francisca

De volta para aldeia, deixo as compras primeiro na casa do João e, em seguida, vou até a dona Santa. Peço que ela deixe os frangos para descongelar. Retorno para minha casa e inicio a limpeza do local. Ao final, dona Santa chega e me ajuda com o resto. Ela tem pressa para temperar os frangos e ver com faço o recheio.

Sigo com ela de carro até a casa. O fogão é branco, a mesa tem a tábua de mármore, o armário combina com a geladeira branca. O sofá tem uma estampa colorida. A televisão está no quarto do casal, onde as meninas assistem à Malhação. Lembro-me do cacique dizendo que não permitia que elas assistissem a programas que não fossem educativos.

Eu mostro como se prepara. Ela me ajuda. Demonstra alegria pelo alimento e diz que tem algo a me dizer:

– A senhora disse que ia fazer o jantar e convidar o João e a família dele. Nós não costumamos fazer isso. Não é como entre vocês, que convidam todo mundo...

– A senhora prefere convidar quem?

– A minha filha. Mesmo o João sendo meu irmão, eu prefiro a minha filha.

– Então tá, eu levo o frango do João para ele. Acho que é melhor mesmo.

– Sim, eu vou cozinhar a mandioca e o macarrão como a senhora disse.

Ela acende o forno e mantém pressionado o botão de segurança até que o fogo ascenda. Eu me despeço e vou para casa tomar banho e levar o frango para João. Conto para ele que os planos mudaram, e ele diz que realmente é como a irmã falou. Por volta das vinte e uma horas, retorno para a casa do cacique. A casa está às escuras. É dona Santa que me recebe.

– Acho que vamos pegar a mesa e comer na casa da senhora. Aqui estamos sem luz e não tem velas, apenas esta lanterna com as pilhas fracas.

Lembro do esforço para limpar a casa e olho para as meninas do casal. Ao invés de aceitar a proposta, sugiro manobrar meu caro para iluminar a casa. O cacique fica animado.

– Aí vai prestar.

O filho do cacique, o Inácio, de quatorze anos, é quem me orienta na manobra. Quando a luz bate no interior da casa, as crianças começam a sair. Com tudo pronto, a mesa com tampa de mármore é levada para a varanda. As crianças choram. Dona Santa serve a comida primeiro para os pequenos. Um prato para três crianças. Elas sentam no piso e disputam o alimento com os gatos.

Elas comem e desaparecem. À mesa fica o casal, as três filhas mais velhas e eu. Todos comem. Os únicos talheres são colheres, mas rejeitadas por todos. Eles utilizam as próprias mãos. São ágeis em colocar na boca.

Conto que é um hábito dos árabes, mais por serem obrigados a andar pelo deserto do que pela vontade, de comer com as mãos. O cacique conta das viagens que fez para Curitiba e Brasília. Lembra da vez que acompanhou um japonês a um restaurante.

– A gente teve de esperar mais de uma hora para vir aquele peixe cru. Como é o nome?

– Sachimi.

– Sim, esse nome mesmo. Nossa, como o japonês comia. Eu só comi o que era cozido, mas muitas das coisas eram doces. Era uma mistura.

– Acho que o senhor comeu sukiaki. Era macarrão com legumes?

– Sim, isso mesmo!

Eu me alimento, mas a visão de dezenas de baratas que haviam atacado a farinha de rosca guardada em um armário da casa da Dona Santa me impede de provar o recheio. Eram mini-baratas, mas que nojo!

O cacique segue conversando e Dona Santa me diz que a filha não poderá vir. Ela divide um dos frangos e manda as filhas levarem para a irmã. O cacique, desconfiado de tanta pressa em levar o alimento, deixa escapar mais uma informação.

– Sei que o que vocês querem mesmo é ver a novela. Essa é a pressa.

– De que novelas elas gostam?

– Uma praga, gostam de tudo. Como não tem luz aqui porque caiu o transformador, eles vão lá na casa do meu genro, o Alcides, para assistir ao final do capítulo de hoje.

Eu ajudo Dona Santa a retirar a louça e colocá-la na pia. Ela diz que só vai lavar os pratos no dia seguinte. Digo que já é tarde e preciso escrever e me despeço com a promessa de ir novamente ao barracão para ver o artesanato no dia seguinte.

Passo pela casa de Alcides, e todos estão na frente da televisão. Minutos após entrar em casa, ouço risos e um pedido para entrar. Abro e são as filhas de Dona Santa e do Alcides, que pedem para ver as fotos. Elas entram, inclusive os mais pequenos. Eram mais de dez, todos sentados no tapete que levei para pôr o colchão em cima. Eu mostro as fotos. As risadas são altas. Terminada a sessão, digo que é tarde e eles partem.

DIA 3 DE JANEIRO DE 2008 – QUINTA-FEIRA

Noite em que não clareava nunca. Às três horas da manhã a porta da casa abre e bate. Vou ver o que aconteceu. Como não havia fechado direito, forçada pelo vento ela escancarou. Na frente, o cão sarnoso dorme. Para dona Santa, o que vai salvar o animal de ser devorado pela sarna será um banho com limão do mato. Aliás, o canino tem sido um tormento para a calçada.

Os mosquitos também se sentem à vontade. Passo repelente e trouxe veneno, mas descobri que sou alérgica aos dois. O ar do campo também me deixa sem fome. Não sei o que vou fazer com tanta sardinha e atum e pão de forma.

Como tem sido rotina, levo meu computador e cadeira para o lado esquerdo da casa, onde não bate sol. Tenho que concluir o “Meu Diário”. As crianças chegam em bandos, os meninos leiteiros também seguem em direção à casa do cacique. Parece que a aldeia começa a sair da hibernação de Natal e fim de ano.

Percebo que mudas de palmeiras e de onze horas foram plantadas na frente da casa. O plantio foi feito enquanto eu preparava dos frangos na casa da dona Santa, que é também quem, mais tarde, conta o motivo do plantio.

– Elas queriam te fazer uma surpresa.

– Eu gostei muito! Obrigada.

Minha primeira visita do dia três é a mulher do vice-cacique, Lourença, trinta e quatro anos. Na aldeia, sempre que alguém chega sozinho é para pedir alguma coisa. Eles nunca pedem nada se há mais alguém. O vice-cacique pediu uma câmera de filmar digital, marca Sony, com bateria e carregador. Ele quer filmar a vida da aldeia. A dona Francisca quer roupas para os filhos e para ela. Diz que, se não acredito que ela passa por dificuldades, posso visitá-la para conferir.

Após cumprimentos e oferecimento da cadeira, a mulher pergunta:

– A senhora poderia escrever uma carta para o programa do Gugu Liberato para pedir que ele me mande presentes?

– Desculpa! Como assim?

– Eu assisto ao programa do Gugu e vejo que ele atende a cartas de todos os lugares. Como eu não tenho pai, gostaria de enviar uma carta.

– O que aconteceu com o seu pai?

– Ele morreu quando eu nasci e, sabe, o meu pai adotivo me cuidou, mas sinto falta do carinho do meu pai verdadeiro. Nunca ganhei presentes. Sabe, tem dias que a gente pensa de tudo...

– Sei como é, mas não sei se o Gugu atenderia a senhora. Acho que os casos dele são mais sobre desaparecidos e pessoas doentes. Mas se a senhora quer eu escrevo. Um repórter do SBT, o Mauro, vai vir fazer uma matéria do meu trabalho aqui. Aí a senhora entrega a carta para ele.

Ela pensa e não responde nada. Vejo que busca outro motivo.

– Eu morava na Jacutinga quando fizeram a Itaipu. Eu tinha quatro anos, mas não me lembro de nada.

Para evitar que ela se aborrecesse, eu emendo outro assunto.

– Ontem fui na Vila comprar umas coisas. Achei tudo muito caro! Uma chaleirinha custou onze reais. Um copo, três reais e cinquenta centavos.

– Sim, é muito caro. A gente pensa em montar um mercado aqui na aldeia para ter as coisas mais baratas.

– E, dona Lourença, se a aldeia plantasse algumas coisas, será que não acabaria saindo mais barato? Por exemplo, frutas, laranjas...

– Nós plantamos, mas a geada matou tudo.

– Nossa! Lá em Palotina a minha mãe tem, mas a geada não mata, será por quê?

– Aqui matou tudo, até na raiz.

– É uma horta com verduras, alface, tomate, repolho, salsa, agrião, cebola, brócolis, arroz, feijão, batata, batata doce...

– Já pensei nisso, às vezes penso em muita coisa. Ter de tudo, mas acaba passando. Eu vim buscar a chave lá do escritório para fazer as panelas que você pediu.

– Ah! Sim. Vou pegar.

Eu entrego a chave e ela segue. Eu aponto para a casa ao lado e mostro que lá vivem muitas meninas, sugiro que todas poderiam trabalhar na produção das panelas de argila. Ela diz que primeiro tem de ver se dá certo, depois fazer reunião e aí ver como a comunidade vai participar.

Recomeço a escrever quando vejo um velhinho meio curvado se aproximar. Ele chegou com um saco plástico cheio de artesanato. Penso que ele vai me oferecer, mas...

– A senhora faz umas fotos minhas. Eu vou colocar esses colares para ficar bonito.

– Nossa! Faço sim!

Ele se arruma. Tem cerca de um metro e sessenta centímetros. A camisa amarela, calça social azul e chinelos, um com tira branca e outro com preta. Ele é obediente. Fica onde peço e se coloca como indico, em busca da melhor imagem. A câmera é profissional, conheço pouco sobre a arte de registrar momentos, por isso me esforço.

– Como é o nome do senhor?

– Jerônimo Alves. Sou o pai do vice-cacique.

– Quantos anos o senhor tem?

– Oitenta e oito anos.

– Como é o nome da sua mulher?

– É Maria Benites.

– A idade dela?

– Não sei.

A dona Maria Benites é a senhora das garrafas de leite sujas e da marca “Sete Colinas”. Poucos minutos antes, ela tentava capinar uma estradinha e, por descuido, cortou o cano de água, que se transformou em uma espécie de chafariz, bem na frente da minha casa. Flagro a cena e, ao buscar a máquina para fotografar, as meninas aparecem com bonecas. Nada de espiga

de milho ou carrinhos de madeira. São ursos de pelúcia, bonecas Barby, Suzy... Enfim, o que tem no mercado infantil.

Posso dizer com segurança que minha casa é uma espécie de janela para a aldeia. Aqui observo, mesmo sem querer, o cotidiano da tribo. Tudo acontece por aqui. Se alguém fica doente, o posto fica a quinze metros de onde estou. As casas do vice-cacique e do cacique, eu as vejo também. A estrada de acesso para as outras casas é aqui, seja de carro ou a pé.

A escola fechada devido às férias é azul e bem próxima. A construção onde será um complexo educacional e de recreação está em pleno vapor. Os martelos começam a sinfonia às oito horas. São mais de dez pessoas trabalhando, todos brancos. Aliás, a indústria indígena é um assunto que devo abordar também nestes dias. Ontem o coordenador da Itaipu, João Carlos Bernardes, esteve aqui.

– Só em obras, foram investidos, em 2007, mais de trezentos mil reais. Hoje, ter uma aldeia no município é um grande negócio.

Eu continuo a conversar com Jerônimo e a fazer fotos. Ele me diz que vive na aldeia há apenas quatro anos. Foi trazido pelo filho João. Ele é uma espécie de memória do lugar. Viu a construção da Itaipu Binacional na década de setenta e peregrinou em caminhões no Paraguai e na Argentina em busca de uma nova área para viver. Uma filha ainda mora em Puerto Iguazú, na Argentina. Eu conheço o lugar. É muito pobre e os moradores perambulam pelas ruas de Foz do Iguaçu.

Toda a tribo Guaraní vivia na Comunidade de Jacutinga, em São Miguel do Iguaçu, distante cerca de cento e vinte quilômetros. Com a formação do Lago para abastecer a maior hidrelétrica do mundo, a tribo, como centena de agricultores, foi desapropriada. Os brancos receberam novas terras ou tiveram o preço pago.

Os índios foram enviados para uma reserva no Paraguai e na Argentina. Muitos acabaram voltando. Sem lugar, passaram a ser uma espécie de estorvo para o Brasil. Após perambular e muita discussão, o Governo Federal, por meio da Itaipu, desapropriou a área de oitocentos alqueires. A terra era da família Mantovani. O terreno entre as montanhas era povoado por vacas e búfalos. Hoje, mais de 60% da área está toda coberta pela mata. São várias espécies, como guajuvira, cedro, pinho, peroba.

Terminada a sessão, mostro para seu Gerônimo o resultado. Transfiro as fotos para o computador. Ampliadas, elas parecem quadros. Ele gosta muito, mas fica impressionado ao ver os próprios pés e mãos. Fiz closes para registrar detalhes do velho índio. Ele se levanta e vai para casa. Penso em fazer um quadro para ele.

Às dez horas e trinta minutos, Cipriano, o rapaz do episódio do dia 31, chega com o Cacique e um índio de nome Ismael. A tarefa de Cipriano, que também é encanador, é instalar uma torneira na calçada na casa onde resido. Ele trabalha rápido. A chegada do grupo faz com que a casa em frente aumente o som do karaokê. Isso mesmo, na casa da filha do cacique, as crianças e adultos cantam seguindo a letra.

O microfone é da marca Shury. Muito bom, é direcional, e eles ensinam que para evitar o que chamamos de “puf”, o ar soprado na respiração, tem de manter o microfone um palmo longe da boca.

O adolescente Murilo parece ser o vocal mais experiente. Ele tem mechas nos cabelos. Usa calça jeans, aquelas rasgadas, camiseta branca. Os pés são muito encardidos. Ele senta no batente da janela e manda ver. As meninas fazem coro. A mistura dos idiomas guarani, espanhol e português criam um quarto idioma.

Às onze horas e trinta minutos sou obrigada a voltar minha atenção novamente para a casa da filha do cacique. O DJ Mister Kapra, aquele cantor de Rap, revelado pelo Luciano Hulk, no Caldeirão, é a sensação da aldeia. Com letras cheias de palavrões e culto ao erótico, ele faz das canções um desfile de impropérios.

Nesse momento, a ala infantil – formada por Aline, onze anos; Rosalina, dez; Maurício, nove; Elma, sete; Andréia, seis; Julinho e Camilo, cinco, e Vanessa, três – canta a todo o pulmão as letras de Mister Kapra. Aprendi a não ser ostensiva, senão eles param tudo, não importa o que estejam fazendo. Eles adoram fotos, gostam de se exhibir. As crianças inventam coisas para ver se eu me interessar em fotografar.

Tenho vontade de explorar isso, mas acho que estou indo bem sem apelar. Ao fim do boca suja do Kapra, entra a Kelly Ki. Ela canta “Eu vou, eu vou dançar, dançar....”. E assim vai é a manhã na aldeia. Sem esquecer-me da coreografia da propaganda do chocolate Talento, em que uma senhora na padaria dança para um rapaz que pede: “A senhora tem talento?”.

Às onze horas e cinquenta e cinco minutos, Cipriano, que na verdade tem vinte e oito anos, e não vinte e um, e o ajudante Benino, de dezenove anos, concluem a colocação da torneira, que, aliás, foi colocada do lado de fora da calçada e, quando aberta, o jato vai para a terra. Ao perceber a trapalhada, sugiro que eles invertam a torneira, mas é tarde, e a cola exclusiva para o cano, cujas extremidades haviam sido lixadas com lixa número zero, já secou.

Para evitar reclamações, os dois buscam cerca de quinze tijolos e improvisam uma nova calçadinha. Penso no que diria a minha mãe se visse aquilo. Pergunto ao Cipriano:

– Você é casado? Tem filhos?

– Sim. Tenho quatro, a mais velha tem nove anos.

– Você estuda fora da aldeia? Em escola de brancos?

– Sim.

– Como é sair da aldeia e ir para outra cidade onde tem bar, restaurante, *shopping*, cinema e tudo que se possa imaginar?

– É bem diferente. Eu gosto de ir na praça, mas não sei explicar o que a senhora quer saber.

No braço esquerdo do jovem Benino, dezenove anos, casado há seis meses com a índia Eliane, dezessete anos, está tatuada uma aranha com teia e tudo. O desenho é muito feio.

– Por que você mandou tatuar essa aranha?

– Eu tatuei. Eu tenho uma maquininha de tatuar.

– Você então é o tatuador da aldeia?

– Não! Eu comprei tudo. Fiz essa em mim, e a minha mãe mandou tirar, mas já era tarde.

– O que está escrito em inglês, essa frase perto da aranha?

– Não sei mais, eu esqueci.

Aproximo-me do rapaz, faço a foto e anoto a frase: *The New Arrived*. Também tem uma lua e um sol e mais letras, mas evito ver o resto. Ele estuda na sétima série, também fora da aldeia. Como Cipriano, faltam dentes, mas os cabelos e roupas estão dentro do estilo colegial, com corte moderno e gel.

– Lá fora, as meninas me chamam para a cachoeira. São quinze horas em ponto, como combinamos. Sem convidar, elas entram.

De volta das cachoeiras...

A aldeia é cercada pelos rios São Francisco Falso e São Domingos. Eles servem como uma espécie de escudo contra o roubo de madeira da reserva pela largura e profundidade. O nome São Francisco Falso é para diferenciar do São Francisco Verdadeiro, que tem a nascente em Curitiba, capital do Estado. Já o homônimo tem sua nascente em Cascavel.

As duas cachoeiras visitadas ontem estão no São Francisco Falso. Na verdade, são pequenas quedas em meio a uma água barrenta. Os dez indiozinhos que foram comigo, entre eles dois meninos, antecipavam a expectativa de chegar. Eu só queria dirigir bem e voltar antes das tradicionais chuvas que têm caído todos os dias no final da tarde aqui.

Durante o trajeto, todos falavam quase ao mesmo tempo. Disseram não ter medo de jagaretê (onça), mas “morrer de medo do lobisomem” e de bruxas. Eles descreveram exatamente como eles são. Ou melhor, como aparecem nos filmes.

– É um cão feroz que se alimenta de animais ou de gente. Tem os olhos vermelhos, pelos no nariz e orelhas, unhas grandes e aparece em noite de lua cheia.

Todos em coro fazem o grunhido do lobisomem. Quando pergunto da bruxa, eles apontam todos para a menina Elma, de sete anos. Pergunto o motivo de a menina ser uma bruxa.

– Ela tem uma verruga no rosto!

Paro o carro e pela primeira vez saio do sério. Defendo a pequena, que, com olhos cheios de lágrimas, ameaça bater em todos.

– Quando vocês assistiram a esse filme de bruxa?

– Tem no desenho da Olívia e do Popeye.

– Quem chamar a Elma de novo de bruxa vai voltar para casa a pé não quero mais lá em casa.

Dado o recado, sigo a estrada e me vem à mente o dia primeiro do ano. Eu estive na casa da filha do cacique e vi todos assistindo ao desenho. Tenho uma foto deles na frente da televisão. A bruxa em questão fazia com que os personagens fossem viciados em hambúrguer.

Ela está em um barco. Popeye, na tentativa de salvar a Olívia, vai até o fundo do mar e pega um peixe com boca de serra e abre a lata de espinafre. Lembro que as crianças não riram do fato, mas, cada vez que a bruxa lançava novos feitiços, elas gritavam em guarani e apontavam para a menininha.

Na primeira cachoeira nada de tomar banho. O rio é muito fundo. De volta à estrada para a segunda queda. Observo que mesmo as casa fora do centro da aldeia possuem antena parabólica. Todos estão em casa. Durante o trajeto, dois índios estavam na roça. Um limpava o mato na plantação de milho, e o outro, em uma roça de mandioca.

Na segunda cachoeira pela primeira vez a sensação de estar realmente em uma aldeia acontece. Digo aldeia, pois até então sempre vi as histórias em filmes e um pouco da história. Ao chegar próximo da água onde é possível entrar, todas as índias tiram a roupa. Ficam completamente nuas. As calcinhas são da marca capricho. Poucas usavam sutiã.

Todas usam a mesma marca nas cores rosa, verde e branca. São peças de algodão e que viraram uma espécie de febre entre as adolescentes modernas. Tudo é deixado na beira do rio. Elas pulam na água, riem. Parecem peixes. As meninas pequenas de três e quatro anos fazem o mesmo.

Os corpos são bonitos, mas, como entre a civilização da coca-cola e lanches, as celulites aparecem também na escultura selvagem. Elas têm estrias nos seios e nas coxas. Três delas estão acima do peso.

Mesmo estando com duas máquinas fotográficas e câmera, não registro. Enquanto espero, fotografo flores. O garoto Inácio, doze anos, é meu guia. Com traços delicados e uma inteligência que chama a atenção, todas as vezes em que passamos por índios na beira da estrada ele reagiu assim: “Desta vez eu me apaixonei”. Os rompantes do menino sempre foram respondidos com risos pelas meninas.

Chego à aldeia com a chuva. As crianças seguem para as casas. Por volta das dezenove horas, recebo a vista de Dona Santa. Ela antecipa que o cacique virá assim que tomar banho. Ela traz uma lanterna, que é para o retorno. Digo que o vento da tarde me assustou. Ela conta que sabe fazer simpatias para “quebrar temporal” e impedir que chova.

Para reduzir a força dos ventos e chuva basta fazer uma cruz no chão utilizando ervas.

– Que tipos de ervas a senhora usa?

– Essa de fazer chimarrão. Faz uma cruz no chão e coloca fogo.

Eu conto sobre o ritual católico, que é feito com a benção das oliveiras e a queima para afastar temporais. É o momento quando todos rezam pedindo clemência.

– E para impedir que chova, como a senhora faz?

– Pega o machado e faz uma cruz no chão. Deixa o machado virado com o fio para o lado do temporal.

– Como se quisesse cortar o temporal?

– Isso. Eu chamei minhas meninas para que elas aprendam a fazer, mas muitas não querem mais saber da tradição. Tem a cabeça para outras coisas.

– Que tipo de coisas?

– Elas gostam muito de televisão.

A chegada do cacique Luciano interrompe a conversa. Ele faz grandes queixas sobre um novo modelo de administração, com a troca de diretores da Itaipu. Diz que não dará certo o formato de atendimento do índio. Ele fala em guarani, português e espanhol. Está inquieto. Pergunto sobre os critérios para escolha de um cacique. Ele diz que tem de ser de acordo com a competência para liderar.

Disse que seu antecessor havia deixado escapar as datas para encaminhar pedidos para a construção de novas casas e que o dinheiro acabou sendo desviado para aldeia vizinhas.

– Lá na Itamaran todos são muito estudados, tem índio que já terminou o Ensino Médio. Lá sim eles são instruídos.

– Tem gente na faculdade lá?

– Ainda não, mas eles vão querer a cota deles. Isso eles vão.

O cacique lembra que sua função é fazer com que a comunidade vote e decida.

– Eu vou e digo que é assim e peço que eles votem. Depois se não deu certo eu digo: vocês votaram assim.

Luciano diz ter muito apoio do cunhado, o vice-cacique, mas que este sempre prefere deixar que as decisões sejam anunciadas pelo cacique. Ele já foi cacique por cinco anos e sabe como são as coisas. Luciano vaga de um assunto para outro, mas sempre atento aos movimentos nas casas ao redor.

– Esse Cipriano, tô esperando baixar a poeira para ter uma conversa séria com ele. Não aceitei de forma alguma o que ele fez com o sobrinho da Santa.

– Ele pode ser expulso da aldeia?

– Vou colocar em votação. No domingo convoquei reunião e vamos colocar o assunto em votação. Outro assunto são as vinte e cinco cabeças de gado que chegaram na aldeia. Agora temos mais de duzentos e setenta.

– São os índios que cuidam desse gado?

– Não, eles são criados por um branco. No Natal matamos nove cabeças para fazer churrasco. Foi uma festa e tanto.

Lembro-me de ter visto uma churrasqueira improvisada no galpão de artesanato e equipamentos agrícolas. Lá também tem um forno, o primeiro a ser construído para cozinhar a cerâmica, mas este acabou caindo sem ser usado. Despeço-me do casal, é hora de dormir.

4 DE JANEIRO DE 2008 – SEXTA-FEIRA

– Professora! Professora!

A voz é de João Bernardes. Ele havia estado na aldeia na quarta-feira e na quinta-feira. Soube que havia retirado as madeiras de dentro de casa e cortado a grama e que havia mandado pagar os quatro reais e cinquenta centavos para a Copel restabelecer a energia.

– Oi, João, estou aqui!

– Preciso da chave do escritório para buscar os arreios para os cavalos. Vamos levar as vinte e cinco cabeças de gado para o resto do rebanho.

– Posso ir junto?

– Só tem quatro arreios e todos já estão com cavaleiros.

Vou responder, mas a chegada da caminhonete da Funai interrompe a conversa. O motorista da manhã é o Gordo. Ele faz jus ao apelido. Ele conta que vai até a casa do Pajé para ver uma criança que está com sintomas de varicela.

– Vai com o Gordo e conheça o pajé.

– Claro! Tem lugar?

– Tem sim.

Fecho a casa, pego meus equipamentos e embarco na caminhonete. Dentro do veículo está Julinho, o agente comunitário da aldeia e filho do vice-cacique. Gordo me conta que havia morado em Foz. Era motorista de caminhão da frota de Hermes Vetorello, ex-vereador e ex-presidente da Câmara. Vetorello marcou sua passagem pelo executivo ao apresentar e fazer ser aprovado como traje típico de Foz e da Câmara a pilcha.

A vestimenta gaúcha tornou-se mais uma piada do que a intenção do autor. Lembro-me de que era repórter na época e de ter acompanhado todo o processo. Gordo diz ter deixado a cidade para poder ficar mais em casa e que “é mais um empregado da indaiada”.

Pela primeira vez faço os vinte e cinco quilômetros de estrada dentro da aldeia. O acesso é bom e, principalmente, bonito. Vi as quarenta e oito casas da aldeia. Cinco estavam abandonadas – elas são do projeto da Itaipu, feitas com ripas. Nas casas de alvenaria, as antenas parabólicas e as antenas para rádio sinalizavam a tecnologia.

– Aqui todos gostam de TV?

– Sim! Eles vivem para a televisão e comem muita salsicha e coca-cola.

Percebo que Julinho não diz uma palavra. Quando o veículo para, ele abre as porteiros. Gordo estranha que as porteiros estejam fechadas, mas diz que deve ser mais uma invenção indígena. Ele mostra uma plantação de goiabas e diz que elas foram plantadas pelo antigo dono da área.

Passamos pelo local onde João e os vaqueiros estavam cercando o gado para levar para a engorda. Fotografo o grupo e desejo boa sorte. De volta para o carro, Gordo mostra os dois poços artesianos que abastecem a aldeia. Um tem duzentos e setenta metros e o outro, cento e oitenta e seis. O motorista elogia a qualidade da água.

Ele conta que o Posto de Saúde tem o consultório dentário mais avançado da região e que o médico fica de segunda a quarta-feira, das oito horas às dezoito horas, à disposição dos moradores.

– Por que a maioria está sem dentes, se eles têm tudo isso?

– Porque eles se recusam a ir. Marcam hora e a gente leva. Chegam lá e não querem entrar. Outros desistem quando chegamos na casa. O Julinho aqui é testemunha da luta para levar para o dentista.

– E quais as doenças mais comuns?

– É gripe, e quando eles não têm arranjam algo. Eles gostam de andar neste carro.

– Julinho, qual o tamanho das mulheres e dos homens?

– As mulheres têm entre um metro e quarenta e os homens um metro e sessenta.

O barulho do carro chegando na casa e o pajé traz todo mundo para a janela. Julinho chega e cumprimenta em guarani. Eu peço para fazer fotos e visitar a casa. Dona Dionísia, oitenta anos, a mulher do pajé Lírio Chamorro, de oitenta e oito anos, mostra a casa anexa onde está o fogão de chão.

Com fogo aceso, duas chaleiras de alumínio sobre a chapa. A fumaça deu outra cor em tudo o que está dentro do cubículo. A fumaça me impede de ficar. Na casa principal, modelo da Itaipu, na entrada, uma pata está no ninho. Sigo para a sala e o pajé está hipnotizado na frente da televisão. O programa é Bom Dia e Cia, do SBT.

Chamo pelo líder espiritual da tribo e nada.

– É o programa favorito dele, fora a novela Amigas e Rivais.

Olho para o rapaz que conversa, e nova surpresa. Ele tem os cabelos pintados. Metade preto e metade castanho. Alegre, ele pousa para fotos. Em um banco distante cerca de meio metro da televisão, três netos do pajé, entre eles um menino, assistem à televisão.

Todos torcem para que a pessoa que ligou ganhe o prêmio. Olho para o telhado da casa e mais uma antena parabólica está guardada. O rapaz acompanha meu olhar e lasca:

– É a antena reserva.

Dona Dionísia abre as portas dos dois quartos. No primeiro, um rádio com todos os acessórios e caixa de som embutida. Acho aquilo o máximo. No outro, a imagem de Nossa Senhora Aparecida. O quadro foi lembrança da viagem do casal à Aparecida do Norte. Na frente, uma escultura de um dinossauro e de São Jorge é o sincretismo na aldeia.

– Quando eles foram para Aparecida?

– Em 2004.

– O seu cabelo é *fashion*, onde você faz?

– Eu faço. Compro a tinta na farmácia e pinto em casa mesmo.

– Mas está tudo sem borrar. Acho que é difícil separar aqueles que você vai pintar.

– Eu uso touca. Aprendi vendo e agora eu mesmo faço.

– Vamos lá fora para fazer uma foto no sol?

– Sim! Mas antes faça a foto do meu pai com o cachimbo e chocalho. São os símbolos do pajé.

O rapaz coloca os “símbolos” na mão do cacique, e este pausa para foto. É a primeira vez que ele levanta da espreguiçadeira de madeira com um cobertorzinho verde encardido.

Saio da casa e encontro a nora do cacique com a filha com varicela. Ela, as três crianças e um cachorrinho vestido com uma camiseta da seleção brasileira embarcam na caminhonete. Da casa do pajé até o Posto de Saúde pouco é dito. Percebo que a índia fala português, mas, quando me dirijo a ela, finge não entender.

– Professora, é a esperteza índia.

O comentário de Gordo faz com que eu me cale. Somos oito e o único som vem do rádio do carro. Ao chegar ao posto, a enfermeira branca Serlene fuma enquanto olha para a menina com varicela. Diz que a menina tem de ser levada para Vera Cruz para tomar injeções contra a infecção devido às feridas e outra para reduzir a coceira, impedindo que a menina de cerca de quatro anos irrite as feridinhas com as unhas.

Deixo o grupo e vou para casa disposta a ir para a cidade para fazer meu contato com o mundo. Quando passo na frente da casa do vice-cacique, esse pede para eu ir ao correio para ver se chegaram correspondências.

– Mas eles vão entregar para mim que sou estranha!?

– Diga que o Joãozinho da aldeia mandou.

– Certo, certo

No correio, nenhuma carta. Chego na *lan house* e envio mensagem para minha professora. Também converso por MSN com o repórter do SBT, Mauro Welter. Meu ex-aluno se interessa pelo meu trabalho, sugerindo uma matéria. Acertamos que ele virá no sábado, tendo como foco a globalização da aldeia.

Retorno para a aldeia e, ao entrar em casa, sinto cheiro de pão. Verifico e, pendurados na janela, dentro de uma sacola plástica do supermercado Paulista, estão cinco pães. Eles são pequenos, tipo cervejinha da padaria. Decido agradecer. Minha intuição é de que os pães tenham sido deixados por Rosalina, doze anos, a mesma que plantou as flores. Também lembro que tenho de comunicar ao cacique a chegada do repórter no sábado.

Quando estou indo a pé para a casa do cacique, a passagem de Inácio com os sobrinhos me chama a atenção

– Aonde você vai?

– Comprar pirulitos.

– Onde?

– A minha avó vende.

— O que mais ela vende?

– Balas e doces.

Vou com Inácio e os dois sobrinhos. Na casa da mãe do cacique, eles entregam Cinquenta centavos. A senhora entra e retorna com cerca de 10 balas da marca Sete belo.

– E os pirulitos?

– Ela disse que acabou

Eu fotografo e sigo com os meninos até a casa do cacique.

– Amanhã, uma equipe do SBT vem aqui fazer uma reportagem para a televisão.

– Ele vem mostrar a nossa cultura?

– Virá mostrar tudo que estou fazendo.

– Olha lá! Outro dia veio um desses que diz entender de índio e disse que aqui não tem mais índio!

– Quem era ele?

– Não sei! Só sei que era bispo de Brasília. Ele veio com o João da Itaipu.

– Então, se o senhor quer mostrar a cultura, terá de reunir as pessoas na Casa de Reza. Colocar as mulheres para fazer artesanato, enfim mostrar a cultura, se é o que preocupa o senhor.

– Então vou avisar o grupo. Lá, o professor dorme até as nove horas. Tenho de ir ainda hoje.

– Certo! Ele vai chegar por volta das dez ou onze horas.

Retorno e vou até o Centro de Artesanato. Lá está dona Santa e Lorença. Junto com elas, as filhas de Santa. As meninas amassam a argila. Lorença concentra-se na escultura de uma índia. Desde que cheguei, ela se dedica à obra. Na lista de encomendas reservadas pela Itaipu, para uma lojinha de Curitiba, estão oitocentas peças, mas nenhuma de escultura de índia.

– Não era melhor fazer as panelas, tigelas da encomenda?

– Gosto de fazer essa escultura.

– Esse forno está caído, onde a senhora pretende cozinhar as peças?

– Ali na minha casa, o professor do curso construiu um forno novo...

– Vamos ver?

Seguimos as três para ver o forno. O vice-cacique é chamado para nos acompanhar. Ele retira a lona preta que envolve o forno. Diferente do anterior, ele é pequeno, mal dá para fazer o fogo.

– Ele parece pequeno!

– Sim, temos de fazer outro maior senão não vamos poder cozinhar as peças grandes.

João explica o procedimento para acender, mas diz que apenas o filho da Dona Santa sabe a temperatura e como fazer.

Minha garganta começa a arder e sinto que algo está errado. Olho para o lado direito e um homem passa veneno para matar o capim e a grama a uns quinze metros de onde estou. Viro-me e faço fotos ao mesmo tempo em que peço desculpa para deixar o local.

– Tenho alergia a veneno. Preciso sair daqui rápido!

Ao correr, tropeço nos galhos de melancia e de porongos. Nem olho e sigo direto para casa. O ar parece faltar e os sinais de manchas nos braços logo aparecem. Fico na casa deitada até o final da tarde. Somente levanto com um leve bater na porta. Vou ver e é o vice-cacique.

– A senhora esta bem!?

– Sim! Sim! Nada grave.

ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM O ÍNDIO JOÃO ALVEZ

O vice-cacique João me espera conforme havia combinado no dia anterior.

– Fez boa viagem?

– Sim! Fora a chuva que parece não ter chegado aqui.

– Hoje aqui ainda não choveu.

– Bem, posso ir até a casa do administrador para deixar minhas coisas?

– Sim, eu vou com você, mas temos de voltar para a Vila Bonita buscar a chave com o tratorista da aldeia.

– Queria te fazer muitas perguntas!

– Por favor, faça-as!

– Eu assisto a muita televisão, mas não entendi por que os Estados Unidos invadiram o Iraque. A senhora pode me explicar?

Eu esperava perguntas sobre o que eu estava fazendo lá, mas sobre o Iraque!? O que me salvou no momento foram as conversas com alunos árabes. Foz tem a segunda maior colônia do Brasil. Mais uma vez a televisão é o alvo da conversa. Apenas havia antecipado ao administrador da Itaipu meu propósito de observação. Pelo fato de ele ter me dito que é um adepto da televisão, fiquei mais segura sobre meu propósito.

– Eu vi na televisão as reduções jesuíticas e já estive nas Sete Missões, no Rio Grande do Sul, mas não senti nada de emoção. O João da Itaipu disse que ficou arrepiado!

A conversa de João me faz lembrar a visita que fiz à Argentina, na cidade de Vanda, onde está a redução San Inácio. Lá somente restam o portal de entrada e algumas paredes que dão a entender que se tratava de quartos. O local é muito grande. A construção intriga por ter sido toda feita de barro e tijolos vermelhos. Antes de pisar ‘no solo histórico’, o turista faz uma espécie de via-crúcis pela história. Por um corredor estreito e abafado, são contadas as ‘estações’, desde a chegada dos padres jesuítas, dominação do índio, ascensão, guerra e destruição.

Maquetes reproduzem a construção original. Imagens de índios e padres vestidos de pretos impactam o visitante. Não sei dizer o motivo, mas pisar naquele local é como sentir vozes lamentando, algo bem estranho mesmo. Fui como jornalista e lembro-me de ter escrito a matéria para a Gazeta do Iguaçu.

– A senhora conhece o escritor Paulo Coelho?

– Conheço alguns livros dele, mas ele pessoalmente não. Por quê?

– Ele veio aqui e ficou três meses na aldeia. Trouxe a filha. Ficaram e foram embora.

– O Senhor tem certeza de que era o Paulo Coelho mesmo? Aquele dos livros de auto-ajuda...

– Sim, foi em 2004.

Tiro os olhos da estrada. Minha atenção se volta para o time de futebol da aldeia. É o primeiro time formado só por índias. Eu reduzo a velocidade devido à presença de crianças. Quero parar, mas o dia pede para seguir, afinal não sei onde irei morar.

– Todos os finais de tarde elas treinam. Vão competir na cidade.

– Você vai filmar tudo, não é?

– Sim! Vou filmar e fotografar.

– Isso é bom, depois você pode colocar na TV.

Eu digo que também preciso arrumar minhas coisas e me despeço. Deixo o vice-cacique em casa, onde visitas de fim de ano lotam o local. Todos assistem à TV de pé, em frente das janelas. Uns sentados em banquinhos, numa espécie de “auditório de aldeia”. Eu entro na minha nova residência pelos próximos sete ou dez dias. O local também precisa ser limpo. O cheiro de tinta e os restos da construção ainda estão lá.

Entre duas salas grandes, uma repartição. Presumo que será o escritório, uma vez que há um computador instalado com impressora e tudo. Vou até ele e fico admirada com a aquisição. Ligo a máquina, testo a impressora. Tudo perfeito. Penso nos autores que li durante a primeira fase do mestrado. Entre eles Jesus Martin Barbero, quando diz: “Em busca das

novidades a tribo paga a passagem para que um índio vá até a aldeia, grave em um gravador e traga os novos inventos”.

Não resisto e falo em voz alta: “Barbero! Barbero! Aqui tem tudo. É só pedir que eles mandam via internet”.

O vice-cacique conta do rigor da educação na aldeia. Cita o compromisso dos pais e dos padrinhos sobre as crianças.

– As crianças são batizadas com três anos. De acordo com o rezador, elas só vão merecer após os três anos.

– Na minha cultura, o batismo católico acontece aos três meses de idade. Se a criança nasce doente, é batizada logo. Caso ela morra sem ser batizada é considerada pagã e fica vagando. Por isso a pressa de batizar.

– Aqui na aldeia, caso a criança adoça, ela é levada pelo padrinho para o cacique. Ele é quem decide diante da gravidade se vai para o hospital ou não. O compromisso do padrinho é muito grande. Se morrer antes dos três anos nada pode ser feito.

Ele revela que antes de morar na aldeia uma menina podia ser comprometida pelo pai ao futuro marido aos oito anos. Este se tornava responsável em cuidar da criança até os doze anos, quando, então, esta poderia casar-se. O “cuidar” incluía arcar com tudo o que a menina precisava, mas esta continuava a morar com os pais até o casamento.

Atualmente, elas recebem o consentimento aos dezesseis anos. O rapaz, desde que saiba trabalhar, sustentar a família, poderá casar. Para as jovens que engravidam antes do casamento, é dada uma possibilidade de permanecer na família, mas, caso reincidam, elas são obrigadas a cuidar do próprio filho.

– Cabe a nós, o cacique e eu, providenciarmos alimentos caso as mães solteiras tenham dificuldade. Por isso todas são alertadas do risco de ter filhos antes do casamento.

Mesmo com o alerta, cinco estão grávidas. Na aldeia, o primeiro caso de uma índia a ter filho do relacionamento com um morador branco não é esquecido, apesar de o fato ter ocorrido há mais de sete anos.

– Ela mora aqui. O problema é que o pai não assume o filho, e a Funai não reconhece o menino como índio. Fica esse problema. Ela só dará um nome ao menino se alguém casar com ela. Essa pessoa terá de aceitar o menino como filho e dar o sobrenome.

– Eu fiz essa caneta para a senhora.

– Ela é linda!

João me explica que as penas são de galinha, pintadas com Ki-suco, e que apenas o cipó (crichurra) e o capim (guaimbé) são naturais. Eles são como fitas que envolvem a caneta.

– Eu estive ontem para deixar a caneta, mas a senhora não estava.

– Ah! Eu estive na cachoeira com as meninas.

São quase dezenove horas e João quer saber minha impressão sobre a aldeia.

– O que você acha daqui?

– É muito bonito.

– E sobre nós?

– Eu gosto de estar aqui.

– Se você tivesse que nos ajudar, como faria?

– Nossa! Agora sim tenho de dizer tudo que penso. É isso que o senhor deseja?

– Sim! Isso mesmo!

Digo ter visto muita terra, mas pouco aproveitada, e que a miséria da aldeia, apesar da tecnologia, não é justificada.

– Desde que estou aqui, vejo pessoas brancas fazendo todo o trabalho. Não entendo como vocês desaprenderam a lidar com a terra. Aqui vejo o branco trabalhando e o índio olhando! Ou meu olhar está errado? Parece que há um eterno esperar que alguém providencie as necessidades da aldeia.

– Também penso como a senhora!

– Pensa mesmo, João?

– Sim, nós temos como entendimento que o índio só faça o que ele quer. Não tem como obrigar.

– Olha, João! O meu pai tinha dez alqueires de terra e criou sete filhos. Aqui cada um de vocês têm a mesma proporção. Aqui ninguém compra semente, ninguém paga pelo trator e máquinas usadas, mesmo assim vocês estão quase sem comida e esperam as cestas básicas no dia quinze.

– O secretário da Agricultura do Estado disse a mesma coisa. Ele ficou de vir aqui dar uma palestra sobre isso.

– O senhor me perguntou sobre como eu poderia ajudar, então digo que posso ajudar com educação e manejar a terra. A primeira profissão vem de família e a segunda por opção, é isso que sei fazer, ou penso saber. Se isso for útil aqui, o senhor me diga como fazer?

– Ainda a senhora virá até aqui para nos ajudar...

O resto da resposta não pude anotar. Com João já me sentia à vontade para fazer anotações. O motivo da distração veio com a aproximação do bando de crianças. Elas me viram

tirar do carro duas cucas que havia comprado durante a tarde. Eu entro, pego o alimento e, como sempre, coloco uma toalha na calçada e vou cortando as fatias.

Cada criança pega o pedaço que preferir. Olho para aquelas mãos pequenas e com unhas embarradas. Já sei o nome de quase todas. Ao final, vejo que a menina sempre peladinha, Vanessa, de três anos, não havia chegado. Quando penso em pedir sobre ela, chega o pai, o seu Alcides, com a filha no colo. Desconfio que ele também queira cuca e entrego duas fatias. Ele fala em guarani e ri.

– Todos querem jantar!

A tradução é de João, que é o último a se servir. Todos comem sentados ao redor da porta.

– Essa cuca é minha preferida!

A observação é de Inácio, que a cada dia aproxima-se mais da casa. Curioso, ele não deixa escapar nada, mas fala muito pouco. Junto com o final da distribuição dos doces, chegam dona Santa e o cacique. Eles falam em guarani, dão risada. Estão animados. Para eles, eu preparo um suco de tangerina. Todos tomam animados.

O cacique conta ao vice da chegada do repórter do SBT. Diz que a aldeia já foi avisada e que todos estão preparados para mostrar a cultura. Demonstra desgosto ao comentário do bispo de Brasília.

– Se a matéria passar nacional vai ser muito importante para nós.

– Penso que será estadual, mas quem pode garantir é o repórter. Aliás, tem um índio que é muito famoso, um estudioso sobre o assunto. Eu estava em um encontro na Faculdade e uma colega me falou sobre ele, mas esqueci o nome...

– Não é o Taka Were !?

– Sim, esse mesmo!

– A gente sabe que ele escreve muitos livros. Nós queríamos os livros dele.

João também conta que tem ido diversas vezes até São Paulo para encontros indigenistas de professores. Diz que a maioria está preocupada com a perda rápida dos costumes mais básicos. O comentário não agrada ao cacique. João fica mais um pouco e diz que somente veio buscar a chave do escritório e despede-se. Logo que deixa a casa, o cacique pede:

– Não queremos interferir, mas a senhora podia apagar a foto que fez do rapaz passando veneno. Sabe, aqui é proibido passar veneno. Se o João da Itaipu sabe vai ter problema para o vice.

– Por que é proibido?

– É uma reserva, e a preocupação da Itaipu é que tudo seja orgânico. Essa é a verdade!

– Ah, certo. Mas, antes de eu apagar, o senhor quer ver as fotos que fiz do rapaz passando veneno?

– Sim!

Eu mostro as fotos e elas ficaram boas. Sei que não fui honesta, mas apaguei as fotos do computador com a certeza de que as da máquina continuariam lá. É mais um prova do uso da tecnologia da aldeia, meu objeto de estudo. Despedimo-nos. Eu jogo as migalhas para os gatos e vou dormir.

Conversas com João Bernardes

Ele conta que os bares na cidade foram proibidos de vender bebida alcoólica para os índios, e que baixou uma lei que somente entraria na reserva os moradores ou pessoas autorizadas.

– Tinha que ver o que era isso aqui! Dava vontade de chorar. Era um entra e sai de gente que ninguém sabia quem era quem. Hoje, na aldeia, estão identificados como alcoólatras vinte e cinco índios. Cipriano é apontado como o mais jovem.

João confirma que o corcel verde realmente faz o transporte dos índios que tem aposentadoria e que manipula a conta dos velhinhos.

– Tô esperando o cacique. Quero dar um basta nisso. Esse cara tá comprando uma caminhonete nova por mês, tudo por conta do dinheiro dos índios. Você já viu quantos aposentados tem aqui na aldeia? Quase todos são por algum motivo.

Por volta da nove horas, João sobe até a casa do cacique para ter uma conversa. Eu sento para escrever e, às nove horas e dez minutos, chega a equipe de reportagem. Welter é educado e simpático, porém quer mostrar “uma casa com tudo”. Eu o apresento ao Alcides, genro do cacique. Na casa cheia de crianças, o dia é de assistir à TV.

Alcides mostra a casa para o repórter. Os filhos, os aparelhos e Julinho de cinco anos que canta no karaokê. A entrevista na casa demora, e quando percebo o cacique e o vice estão na frente da casa. O cacique não esconde a irritação. Chega ao local e sem cerimônia manda o repórter parar.

– Isso não é nossa cultura. Não combinamos isso. Não quero que mostre isso...

– Eu vou mostrar isso e também a cultura de vocês, não tem como fugir dessa realidade.

Eles discutem, falam. Eu interfiro e digo para o cacique ser moderado e que eu havia explicado que o motivo da minha presença era observar a rotina da aldeia. A contragosto, o cacique retira-se e Welter faz a passagem, mostrando o que tem na casa. Daquele momento em diante, o cacique está sempre um passo à frente do repórter. Explica, em guarani, para a tribo que “só mostrem a cultura”.

No centro de artesanato, nova crise. O cacique parece insatisfeito com os poucos trabalhos feitos.

– Não tem mais? João, pega o artesanato na tua casa!

O vice retorna com cerca de cinquenta peças, a maioria delas decoradas com penas de galinhas tingidas com Ki-suco. Welter tenta maquiá-lo o propósito, mas acaba explorando a parte do tingimento das penas. Do Centro de Artesanato, seguimos para a Casa de Reza. São onze horas e trinta minutos quando chegamos.

Crianças, senhoras e idosos esperam para dançar. Mais uma vez o cacique reúne o grupo e pede para mostrar “somente a cultura”. Ele fala, esbraveja, sem imaginar que o cinegrafista Vilson fala guarani com fluência.

Começa a dança e cerca de dez índios passam a acender os charutos e a borrifar fumaça. Antes todos fumavam o cigarro da marca Free. Eles amassam as bitucas com os chinelos Havaianas. Um está de chuteira da marca Penalty.

O cinegrafista se abaixa para pegar a imagem dos pés durante a dança. O cacique faz a volta e manda o grupo tirar os chinelos. É um duelo permanente para “garantir a cultura”. O rezador da aldeia, com poucos dentes, diz que a oração foi para pedir saúde para todo o Brasil. Ele estava muito nervoso na hora de dar a entrevista.

Deixamos a Casa de Reza, construída com madeira e coberta com capim. Vilson fala em guarani com os índios, pausa para fotos, deixando o cacique desconcertado.

– Não quero que a apresentação seja na casa construída pela Itaipu. Ela não é tradicional.

A recomendação foi feita pelo cacique na sexta-feira. O templo rejeitado foi construído com ripas no estilo das casas e coberto com telhas. Tem energia elétrica.

De volta ao centro da aldeia, o repórter quer fazer imagens do posto de saúde e falar dos principais problemas de saúde enfrentados pelos índios.

– Alguém para me dizer o motivo de eles estarem tão obesos ou gordos.

– Eles não são gordos, são inchados, resultado dessas comidas, como frangos e carne de porco, compradas.

– Então o senhor admite que eles são gordos?

Sem saída, o cacique grava no posto e também na própria casa, onde abre a geladeira e mostra as abóboras compradas na cidade, a banha de porco, a margarina...

Antes de deixar a aldeia, João aparece com uma carta na mão.

– É a carta para o Gugu!

Eu explico para o repórter do que se trata. Mauro ouve e, em um misto de gozação e sarcasmo, dispara:

– Isso é porque não assistem à TV!

Deixo a aldeia com os repórteres. Vamos ao restaurante onde comi o xis-salada com o vice-cacique. O almoço agrada. Mauro e Vilson retornam para Foz, eu vou para a *lan house*, onde vejo a mensagem da professora dizendo que estou no caminho certo.

Retorno para a aldeia, mas antes paro e compro mais duas cucas para minhas futuras visitas. Ao chegar à aldeia, todos se preparam para ir ao campo ver o jogo contra a cidade.

– A senhora quer ir com a gente?

O convite é do menino Inácio. Eu já havia mostrado como fazer fotos com as duas câmeras e como filmar. Ele também se mostrava um bom intérprete.

– Vou, mas você vai ter de filmar o jogo para mim!

– Demorô!

Feliz, ele me acompanha. Duas meninas, de mãos dadas, pegam na minha mão direita. No campo, as crianças me cercam. Vamos filmar e fotografar duas indiazinhas tomando banho, nuas, na ponte. Elas riam e faziam pose. No campo, o jogo masculino prossegue. Entre os índios está Julinho e Cipriano. Ao término da partida, é a vez das mulheres.

Lorença, de blusa preta toda rendada e sutiã vermelho, é a centro avante. Pela primeira vez está com os cabelos longos soltos. As filhas do cacique também jogam. Uma delas está da saia verde com pregas. Uma jovem bonita e magra está de vestido. Ela fica na defesa. É rápida e não deixa passar nada.

As adversárias estão com o uniforme completo. Meias até os joelhos e com uma torcida organizada. Do lado oposto, Julinho, Aline, Inácio e eu gritamos na hora da disputa de bola. No primeiro gol contra a cidade, o goleiro é trocado e entra uma senhora que acaba levando um gol entre as pernas e outro por cobertura.

São três a zero, e as índias continuam a jogar indiferentes a tudo. Correm muito, entram na dividida entre pés descalços e tênis. O treinador do time branco parece ir à loucura. Ele grita, corre, manda chutar, mas acaba conformado com a derrota.

Eu deixo o campo e vou para casa acompanhada de Inácio.

– Você sabe o que quer fazer quando for grande?

– Vou tirar fotografia de jaguaretê e vender, que sei que dá muito dinheiro.

– É, realmente fotos sobre a natureza estão na moda. Mas me diga por que toda essa área está queimada e as plantas também?

– Escapou o fogo.

– Queimaram depois que passaram veneno?

– Acho que foi isso mesmo.

Havia comprado pipocas para uma sessão de fotos com as crianças, mas desisto e entrego o milho para Inácio fazer na casa dele. Cerca de uma hora depois, desço para telefonar e a visão do campo impressiona. Os índios e os brancos tomam vinho, refrigerante e comem sanduíches.

– Depois do jogo, sempre comemos sanduíches e bebemos com os moradores da cidade.

Retorno por volta das vinte horas e trinta minutos, e, em seguida, chega dona Santa, vestindo uma saia de ponta preta com bolinhas brancas e uma camisa no tom da saia. Ela entrega-me dois pedaços de bolo feito pelas filhas. Como um pedaço e, como retribuição, faço suco de tangerina da marca Tang.

Inácio chega e diz que é seu preferido também. O cacique veste uma camisa azul de mangas longas e calça social. Os sapatos são pretos. Como pouco era dito, eu sugiro que eles vejam as últimas fotos feitas. Desta vez anexo o cabo ao computador e as imagens aparecem.

Todos se concentram, as risadas enchem o ambiente.

– Olha o Julinho!

– É, cacique, ele me disse que estava ficando famoso na aldeia.

Ao final, eu aciono a câmera do computador e eles se veem na tela. Eles abanam, fazem sinal de positivo. Todos querem ver-se como são.

– Que coisa, né? Tão rápido e a gente tá ali no computador.

Aproveito o entusiasmo para explicar como a comunicação avançou no campo do jornalismo.

– É um sistema parecido que faz com que a gente veja as notícias do mundo inteiro.

Ao final, acerto com o cacique minha ida no domingo de manhã para visitar o índio de cento e quinze anos. Minha intenção de é ficar a manhã com o morador mais velho da aldeia. Peço para ter como intérprete o menino Inácio.

– Ele vai, sim!

Fecho a casa e fico na expectativa do dia clarear para ir até a casa de Aleixo Bogado, cento e cinco anos.

No retorno para casa, um casal em uma charrete me faz parar. Aproveito para conversar. O casal, Cecildo, de quarenta e sete anos, e Carmelinda, de cinquenta e quatro, estavam voltando da Vila Bonita. Havia comprado três pães e um suíno para reprodução.

– Eu dei um eixo de carroça em troca do porco.

– E o pão, quantos custou?

– Foi dois reais e cinquenta centavos. A gente sempre compra aqui próximo, na casa do branco que passa veneno.

Pai de oito filhos, eles tinham pressa de chegar em casa. Despeço-me e deixo os meninos. Esperava a chegada dos jornalistas Yassine Ahmad Hijazi e Fábio Canhete. Eu pretendia percorrer a aldeia, mas sem a presença de intérpretes e acompanhantes. Uma forma de verificar como era a recepção e colher impressões novas.

Com a chegada dos jornalistas, vamos para a cidade comprar o almoço. Com o comércio fechado, a única opção era um açougue, onde frangos estavam sendo assados na chamada “televisão de cachorro”. Ficamos com um frango, compramos pão e uma conserva de pepinos e procuramos uma sombra para a refeição.

De volta à aldeia, seguimos direito para um giro nos vinte e cinco quilômetros entre a mata. Na primeira casa, o morador não aceitou fotos e nem conversar, apesar de ter identificado e explicado o motivo. A tarde é quente e o acesso feito antes de caminhonete se mostra difícil.

Sirvo mais como guia para os dois jornalistas. Na casa do pajé, a recepção é calorosa. Como na sexta-feira, o líder espiritual encontrava-se sentado na espreguiçadeira assistindo a programas na televisão. Duas crianças em um banquinho faziam companhia para o avô.

Foi nesta visita que pude observar mais detalhes, entre eles uma antena parabólica de reserva. O equipamento estava guardado no teto da casa. Na casa anexa, dona Dionísia, a mulher do pajé, estava preparando o almoço.

Dentro da panela, um tatu. O bicho havia sido esquartejado em vários pedaços, mas mantinha a pele e a cabeça. A água da fervura era muito escura, resultado do sangue do animal.

– Vamos almoçar aqui, não é, Fábio!?

O olhar do jornalista foi de puro espanto e fez-me rir.

– A senhora faz sopa desse tutu?

– Sim, vou fazer sopa do caldo e fritar a carne com farinha de milho.

– O que mais tem para comer?

– Mandioca e feijão.

– São da cesta básica da prefeitura de Diamante do Oeste

– Sim.

Damos uma volta no entorno da casa para ver a criação de patos e o jardim para alimentar as abelhas jataí. Na casa, havia sete caixas de criação. Faço fotos, tiro fotos e despedimo-nos.

Impressão dos não índios sobre os índios

Para poder conversar com os moradores da cidade, nos estabelecimentos escolhidos, compro primeiro alguma coisa e, enquanto realizo a compra, peço sobre o local. Como a cidade tem apenas três mil habitantes e todos se conhecem, eu, como estranha, sou novidade.

– A senhora não é daqui?

– Não, sou professora, e estou fazendo um trabalho na aldeia.

– Nunca fui lá, nem sei onde é.

A resposta é de seu Zé, que tem convênio com a Funasa para providenciar comida para as famílias dos índios que são internados. Ele atende, e os recibos assinados pelos consumidores são ressarcidos pelo Governo Federal.

– Eles comem bem, gostam de xis-salada.

Agradeço, pago pelo refrigerante e vou até o mercado do Paulo. A dona reconhece-me e pede se preciso de algo. Digo que apenas de informações sobre o comportamento dos índios.

Ela conta que, no início, a ideia de uma tribo por perto não foi bem aceita pela população, mas, com o passar do tempo, e principalmente garantia do Estado de pagamento, a cidade passou a ‘gostar dos novos moradores’.

– Eles vêm e compram de tudo, mas tudo mesmo. Pagam e vão embora. O nosso mercado começou pequeno e hoje atende mais os índios.

No restaurante onde almoço, moradores dividem espaço com índios. Ao contrário das casas onde vivem, no restaurante, usam os talheres e gostam de Coca-Cola dois litros. Nas ruas, eles andam em grupos, mas na maioria das vezes estão nos carros das empresas, sendo transportados de um lado para outro.

Índios em Foz

Em contado com o coordenador de projetos da Itaipu Binacional, João Carlos Bernardes. A informação é de que toda a aldeia (líderes) estaria em uma convenção em Foz, entre os dias 1º e cinco de setembro. Junto com a informação, Bernardes alerta para a necessidade de que a autorização para retornar à aldeia deve ser feita também com a Funai, em Guarapuava.

– Está havendo troca de liderança na Tekoha Añetete e o clima é de disputa mesmo, então é bom buscar autorização em Guarapuava para não ficarmos descobertos caso haja problemas durante sua estada na aldeia.

Atendendo ao pedido, ligo para Guarapuava, mas o diretor da Funai está em viagem e a resposta sobre meu pedido surpreende:

– Como você já está fazendo um trabalho lá, vai e vamos ver o que acontece.

Ao chegar à aldeia novamente, a primeira mudança é a placa do portal de entrada. A palavra aldeia, escrita em guarani como Tekoa, agora ganhou o “H”, sendo grafada como Tekoha Añetete, mesma grafia encontrada no dicionário guarani¹⁸², em pesquisa realizada por mim. Questiono o professor da aldeia sobre a mudança da grafia, e ele explica que o Tekoa tem origem paraguaia e é usado por descendentes e pesquisadores que têm como referência os imigrantes espanhóis. “Na linguagem Guarani, o Tekoha é com “H”. Esse é o verdadeiro idioma e você tinha razão quando mostrou o dicionário”.

Ao chegar à casa do novo cacique, João Cardoso, pergunto:

– O senhor é o cacique agora?

– Sim, agora sou cacique.

Explico o motivo do meu retorno à aldeia e a intenção de permanecer no local por mais oito dias.

– Você pode ficar na mesma casa. Eu preciso ir à cidade e mais tarde retorno, então conversamos.

O cacique embarca no carro da Funai e vai em direção à cidade. Eu dirijo até a casa, onde será o Centro de Exposição de Artesanato. O local estava do mesmo jeito deixado por mim havia oito meses. Como móvel do local, apenas o computador sobre uma carteira.

Em uma das salas, um fogão industrial e uma geladeira ainda na embalagem. Os eletrodomésticos foram doados pela Pastoral da Criança para iniciar o trabalho de atendimento também na aldeia. Descarrego minhas coisas e vou andar na aldeia. Outra mudança significativa foi o término das obras da nova escola. O prédio, com quatro salas de aula, biblioteca, sala de vídeo, sala de informática, cozinha e refeitório, ocupa mais de mil metros quadrados em construção.

¹⁸² CANESE, Natalia Krivoshein; ALCARAZ, Feliciano Acosta. **Dicionário Guarani – Español**. Asunción, Paraguai: Instituto Superior de Lenguas da Universidad Nacional de Asunción, 2000. Colección Ñemity. Significado de **Tekoha**: Morada, querência, vivenda, paradero, residência, barrio, lugar (p.98). **Añetete**: Verdadero, obvio (p.14). **Tekoha Añetete**: Aldeia Verdadeira.

O projeto permitirá atender a todos os estudantes da aldeia e em todas as séries. Também abrirá vagas para a alfabetização de adultos. O complexo conta com diretor e transporte interno para os alunos. Atualmente, os alunos de quinta a oitava séries são obrigados a estudar em colégios em Diamante do Oeste, fora da aldeia. Para a mulher do cacique, Lorenza Chamorro, tudo vai ficar melhor.

– Fica melhor, mesmo quando chove eles vão poder ir à aula. Hoje quando chove o ônibus não vem buscá-los.

Por volta das dezessete horas, o cacique, o filho dele Julinho, um agente de saúde e mais um rapaz chegam a casa em que estou. Eles instalam o fogão e a geladeira e afirmam que posso utilizar. Aproveito a oportunidade e explico o questionário. Eles são os primeiros a preencher o formulário. Cada um levou cerca de duas horas para responder às perguntas. Mesmo afirmando que dominavam o português, na maioria das perguntas tive de explicar.

A experiência foi um pré-teste do que viria pela frente. Ao obter a informação de que aldeia ainda não dispunha de internet, eu refaço o questionário, reduzindo as questões referentes à internet. Junto com a realização do questionário sobre o Mapa de Consumo Cultural, realizo as perguntas em profundidade, conforme a seguir, na íntegra.

Entrevistas com seu Aleixo

Primeiro encontro

Entrevistas com Seu Aleixo Bogado

Chego próximo da casa de Aleixo e uma espécie de aura parece tomar conta do lugar. Pássaros cantam e a Casa de Reza fechada provoca maior isolamento. Explico a Inácio que ele deve falar alto, pois soube por meio de João que o velhinho é meio surdo.

Andamos em direção da casa e, a uns vinte metros, uma visão nos faz parar. Aleixo está dormindo na rede. É uma tranquilidade que dá a impressão que ele não respira mais. Eu faço fotos, quero registrar o que faz um homem de cento e quinze anos por volta das dez horas.

– Se eu tivesse essa idade, acho que estaria correndo atrás dos últimos dias de vida. E você faria o que, Julinho?

– Ia pescar.

Aproximamo-nos, e pedi para Inácio chamar o senhor. Ele acorda e nos olha com naturalidade. Em espanhol, converso com ele. Ele responde, ri, e, quando percebo que não sou entendida, recorro a Inácio.

Peço para ver a casa. No interior, três gatos dormem próximos ao fogão, sem fogo. Sobre uma mesa, erva-mate, macarrão e arroz. Pelo volume, imagino que seja parte da cesta básica. Uma geladeira vermelha no centro da casa. Abro e não tem nada dentro. O cheiro é horrível.

– Ela está desligada?

– Sim! Cortaram a luz. Veja para mim?

Eu sigo o ancião até o transformador, e este está desligado, porém nenhum aviso. Eu religo a chave, mas nenhuma energia. Peço para que Inácio comunique ao pai, o cacique, de que não há luz na casa. Retorno e sento-me na varanda, próxima de Aleixo. Ele conta que teve onze filhos com cada mulher, no total casou-se três vezes, mas não se lembra de quantos estão vivos. Sobre as esposas, ele disse que elas morreram faz muito tempo.

Pergunto se ele não tem medo de morar sozinho. Ele surpreende-se com a pergunta e retruca.

– Medo do que aqui no meio do mato.

O milho plantado por ele está bonito e sem mato. Um barbante com ossos amarrados e pedaços com escamas. Ele percebe meu olhar e afirma:

– São rabos de tatu.

Entre os índios, os restos são usados para espantar mau olhado e outras crendices. Próximo aos ossos está um pilão de triturar grãos. Eu pego e digo que é a primeira casa em que encontro a ferramenta tão antiga. Descuidada, recoloco o aparato com a ponta de amassar para baixo, e seu Aleixo rapidamente recoloca da maneira correta.

Deixamos a casa, e mais uma vez ele surpreende.

– Da próxima, vez traga um regalo.

– Sim, trarei um presente.

Segunda entrevista

“Se a gente se casar e separar o tempo todo, a gente encontra uma última flor que tem lá no fundo, e a gente se separa de nova, aí não tem mais outra flor.” – índio Aleixo Bogado.

Eram nove horas e trinta minutos do dia 10 de setembro quando chegamos à casa do seu Aleixo Bogado, cento e quinze anos. Ele é o índio mais velho da aldeia Tekoha Añetete, e não há também registro de outros com idade superior nas tribos do Paraná. Naquele momento, utilizando um balde de cor azul, ele colocava água em uma das cinco mudas de erva-mate. A planta demora cinco anos para produzir folhas. Daí, pode-se deduzir que o seu Aleixo aposta em um futuro longo ainda.

A erva-mate é símbolo de saúde e fé na aldeia. No ritual do Ano Novo, quando acontecem os batizados (*ikarai*) das crianças e dos alimentos, a planta é um dos elementos principais consagrados. Os índios homens se apresentam na Casa de Reza (*Opy*) carregando os galhos.

Cada muda da planta estava coberta com ramos de ervas daninha que o centenário havia capinado – o modo natural de proteger a plantinha do sol. No entorno da casa, como narrado no Diário de Campo¹⁸³, o plantio de milho cerca o local. As batatas, melancia e quiabo haviam sido devastados pela geada do final de agosto, motivo também que fazia com que seu Aleixo reforçasse a cobertura da erva-mate.

A entrevista foi traduzida pela índia Graciela Alves, dezessete anos, e filmada pelo índio Inácio Alves, doze anos. Durante a conversa de cinquenta minutos, um misto de alegria e reflexão cercou o ambiente. Como presente (*regalo*), Aleixo pediu comida. Apesar de esperar por outra coisa, entendi a veemência do apelo, quando, ao final da tarde, retornei com uma caixa de alimentos, entre eles peito de frango, por entender que a ausência de dentes dificultaria o processo.

O velho índio estava sentado na ‘varanda’ da casa, tomando tererê com um dos filhos. O senhor, ao ver-me, levantou-se e veio ao encontro. Coloquei o alimento sobre um banco, e, ele, batia com as mãos e repetia: “lindo, lindo”. Com os pés enfiados nas sandálias estilo ‘franciscana’, dava pequenos pulinhos, era uma criança animada com o *regalo*.

Ao levar o mantimento para a cozinha da casa, percebi a urgência. Sobre uma pequena mesinha havia uma bandeja de palha, e, no interior onde deveria repousar alimentos, apenas um martelo, nada mais. Nas prateleiras, a marca que há muito nada era colocado lá. A realidade ali denunciava que, ao contrário do já escrito e também dito sobre a necessidade de respeitar os *xamói* (velhos) da tribo, isso já não existia mais.

Seu Aleixo está apenas no discurso das autoridades da aldeia “como o índio mais velho da tribo”. Na prática, ele é um velho esquecido na cabana perto de uma *Opy* que ninguém frequenta, vivendo de lembranças que serão enterradas com ele. A seguir, a entrevista em profundidade com seu Aleixo Bogado, cento e quinze anos.

Pergunta – O senhor está contente?

Índio Aleixo Bogado – Sim, eu estou.

Pergunta - Onde o senhor morava antes da aldeia Tekoha?

¹⁸³ Diário de Campo realizado entre os dias 31 de dezembro de 2007 e 7 de janeiro de 2008, como primeira etapa do projeto de pesquisa.

Bogado – Eu morei na aldeia Jacutinga, por 14 anos. Eu sempre luto pela terra. Eu sou puro índio Guarani.

Pergunta – Por que o senhor luta para essa terra?

Bogado – Porque eu sou puro índio. Porque, antigamente, tinha só três ou quatro casas, mas agora nós estamos todos espalhados por todos os lugares. Antigamente, os caciques da aldeia, sem comunidades saberem, eles vendiam as terras para os brancos de volta.

Pergunta – Antes de o senhor morar aqui, onde havia morado?

Bogado – Não é como vocês brancos, que é a nossa religião. Toda a quarta-feira, a gente se reúne entre as famílias dos pajés para rezar e dançar, que é costume dos indígenas. Se isso acabar, como que a gente vai viver, e o que aconteceria se os pajés desistissem? Depois que saí da Jacutinga, eu morei em São Miguel do Iguaçu, na Ocoy.

Pergunta – Quando começou a formação do Lago de Itaipu, o senhor estava na Jacutinga?

Bogado – A Itaipu comprou essa área para nós após a gente morar na Jacutinga e no Ocoy.

Pergunta – O senhor já morou no meio do mato?

Bogado – Sim.

Pergunta – Como era?

Bogado – Eu saía para caçar.

Pergunta – O que o senhor caçava?

Bogado – Tatu, cateto, mas os bichos são do mato.

Pergunta – O senhor chegou a ver uma onça?

Bogado – Tinha bastante onça.

Pergunta – O senhor chegou a pegar alguma?

Bogado – Sim.

Pergunta – Qual a diferença de morar no mato e, hoje, aqui na aldeia Tekoha?

Bogado – Aqui, morando aqui, quando saio para caçar, às vezes não acho muitos bichos.

Pergunta – O senhor gosta de morar nessa casa?

Antes de responder, ele pensa muito.

Bogado – Sim.

Pergunta – O senhor gostava mais daquela coberta com capim e palha?

Ele ri e diz:

Bogado – Só tem essa mesma. Eu só tenho essa mesma porque eu moro sozinho e não tenho mulher. Eu não quero mais mulher, eu quero morar sozinho.

Pergunta – Por quê?

Bogado – Porque elas não querem vir.

Pergunta – E por que elas não querem mais morar com o senhor?

Bogado – Se quiser vir, eu trago, mas, se não quiser, eu não trago.

Pergunta – Quantas mulheres o senhor já teve?

Primeiro ele conta o número de filhos para saber quantas mulheres. O número final soma 27.

Bogado – Eu tive três mulheres.

Pergunta – O senhor casou com que idade?

Bogado – Eu tinha 18 anos.

Pergunta – O senhor morava no meio do mato quando casou?

Bogado – Eu morava no Paraguai. Depois eu vim para o Brasil porque gosto mais daqui.

Pergunta – O senhor, quando era pequeno, já andava com roupas?

Bogado – Sim.

Pergunta – O senhor lembra-se dos seus avós?

Bogado – Eu lembro deles quando eu morava lá em Jacutinga. Alguém veio e os matou. A partir disso, não sei mais nada.

Pergunta – E dos seus pais: mãe e pai?

Bogado – O nome do meu pai era Severo, não lembro o nome da mãe. Sempre lembro deles, assim tenho força de viver tantos anos, até agora.

Pergunta – Com quantos anos os seus pais morreram?

Bogado – Com 40 anos.

Pergunta – A que o senhor atribui o fato de estar com 105 anos?

Ele ri muito, parecia esperar pela pergunta.

Bogado – Eu não coloco na minha cabeça o fato de ter essa idade. Eu penso em viver apenas porque ainda tenho filhos e filhas.

Pergunta – Onde estão os seus filhos?

Bogado – O meu filho mora aqui perto.

Pergunta – O neto do senhor é o marido dessa moça que se chama Graciela. O senhor sabe disso?

Ele olha para a menina, que é minha tradutora, e parece surpreso e feliz.

Bogado – Eu não sabia. Qual dos meus netos?

Respondo – O nome dele é Gelson.

Bogado – Ah! Aquele que morava comigo.

Respondo – Sim, aquele. Eles ainda não têm filhos e já estão casados há um ano.

Ele ri antes de responder. O corpo miúdo parece ainda mais frágil.

Bogado – Eu vou falar uma coisa: casar é uma coisa, a gente tem de casar só uma vez. Se a gente casar, tem de respeitar. Não sair assim, para ver uma pessoa mais bonita e já briga.

Pergunta – **O que o senhor acha dos casamentos de hoje, onde as pessoas se separam o tempo todo?**

Bogado – É por isso mesmo que a gente tem de pensar antes de casar. Se a gente se casar e separar o tempo todo, a gente encontra uma última flor que tem lá no fundo, e a gente se separa de nova, aí não tem mais outra flor.

Todos aplaudem a fala do seu Aleixo: Graciela, Inácio, Rosalina e eu. Ele ri, está à vontade, e nesse momento percebo que ele volta a sentir-se com a real importância que detinham os velhos (xamói) na tribo.

Pergunta – **Por que o senhor não tem TV?**

Bogado – Porque eu durmo mais tranquilo. Eu não preciso de televisão.

Pergunta – **O senhor ouve rádio?**

Bogado – O rádio gasta muita energia, ouço só às vezes, mas não todo o dia.

Pergunta – **Estou vendo pés de laranja, batatas e melancia. Por que o senhor ainda planta esses alimentos ao invés de comprar?**

Bogado – Às vezes tenho dificuldade de achar um dinheiro e eu sou um senhor de idade. Então, se eu planto, eu tenho o que comer.

Pergunta – **O que o senhor quer de presente para eu trazer para o senhor?**

Bogado – Eu quero alimento, qualquer coisa para comer. Eu não recuso nenhuma ajuda de comida. Pode trazer o que você quiser, mas que dê para comer.

Pergunta – **O senhor estava molhando umas plantas quando chegamos. O que era?**

Bogado – É erva-mate.

Pergunta – **Por que planta erva-mate?**

Bogado – Porque precisa, e às vezes eu não tenho como comprar.

Pergunta – **O senhor cobre as mudas com galhos das ervas daninhas que carpiu. Por que faz isso?**

Bogado – É para fazer sombra, sombra.

Pergunta – **A geada matou algum alimento?**

Bogado – Sim, batata e melancia.

Pergunta – **O que o senhor acha da cidade grande?**

Bogado – Eu sou vou para cidade grande para receber a minha aposentadoria.

Pergunta – **O senhor gosta da cidade grande?**

Bogado – Eu gosto.

Pergunta – O senhor já participou de alguma guerra?

Bogado – Não.

Pergunta – O senhor já foi operado, fez alguma cirurgia?

Ele ri muito e se toca no corpo, antecipando a resposta.

Bogado – Não, nunca, e eu tenho medo de cirurgia.

Entrevista com o Pajé Luiz Carlos Coronel, 59

Hoje tudo é diferente por causo que a gente já se acostumou a comer muita coisa do português: pão, arroz, sal... Antigamente não existia nem sal e a gente não sabia o que era pão. Hoje já sabemos disso, tudo é diferente. A gente está usando roupa e calçados. Eu acho que pelo que vejo vai ser muito difícil a gente voltar no mesmo sistema de antigamente. (Pajé da Aldeia Tekoha Añetete, Luiz Carlos Coronel, nome de batismo Guaray – significado Sol)

O tempo por volta das quinze horas de quarta-feira, dia 10 de setembro, ameaçava chuva. O sol ardia em seus quase vinte e cinco graus, apesar de a semana ter começado com temperaturas de cinco graus ao amanhecer. A decisão de entrevistar em profundidade o pajé Luiz Carlos Coronel, 59, aconteceu durante a viagem à Foz do Iguaçu com os alunos, um dia antes. Sua resposta a pergunta sobre a imagem dos índios na vitrine do Ecomuseu de Itaipu, alertavam para um universo que deveria ser explorado.

Ao chegar ao casebre, a sensação era de estar pisando na “Terra de Robinson Crusóé”. A ‘casa’ foi erguida com galhos de árvores e coberta com capim e palha de milho, e as paredes, agarradas em restos de lona e taquaras, tinham como escudo uma faixa de mata, isolando o morador do resto dos mil e setecentos hectares da aldeia. Dentro da casa não havia nada, nenhum móvel, nenhum eletrodoméstico, nada, apenas as paredes e o telhado de capim. Coronel estava terminando de colher a safra de milho. Eram aproximadamente sessenta sacas do alimento que estavam sendo estocadas embaixo de uma lona preta para evitar umidade e o ataque de animais, especialmente de galinhas e de patos. Os grãos serviriam para fazer canjica e bebida. Vestido com uma camisa preta, longa e larga, e calça do mesmo tecido, ele estava suado e as palhas e o pó do milho estavam acumulados na pele molhada do pescoço.

A sensação de ver aquele pó ali me trazia desconforto. Com os ombros levemente curvados para frente, ele carregava no semblante aquele mesmo olhar, observado pela primeira vez durante a viagem. Na frente da casa, em uma espécie de ‘mesa vazada’, por ter sido

construída com ramos de árvores separados por cerca de cinco centímetros, havia vários utensílios de cozinha, entre eles uma panela preta.

Dentro da panela, um peixe frito estava espetado com um ferrinho que o mantinha suspenso. No fundo da panela, o óleo era o resultado da fritura do peixinho e que seria usado para outros alimentos. Meu olhar faz com que o pajé explique: “a gente só usa óleo do peixe, nada mais”.

Próximo da entrada da casa, o fogão, que se resumia a quatro troncos de lenha acesos. O calor das brasas e a fumaça ajudavam a manter longe os animais domésticos. Nada ali denunciava a presença de banheiro. Não havia também luz elétrica, apesar de a rede passar pela propriedade para abastecer a vizinhança. Uma torneira denunciava a presença de água encanada. A clareira aberta na mata era de cerca de cinquenta metros quadrados, o resto era vegetação fechada, fazendo com que o calor fosse amenizado. O canto de pássaros era o único ruído no local.

A mulher do pajé chamava a atenção pela beleza. Cabelos negros e longos e a pele perfeita. Os dentes brancos iluminaram o rosto quando ela riu para o comentário: “a senhora é muito bonita”. Durante a entrevista com o pajé, ela continuou a tirar a palha do milho, acompanhada da filha de treze anos e de um menino de cerca de quatro anos.

Pergunta – Onde o senhor morava antes de vir para a Tekoha Añetete?

Coronel – Eu morava na aldeia do Pinhal, no município de Nova Laranjeira. Agora eu nasci na Jacutinga, perto de Foz. Quando eu tinha cerca de dois anos, o meu pai se mudou para Laranjeiras, o tal do Pinhal. Lá nós moramos na base de 27 anos. Depois faleceu a minha mãe, quando eu tinha 27 anos. Ela morreu com 43 anos.

Pergunta – De que morreu sua mãe?

Coronel – Um tipo de doença assim, né, que matou ela. Eu tava bem lá na aldeia, mas daí parece que a falecida mãe fez uma coisa ruim assim na pessoa, e daí a gente procura outro lugar para ver se fica mais tranquilo, e foi por isso que eu saí de lá e vim na aldeia do Ocoy. Aqui fiquei um mês mais ou menos, e daí comecei a passar, porque naquele tempo a turma tava lutando para ter essa aldeia. Eu me lembro que foi muito bem ali em Paraná-Porã, perto de Foz, onde fiquei dois meses.

Pergunta – E aqui na Tekoha há quanto tempo o senhor está?

Coronel – Estou há uns sete anos mais ou menos. Eu fiquei aqui um ano e sai e depois voltei aqui de novo.

Pergunta – O que faz com que o senhor saia e volte aqui?

Coronel – É que a gente parece que se acostuma em um lugar e a gente fica por ali e começa a ver que fica ruim para lá e aí volta de novo para cá.

Pergunta – **Como era essa coisa que o senhor sentiu quando a sua mãe morreu?**

Coronel – Era ruim assim. Parece que não ficava bem no lugar e a gente acha falta da mãe assim.

Pergunta – **Quanto tempo após a morte da sua mãe que o senhor começou a não se sentir bem?**

Coronel – Foi após umas duas semanas da morte dela que começou a me atacar aquela coisa ruim assim. Ficar lá parece que não dava. A gente começava a se lembrar e não dava para ficar. Não sei como explicar bem, mas foi por isso que eu resolvi sair de lá com a família e tudo e vim para cá.

Pergunta – **Hoje o senhor é um pajé?**

Coronel – Sim.

Pergunta – **O que é ser um pajé?**

Coronel – O pajé é para fazer curativos com orações quando a pessoa está ruim. Temos duas formas de fazer, que é com a oração e com o cachimbo.

Pergunta – **A oração do cachimbo, quando o senhor usa?**

Coronel – O cachimbo eu uso quando estou na casa de reza (*Opy*) e chega a pessoa doente, eu veja que ela não está bem. Então eu pego o cachimbo e através do Deus (*Nhanderu*), então a força de *Nhanderu* faz a pessoa ficar boa, forte de novo.

Pergunta – **Por que o uso da fumaça?**

Coronel – A fumaça é para doença na terra, que são os vários tipos. Os brancos usam do jeito deles para a cura, e os pajés usam a fumaça e o cachimbo é o símbolo do Deus.

Pergunta – **E quando utiliza a reza para curar?**

Coronel – A reza é por meio do violão, do chocalho e através do chocalho que reza. Nessa reza a gente pede para a pessoa viver bem. Para a pessoa não maltratar outra pessoa nem a própria família.

Pergunta – **Como a aldeia escolhe o pajé?**

Coronel – A aldeia não escolhe o pajé. O pajé é como os portugueses que têm o padre, então ele estuda para padre. A mesma coisa é para ser pajé, ele estuda sobre *Nhanderu-tupã*.

Pergunta – **O que estuda para ser pajé?**

Coronel – Para pajé é pela sabedoria. Eu nunca fui para a escola, nunca pisei lá. Quando eu fiz 12 anos era para eu estudar, mas a escola ficava longe 20 quilômetros da aldeia, mesmo assim eu me matriculei para ir e estudar. Na primeira semana de aula a nossa professora faleceu e eu

nunca mais voltei. Senti as mesmas coisas que senti quando minha mãe morreu e nunca mais voltei. Ela era portuguesa e morreu na hora. Não sei nem ler e nem escrever.

Pergunta – A sua mãe foi enterrada como a tradição Guarani, que é colocar dentro de uma cerâmica na posição de feto, ou no costume branco?

Ver imagens nos DVDs anexos de como era o enterramento dos Guarani.

Coronel – Ela foi enterrada quase no costume branco, mas só que os brancos usam caixão de madeira e nós enterramos em um caixão feito de taquara. Nós fizemos uma espécie de cesto e enrolamos o corpo em um pano e colocamos ela dentro. A gente cantou cantigas durante o enterro.

Pergunta – Hoje aqui na vida do senhor o que é igual à antigamente?

Coronel – Pela morte ou pela vida.

Pergunta – Vamos começar pela morte?

Coronel – Para mim não é diferente, eu já participei de enterro de pessoas ali no cemitério que fica logo ali adiante. Até que nós ajudamos a fazer a sepultura, e não é diferente das outras aldeias. É tudo igual.

Pergunta – E na comida, o que é diferente de antigamente?

Coronel – Tudo. Hoje tudo é diferente por causa que a gente já se acostumou a comer muita coisa do português: pão, arroz, sal... Antigamente não existia nem sal e a gente não sabia o que era pão. Hoje já sabemos disso, tudo é diferente. A gente está usando roupa e calçados. Eu acho que pelo que vejo vai ser muito difícil a gente voltar no mesmo sistema de antigamente.

Pergunta – Por que o senhor acha isso?

Coronel – Porque a gente já fica com tipo vergonha assim. A criança de hoje em dia já não quer ficar sem vestir roupa. Ela fica com vergonha até do próprio parente, do próprio pai e a mãe.

Pergunta – O senhor acha que essa vergonha eles ganharam de quem?

Coronel – A gente veste roupa, né, e se não vestir a gente já fica com vergonha.

Pergunta – Ontem, lá na Itaipu, quando o senhor viu os índios em forma de bonecos na vitrine, o senhor disse ter sentido uma dor muito grande. Por quê?

Coronel – É porque a gente adulto vê aqueles índios no tipo do antigamente, então aquilo já parece que vem uma coisa que a gente sente no coração da gente, uma coisa ruim. É o antigamente que não existe mais.

Pergunta – Aqui o senhor vive em uma casa coberta de palha, sem cama, sem fogão, sem luz, apesar de a rede elétrica ter aqui na casa do índio ao lado e que também tem casa de material como o pajé Lírio. Por que isso?

Coronel – Antigamente eu tinha uma casa de material, mas eu saí daquela casa. Eu tenho uma casa boa aqui na aldeia.

Pergunta – E por que não mora lá?

Coronel – Ela fica muito longe para as crianças estudarem. Eu tinha dois piás, hoje estão em Guaíra. Ficava ruim para eles, tinham de andar muito. E eles são crianças, não conhecem o perigo em um mato assim. Se encontra uma cobra, criança não sabe o que é e vai que acontece alguma coisa. As crianças não sabem o que é bicho, então tudo isso ajudou para eu vir morar aqui.

Pergunta – E na idade que os seus filhos têm, o senhor sabia o que era cobra?

Coronel – Sim, eu sabia.

Pergunta - E como os seus filhos não sabem?

Coronel – É porque criança de hoje em dia eles começam a brincar como se não fosse nada e as cobras são perigosas. Eu já fui picado duas vezes por cobra.

Pergunta – O que fez para não morrer?

Coronel – Não morri porque a gente tem fé em *Nhanderu*, então é difícil de morrer.

Pergunta – Foi ao médico?

Coronel – Não.

Pergunta – Como pajé, o senhor tem poder. Esse é o mesmo poder dos pajés de antigamente?

Coronel – Acho que sim.

Pergunta – Mas e os índios de hoje reconhecem isso?

Coronel – Tem algum que tem na ideia, no pensamento assim, e eles sabem o que é o pajé, mas hoje em dia as piizadas [crianças e adolescentes], para eles a gente não é mais nada, né?

Pergunta – O que está fazendo para que eles já não vejam esse poder no pajé?

Coronel – É por falta de a gente educar o filho.

Pergunta – O senhor acha que a televisão poder ser um dos motivos deste distanciamento?

Coronel – Sim.

Pergunta – Por que o senhor não tem luz e nem televisão aqui, uma vez que a rede passa aqui na frente da sua casa?

Coronel – É porque esse tipo de TV e esse tipo de luz, como tem muita energia, isso serve para atrair os raios enviados por *Nhanderu*. Ele puxa muito. Se ele estourar acaba tudo.

Pergunta – E esse raio é o quê, aviso de Tupã?

Coronel – É porque a gente tá abusando e o *Nhanderu* vê isso. E se a gente tá abusando, então se é Deus e do poder de Deus a gente não se escapa, mas nem, nem um pouquinho. Então o que

o Deus disse vai acontecer. Então só a pessoa que fala as coisas e eles não acontecem, mas com Deus não, ele não é assim o *Nhanderu*.

Pergunta – Como é o *Nhanderu*?

Coronel – Ele tem força demais.

Pergunta – O senhor já assistiu TV?

Coronel – Sim, algumas vezes, quando eu vou nas outras casas, a gente pode olhar assim. Eu acho bom assim.

Pergunta – O senhor gosta, mas não quer ter em casa?

Coronel – Não.

Pergunta – E essa casa de reza (*Opy*), foi o senhor que pediu para construir?

Coronel – Não. Eles construíram a casa de reza quando eu estava na aldeia do Itamarã. Se você quiser, a gente visita a casa para você ver como é.

Pergunta – Tem um rezador, ou é o pajé que reza na casa?

Coronel – Eu rezo ali.

Pergunta – Quando o pajé reza na casa de reza?

Coronel – O pajé reza quando são levados os doentes para lá.

Pergunta – O que o senhor acha da cidade grande?

Coronel – A cidade grande é boa. Eu falo assim, quando vamos à cidade, nós vemos tanta coisa e nós achamos bom o sistema dos portugueses. Ali a gente pode aprender muita coisa. A gente vê como é e pode compreender algumas coisas. Se ficar só na aldeia, é difícil de entender os trabalhos dos portugueses.

Pergunta – Se o senhor tivesse que escolher alguma coisa da cidade para trazer para a aldeia, o que seria?

Ele faz um longo silêncio e responde.

Coronel – Eu traria uma coisa boa.

Pergunta – O que é bom para o senhor?

Coronel – Bom é chegar em uma casa e falar para a família o que a gente viu lá na cidade ou em qualquer parte. Para mim esse é o bom.

Pergunta – Esse milho foi plantado aqui?

Coronel – Sim.

Pergunta – O que fazem com esse milho?

Coronel – A gente faz canjica e a gente coloca em um balde como aquele ali e deixamos uns dois dias com água e depois começamos a socar para fazer um tipo de bebida para nós tomarmos.

Pergunta – É cachaça?

Coronel – Não! Eu não sei como chama em português, mas em guarani é *cauy*, é tipo um suco que a crianças também pode tomar.

Pergunta – Fazem a farinha para fazer polenta?

Coronel – Fazemos, mas não para isso que você falou. A gente amassa e depois coloca na água quente como se fossem bolinhos e vai cuidando até cozinhar bem.

Pergunta – Na cidade, o senhor compra alimentos como farinha, carne, sal...?

Coronel – Sim, hoje em dia a gente já se acostumou com as comidas dos brancos. A gente pode trazer alguma carne, alguma farinha de trigo, açúcar.

Pergunta – Como pajé, que tipo de doenças o senhor atende mais?

Coronel – Febre, dor de cabeça e dor em todo o corpo.

Pergunta – O senhor sabe quais os motivos que provocam essas doenças?

Coronel – Tem o tempo da doença na terra. A gente vê os ventos que vêm assim trazendo a doença, e esse vento coloca na pessoa a doença.

Pergunta – Hoje havia muito vento, que doenças ele pode ter trazido?

Coronel – Vários tipos, porque hoje em dia a aldeia como está aqui, os fazendeiros, mesmo longe daqui, soltam o veneno para a roça e matar bicho, e o vento traz para a aldeia esse veneno. A gente fica com dor de cabeça só com esse cheiro de veneno.

Pergunta – Hoje, o que mais preocupa o senhor?

Coronel – Olha, é tanta coisa, a gente se preocupa com a criança e o adulto porque hoje em dia é tudo muito diferente.

Pergunta – O seu pai mora onde?

Coronel – Ele mora em Pinhal, no município de Nova Laranjeiras.

Pergunta – Durante a formação do lago de Itaipu, o senhor morava na Jacutinga?

Coronel – Antes disso, sim, eu tinha dois anos.

Pergunta – O Parque Nacional do Iguaçu tem mais de 65 anos e o senhor tem 59. Os seus avós chegaram a morar no Parque?

Coronel – Acho que a minha avó era de Guaíra, mas não lembro muito bem.

Pergunta – O senhor não se lembra de nada sobre os seus avôs, deles falando como era antigamente?

Coronel – Não, eu era meio piá.

Entrevista com Graciela Alvez, 17 anos

“Quando eu tinha doze anos, minha mãe me deu um remédio caseiro que era para não ter filhos, mas se eu quisesse ter eu tinha de tomar outro para ter filhos, mas eu ainda não quero ter filhos”, diz a jovem, Graciela Alvez, dezessete anos, casada há um ano. Ela tem no corpo três tatuagens: uma do grupo KLB, a outra com o nome de um homem que não é o do marido, e, na coxa esquerda, a tatuagem com o nome da irmã que ela mais gosta.

A família de Graciela chegou à aldeia quando a índia tinha seis anos. Hoje, aos dezessete, ela representa a primeira geração de adolescentes do lugar. Carrega a responsabilidade de suceder o legado indígena cada vez mais desconfigurado. Casada, mora com os pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos. Um deles, Inácio, de doze anos, refere-se a ela como “gorda” devido ao excesso de peso.

Quando questionada sobre qualquer assunto, inicia as frases com: “olha, eu não me incomodo”. Ela fala fluentemente o guarani, português e espanhol. Destaca-se entre o grupo de meninas da mesma idade pelas ideias. Ao contrário da maioria, não quer filhos: “Eu quero criar os meus filhos e agora estudando não poderia criar eles”. Usa tatuagens no corpo e diz “amar” o Grupo KLB e suas canções melosas sobre garotas maravilhosas e apaixonadas.

Quer ser professora de história, e a ideia de escrever romances tendo como cenário a aldeia faz com que ela se esforce em ir à aula na escola de Diamante do Oeste, onde cursa a sexta série. Ela ofereceu-se para me acompanhar na pesquisa, mas tornou-se extremamente atenciosa com as entrevistas, principalmente nas traduções. Seu encontro com o sogro, o seu Aleixo, foi simbólico. Ali havia uma diferença de quase cem anos entre as duas gerações.

Pergunta – O que você mais gosta de fazer aqui na aldeia?

Graciela – Eu gosto de tomar banho no rio, pescar, ir no mato. Aquela menina que mora ali, ela morava comigo também, quando a gente não era casada. Era só a gente que ia trazer a lenha para casa. Ela, eu e a minha irmã íamos no mato para brincar. A gente fazia de tudo.

Pergunta – E hoje em dia, dá para tomar banho no rio?

Graciela – Às vezes, porque quando chove o rio fica muito sujo e ele fica grande, cresce, por isso quando chove não dá para tomar banho.

Pergunta – Fora tomar banho no rio, o que mais você gosta de fazer?

Graciela – Eu gosto de passear nos amigos.

Pergunta – E você gosta de ir na cidade?

Graciela – Eu gosto de ir, mas é para estudar, não para passear.

Pergunta – E se fosse para morar na cidade?

Graciela – Não eu não gostaria.

Pergunta – **Nunca pensou em morar na cidade?**

Graciela – Nunca pensei.

Pergunta – **A maioria das meninas índias da sua idade conta que gostam de ir à cidade para ver o shopping, de ir ao cinema, andar de carro. Por que que você não tem essa vontade?**

Graciela – Não, eu sempre digo que dinheiro não é tudo. Tem o costume de vocês, das meninas brancas de gostar do shopping. Então aqui na aldeia as meninas gostam de ir.

Pergunta – **E agora casada não vai mais?**

Graciela – Sim, às vezes a gente combina de ir pescar com ela.

Pergunta – **Você casou com que idade?**

Graciela – Com 16 anos.

Pergunta – **Vou perguntar, mas, se você se sentir incomodada, não precisa responder. Para não termos filhos tomamos anticoncepcional, usamos camisinha. Você faz isso?**

Graciela – Não.

Pergunta – **Como você faz para evitar filhos?**

Graciela – Quando eu tinha 12 anos minha mãe me deu um remédio caseiro que era para não ter filhos, mas se eu quisesse ter eu tinha de tomar outro para ter filhos, mas eu ainda não quero ter filhos.

Pergunta – **Você lembra como era esse remédio?**

Graciela – Não.

Pergunta – **Hoje você tem 17 anos e ontem você disse que não pensa em ter filhos. Por que tomou essa decisão?**

Graciela – É assim, eu estudo e penso em trabalhar também, mas ter filhos não, não agora. Se eu estudar e o pai trabalhar, quem vai cuidar do meu filho, assim não vai dar.

Pergunta – **E o que o seu marido acha de você não querer filhos, já que o costume indígena é ter filhos logo após o casamento?**

Graciela – Ele não fala nada assim. Ele acha estranho, mas essa é minha vontade, então vai fazer o quê?

Pergunta – **E a sua mãe?**

Graciela – Ela só pergunta por que eu não quero ter filhos logo, só isso.

Pergunta – **Como você teve essa idéia de não querer filhos agora e a percepção de que você quer criá-los?**

Graciela – Vou dizer uma coisa: eu gosto muito de criança, eu quero ter filhos, mas eu não quero ter para outro criar.

Pergunta – **Você mora com a sua mãe. Você gostaria de ter uma casa só sua e com seu marido?**

Graciela – Eu tenho uma casa, mas emprestei para a minha irmã, que tem um filho e o marido dela. Eu irei para lá quando ela for para outra casa.

Pergunta – **O que você pretende fazer quando terminar o segundo grau?**

Graciela – Eu quero ser professora de história.

Pergunta – **Você disse que gosta de escrever. O que tem escrito ultimamente?**

Graciela – Escrevi muitas histórias aqui da aldeia. Sei que tem histórias boas para serem contadas dos moradores daqui. O que eu havia escrito eu acabei perdendo.

Pergunta – **Eu vi que você tem tatuagens. Essa é do Grupo KLB?**

Graciela – Sim, eu gosto deles, mas não gosto que as pessoas vejam essa tatuagem.

Pergunta – **É para sempre?**

Graciela – Sim.

Pergunta – **E aquela outra no braço esquerdo que está escrito YAM é o quê?**

Graciela – É o nome de alguém.

Pergunta – **E o marido sabe de quem é esse nome?**

Graciela – Não, mas é dos amigos.

Ela fica sem jeito e olha para o sobrinho, que filma a entrevista e ri.

Pergunta – **Com que idade você fez a tatuagem?**

Graciela – Com 16 anos.

Pergunta – **Você fez aqui na aldeia?**

Graciela – Sim, foi o meu tio quem fez com uma maquininha.

Pergunta – **E doeu?**

Graciela – Um pouco.

Pergunta – **O que os teus pais disseram quando viram a tatuagem?**

Graciela – Disseram que eu era louca e “por que você fez isso?”, mas eu respondi que queria fazer. Eu gosto muito de usar esses nomes e por isso mandei fazer.

Pergunta – **Tem mais alguma ou são essas duas?**

Graciela – Só essas duas.

Ela responde sem jeito, e eu insisto.

Pergunta – **Será que são só essas duas mesmo?**

Graciela – Tem mais essa aqui na coxa.

Pergunta – O que está escrito ali?

Graciela – Eliana, o nome da minha irmã.

Pergunta – Por que o nome dela?

Graciela – Por que eu gosto mais dela. A gente conversa mais.

Pergunta – Como é viver aqui na aldeia sem loja, sem shopping e sabendo que tem tanta coisa lá fora?

Graciela – A gente sabe que tem muita coisa lá fora e aqui na aldeia não tem nada, mas eu não me incomodo com isso. Eu gosto do que eu tenho. Se eu tiver, eu compro, mas, se não tiver, eu não compro. Não me incomodo de saber que na cidade tem mais coisa do que aqui na aldeia.

Pergunta – O que você acha de aqui na aldeia não ter professores índios, médicos, motoristas, enfim, todo o trabalho é feito por brancos?

Graciela – Eu acho que essa aldeia é nova, tem sete ou oito anos [são onze], mas até agora tem um monte de pessoa estudando, mas eles não continuam, então dá problema. Se tivessem estudado até o fim, podia substituir os de fora que trabalham aqui. Aqui já não teria mais branco. Muitos diziam que voltarão para a escola após conseguir trabalho, mas se quisessem trabalhar não tinham parado de estudar. Você perguntou na folha que eu preenchi o que eu gostaria que tivesse aqui na aldeia e que não tem, então eu disse que era uma professora indígena.

Pergunta – Quando você foi batizada, além do nome de registro, você recebeu o nome do pajé que é da tradição. Por que esse costume?

Graciela – Os pajés falam que tem que ter. Quando uma criança nasce após fazer dois ou três anos ela é batizada sem o nome, os pajés falam que precisa colocar o nome indígena para ela melhorar.

Pergunta – Hoje quando você assiste à televisão e percebe que ela traz um universo que não é indígena, o que você pensa?

Graciela – Como assim?

Pergunta – Tanto a novela como os programas não focam o índio diretamente e nem têm o índio como elemento principal, apesar da grande população indígena?

Graciela – Eu não me incomodo de assistir TV e não ver os índios.

Pergunta – Mas você gostaria de ver o índio mais presente e com maior autoridade?

Graciela – Eu gostaria de ver, mas...

Pergunta – Foi você que respondeu o questionário e escreveu que quando o índio aparece na TV ele é representado como sendo “burro”?

Graciela – Não é como burro, mas às vezes eu acho isso, nas novelas eles protagonizam os índios e às vezes eles fazem uma coisa que os índios não fazem.

Pergunta – Por que você acha que eles colocam o índio assim?

Graciela – É por falta de conhecimento. Porque que eles não vão conhecer mais antes de fazer essas coisas, porque a gente assiste e gosta da novela, mas ofende os índios.

Pergunta – Quando você vai à escola na cidade, como as pessoas tratam você?

Graciela – Daqui de Diamante do Oeste eu não tenho o que falar, mas, de São Miguel, eles olham os índios passando e parecem que não gostam da gente, e eu também não gosto muito deles.

Pergunta – Será que eles não gostam ou eles não conhecem?

Graciela – Os dois, né? Às vezes eles não gostam e às vezes não conhecem os índios.

Entrevista com Lorenza Chamorro

“No passado, o meu avô falava que o colar do índio era o seu CPF, o cocar era a Identidade, a pulseira, a Carteira de Trabalho e a mata era nossa Bandeira. Hoje isso não vale mais nada.” – Lorenza Chamorro, nome de batismo Arapoty – significa Céu Florido

O posto de mulher do cacique deu novo “brilho” à Lorenza Chamorro, trinta e quatro anos. Em janeiro, quando estive na aldeia pela primeira vez, ela foi a protagonista do pedido para que eu escrevesse uma carta ao programa Domingo Legal, do SBT. Seu desejo era receber presentes como ‘símbolo de afeto’ por não ter conhecido o próprio pai.

Agora ela conta ter em casa CDs e DVDs com música e danças indígenas para ouvir com os filhos. “Criança, de tanto ouvir, acaba gostando”. Verdade ou não, mas todas as vezes em que estive na casa dela o som era indígena. Dona Lorenza também não parece mais acanhada, simples, discreta. Ao contrário, na ausência do marido, ela acompanha a distribuição de cestas básicas, ajuda a carregar os pacotes com sessenta quilos, decide sobre viagens, faz reuniões e viaja sempre que necessário para representar a aldeia.

Como mulher do professor, o cacique João Alves, ela diz que ele deve continuar a ser professor pelo salário, mas também deve ser o cacique pela “liderança que é ser cacique, cujo cargo não é remunerado”. Ao contrário dos demais moradores, ela fez questão de contar os motivos que teriam ‘derrubado’ o cunhado do cargo de cacique. “Aqui na aldeia é assim: não trabalha para os moradores, tem de sair. O Luciano vivia nervoso, não tinha paciência, então nos reunimos e a comunidade votou para ele sair”. Em janeiro, dona Lorenza costumava passar as tardes com dona Santa, a mulher do então cacique, fato que não ocorreu nenhuma vez durante entre os dias oito e quatorze, quando permaneci na aldeia.

Pergunta – O que acontece com a criança se ela não receber o nome indígena?

Lorenza – Sem o nome indígena ela não tem saúde.

Pergunta – Hoje ainda é mantido esse costume na hora de batizar as crianças?

Lorenza – Sim, ainda é mantido.

Pergunta – Além do nome, hoje, o que é mantido como tradição da tribo na educação, por exemplo?

Lorenza – O pajé na casa de reza dá conselhos de como tem que ser.

Pergunta – E os pais, eles seguem esse conselho?

Lorenza – Sim, eles seguem.

Pergunta – E se não seguir?

Lorenza – Seguem sim, a gente grava tudo na cabeça o que o pajé fala.

Pergunta – Os teus filhos têm o nome indígena?

Lorenza – Sim, são três meninas e dois rapazes. A Michele, 15, “Taquarajú”, que significa que ela dança com a taquara na casa de reza. A Franciele, 11, “Taquarapony”, que significa que ela está seguindo adiante. O Julinho, 27, “Maracã”, que significa o chocalho que balança, representando alegria. O Marcelo, 20, “Jocupeju”, quando o pajé foi escolher o nome, a criança se recusou o nome indígena, então ficou como a recusa de pajé. A Gabriele, 6, Taquarasapã, ela significa neblina, aquele chuvisco antes da chuva. Eu tive mais dois, mas um morreu aos 10 anos após ser atingido por um pedaço de telha na cabeça. Ele estava brincando com amiguinhos e a telha bateu bem aqui. [Ela mostra a região da nuca]. Ele morreu na hora. Depois, uma menina de um ano que ficou doente e também morreu.

Pergunta – A senhora os enterrou onde? Isso se a senhora quiser falar sobre o assunto.

Lorenza – A gente enterrou ali no cemitério adiante. O índio Francisco é nosso compadre, porque ele ajudou muito na hora de enterrar, então ele ficou nosso compadre.

Pergunta – Antigamente eram feitas urnas de cerâmica e o corpo era enterrado lá dentro na posição de feto. Foi assim também com os seus filhos?

Lorenza – Antigamente era assim, mas agora a gente não faz mais porque não tem mais a cerâmica. Agora usamos como o branco, dentro de um caixão.

Pergunta – Na religião católica, diz-se que quando alguém morre vai para o céu. E os índios como é?

Lorenza – A gente, quando morre, se não tiver pecado, é recebido por *Nhanderu*, senão volta para a terra e não é mais recebido por *Nhanderu*. Às vezes a gente houve vozes de noite e por aí, são das pessoas que voltaram. São as almas perdidas.

Pergunta – Para não ser recebido por *Nhanderu*, a pessoa tem de ter feito o quê?

Lorenza – Tem de ter muito pecado, que é fazer mal para o outro, para o parente.

Pergunta – Como é criar cinco filhos tão perto da cidade?

Lorenza – Eu não deixo eles saírem sozinhos, nem filho ou filha.

Pergunta – Elas vão na aula na cidade, e o Julinho é auxiliar de enfermagem e viaja com a Funasa para outras cidades até?

Lorenza – Eu dou conselho e digo que se você vai para fora da aldeia tem que ter respeito e o branco tem de dar respeito para você. Tem que ser assim.

Pergunta – E quando elas vão à cidade e veem tal roupa para comprar, o que a senhora diz?

Lorenza – Quando eles veem, eles já querem as coisas do branco, mas eu digo que não posso comprar porque é muito caro. A gente não tem dinheiro para comprar, daí eles compreendem e não falam nada para nós.

Pergunta – E se elas insistem com um brinco, por exemplo?

Lorenza – Não, a gente diz que não pode.

Pergunta – E você, Lorenza, gosta de morar aqui na aldeia?

Lorenza – Sim, porque na cidade eu não gosto, porque tem muito barulho e não dá para escutar *Nhanderu*.

Pergunta – E quando *Nhanderu* fala?

Lorenza – Você tem que pensar nele e ter ele no coração, que aí você escuta muita coisa, música até, ele se abaixa para a gente ouvir.

Pergunta – Uma das suas filhas já está com 15 anos, a senhora gostaria que ela se casasse com essa idade?

Lorenza – Não, eu já falei para ela. Já disse que casar não é fácil e nem criar filhos é fácil. A noite não dorme bem se tiver criança, se a criança fica doente a gente tem de levar no pajé, nem que é chuva ou escuro tem que levar para o pajé benzer a criança. Esse é o costume da aldeia.

Pergunta – A dona Santa está dando chá para as filhas para evitar que elas engravidem. A senhora também faz isso?

Lorenza – Sim.

Pergunta – Como é esse chá?

Lorenza – É o mais velho da tribo que dá o chá, para as minhas filhas é a minha mãe. Ela dá todo o mês.

Pergunta – Nos tomamos anticoncepcional receitado pelo médico, mas esse chá dá certo mesmo?

Lorenza – Dá certo, elas nunca tomaram o remédio dos brancos, nunca.

Pergunta – Se elas casarem, a senhora gostaria que elas morassem com vocês?

Lorenza – Sim, imagina, a gente como mãe gostaria, mas se eles não quiserem não tem o que fazer.

Pergunta – Elas já estão namorando?

Lorenza – Só a mais nova, a Franciele, de 11 anos. A Michele disse que quer estudar.

Pergunta – Ela namora um índio?

Lorenza – Sim.

Pergunta – E se elas viessem a namorar um branco?

Lorenza – Eu já falei e dou conselho, porque a gente não pode se misturar com o branco, porque cada um com sua cultura. Eles não vão mais falar nossa língua e até os filhos não vão mais falar nossa língua, além de dar problemas.

Pergunta – O que a senhora tem mais medo quando o assunto são os filhos?

Lorenza – Meu maior medo é que eles casem com branco, porque vai tirar o nosso sistema.

Pergunta – O pajé representa o que para a senhora?

Lorenza – O pajé é de valor, porque ele cura todo mundo que fica doente. Se você fica doente, você vai lá, e ele faz oração para *Nhanderu*, e no outro dia você fica bom, volta a ficar alegre e sorrir.

Pergunta – A televisão traz uma vida totalmente diferente...?

Lorenza – Sim, mas a gente não deixa elas assistirem muita TV.

Pergunta – E há briga?

Lorenza – Não, a gente controla, mas, como nós temos DVD com reza indígena, a gente coloca aquele para eles assistir e eles gostam.

Pergunta – Se você pudesse colocar programas só indígenas, você colocaria?

Lorenza – Sim, colocaria.

Pergunta – Como o índio mostra que é índio hoje em dia?

Lorenza – O índio tem que se pintar, tirar a roupa para dizer que é índio. As pessoas não acreditam mais que é índio por causa da roupa.

Pergunta – Então, na sua opinião, o índio tem de voltar a andar pelado, é isso?

Lorenza – Andar pelado não vai dar certo, porque já se acostumou com a roupa, mas tem de cuidar para não perder a língua e a cultura.

Pergunta – A senhora morou na Aldeia Jacutinga, como era?

Lorenza – A minha mãe me dava comida e eu brincava na casa de reza com os meus amigos. Quando a minha mãe ia pescar, ela me levava. Tinha água correndo para baixo. A gente tirava de lá peixe e eles eram grandes.

Pergunta – E quando começou a chegar a água da represa, o que fizeram?

Lorenza – Nós saímos de lá e fomos trabalhar em uma fazenda. Ali, a minha tia Izadora mandou um papel dizendo que era para a gente voltar, e daí voltamos e ficamos na Jacutinga. Então mandaram um caminhão e levaram a gente para a Aldeia do Ocoy e ali que ficamos. Eu lembro disso porque tinha 10 anos.

Entrevista com o Pajé Benzedor Lírío Chamorro

No dia 10, às onze horas, na casa do pajé benzedor, Lírío Chamorro, oitenta e um anos, e de Dionísia Chamorro, setenta e um anos, a caminhonete da Funai levava mais um índio para o hospital. Em janeiro, o surto de varicela havia atingido os netos que moravam com o casal, e uma das netas havia sido vítima de picadas de abelha, também levada para o hospital.

O cargo de pajé curador da aldeia não tem evitado que a família de seu Lírío Chamorro fique doente e também escape do atendimento do Posto de Saúde da aldeia e dos hospitais da região. No dia 13, às dez horas, a caminhonete da Funasa levava mais um neto para o hospital. Ele havia passado a noite com febre e tosse.

A presença dos agentes parecia incomodar Chamorro, que queria saber antecipadamente o que fariam com a criança. A nora de Chamorro parecia também irritada, mas era com a insistência do pajé curador. Ao final de uma conversa em guarani, intermediada pelo agente, o índio Julinho, o carro deixa a casa com a criança e a mãe no interior do automóvel e desaparece na estrada.

Questionado se estava disposto a conversar, ele respondeu que seria indiferente e que sua mulher responderia à maioria das perguntas. Antes de morar na aldeia, Chamorro e a mulher Dionísia viviam no Mato Grosso em uma fazenda de gado leiteiro, motivo que fazia com que o casal entendesse e falasse fluentemente o português. Mesmo assim, o pajé pouco falou. Mostrou-se irônico, preferindo falar em guarani com a mulher. Esta, quando questionada sobre a resposta, evitava ser fiel à fala do marido.

Pergunta – Seu Lírío, como é morar aqui na Tekoha?

Chamorro – Eu moro bem.

Pergunta – Antes de vir para esta aldeia, onde moraram?

Chamorro – A gente tinha outra casa de madeira ali, onde moramos primeiro.

Pergunta – Dona Dionísia, moraram onde antes de vir para a Tekoha?

Dionísia – A gente morou na Ocoy e, antes dela, no norte do Mato Grosso.

Pergunta – Qual era a aldeia no Mato Grosso?

Dionísia – Não era aldeia, a gente morou em uma fazenda, na fazenda Matovi, na cidade de Paranacity.

Pergunta – O que faziam lá?

Dionísia – A gente trabalhava na roça, tirava leite e cuidava do gado.

Pergunta – A última vez que vocês moraram em uma aldeia foi quando eram jovens?

Dionísia – Não, a gente morou na Ocoy.

Pergunta – Como é morar aqui?

Dionísia – É bom.

Pergunta – Quando eu cheguei aqui em janeiro, o seu João [professor da aldeia e atual cacique e casado com a Lorenza, a neta do seu Lírío e da dona Dionísia] me disse que o senhor era pajé?

Chamorro – Hum, hum...

Dionísia – Não, ele é benzedor

Pergunta – O que faz um benzedor?

Chamorro – Cuida das doenças.

Pergunta – Qual tipo de doenças?

Dionísia – Toda doença.

Pergunta – Usa o que para benzer?

Chamorro – Hum, hum...

Pergunta – Usa remédio, fumaça para benzer, reza?

Dionísia – Fumaça.

Pergunta – Aqui o senhor planta o quê?

Chamorro – Planta milho, mandioca.

Pergunta – Tem gado também?

Dionísia – Sim.

Pergunta – Quantos, sabe?

Chamorro – cinco.

Ele responde após a mulher falar em guarani com ele.

Dionísia – Tem milho, tem batata.

Pergunta – Quando vocês vão para a cidade, compram o quê?

Chamorro – Lá em Diamante?

Pergunta – Sim, compram o quê, comida?

Dionísia – Comida, arroz, feijão, trigo, sal, banha.

Pergunta – Na fazenda onde moravam, plantavam mais coisas do que aqui?

Dionísia e Chamorro – Sim, a gente plantava laranja, abacate, manga, mexerica, batata.

Pergunta – Hoje, para saber o que acontece na cidade, vocês assistem pela TV. Se não tivesse a TV, seria como?

Chamorro – Não sei.

Pergunta – E, dona Dionísia, se não tivesse a TV, como se informavam?

Dionísia – Com visita.

Pergunta – Hoje o que a senhora gosta de fazer?

Dionísia – Comida, lavar roupa, tudo, queijo...

Pergunta – E o senhor gosta de fazer o quê?

Chamorro – Ficar sentado e tomar tererê.

Pergunta – Esse é esperto, sentar, tomar tererê e assistir TV, não é?

Chamorro – Sim, e dormir também.

Digo que se pudesse faria o mesmo, e eles riem, aprovando o modo de vida.

Pergunta – Os filhos também moram aqui?

Dionísia – Sim, alguns, e outro nas casas lá embaixo.

Pergunta – Eles trabalham onde?

Dionísia – Na roça também.

Pergunta – Esse ano deu bastante geadas, frio, e matou tudo. Estávamos no seu Aleixo, e ele disse que matou a melancia, batata...

Dionísia – Lá matou tudo, mas aqui não.

Pergunta – Por que não matou aqui?

Dionísia – Não sei.

Pergunta – Será que é porque aqui é mais alto?

Dionísia – Eu acho.

Pergunta – Quando dá esse tipo de geadas e mata tudo, o que vocês fazem?

Chamorro – Planta de novo.

Pergunta – Quando vocês vão fazer compra na cidade, as pessoas sabem que vocês são índios?

Chamorro – Hum, hum...

Pergunta – E a senhora, dona Dionísia, como é tratada? De forma normal, não fazem perguntas?

Dionísia – Não, nada.

Pergunta – E, antigamente, perguntavam se eram índios?

Dionísia – Perguntavam.

Pergunta – E hoje eles não perguntam mais porque estão acostumados?

Dionísia – É sim.

Pergunta – Hoje tá cozinhando o quê? Quando eu vim da outra vez, a senhora estava cozinhando um tatu.

Chamorro – Não tem mais tatu.

Pergunta – Acho que tem poucos mesmo?

Dionísia – É.

Entrevista com o cacique Mário

Pergunta – Os índios são assim como na reportagem, onde a repórter mostrou eles dançando e vestidos com penas?

Resposta – Não. A maioria das vezes o índio é emancipado, mas as pessoas nem conhecem os índios. Ele [branco] mora pertinho, mas nem sabe que é índio.

Pergunta – Por que que eles têm essa idéia?

Resposta – Eles pensam assim, que os índios têm que se vestir assim. Nos livros diz que os índios têm que se vestir de penas, de palhas e essas coisas, e quando eles veem um índio vestido assim eles pensam que não é índio. Se eu falo “olha, eu sou índio”, eles respondem “mas você veste roupas, veste calçado”. Só que hoje os índios se modernizaram junto com os brancos.

Pergunta – O que falta para a Aldeia mostrar que ela mantém a própria cultura?

Resposta – O índio só é lembrado no dia 19 de abril. Fazem festa para todo lado, na escola, na calçada, no pátio, mas e os outros 364 dias, quando será que se lembram, será que fazem alguma coisa pelos índios? Ou esses outros dias usam o índio só para xingar os outros e ofender os outros usando o nome indígena. Muitas vezes a pessoa usa a palavra “índio só para xingar os outros” e não se lembra que o índio não é um bicho como eles falam.

Pergunta – Também mesmo vocês morando aqui na aldeia, vocês já está morando em casas.

Resposta – Sim, já não é mais em uma floresta como ele fala.

Pergunta – Será que as pessoas têm preguiça para aprender sobre o índio, o que está acontecendo?

Resposta – Acho que o assunto índio não interessa para eles. Para eles não vai dar audiência falar sobre o índio. Hoje quem tem mais interesse de aprender sobre os índios são os universitários que fazem História. A maioria dos universitários que vem fazer pesquisa aqui é porque está fazendo História. Tem um aluno de Toledo e um de Guarapuava que vêm aqui às vezes e fica dois e três dias para fazer pesquisa. Eles fazem História e tem de fazer trabalhos, então eles se interessam muito sobre os índios.

Pergunta – Fora esses estudantes, vem mais alguém de fora para conhecer vocês?

Resposta – É, algumas entidades vêm para ajudar. Esse Centro Cultural que a gente conseguiu construir [local onde eu morei e local da reunião. O prédio está pronto há mais de nove meses e era a primeira vez que era usado para uma atividade. No local também deveria abrigar artesanato em barro e argila, além das produções de colares e pulseiras, mas nenhuma peça havia sido colocada ainda] é resultado de um projeto que fizemos e que foi financiado pela Itália, que tem uma entidade em Guarapuava. Fizemos uma parceria com eles que fizeram a comunicação e vamos fazendo projetos.

Pergunta – O que vocês acham de receber ajuda de outros países, como a Itália, que fica em outro continente, e aqui o Brasil pouco se interessa pela questão do índio?

Resposta – É porque eles [Brasil] têm mais interesse financeiro e não pelo valor da cultura de cada um. Já os italianos fazem parte deles mesmo se interessar mais pela cultura, então eles ajudam os outros a também preservar a cultura.

Pergunta – Você acha que ainda hoje seria possível produzir a tinta para vocês se pintarem e as penas sem serem coloridas com Ki-suco?

Resposta – É possível, sim.

Pergunta – E o que falta?

Resposta – É só pegar com os mais velhos, é pegar a informação. Hoje em dia já não tem mais esse conhecimento sobre essa técnica que eles usavam. Então só os mais velhos que sabem como fazer a tinta, de onde tiravam e quem fazia e quem podia usar. Então só os mais velhos mesmo.

Pergunta – Por que você acha que o jovem de hoje não tem mais esse interesse pela cultura?

Resposta – É por causa das escolas que vêm interferindo, não tanto pelo lado negativo, mas as crianças vão para a escola e, à tarde, têm de fazer as tarefas, e o pai não tem mais esse interesse em ensinar a cultura dele.

Pergunta – Mário! Quando você fala para as pessoas que você não é índio, o que elas dizem?

Resposta – Elas sempre falam que eu não pareço índio e que eu estou mentindo. Elas dizem que eu tinha de ter um vestuário diferente, tipo pena e tal...

Pergunta – E você, Mário?

Resposta – Eu, gostando ou não gostando, eu nasci índio e tenho que gostar porque eu nasci índio. Tenho que gostar do que sou ...

Pergunta – O que você acha de ter um pajé na aldeia?

Pergunta – Todas as noites têm reza e canto na Casa de Reza. Isso ajuda a manter a cultura de vocês?

Respostas – Sim, sim, sim.

Pergunta – Por quê?

Resposta – Para aumentar a força?

Pergunta – E o que mais?

Resposta – É melhor do que ficar na frente da televisão, onde os piazinhos começam a brincar com espadas [Ele não usa o que seria esperado, que é flecha, em uma referência clara aos desenhos animados, em que a espada é frequente], um começa cutucar o outro e começam a brigar. Muitas vezes os pais deixam a criança vendo coisa que não pode na televisão ao invés de levar as crianças na casa de reza para dançar e se cansar lá.

A resposta parece incomodar Lorenza.

Pergunta – A televisão está presente na casa de vocês. Se vocês pudessem influenciar na programação, o que vocês pediriam?

Resposta – Cada programa tem horário próprio, como para as crianças e os adultos, só que tem autoridade na casa para dizer o que pode ou não.

Lorenza balança a cabeça e desaprova.

Pergunta – Essa autoridade ainda existe?

Resposta – Eu diria que apenas 30%.

Pergunta – Eu, morando aqui na aldeia, vi que o artesanato é feito pelas mães e avós de vocês e o jovem pouco aparece. Por quê?

Resposta Preguiça. Eu acho que as crianças hoje não têm mais interesse de aprender artesanato. Eu aprendi quando era criança [ele tem 21 anos], mas agora, ser for pensar, a gente vai pensar que é importante fazer o artesanato para quando tiver um filho poder passar para ele, e as crianças, se você não incentivar eles, eles não vão querer aprender. Se você não explicar para eles para que é importante aprender, eles não se interessam.

Pergunta – Você acha que esse é o jeito de manter a tradição?

Resposta – Os professores também têm de trabalhar com os alunos para eles fazer.

Quando estive em janeiro, em meu primeiro contado com a aldeia, a filosofia do ex-cacique era de que as mulheres ensinassem os filhos no barracão.

VISITA DE LORENZA

Minha primeira visita é à mulher do vice-cacique Lourença, 34. Na aldeia sempre que alguém chega sozinho e para pedir alguma coisa. Eles nunca pedem nada se há mais alguém. O vice-cacique pediu uma câmera de filmar digital, modelo sony, com bateria e carregador. Ele quer filmar a vida da aldeia. A dona Francisca quer roupas para os filhos e ela. Diz que se não acredito que ela passa por dificuldades, posso visitá-la para conferir. Após cumprimentos e oferecimento da cadeira, a mulher pergunta:

- Senhora poderia escrever uma carta para o programa do Gugu Liberato para pedir que ele me mande presentes.

- Desculpa! Como assim?

- Eu assisto o programa do Gugu e vejo que ele atende a cartas de todos os lugares. Como eu não tenho pai gostaria de enviar uma carta.

- O que aconteceu com o seu pai?

- Ele morreu quando eu nasci e sabe, o meu pai adotivo me cuidou, mas sinto falta do carinho do meu pai verdadeiro. Nunca ganhei presentes. Sabe tem dias que a gente pensa de tudo...

- Sei como é, mas não sei se o Gugu atenderia a senhora. Acho que os casos dele são mais sobre desaparecidos e pessoas doentes. Mas se a senhora quer eu escrevo. Um repórter do SBT, o Mauro, vai vir fazer uma matéria do meu trabalho aqui. Aí a senhora entrega a carta para ele.

Às 10h30, Cipriano, o rapaz do episódio do dia 31, chega com o Cacique e um índio de nome Ismael. A tarefa de Cipriano que também é encanador é de instalar uma torneira na calçada na casa onde resido. Ele trabalha rápido. A chegada do grupo faz com que a casa em frente, aumente o som do Caraoquê. Isso mesmo, na casa da filha do cacique as crianças e adultos cantam seguindo a letra.

O microfone é da marca shury. Muito bom, é direcional, e eles ensinam que para evitar o que chamamos de “puf”, o ar soprado na respiração tem de manter o microfone um palmo longe da boca. O adolescente Murilo parece ser o vocal mais experiente. Ele tem mechas nos

cabelos. Usa calça jeans, aquelas rasgadas, camiseta branca. Os pés são muito encardidos. Ele senta no batente da janela e manda ver. As meninas fazem coro. A mistura dos idiomas: Guaraní, espanhol e português criam um quarto idioma.

As 11h30 obrigo-me a voltar minha atenção novamente para a casa da filha do cacique. Nesse momento as ala infantil formada pela Aline, 11, Rosalina, 10, Maurício, 9, Elma, 7, Andréia, 6, Julinho, 5, Camilo, 5, e Vanessa, 3, cantam a todo pulmão as letras de Mister Kapra. Apreendi a não ser ostensiva, senão eles param tudo, não importa o que esteja fazendo. Eles adoram fotos, gostam de se exhibir. As crianças inventam coisas para ver se eu me interesse em fotografar.

Pela primeira vez faço os 25 quilômetros de estrada dentro da aldeia. O acesso é bom e, principalmente bonito. Vi as 48 casas da aldeia. Cinco estavam abandonadas, elas são do projeto da Itaipu, feitas com ripas. Nas casas de alvenaria as antenas parabólicas de as antenas para rádio sinalizavam a tecnologia. Na casa tem até uma parabólica de reserva para emergência.

- Aqui todos gostam de TV?

- Sim! Eles vivem para a TV e comem muita salsicha e Coca-Cola.

Sigo para a sala e o pajé está hipnotizado na frente da televisão. O programa é Bom Dia & Cia do SBT. Chamo pelo líder espiritual da tribo e nada.

- É o programa favorito dele, fora a novela Amigas e Rivais.